



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS

**SER(TÃO) EM RETIRÂNCIAS: ENTRE IMAGENS, MIGRAÇÕES ESTUDANTIS E
(RE)EXISTÊNCIAS**

CAMPINAS - SP

2023

LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS

**SER(TÃO) EM RETIRÂNCIAS: ENTRE IMAGENS, MIGRAÇÕES ESTUDANTIS E
(RE)EXISTÊNCIAS**

*Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas como parte dos
requisitos exigidos para a obtenção do título de
Doutora em Educação, na área da Educação.*

Orientadora: Profa. Dra. Norma Silvia Trindade de Lima

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO
FINAL DA TESE DEFENDIDA PELA ALUNA
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS
DIAS, E ORIENTADA PELA PROF(A). DR(A).
NORMA SILVIA TRINDADE DE LIMA.

CAMPINAS - SP

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Gustavo Lebre de Marco - CRB8/7977

D543s Dias, Leyllane Dharc Carvalho dos Santos, 1989-
Ser(tão) em retirâncias : entre imagens, migrações estudantis e
(re)existências / Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias. – Campinas,
SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Norma Silvia Trindade de Lima.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Educação. 2. Arte. 3. Imagens. 4. Mobilidade estudantil. 5. Brasil,
Nordeste. 6. Retirantes. I. Lima, Norma Silvia Trindade de. II.
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Sertão's migration : portraits and educational migrations on a new
light

Palavras-chave em inglês:

Education

Art

Pictures

Student mobility

Brazil, Northeast

Retreatants

Área de concentração: Educação

Titulação: Doutora em Educação

Banca examinadora:

Norma Silvia Trindade de Lima [Orientador]

Francilene Brito da Silva

Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues

Nima Imaculada Spigolon

Dirce Djanira Pacheco e Zan

Data de defesa: 14-12-2023

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-7866-3371>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7126562628487725>

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**SER(TÃO) EM RETIRÂNCIAS: ENTRE IMAGENS, MIGRAÇÕES ESTUDANTIS E
(RE)EXISTÊNCIAS**

LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS

COMISSÃO JULGADORA:

Profa. Dra. Norma Silvia Trindade de Lima (Orientadora) – FE/UNICAMP
Profa. Dra. Francilene Brito da Silva (Titular Externa) – UFPI
Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (Titular Externa) – UFG
Profa. Dra. Nima Imaculada Spigolon (Titular Interna) – FE/UNICAMP
Profa. Dra. Dirce Djanira Pacheco e Zan (Titular Interna) – FE/UNICAMP

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

CAMPINAS - SP

2023

DEDICATÓRIA

Para minha mãe, Dona Socorro. Minha primeira professora.
Que me deu e que dá as melhores aulas da vida.
A mulher que transforma histórias com a sua existência.

Ao Euclides, meu esposo, pelas caminharças de amor, cuidado, parceria...
O seu abraço tem cheiro de calmaria.

Para Laylla, minha irmã, por ser inspiração e fortaleza.
Eu não solto de suas mãos.

Ao meu pai, Deusdedite, pelas memórias artísticas.

Às gentes da Matinha.
Meu lugar no mundo tem sabor e cheiro de laranja.

Ao povo do Nordeste.
Somos resistência, porque existimos!

Às pessoas que ancestralizaram em virtude da covid-19.

AGRADECIMENTOS

Escrevo estes agradecimentos com os olhos marejados. Concluir este ciclo faz despontar flashes de memórias de coisas que experienciei antes de entrar no doutorado, e que compõem as caminharças vividas até aqui. Minha mãe, Dona Socorro, ensinou a não aceitar o destino que outras pessoas queriam nos empurrar por sermos pobres e da periferia. Erámos desprovidas de bens materiais. No entanto, minha mãe nos presenteou com a maior riqueza: a educação. Este bem maior tem me viabilizado experiências incríveis. Mamãe foi a minha primeira professora. Ainda me educa todos os dias. Inspirava-me (Inspira-me) a sonhar. Por isso, digo, que os sonhos me trouxeram até aqui. Mas não foi fácil.

Após concluir o mestrado, em 2017, passei dois anos na tentativa de ingressar no doutorado. Particpei de seleções em diferentes partes do Brasil. Inscrevia-me em três ou mais programas, e não lograva êxito. Em 2019, já cansada de tantos “nãos”, inscrevi-me no edital de doutorado da UNICAMP. Que ousadia. A piauiense querer ocupar o espaço de uma universidade do Sudeste. Sim, mainha me fez uma sonhadora, já disse. Coloquei a mochila nas costas e parti para fazer a prova em Campinas-SP, sem conhecer nada nem ninguém. Fui aprovada na prova escrita. Avancei nas demais etapas. A última etapa era a entrevista. A felicidade de saber de que tinha chegado na última etapa veio acompanhada da notícia que me quebrou: minha irmã, Laylla, aos 32 anos na época, acabara de receber o diagnóstico de que estava com câncer, e precisaria passar por procedimento cirúrgico com urgência. E agora? Como viajar para Campinas e participar da entrevista? Desistir? Foi um momento desafiador. Mas, além de sonhadora, mamãe me fez uma mulher de Fé. Organizei os cuidados com a minha irmã em Teresina-PI e parti para Campinas. Foi tudo muito rápido. Particpei da entrevista e voltei para casa. Logo o resultado sairia.

Quando o resultado foi publicado, e este sendo favorável, cogitei não efetivar matrícula. Contudo, minha Fé gritava: vai dar certo! Alguns meses após a cirurgia, minha irmã estava curada. Comprei, então, as passagens para fazer a matrícula no doutorado. Viajaria com o meu esposo, meu maior apoiador e incentivador. Momentos antes da viagem para efetivar a matrícula, inexplicavelmente, dormimos. Perdemos o voo. Nossa, como eu chorava, enquanto meu esposo conversava com a companhia aérea. Sem sucesso. Tivemos que comprar passagens caríssimas para o próximo voo. Chegamos à UNICAMP nos últimos minutos para encerrar o prazo da matrícula. Deu certo!

Voltamos para Teresina. Em poucos dias eu retornaria à Campinas já de mudança. A perspectiva era passar o tempo que fosse necessário. Dois dias antes da mudança, a casa em

que eu residia com o meu esposo em Teresina foi assaltada. Levaram tudo. Era muita coisa acontecendo. E eu me perguntava? Será mesmo que devo fazer esse doutorado? Está dando tudo errado. Fiquei temerosa, mas continuei.

Cheguei em Campinas nos últimos dias de fevereiro de 2020. Aluguei quitinete próxima à universidade. Comprei móveis. Fiz investimentos. Estava deslumbrada com tudo. Anotei no caderninho uma lista de atividades, cursos, eventos que pretendia participar, lugares que queria conhecer. A primeira semana de aula foi incrível. No entanto, mais um desafio se aproximava. O mundo foi assolado pela pandemia provocada pela covid-19. Era 13 de março de 2020. Lembro como hoje. A UNICAMP suspendeu suas atividades por tempo indeterminado. Passei uns dias em Campinas para aguardar as coisas melhorarem, mas só pioravam. Estava sozinha. Fiquei com medo. Retornei às pressas para a minha cidade no Nordeste. Só com uma mochila nas costas, alguns poucos pertences. Deixei tudo para trás. Foram dois anos difíceis. Aulas remotas, medo, cansaço mental, desgaste financeiro, as mudanças de cronogramas e estratégias nas produções de dados para a pesquisa, a experiência dura de ver minha mãe em leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) em virtude da covid, e depois de ter que acompanhá-la em cirurgia de urgência concomitante ao momento em que eu realizava as oficinas da pesquisa...

Por que coloco estas coisas aqui no espaço de agradecimento? Porque sobreviver a tudo isso é uma grande vitória. Serve também para explicitar que nunca podemos pensar e afirmar que pesquisa acontece separada da vida. Isso precisa ser dito. Se cheguei ao final, foi por teimosia. E não fiz isso sozinha. Tive uma rede de apoio linda, que me motivou e me empurrou em muitos momentos.

Agradeço, então, à minha mãe, Dona Socorro. Meu exemplo, minha riqueza. Que honra ser sua filha! É tudo por você e para você. Agradeço ao meu esposo Euclides, meu maior incentivador, companheiro, meu amor, meu melhor amigo, que compreendeu que a minha ausência representava algo maior para nós dois. Agradeço à minha irmã Laylla, minha parceira, que segura as minhas mãos desde sempre, e que tem feito o possível para sustentar a barra dos cuidados da família nesse período em que estive longe. Agradeço também por, no meio da loucura da pandemia, ter me concedido o maior presente: o meu sobrinho e afilhado José Arthur, aquele que tem a habilidade de arrancar os meus melhores sorrisos. Agradeço ao meu pai Deusdedite, que mesmo distante, ainda se faz presente. Agradeço à minha orientadora, profa. Norma Silvia Trindade de Lima, pelo acolhimento e caminhada nesses anos. Gratidão pela partilha e tantos aprendizados. Gratidão, profa. Norma, por ter me oportunizado a experiência do estágio em docência quatro vezes seguidas. Estendo, assim, os agradecimentos

às turmas nas quais fui PED, onde conheci estudantes-pessoas incríveis, que carregarei comigo para sempre. Agradeço imensamente às(aos) participantes da pesquisa. Pessoas fundamentais para a efetivação da tese. Sem as suas contribuições e partilhas valiosas nada disso seria possível. Agradeço às amigas de Fé Livia, Jociara, Mercê, Luiza que, apesar da distância geográfica, se mantiveram tão perto. Valorizem pessoas que rezam, torcem, vibram e mandam memes para outras pessoas. Gratidão também às amigas Iana, Simone, Jessa, Rafaella, Kedma, e ao amigo Rhubens pela parceria.

Gratidão às amigadas lindas que fiz em Campinas. Começo por Eliana Echur e Nadja. Meninas, vocês não sabem o bem que fizeram no momento mais difícil que passei na cidade. Gratidão infinita. Ivete, minha amiga, cheguei ao final. Gratidão por seu ombro amigo, por sua paciência em ouvir e compartilhar emoções nesta caminhada. A todas as pessoas que moram no prédio verde, as quais saúdo em nome da dona Eliana e do seu Argélio. Que lugar incrível, que energia maravilhosa. Agradeço uma moradora-amiga em especial: Milena, nunca vou esquecer a preocupação que você teve comigo, e das comidinhas que me entregava pela janela do quarto. Seu Argélio, muito obrigada por me cumprimentar todos os dias pela fresta da janela. O senhor não imagina a diferença que isso fazia ao meu dia. Agradeço às amigas do café formativo, Fabíola e Suzanne. Agradeço às amigas e amigos do Grupo de Estudos e Pesquisas NÓS-PHALA-FE-UNICAMP. Foram momentos importantes, tantas possibilidades de pensar e escrever melhor, de fazer da tese algo extraordinário. Mayris, agradeço-te, especialmente. Nunca vou esquecer o que fez por mim no tempo da pandemia. Agradeço a colaboração do Leandro, profissional competente da EaD da Faculdade de Educação, que me ajudou e me orientou para além do que as suas atribuições exigiam.

Gratidão à Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), à Coordenadoria de Assistência Comunitária (CACOM) e ao Serviço Social da UFPI pelo apoio fundamental durante o doutorado. Agradeço ao Núcleo de Acessibilidade da UFPI (NAU), em nome da coordenadora Rafaella Santiago, pela disponibilização da sala e dos recursos audiovisuais fundamentais para a realização das oficinas da pesquisa.

Gratidão às queridas professoras que compuseram a minha banca. Mulheres extraordinárias que ofertaram seus tempos e conhecimentos para melhorar a tese. Enfim, agradeço às muitas gentes que seguraram as minhas mãos nesse período.

Finalizo agradecendo a Deus, Deusas, Nossa Senhora, Santos e Anjos protetores. Minha Fé foi renovada. Todas as pessoas que mencionei são a materialidade da força da Fé. Agora posso gritar para todos os cantos: Mãe, sua filha é doutora!! A primeira doutora da família!!!! Os caminhos estão abertos!

“... Vindos de onde viemos, podemos chegar aonde sonhamos.”

(Cidinha da Silva, 2022)

RESUMO

Esta tese, escrita com os pés descalços – por se conectar, sentir e vibrar com/por tudo que é vivo, e tensionar a lógica vertical e hegemônica de produção da vida e do conhecimento – objetiva tratar o seguinte problema: como elaborar uma noção-conceito de *Retirância* a partir das narrativas de universitárias(os) que experienciam a migração para estudar na Universidade Federal do Piauí (UFPI)? A pesquisa pensa e sente com/sobre o chão da região Nordeste do Brasil, contexto propositivo da investigação. São tecidos questionamentos e reflexões sobre/com/a partir de imagens hegemônicas de retirantes nordestinas(os) que, perpassadas pela narrativa única e cristalizada da dor, do sofrimento e da necessidade de migrar para garantir a sobrevivência, subalternizam e generalizam a variedade de motivações para a experiência migratória das(os) nordestinas(os). Tais imagens são tensionadas a partir de narrativas de migração estudantil – saída de casa para acessar o território colonial da universidade. Da palavra “retirante”, penso em *Retirância* (retirante + experiência), palavra inventiva, noção-conceito-prática, que não implica em determinismo, mas em abertura e movimento, para compreender como as experiências migratórias nos afetam e atravessam, e de como podem ser pontes para dizer sobre as nossas existências, e reivindicar contravisualidades. Combino dois métodos para potencializar as reflexões: a *Pesquisaformação* Narrativa (Auto)biográfica e o método das *Oralimagens*, prática educativa em arte que visa acionar narrativas orais por meio de narrativas visuais ou imagéticas (e vice-versa) que geram escritas de si, que vão tensionar histórias únicas e preconceitos. No processo de produção de dados foram organizadas e executadas duas oficinas intituladas: *Eu-Nós Carcará – migração estudantil na/da/para Universidade Federal do Piauí*. As oficinas foram cadastradas como Eventos de Extensão, aconteceram presencialmente na UFPI, no ano de 2022, contaram com 14 participantes-confluentes, em sua maioria estudantes oriundas(os) da região Nordeste; são acompanhadas(os) pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC-UFPI) por receberem “Auxílio Residência”, benefício de permanência estudantil. As reflexões da pesquisa são fundamentadas na perspectiva teórica (des)colonial, que representa o *descalçar* – tirar o sapato – como (des)aprendizagem e possibilidade de confrontar a colonialidade desde o contexto em que estamos envolvidas(os), no cotidiano. Como resultados da pesquisa, compreendo que *Retirância* é noção-conceito-prática que nasce de dentro das nossas experiências. Representa as táticas de (re)existências, que (re)inventam e (re)criam cotidianamente a vida. São criações de existências na lógica que produz inexistências. *Retirâncias* dizem respeito aos nossos sonhos. Sonhamos com percursos diferentes dos que a sociedade há muito tem delineado como norma. Migramos a fim de dismantelar a figurabilidade da(o) retirante nordestina(o), curar e borrar essa imagem hegemônica com as nossas histórias. Migrar sim, mas para acessar, estudar e fissurar a universidade, para quebrar o ciclo da pobreza, para perceber, reaver e fortalecer a nossa dignidade. A pesquisa dispõe, ainda, de resultados artísticos em que desenvolvo, por meio da técnica da colagem digital, contravisualidades, *Imagens (des)colonizadoras em Retirâncias* que, criadas com/a partir das narrativas das(os) participantes-confluentes, contestam as imagens cristalizadas de retirantes e reivindicam representações outras às(aos) nordestinas(os) que migram.

Palavras-chave: Educação e Arte; imagens; migração estudantil; Nordeste do Brasil; Retirâncias.

ABSTRACT

This work – written in a vulnerable state, for deeply connecting with what is alive, and challenging the vertical and hegemonic logic of producing life and knowledge – aims at creating a definition of *Retirância* through the narratives of university students that experience migration to study at UFPI (Federal University of Piauí). This work resonates with the Northeast of Brazil, which is the object of the study of this research, and brings out questions and reflections concerning stereotypical portraits. These are fraught with the unique and crystallized pain, suffering, and the needs of Northeast Brazil immigrants that leave their home to reach the unknown colonial territory that is the university. These immigrants, in order to survive, represent, and at times neutralize, the varied motivations for the migratory experience to this region. *Retirância* (Retirante – Immigrant + Experiência - Experience) is a neologism, which also refers to a notion, a concept or an inventive word or attitude, which is nondeterministic and represents opening and internal movement. It helps us understand how the migratory experiences influence us and, as bridges, can provide access to the core of our existences, accounting for the resistance against the hegemonic portraits. For this reason, this investigation integrates two methods to potentialize reflections: the (auto)biographical narrative research called *Pesquisaformação*, and the *Oralamagens* method, an educational practice used in arts aiming at bringing forth oral narratives through visual or imagetic narratives, which are capable of bringing forth new and unique perspectives and questioning prejudices and biases. While generating data, I have organized two workshops entitled “I-We Carcará: student migration at/from/towards the Federal University of Piauí”. The workshops were registered as Extension events, which were conducted in person at UFPI in 2022 with 14 participants, mostly students from other cities/states from Northeast Brazil. The participants were supported by the Dean of Student Services and Community Affairs at UFPI (PRAEC-UFPI) and earned the “Housing Support fund”, which benefits those in need of financial expenses for accommodation. The reflections from this research are grounded in theoretical perspectives detached from or are against colonial views, which configure the possibility of entering a vulnerable state to explore coloniality from within the context we live in. As a result, *Retirância* is a notion, concept or practice that comes from within our own experiences and aspirations, representing the way we strategize to keep existing and reinventing ourselves at every opportunity. Simultaneously, we always cease to exist to be reborn in a new light. *Retirâncias* concerns our dreams, detached from the norms of society, which have always tried to constrict us. We migrate to erase the stereotype of the Northeast Brazil immigrant and to access new knowledge and explore profoundly the university, breaking the cycle of poverty and achieving our dreams by perceiving, regaining, and strengthening our dignity. This research also presents artistic results, developed by the digital collage technique, which represents resistance against portraits – Portraits of (de)colonization in *Retirâncias* – that are created based on the narratives of the participants. These portraits, though, challenge the crystallized portraits of the immigrants and claim inventive representations of these individuals.

Keywords: Education and Art; portraits; educational migration; Northeast Brazil; *Retirâncias*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagens de Retirantes Nordestinas(os), 2023. Dimensões variadas.....	27
Figura 2 – DIAS, Leyllane Dharc. Pé rachado que tudo vê e sente. Fissuras do/no tempo, 2023. Colagem Digital, A4	34
Figura 3 – DIAS, Leyllane Dharc. Plantar Umbigo, 2023. Colagem Digital, 28x28 cm.....	35
Figura 4 – Capas dos CDs de Maria da Inglaterra: <i>O peru rodou</i> (2004) e <i>Alegria de viver</i> (2007).....	38
Figura 5 – DICRUZ. Nosso Pé de Laranja, 2023. Óleo sobre a tela e massa de biscuit. 100x80 cm	41
Figura 6 – Aniversário de Laylla e Leyllane na Casinha Amarela, bairro Matinha – Teresina-PI (1999).....	43
Figura 7 – CORRÊA, Joaquim Antônio. Fotografias de Retirantes durante a seca de 1877-1878 no Ceará.....	57
Figura 8 – CORRÊA, Joaquim Antônio. Fotografias de Retirantes durante a seca de 1877-1878 no Ceará.....	58
Figura 9 – Capa da revista <i>O Besouro</i> de 20 de julho de 1878	59
Figura 10 – Matéria divulgada no dia 19 de junho de 2023 sobre a fala de José Múcio, Ministro da Defesa.....	66
Figura 11 – Matéria divulgada no dia 28 de fevereiro de 2023 sobre a fala do vereador do Rio Grande do Sul, Sandro Fantiel.....	66
Figura 12 – Charge de Bruno Struzani sobre a fala de Romeu Zema, Governador de Minas Gerais. Compartilhada no dia 04 de junho de 2023	67
Figura 13 – Matéria divulgada no dia 08 de agosto de 2023.....	67
Figura 14 – Tela pintada por meu pai na década de 1980, Teresina (PI)	85
Figura 15 – PORTINARI, Cândido. Retirantes, da série Retirantes, 1944-1945. Óleo sobre a Tela. 190x180x2,5 cm	86
Figura 16 – DIAS, Leyllane Dharc. Primeiro Cartaz produzido para a oficina de pesquisa, 2022. 59,4x42 cm	105
Figura 17 – DIAS, Leyllane Dharc. Segundo Cartaz para a Oficina-Evento de Extensão, 2022. 29,7x42 cm	108
Figura 18 – Fotos das Oficinas Eu-Nós Carcará: Migração estudantil na/da/para UFPI, 2022. Fotografia digital. Dimensões variadas	111

Figura 19 – Arthur Bispo do Rosário [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho com hidrocor sobre papel sulfite A4 na cor amarela	121
Figura 20 – Rita de Cássia [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho e escrita com hidrocor sobre papel sulfite A4 na cor amarela	123
Figura 21 – Maria da Inglaterra, Luiz Gonzaga e Francisca Trindade [nomes fictícios]. Teresina-PI, 2022. Desenhos e anotações sobre papel sulfite A4 na cor amarela.....	124
Figura 22 – Dona Socorro, minha mãe, com 9 anos de idade. Esperantina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas	129
Figura 23 – Dona Socorro, minha mãe, na década de 1980, época em que se mudou para Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas.....	130
Figura 24 – Dona Socorro, minha mãe, na década de 1990, na escola que trabalhava em Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas.....	131
Figura 25 – Dona Socorro, minha mãe, na década de 1992, em atividade extraclasse. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas.....	132
Figura 26 – Dona Socorro, minha mãe, início dos anos 2000, acompanhando suas(seus) alunas(os) em campeonato de futsal. Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas.....	132
Figura 27 – Dona Socorro, minha mãe, início dos anos 2000, acompanhando suas(seus) alunas(os) em campeonato de futsal. Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas.....	133
Figura 28 – Dona Socorro, minha mãe, na cerimônia de Colação de Grau em Pedagogia pela UFPI, 2006. Fotografia digital. Sem dimensões definidas	133
Figura 29 – Patativa do Assaré [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho e escrita com hidrocor sobre papel sulfite A4 na cor amarela	138
Figura 30 – Mestre Dezinho [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho em papel sulfite A4 na cor amarela.....	141
Figura 31 – Esperança Garcia [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Dobradura em papel sulfite A4 na cor amarela.....	142
Figura 32 – Imagem selecionada após digitar “migração nordestina” no <i>Google</i>	146
Figura 33 – Imagem selecionada após digitar “migração nordestina” no <i>Google</i>	147
Figura 34 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés no/sobre o chão vermelho da UNICAMP, Campinas-SP, 2002. Fotografia digital. 28x28 cm.....	148

Figura 35 – Fotografia de autoria de participante-confluente Belchior. Restaurante Universitário da UFPI: [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas.....	152
Figura 36 – Fotografia de autoria de participante-confluentes Belchior. Hospital Universitário da UFPI: [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas.....	152
Figura 37 – Fotografia de autoria da participante-confluente Maria da Inglaterra. Auditório da UFPI [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas.....	156
Figura 38 – Fotografia de autoria de participante-confluente Patativa do Assaré. Gato de Estimação. [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas.....	158
Figura 39 – Fotografia de autoria de participante-confluente Luiz Gonzaga [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas	160
Figura 40 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés que questionam o Brasil Oficial. Chão da UNICAMP, 2022. Fotografia digital. 28x28 cm	161
Figura 41 – FERNANDES, Wolney. São Miguel Arcanjo, 2022. Colagem Analógica. 31x31 cm	164
Figura 42 – FERNANDES, Wolney. Mergulho é reflexo de voo, 2023. Colagem Analógica. 51x44 cm	164
Figura 43 – FERNANDES, Wolney. Qual horizonte te convida a nadar, 2022. Colagem Analógica. 47x33 cm.....	165
Figura 44 – FERNANDES, Wolney. A mulher invisível, 2022. Colagem analógica em papel bamboo 400g. 70x55 cm	165
Figura 45 – DIAS, Leyllane Dharc. Eu-Nós Carcará: migração estudantil para a universidade, 2022. Colagem digital. 28x28 cm.....	167
Figura 46 – VIANA, Gê. Um jantar brasileiro. Série: Atualização Traumática, 2021. Colagem digital. 297x420 mm.....	170
Figura 47 – VIANA, Gê. Neide e Indígena Guarani, 2020. Fotografia e litogravura. 180x100 cm	170
Figura 48 – Carlos Henrique. Que toda a fortuna do mundo possa chegar aos meus pés, 2023. Colagem digital. [sem dimensões especificadas]	171
Figura 49 – Carlos Henrique. Menino, o boi e a tempestade, 2022. Colagem digital. [sem dimensões especificadas].....	171

Figura 50 – Mikaela Inraizada. O mais próximo de casa que eu estive foi o mar, 2022. Colagem digital sobre tecido tingido de açafrão. [sem dimensões especificadas].....	172
Figura 51 – Mikaela Inraizada. Que Exu lhe dê caminho, 2022. Colagem digital. [sem dimensões especificadas].....	172
Figura 52 – DIAS, Leyllane Dharc. Quantos mundos cabem num Oxente?, 2022. Colagem digital. 28x28 cm.....	173
Figura 53 – DIAS, Leyllane Dharc. Carranca à frente para afastar colonialidades, 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	174
Figura 54 – DIAS, Leyllane Dharc. Seremos resistência até o fim, 2023 Colagem digital. 28x28 cm.....	174
Figura 55 – DIAS, Leyllane Dharc. Bença Vó, 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	175
Figura 56 – Imagens selecionadas após digitar “retirante”, “retirante nordestino”, “migração nordestina no <i>Google</i> Imagens, 2022. Dimensões variadas.....	178
Figura 57 – Imagens selecionadas após digitar “retirante”, “retirante nordestino”, “migração nordestina no <i>Google</i> Imagens, 2022. Dimensões variadas.....	179
Figura 58 – DIAS, Leyllane Dharc. Criação e reinvenção em <i>Retirância</i> , 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	180
Figura 59 – DIAS, Leyllane Dharc. Pensamento cruel, 2023. Colagem digital. 28x28 cm...	181
Figura 60 – DIAS, Leyllane Dharc. Sonhos no centro, 2023. Colagem digital. 28x28 cm ...	182
Figura 61 – DIAS, Leyllane Dharc. O mato não sai da gente, 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	183
Figura 62 – DIAS, Leyllane Dharc. Arrancar a vida do chão, 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	184
Figura 63 – DIAS, Leyllane Dharc. Afronta ao Brasil Colonial, 2023. Colagem Digital. 29,7x42 cm.....	185
Figura 64 – DIAS, Leyllane Dharc. Sonhar no coletivo. 2023. Colagem digital. 28x28 cm.	186
Figura 65 – DIAS, Leyllane Dharc. Seguir os rastros da subversão, 2023. Colagem digital, 28x28 cm.....	187
Figura 66 – DIAS, Leyllane Dharc. <i>Retirância</i> para o espaço sideral, 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	188
Figura 67 – DIAS, Leyllane Dharc. Envergo, mas não quebro, 2023. Colagem digital. 29,7x42 cm.....	189
Figura 68 – DIAS, Leyllane Dharc. Seguir o novo, 2023. Colagem digital. 28x28 cm.....	190

Figura 69 – DIAS, Leyllane Dharc. Nossas <i>Retirâncias</i> , 2023. Colagem digital. 29,7x42 cm	191
Figura 70 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés descalços no chão vermelho da UNICAMP, 2023. Fotografia digital. 28x28 cm	193
Figura 71 – DIAS, Leyllane Dharc. O (re)encontro com as telas de Candido Portinari no Museu de Arte de São Paulo (MASP), 2023. Fotografia digital. 28x28 cm	196
Figura 72 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés descalços, 2023. Colagem digital. 28x28 cm	200

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AR	Auxílio Residência
BAE	Bolsa de Apoio Estudantil
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CACOM	Coordenadoria de Assistência Comunitária
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCE	Centro de Ciências da Educação
CCHL	Centro de Ciências Humanas e Letras
CCN	Centro de Ciências da Natureza
CCS	Centro de Ciências da Saúde
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CND	Coordenadoria de Nutrição e Dietética
Covid-19	Coronavirus Disease 2019
CT	Centro de Tecnologia
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IBCTI	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFARADÁ	Núcleo de Pesquisa sobre Africanidades e Afrodescendência
IFPI	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí
LACI	Laboratório de Acessibilidade e Inclusão
MASP	Museu de Arte de São Paulo
NAU	Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal do Piauí
NAE	Núcleo de Assistência Estudantil
NuPAA	Núcleo de Práticas Artísticas e Autobiográficas
PED	Programa de Estágio Docente
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PRAEC	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários
PREXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
REU	Residência Universitária
RU	Restaurante Universitário
SIGAA	Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
SINAE	Sistema Integrado de Apoio a Assistência Estudantil

SiSU	Sistema de Seleção Unificado
SPM NE	Serviço Pastoral de Migrantes do Nordeste
TCLE	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UTI	Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
PASSO I – (DES)COMEÇO: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?	36
CORDEL MEMORIAL	48
CORDEL DO RETORNO PRESENCIAL	52
PASSO II – CAMINHOS CIRCULANTES QUE ATIVARAM A PERCEPÇÃO DA RETIRÂNCIA	54
2.1 “Nordeste é uma ficção... Nordeste nunca houve...”	54
2.2 Circular pela Revisão de Literatura	69
2.3 Migração para o espaço colonial da universidade	74
CORDEL NORDESTE FICÇÃO.....	82
PASSO III – (RE)ENCONTROS: CAMINHOS CRUZADOS ENTRE OS PÉS E O(S) OLHAR(ES).....	84
CORDEL ESPELHO MEU.....	93
PASSO IV – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	95
4.1 <i>Pesquisa</i> formação narrativa (auto)biográfica	97
4.2 <i>Oral</i> imagens	100
4.3 Operacionalização: proposta inicial.....	102
4.3.1 Oficinas diálogos: Eu-Nós Carcará	104
PASSO V – NARRATIVAS CONFLUENTES.....	110
5.1 Eixo-atravesamento 1: Exercício reflexivo-imagético.....	119
5.1.1 Subeixo 1: As árvores-memórias que salvam e as raízes que ocupam espaços	120
5.1.2 Subeixo 2: Representação de imagens homogeneizantes de migrantes-retirantes	124
5.1.3 Subeixo 3: Histórias de outras pessoas que falam sobre mim de outro modo.....	126
5.1.4 Subeixo 4: Narrativas que fissuram a universidade em versos e dobras	137

5.2 Eixo-atravesamento 2: Narrativas sobre/com/a partir de imagens de retirantes/migrantes nordestinas(os)	145
5.3 Eixo-atravesamento 3: <i>Retirância</i> na/para a universidade.....	151
PASSO VI – IMAGENS (DES)COLONIZADORAS EM RETIRÂNCIAS: OBRAS DE ARTES EM COLAGEM DIGITAL QUE FISSURAM NARRATIVAS HEGEMÔNICAS	162
6.1 (Des)aprendizagens com/sobre a Colagem Digital	162
6.2 Imagens (Des)colonizadoras em <i>Retirâncias</i>	180
REFLEXÕES PARA (NÃO) FINALIZAR AS RETIRÂNCIAS	192
CORDEL “RETIRÂNCIAS COM OS PÉS NO CHÃO”	201
CORDEL DAS RETIRÂNCIAS.....	203
REFERÊNCIAS.....	206
APÊNDICES.....	215
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E VOZ	215
APÊNDICE B – QUADRO DA REVISÃO DE LITERATURA	216
APÊNDICE C – CARTAZ DA OFICINA DE EXTENSÃO	223
APÊNDICE D – QUADRO-MOSAICO.....	224
ANEXOS	226
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	226
ANEXO B – PROJETO DE AÇÃO DE EXTENSÃO NA UFPI – OFICINA.....	230
ANEXO C – RELATÓRIO DE CURSOS E EVENTOS DE EXTENSÃO.....	234

INTRODUÇÃO

— Calça esses sapatos que eu comprei para a senhora. Com essa chuva. É capaz que apanhe um resfriado ou algo pior.

— Deixe assim mesmo, minha filha.

Caminhava pela capoeira catando ervas com uma das mãos, depositando naquela velha bacia de alumínio areada como espelho. Tudo seu era lembrança caprichosa de algum lugar.

— É assim que é, vó só sabe andar descalça. Por que essa teimosia, dona Esmeralda?

— Teimosia, minha neta, é coisa que me fez ficar viva até aqui.

— Mas andar descalça, o que isso tem a ver com sua sobrevivência, posso saber, minha avó? – emendava, repetindo o jeito carinhoso que ela tinha de me dizer as coisas, seu jeito de ser avó.

— A cada passo que eu dou nessa terra, sinto vibrar a força de tudo que é vivo. Meus antepassados estão enterrados nesse chão. Minha mãe soube fazer esse aterro, enterrou meu cordão, e foi assim que virei umbigo de semente, plantada nesse lugar igualzinho juá, andiroba, ipê-da-várzea. Os meus pés se grudaram na terra para que eu nunca me esquecesse de onde vim e para onde irei (Martins, 2023, p. 6).

Antes de iniciar as passadas, peço a benção aos meus pais, aos meus mais velhos: “Bença, mãe!”, “Bença, pai!”. Gesto importante para sentir-me protegida e segura pelos caminhos. Os trajetos que percorri para a construção desta tese, devo dizer, foram envolvidos por outros tantos caminhos descompassados, mudanças de rotas, rastros, arrasta-pés, encontros, reencontros, desencontros. Não por acaso, abro o trabalho com o trecho do livro *Pés descalços* da escritora Penélope Martins (2023), que conta a história de uma jovem que foi morar com a avó (dona Esmeralda), após a morte dos pais pela covid-19, e passa a vivenciar experiências incríveis de ancestralidade. No trecho, a esforço da avó em explicitar para neta que os pés descalços no chão implicam sabedoria, memória, respeito, conexão telúrica para compreender de onde se vem e para onde se vai. Nesse seguimento, digo que o princípio do percurso do doutorado – mais à frente retomo com calma – percorri com os pés fechados, presos em sapatos. Pareciam-me confortáveis. Contudo, eles me retiraram as percepções para os acontecimentos (des)importantes.

Precisei tirar os sapatos. Libertei meus pés. Libertar os pés é tirar a venda dos olhos, apurar a audição e abrir a boca. A sabedoria do pisar envolve a sabedoria do ver, do escutar e do falar. São interligações. Nesta (pés)quisa eu não só piso, como toco o calcanhar no(s) chão(s) com delicadeza e respeito, para narrar, ouvir, olhar e escrever melhor. Compreender, sentir e ouvir as vibrações das coisas. Aqui entrego uma escrita – ou (pés)crita – feita com o corpo todo por meio dos pés. Caminhar, olhar, falar, escutar, escrever. Não necessariamente nesta ordem. Não de modo separado. Mas junto e misturado. Ouvidos nos pés, olhos nas mãos e nos pés, mãos e boca nos pés. “A vida não acontece separado. Tudo acontece ao mesmo tempo” (Rodrigues, 2022, p. 64). Para entender o anseio do descalçar aqui, caras(os) leitoras(es) (que

também seguem nesta caminharça), digo que é no pé que encontro o movimento, a energia, o ato criativo, a potência da (des)aprendizagem – para libertação das coisas e imagens produzidas como verdades – e da (re)existência, este enquanto dispositivo criado por pessoas e grupos para (re)significar, (re)inventar e (re)criar cotidianamente a vida, em condições de dignidade, e poder, desta maneira, confrontar a realidade estabelecida pelo projeto hegemônico (Achinte, 2013). São, portanto, com os meus pés que me aproximo, percebo, tato e reinvento a vida.

Viver e escrever com os pés descalços e com o corpo todo são afrontas ao padrão de poder moderno colonial, que atua a partir de um conjunto de violências, desumanização, inferiorização e controle sobre o outro, justificado pela retórica da modernidade, criada a partir da expansão europeia em 1492 e que se (re)produz na relação do “Ocidente” sobre o “não Ocidente”. A modernidade configura uma invenção europeia a partir do contato com a América, invenção que aconteceu pela via da violência colonial para afirmar a razão europeia como universal, em detrimento da razão do outro não-europeu. Mesmo após a finalização do colonialismo formal, em seu aspecto político e administrativo nos territórios, ainda permanece uma dimensão que afeta as relações de poder, saber e ser. A essa dimensão dá-se o nome de colonialidade, que implica na classificação e reclassificação do planeta e afeta as relações de trabalho, subjetividades, conhecimentos, nas articulações com o capitalismo e a ideia de raça (Walsh, 2018).

A modernidade – e o seu lado obscuro, a colonialidade (Mignolo, 2017) – é um projeto de morte genocida da vida humana e não humana, e de destruição epistemicida de outras civilizações, em suas formas de conhecer, ser e estar no mundo (Maldonado-Torres, 2020). Isso quer dizer que o uso do poder não diz respeito apenas ao uso da força no aspecto material. Envolve também jogos de narrativas, em que uma única história e um único ponto de vista ditam como a história do outro deve ser contada, como podemos perceber nas reflexões a seguir.

Em diálogo com o antropólogo Tim Ingold – em *A cultura do chão: o mundo percebido através dos pés* (2015), que analisa as teorias de evolução humana como as de Charles Darwin –, tem-se que, para estas teorias, a representação do ser humano em postura ereta, de cabeça erguida, demarcava a narrativa europeia civilizatória, que retirava do pé a função primordial de apreensão, de conexão com o chão, com a vida. O pé torna-se, em vez disso, apenas um pedestal para o corpo. Os membros são separados, cada qual a cumprir suas funções dentro da lógica dos sistemas produtivo e mercadológico. Pela análise de Ingold (2015), a postura bípede permitia que as mãos ficassem soltas, livres para o exercício do trabalho, e para a garantia da subsistência e sobrevivência. As mãos desprendidas do corpo funcionavam, ainda, como elementos demarcadores e caracterizadores da superioridade intelectual do homem

(branco, europeu, cristão) sobre todas as outras vidas, por cumprir a função primordial de responder aos apelos da razão. As mãos, em parceria com o cérebro, conferiam o poder de dominar o mundo e controlar o ambiente material. Já aos pés foram delegados apenas o cumprimento das necessidades biomecânicas, de movimento corpóreo sobre a natureza.

Pela compreensão de Tim Ingold (2015), essa divisão e especialização da função entre mãos e pés traziam consigo a hierarquia. A vertente evolucionista considerava a existência de povos que não deixaram de utilizar os pés no sentido original de serventia de preensão, de empregá-los de outras maneiras, que a não única e exclusiva de sustentação do corpo que trabalha. Estes povos eram tratados como selvagens e primitivos, uma categoria intermediária entre o macaco e o homem civilizado, e o principal demarcador da diferença era o pé descalço. Para ser considerado civilizado, era necessário cobrir os pés, apertar os dedos em botas de couro duro e pesado, e concebê-los como restritivos à finalidade mecânica do andar.

A análise é complementada com outro elemento diferenciador, o sentar-se em cadeiras. “Não é acidente, no entanto, que a civilização que nos deu a bota de couro também nos apresentou a poltrona” (Ingold, 2015, p. 78). Se a bota retira as outras funções possíveis dos pés – como a possibilidade de pensar – e reduz à finalidade única de máquina pisante, a cadeira permite que as pessoas pensem sem envolverem os pés. A bota (o calçar) e a cadeira contribuíram, então, para a separação entre o corpo e a mente, e entre o corpo e a ação.

Interessante a contribuição de Tim Ingold quando explicita que, em sociedades não ocidentais, a posição de repouso não era sentada, mas agachada, de cócoras. “Meu palpite é que o número dos que se agacham ainda superam consideravelmente o dos que se sentam, apesar da exportação das cadeiras por todo o mundo” (Ingold, 2015, p. 79). Enquanto os profissionais europeus trabalhavam em pé ou sentados, povos não europeus trabalhavam de cócoras. Ficar de cócoras era considerado indigno, uma posição reservada aos pobres, pedintes. A postura que relegava status social e atribuía vertente civilizatória e dominadora, e estabelecia a superioridade da condição humana era, por sua vez, a ereta, em pé sobre botas, pernas esticadas, passos largos e com a cabeça erguida a contemplar o céu, postura esta delegada aos homens europeus livres. As mulheres, em contrapartida, deveriam andar com as cabeças e olhos voltados para o chão, os passos mais curtos e menos ágeis.

Concordo com Tim Ingold quando observa que, em contraponto às narrativas coloniais, “nossos primeiros antepassados não deram passos largos sobre a terra com botas pesadas, mas caminharam sobre ela levemente, com destreza, e, principalmente com os pés descalços” (Ingold, 2015, p. 94).

Nesta (pés)quisa valorizo o pé descalço que anda, olha, ouve, fala, que dança forró em movimentos circulares e descompassados – valorizo o sentar também, mas na cadeira de espaguete, disposta na calçada de casa – para dizer que é (pés)quisa que sente, se conecta e vibra por/com tudo que é vivo. Conecta-se com o meu chão, a região Nordeste do Brasil. De início eu estava presa em botas, em pragatas apertadas, até compreender, no decorrer da caminhada do doutorado (com as contribuições de muitas gentes tanto da academia quanto fora dela), que era necessário descalçar. Uma das frentes desta percepção foi o encontro com o pensamento (des)colonial, que se propõe questionar e tensionar as colonialidades (do poder, do saber, do ser e do ver), e dizer que não há lugar no mundo para uma única chave de compreensão reinar sobre as outras. Muitas opções e referências são possíveis de coexistirem pois, como considera Lima (2021), as pessoas produzem conhecimentos, saberes e práticas de modos múltiplos, porque o mundo é pluriversal, e a coexistência de distintas compreensões e visões precisa ser considerada enquanto princípio inclusivo.

Nesta tese opto pela grafia (des)colonial, em que o prefixo *des* representa o *descalçar* como possibilidade(s) de confrontar a colonialidade desde dentro do contexto em que estamos envolvidas(os), no cotidiano – que, para Certeau (2014, p. 38), “se inventa com mil maneiras de caça não autorizada” – e que permite (re)pensar, (re)aprender e (re)criar a realidade como *práxis* de (re)existências, conforme explicita o afro-colombiano Adolfo Albán Achinte (2013). Tal *práxis* exige postura crítica, de reconhecimento e valorização do nosso lugar no mundo, principalmente diante das ferramentas opressoras manifestadas pelas colonialidades, com o propósito da libertação. Esta pesquisa, então, é pensada de dentro para fora, mas de fora para dentro também, porque falo do que me afeta e atravessa, do que afeta e atravessa muitas(os) nordestinas(os) e do que afeta e atravessa as pessoas que participaram da pesquisa: a experiência migratória. Trato, entretanto, de experiências de uma migração em particular: a de sair do local de origem para acessar o território colonial da universidade, a qual designo de migração estudantil. Penso tudo isso com/sobre/a partir de imagens hegemônicas de retirantes nordestinas(os) que, perpassadas pela narrativa única e cristalizada da dor, do sofrimento e da necessidade de migrar para garantir a sobrevivência, generalizam a variedade de motivações para a experiência migratória das(os) nordestinas(os). Logo, as imagens, as problematizações e as reflexões tecidas com/sobre/a partir delas têm importante papel na pesquisa. Tornam-se dispositivos fundamentais na investigação no momento em que as revisito enquanto inquietações moventes desde a infância. Explico...

Sou mulher nordestina, nascida e criada em Teresina, capital do Piauí, na Chapada do Corisco. Portanto, sou raio de luz que brilha e estoura. A primeira migração que realizei foi

do ventre da dona Socorro para este mundo. Minha mãe, pedagoga, professora aposentada, me deu e ainda me dá as melhores aulas. Sou filha também do senhor Deusdedite, artista plástico, que me permitiu a aproximação e o encantamento pelas artes, principalmente as artes miúdas, feitas no cotidiano. Tenho uma irmã dois anos mais velha do eu, que é professora, enfermeira, mãe...

A escrita da tese viabilizou o exercício de memória, que tanto é lembrança quanto esquecimento daquilo que está vivo dentro de mim (dentro de nós – em nossos Ser(tões) de dentro), enquanto experiências que se mobilizam em “constante exercício de inventividade e reparação” (Lamonier, 2019), e fui levada à periferia que me formou: o bairro Matinha, localizado na zona norte de Teresina, no qual habitei por longos anos com a minha família. Morávamos em uma casa amarela, bem pequena, três cômodos apertados, mas com um quintal, sombreado por uma laranjeira. Digo que este quintal era o espaço brincante, formativo e confluyente em arte e educação, porque funcionava, de forma improvisada o ateliê do meu pai. Ele pintava quadros, fazia esculturas em argila, espalhava tintas e materiais. O quintal também servia como biblioteca. Os livros que não cabiam dentro da casinha iam para o quintal. Ficavam cobertos por uma lona, para protegê-los do sol e da chuva. Vez ou outra eu retirava a lona para conferir aquele tesouro escondido. Tinham livros que pertenciam à minha mãe e os livros do meu pai. Os que eu mais gostava de mexer eram os livros do meu pai, por conter muitas imagens. Serviam-lhe de inspiração para a produção dos seus quadros. Mirar tantas imagens provocavam e movimentavam todo o meu corpo, ora com sensações de prazer, ora com inquietações.

A inquietação, a qual não esqueci, foi provocada pela tela *Retirantes* (1944-1945), de autoria do artista plástico brasileiro Cândido Portinari (será aqui que comecei o descalçar?). Quando lia a palavra *Retirantes* na legenda da imagem, entendia que a representação era de nordestinas(os). Mas eu, enquanto nordestina, não me enxergava naquela tela. Era muito sofrimento estampado. Rostos acinzentados, corpos maltrapilhos e pés descalços no chão duro e seco – a representação do pé como separado do corpo, para demarcar o seu não-lugar na sociedade, e a sua condição de não-civilizado e selvagem, como naquela análise de Tim Ingold que explicitarei anteriormente.

O sentimento de estranhamento foi perdido com o tempo. Mas percebo que comecei a retomá-la no meu cotidiano de trabalho, como assistente social da Universidade Federal do Piauí – UFPI. Sou lotada na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários – PRAEC, setor que administra e concede benefícios de Assistência Estudantil a discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, conforme dispõe o Decreto nº 2.734/2010 (PNAES –

Programa Nacional de Assistência Estudantil). No dia a dia dos atendimentos, comecei a perceber que as(os) estudantes que me procuravam eram, em sua maioria, provenientes de cidades do interior do Piauí ou de outros estados da federação. Saíam do seu local de origem para acessar a universidade. Compreendi que estava diante de um fenômeno, o qual chamei de migração estudantil. Paralelamente, eu saía do Nordeste para acessar uma universidade da região Sudeste do país, para fazer doutorado. Percebo-me, nesse ínterim, como estudante-pesquisadora migrante também.

As reverberações destas experiências chamaram-me atenção para o entendimento de que a migração, o trânsito, o deslocamento, são importantes para nós, nordestinas(os). No entanto, por sermos migrantes estamos presos no olhar – como o da tela de Portinari – que reduz a experiência migratória em imagens que subjagam, aprisionam, simplificam e afetam a nossa dignidade. A representação da(o) nordestina(o) que migra, da(o) retirante, é perpassada pela narrativa única da dor e do sofrimento. Estamos, como revela Fabiana Moraes (2019, p. 43), “há séculos nas fotografias, nos filmes, nas músicas, nos comerciais, nos livros, nas danças nas novelas – e nas exposições. Foram muitos os meios de formação, produção e reprodução de um imagético”. E continua... “Nem toda visibilidade é positivamente transformadora, boa parte dela vestiu a nós, sertanejas e sertanejos das periferias, das favelas dos interiores, da cor preta, do ser bicha, do ser mulher, com rígidas camisas de força” (Moraes, 2019, p. 49).

Estamos acostumados a olhar essas mesmas imagens e não questionar o porquê da repetição. Percebam o curioso fato... As imagens de retirantes nordestinas(os) selecionadas aleatoriamente no recurso de busca *Google Imagens*, constituíram importantes dispositivos para esta investigação (explico melhor como o processo de produção de dados ocorreu no Passo IV). O aspecto intrigante, que só percebi mais recentemente, mesmo depois de tantas reflexões já realizadas, é que, assim como na tela de Portinari, a maioria considerável das visualidades retratavam a(o) retirante com os pés descalços, para marcar as posições de indignidade e de subalternização. Seguem exemplos:

Figura 1 – Imagens de Retirantes Nordestinas(os), 2023. Dimensões variadas



Fonte: *Google Imagens*, 2023.

(Re)visito estas e outras imagens e elaboro os questionamentos: Como podemos insurgir? Como transformar o imaginário? Como escapar desse olhar que nos aprisiona? É possível criar contravisualidades que fissurem e desnaturalizem narrativas hegemônicas que teimam em produzir e difundir esse modelo de nordestina(o)? Como libertar os nossos pés dos sapatos e das botas de couro e fazê-los respirar? As minhas experiências e narrativas de pesquisadora-migrante podem fissurar imagens que subalternizam? As narrativas de estudantes migrantes da/na UFPI também podem ser a tesoura que corta as meias para (des)cobrir os pés? É possível acionar conhecimentos outros, criar e propor uma noção-conceito que (des)colonize o imaginário hegemônico e normativo, e nos permita perceber, reaver e fortalecer a nossa dignidade?

As problematizações me acionaram o seguinte problema de (pés)quisa: Como elaborar uma noção de *Retirância* a partir das narrativas de universitárias(os) que experienciaram a migração para estudar na UFPI? Como desdobramento do problema, o objetivo geral da pesquisa é: elaborar uma noção de *Retirância* a partir das narrativas de

universitárias(os) que experienciam a migração para estudar na UFPI. Para alcançar o objetivo geral, determinei três objetivos específicos: identificar quem são as(os) estudantes migrantes na/da UFPI; conhecer as motivações para a experiência migratória; perceber como tensionam seus saberes de vida e de trânsito com os saberes da academia. A UFPI foi o local escolhido (e que me escolheu) para o desenvolvimento da pesquisa, por ser o território onde se misturam minhas experiências pessoais e profissionais; foi o lugar onde pisei para a formação inicial em Serviço Social, e que depois reclamou o meu retorno, para pisar devagarinho como profissional, e compor a equipe de Assistência Estudantil da instituição. Como já explicitarei, foi na UFPI – especificamente na PRAEC – que os meus olhos abriram para perceber a existência do fenômeno da migração estudantil.

Da raiz da palavra “retirante”, eu penso em *Retirância* (retirante + experiência), palavra inventiva, noção-conceito-prática, que não implica em determinismo, mas em abertura e movimento, para compreender como as histórias e experiências migratórias nos afetam e atravessam, e de como podem servir de pontes para os (des)caminhos que reivindicam contravisualidades. Sigo a compreensão do pedagogo e filósofo Jorge Larrosa (2015) quando considera que “experiência” não configura um conceito claro, uma definição, uma ideia, uma realidade, uma coisa. A experiência para Larrosa (2015, p. 5) “é algo que nos acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão”. A experiência está, portanto, para além do rigor e da propriedade científica. É o “saber da experiência” que surge a partir do sentido (*ou sem-sentido*) que damos sobre o que nos acontece ao longo da vida. E esta vida não tem ligação ao fator biológico, mas ao campo existencial.

Digo que é noção-conceito-prática pelo fato de a *Retirância* estar no escopo de compreensão do que bell hooks (2017) e Paulo Freire (2023) problematizam: de que não há separação entre teoria e prática, haja vista que a teorização é ato intrinsecamente ligada à vida, à existência. São experiências vividas de pensamento crítico, reflexão e análise ligadas a processos de autorrecuperação e libertação coletivas. As nossas experiências ditam e constroem as teorias. Essa proposta descalça o entendimento de que a produção teórica é exclusiva do ambiente acadêmico e delegada a certas classes intelectuais, a um círculo mínimo de pessoas que fazem uso de “escritas em jargão, difíceis de ler e com referências obscuras” (hooks, 2017, p. 89). Em tensionamento, compreendo a *Retirância* como expressão de táticas de existências da/na vida cotidiana, movimentos críticos executados dentro do terreno de poder hegemônico (Certeau, 2014). “Enquanto trabalhamos para resolver as questões mais prementes da nossa

vida cotidiana, nos engajamos num processo crítico de teorização que nos capacita e fortalece” (hooks, 2017, p. 97).

As(Os) partícipes da pesquisa são, em sua maioria, estudantes da UFPI. Desenvolvo reflexões a partir das experiências de uma forma específica de migração, a estudantil, que implica na saída de seus chãos de origem para acessar o território colonial da universidade. Entrelaço as narrativas das(os) participantes com as minhas narrativas, e com imagens de retirantes, em *confluência* – noção criada pelo meu conterrâneo, lavrador, quilombola e mestre da tradição Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo). O ato confluyente não reivindica centralidade, aproxima as pessoas, implica mistura e o reconhecimento das diferenças de forma respeitosa, tem caráter coletivo e compreende a vida de maneira circular (Santos, 2019). Em razão disso, as pessoas que se dispuseram a contribuir com a pesquisa, chamo de participantes-confluentes. Eu também estou em confluência. Vocês, leitoras(es), também estão em confluência. Afinal, como nos disse Walter Benjamin (1987, p. 213), “quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia”.

O texto está organizado em narrativas que, nesta pesquisa, compreendem um si atravessado por muitas(os) outras(os), e do que foi possível dizer sobre as nossas existências. Histórias narradas a partir das memórias (re)mexidas, e que estão nas(os) nossas(os) corpos(corpos) que não se conformaram com os estereótipos e generalizações. São narrativas que acessam experiências vividas de outras maneiras, e exprimem coragem, sonhos, esperanças, conquistas, teimosias, saudades. Por isso, não configuram a transmissão de um “puro em si”, mas é o mergulho na vida da(o) narradora(narrador). Como diz Benjamin (1987), narrativa compreende uma relação artesanal, que utiliza a experiência – a sua e das(os) outras(os) – como matéria-prima. E experiência é um modo de habitar o mundo de um ser que existe, nos espaço-tempos com outras(os) (Larrosa, 2015).

Na investigação, utilizo a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, em abordagem qualitativa. Paralelamente, combino a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica com o método das *Oralimagens*, desenvolvido pela piauiense-professora Dra. Francilene Brito da Silva. *Oralimagens* é um caminho epistemológico, uma prática educativa-artística de refletir com/sobre imagens em pesquisas: “As *Oralimagens* são narrativas orais acionadas por narrativas visuais ou imagéticas e que podem resultar em narrativas escritas de si e dos outros” (Silva, 2021, p. 97). O método das *Oralimagens* viabiliza, por meio das nossas experiências narradas pelas/com/a partir de imagens, uma melhor compreensão do que fizeram e disseram sobre nós para, assim, podermos decidir sobre nossas próprias imagens (Silva, 2019). *Oralimagens* como metodologia questionadora, portanto (des)colonial e libertadora, que

tensiona imagens e histórias únicas, e que contribui para nos retirar do âmbito da não-existência, que tanto nos violenta, exclui e discrimina.

Os caminhos metodológicos que percorri, como tudo na tese, foram planejados e pensados a partir de elementos do meu chão, do Nordeste. Entretanto, durante a travessia, precisei descalçar. Explico. Compreendia a pesquisa e, principalmente, o momento de produção de dados, como um movimento ancestral, uma filosofia de Sankofa, de voltar ao passado para compreender o presente e ressignificar o futuro. No entanto, fui provocada pela minha orientadora, profa. Dra. Norma Silvia Trindade de Lima, a pensar algo que representasse esta perspectiva a partir do meu lugar no mundo. Fiz inúmeras pesquisas até chegar no Carcará, ave-símbolo do sertão que, em comando biológico, volta a cabeça para trás para estabelecer comunicação com outros carcarás. Percebi esse movimento como um chamado necessário ao povo nordestino voltar ao passado para recuperar histórias e (re)afirmar existências.

No processo de produção de dados foram organizadas e executadas duas oficinas intituladas *Eu-Nós Carcará – migração estudantil na/da/para Universidade Federal do Piauí*. As oficinas foram cadastradas como Eventos de Extensão, aconteceram presencialmente na UFPI, nos dias 27 e 28 de setembro de 2022, e contaram com 14 participantes-confluentes – em sua maioria estudantes oriundas(os) de outras cidades e estados do Nordeste brasileiro, acompanhadas(os) pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC-UFPI) e que recebiam o “Auxílio Residência”, benefício de permanência estudantil. Todas(es) assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o documento de Autorização do uso de Imagem e Voz, a fim de resguardá-los eticamente, conforme orientação dos Comitês de Ética em Pesquisa da Unicamp e da UFPI. As oficinas foram perpassadas por atividades-reflexivas embasadas no método-caminho das *Oralimagens*. Nestas, como acionadoras de narrativas, foram utilizadas imagens de retirantes nordestinas(os) selecionadas aleatoriamente no serviço de busca *Google Imagens*. As(Os) participantes-confluentes pensaram, produziram, criaram, questionaram e contestaram a retomada de imagens. Em confluência com as(os) participantes-confluentes, este estudo questiona as colonialidades para reivindicar, coletivamente, outras narrativas, visualidades, conhecimentos, representações sobre as experiências migratórias.

Nas pisadas descoordenadas da memória, (re)descobri-me artista. Educação e Arte estão em confluência. Compartilho as minhas produções artísticas de duas formas, e que contribuem para o campo da Educação, a qual a pesquisa está vinculada: por meio Cordéis e por meio de obras de arte desenvolvidas a partir da técnica de Colagem Digital, que funcionam como artes (des)colonizadoras em/sobre *Retirâncias*, que (também) configuram os resultados

da pesquisa. O Cordel é cartilha de letramento, forma de ler e escrever. Muitas(os) das(os) nordestinas(os) foram alfabetizadas(es) com o uso de folhetos. São excelentes professoras(es) de história, geografia, cinema, artes, filosofia... as histórias adentram em todas as áreas do conhecimento. Ele é múltiplo, como o mundo é múltiplo, como o Brasil é múltiplo, como o Nordeste é múltiplo. Compartilho cordéis que foram produzidos em diferentes momentos da travessia do doutorado, entre os anos de 2020 e 2023. A Colagem Digital, por sua vez, surge como a soma conquistada no (des)caminho da escrita da tese: “[...] resultam de uma apropriação de fragmentos imagéticos que, quando agregados, sofrem um processo de múltiplas deslocções e ressignificações” (Pereira, 2021, p. 1500). Foi o dispositivo que encontrei para traduzir a forma como (contra)visualizei e compreendi as fissuras que as narrativas das(os) participantes-confluentes provocaram naquelas imagens selecionadas aleatoriamente no sistema de busca *Google Imagens*. Com a colagem foi possível inverter o espelho que nos subalterniza, deslocar as imagens das(os) nordestinas(os) para fora da normalidade e abrir possibilidades de representações outras para além do já dado. As imagens hegemônicas e subalternizantes de retirantes foram rasgadas e arranhadas pelas(os) participantes-confluentes, como as presas de Carcará. As obras de arte em colagem digital têm, portanto, peso incontestante na pesquisa, pois foram criadas e montadas em movimento-agilidade de Carcará e, também, com os meus pés descalçados, em pisadas respeitadas, que olham, ouvem, contestam. Colagem, nesta pesquisa, é autoria que nasce de dentro, de quem vivencia e experiencia, não de quem apenas contempla. A criação das colagens permitiu que a dor que eu sentia ao ver as imagens de retirantes nordestinas(os) fosse embora. Concordo com bell hooks (2017) quando afirma que não é fácil dar nome à nossa dor e torná-la lugar de teorização. As colagens me ajudaram a compor a noção-conceito-prática de *Retirância* como um alívio à dor, a possibilidade de curá-la e fazê-la ir embora. Posso dizer que as obras de artes em colagem digital viabilizaram a produção de narrativas de felicidade, que significam a existência de outro mundo diante de tantos possíveis.

Ponto que, por apoiar a caminhada na narrativa (auto)biográfica e nas *Oralimagens*, escrevo a tese na primeira pessoa do singular e, em determinados momentos, na terceira pessoa do plural. Tento utilizar a linguagem inclusiva de gênero, que envolve a linguagem não-binária. Por exemplo: em certos momentos vou utilizar “todas/todes”. Quando não se faz possível, opto pelo gênero feminino, primeiramente. É uma escolha (des)obedecer a norma culta, friccionar a normatividade e evitar dicotomias. São habilidades e possibilidades “outras” de escrita que tensionam a produção do conhecimento científico e eurocentrado que marginalizam outras epistemologias. A violência epistêmica é perpetuada, sobremaneira, pela própria universidade

e a escrita é uma das ferramentas que sustentam e mantêm fortemente epistemicídios na academia.

Gostaria já agora de insistir na minha recusa a certo tipo de crítica de natureza científicista que, no mínimo, sugere ausência de rigor na maneira como discuto os problemas e na linguagem ou na sintaxe “demasiado” afetiva que uso. A paixão com que conheço e com que falo ou escrevo não diminuem em nada o compromisso com que denuncio ou anuncio. Eu sou uma inteireza e não uma dicotomia (Freire, 2015, n.p.).

Sem parecer linear e sequencial, (des)organizei e chamei os capítulos de PASSOS. Foram pensados como uma festa, uma coreografia de um animado forró, de um arrasta-pé, em rodopios, movimentos descompassados e circulantes, onde tudo está em relação. Assim, no PASSO I, conto a minha história por meio dos meus pés para situar as inquietações, motivações, compreensões que me atravessaram e atravessaram a pesquisa. No PASSO II, apresento a problemática da pesquisa a partir de reflexões sobre o contexto propositivo da investigação que é a representação única, infiel, estereotipada do Nordeste e do seu povo, principalmente as(os) retirantes. Realizo um passeio histórico para situar e compreender os ataques que sofremos por meio de narrativas simplificadoras, ligadas à ideia de miséria, vulnerabilidade e sofrimento, e de que precisamos migrar para sobreviver. A experiência migratória de nordestinas(os) é perpassada por esta narrativa. Seguir roteiro diferente é quase uma afronta. Migrar para estudar, para acessar a universidade, é incompreensível. Elaboro, então, compreensões sobre migração estudantil e universidade. Discorro, ainda no PASSO II, sobre a revisão de literatura para demarcar a originalidade do estudo.

No PASSO III, cruzo meus pés com os olhos para dizer que estes caminham e abrem caminhos. Perceber e questionar determinadas imagens hegemônicas são posturas que me acompanham desde o quintal da periferia que me formou. O percurso do doutorado e de escrita da tese propiciaram o (re)encontro com a Arte, e recordar histórias e acontecimentos desde o meu quintal brincante e formativo me fizeram entender que as áreas de conhecimentos são potências em cruzo e que, apesar de não ter formação acadêmica no campo das artes, é possível sim viabilizar o diálogo com diferentes saberes. Aproveito para tecer reflexões sobre como a colonização criou falsas imagens e de como até hoje estamos presas(os) dentro delas. Pela perspectiva de (des)colonização e do direito a olhar, reivindico imagens coerentes às nossas histórias.

No PASSO IV, apresento mais detidamente o percurso metodológico desenvolvido e os processos para a produção dos dados. No PASSO V, compartilho as narrativas das(os) participantes da pesquisa em confluência com as minhas compreensões e narrativas, e tantas

outras histórias. No PASSO VI, compartilho as obras de artes em Colagem Digital como resultados artísticos da pesquisa. São imagens (des)colonizadoras em *Retirâncias*. E nas “Reflexões para (não)finalizar as *Retirâncias*”, retomo os pontos da investigação que me fizeram chegar (não como linha de chegada ou final em si, mas um ponto de partida) à noção-conceito-prática de *Retirância*.

Por tudo isso, considero que esta (pés)quisa é um descalçar, uma abertura para mostrar outras possibilidades de existências. Quando mencionei, inicialmente, que libertar os pés é tirar a venda dos olhos para apurar a audição e abrir a boca, referia-me ao movimento que foi proposto na tese de questionamento de imagens que subalternizam a fim de fissurar e usar as ferramentas de dominação para produzir a nossa própria liberdade e reaver a nossa dignidade por meio das nossas histórias em *Retirâncias*.

Nota de Respeito e Encantamento...

Antes de desejá-las(os) uma leitura leve e gentil das páginas que seguem, manifesto meus sinceros sentimentos às pessoas que ancestralizaram em virtude da pandemia da covid-19 – síndrome respiratória causada por um novo tipo de coronavírus (Sars-CoV-2). A travessia do doutorado foi marcada por choros, medos, inseguranças, incertezas, isolamento, distanciamento social, máscara, álcool, negacionismo, luta por vacinas, aulas e reuniões remotas, vivências virtuais, muitas horas em frente ao computador, cansaços corporal e mental, mortes... muitas mortes. Desde o início da pandemia até o momento em que escrevo esta nota, cerca de 705.172 pessoas ancestralizaram. O contexto de crise social e sanitária interferiu sobremaneira a elaboração da tese. Escrever em período pandêmico não foi tarefa fácil. A pandemia tornou tudo ainda mais espinhoso. Muitas pedras me fizeram tropeçar pelo caminho, mas nada se comparou ao penhasco chamado “pandemia”, que precisei escalar para contemplar a vista da finalização da tese. Chegar à conclusão do doutorado viva e com saúde (assim como meus familiares, também vivos e com saúde) é a mais importante vitória.

Agora sim, depois desta nota respeitosa, convido você a tirar os sapatos e pisar com carinho em cada página. Que os “Passos” a seguir sejam locais de (re)encontros, (des)encontros, de trocas, (des)aprendizagens e (re)conexões. Completo esta etapa com duas obras de arte em Colagem Digital que criei enquanto tecia estas descompassadas linhas.

Figura 2 – DIAS, Leyllane Dharc. Pé rachado que tudo vê e sente. Fissuras do/no tempo, 2023. Colagem Digital, A4



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 3 – DIAS, Leyllane Dharc. Plantar Umbigo, 2023. Colagem Digital, 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

PASSO I – (DES)COMEÇO: A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Existirmos: a que será que se destina?
 Pois quando tu me deste a rosa pequenina
 Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
 Do menino infeliz não se nos ilumina

Tampouco turva-se a lágrima nordestina
 Apenas a matéria vida era tão fina
 E éramos olharmo-nos, intacta retina
 A cajuína cristalina em Teresina (Cajuína, Caetano Veloso, 1979).

Eu não quero é morrer
 Eu só quero é viver
 Papai do céu, faça assim
 Leve velho e traga novo
 Pra ensinar o seu caminho
 Tô na avenida, tocando o meu tamborim
 Alegre e cantando para o Senhor do Bonfim
 Olha, avenida
 Tem Jurema a balançar
 Papai do céu é quem vai ajudar
 Eu não quero é morrer
 Eu só quero é viver
 (“Eu só quero é viver”. Música de Maria da Inglaterra, Álbum “O Peru Rodou”, 2004)

São 15 horas, sinaliza o brilhante relógio do sol. Para iniciar a nossa confluência, vou oferecer café na xícara, ou melhor, no copo reaproveitado de azeitona em conserva que comprei no mercado do vizinho da esquina. É tão mais valioso e especial quanto qualquer xícara de porcelana portuguesa, considerada “mais tradicional”. O café está quentinho. O vapor e o aroma que exala se misturam ao vapor da tarde escaldante de Teresina, capital do Piauí, região Nordeste do Brasil, meu chão de brotação e pertencimento. Sim, por aqui o cafezinho da tarde é indispensável, mesmo em período de calor intenso. Se acompanhado de um saboroso cuscuz, o paraíso se constitui. Assopra o café, enxuga o suor que escorre pelo rosto... é uma mistura de sensações quentes e inebriantes que trazem felicidade, descalçam os pés, abrem os olhos, apuram os ouvidos, aquecem e temperam a língua (o corpo todo) para iniciar a conversa. Vou colocar as cadeiras de fios de espaguete na calçada, assim poderemos conversar mais à vontade e provocar outras pessoas a confluírem conosco. Minha mãe já ligou o velho rádio, comprado com esforço. Todo domingo é assim. Ouvimos música para afastar a tristeza e lembrarmos que seguimos vivas(os). Agora nossas conversas serão regadas a café e a forró, esse gênero musical nordestino que se caracteriza pelo movimento.

Como nos passos do forró, no arrasta-pé, esta narrativa de (des)começo – e toda a tese – é escrita com os pés. Uma (pés)crita em rastros circulares, com pisadas descoordenadas

e incertas. Pés dançantes e caminhanes, (des)calçados pela meia geográfica do Piauí. Diz Eduardo Oliveira (2021, n.p.), que “só é possível dizer o caminho depois da caminhada. Depois da jornada, entretanto, a pisada é outra. Há o itinerário da experiência e o percurso da memória”. Tento reunir as peças quase perdidas e esquecidas da minha história, as memórias das minhas experiências que estão no meu corpo que “só quer é viver”. Tomo a experiência como um saber particular, pessoal, subjetivo (Larrosa, 2015). Isso significa que a (pés)quisa não está descontextualizada da vida. Desenvolve-se como um abrir de mato, um sol quente no pingo do meio-dia, um assobio, um voo de carcará, uma panela a cozinhar milho, um dedo espetado no cacto, um canto de cigarra para adivinhar chuva leve e fina, o casamento da raposa. Sou feita de muitas coisas, pessoas e lugares.

Por conta disso, a minha (pés)crita não é elaborada em tracejo de tempo linear, nem em caminhos cartesianos, mas em/sobre histórias e memórias rodopiantes, pois, como bem destaca Luiz Rufino (2020), é fundamental que nos lancemos para fora das paralisias das ampuhetas do tempo e dos rumos que a lógica colonialista e seus quebrantos nos aprisionam. O tempo que passa nos/pelos meus pés é outro. Caminho por/entre diferentes espaços-tempos.

“[...] Vou me embora dessa terra, vou morar em outro lugar... E o peru rodou e rodou rodou, e as meninas dessa terra querem meu amor...” Mainha, é Maria da Inglaterra que está a tocar no rádio? Que maravilha! Maria da Inglaterra tem me ensinado muito sobre esse “ir embora” e esses rodopios. Ela que é Maria, como muitas do Nordeste, e que também é Inglaterra, para afrontar espacialidades tecidas como inalcançáveis. Seu nome, Maria Luíza dos Santos. Maria da Inglaterra, o “nome artístico”, recebeu de Ricardo Cravo Albim depois de participar e vencer um festival de música na cidade de Teresina na década de 1970. Casada com o senhor Otacílio – poeta, cordelista e repentista, mas que ganhava a vida como pedreiro – Maria da Inglaterra foi uma multiplicidade de coisas, de histórias (Seraine, 2017). Artista piauiense, negra, periférica, descobriu os dons da cantoria e da composição já idosa. Sempre sonhava em conquistar grandes palcos e públicos. Não sabia ler nem escrever, conforme os regramentos educacionais oficiais. Compôs, com a escrita da vida e as sabedorias do cotidiano, mais de duas mil canções – uma delas está na epígrafe deste Passo I. Gravou, com dificuldade, segundo Seraine (2017), dois CDs (*O peru rodou*, em 2004, e *Alegria de viver*, em 2007) e um Documentário em DVD (*Maria entre amigos*, em 2016). Sofreu com a falta de incentivos e recursos. Mas existir é verbo de ação, e Maria usou táticas para “não morrer”, ela “só queria viver”. Viver seus sonhos, suas músicas, mesmo quando a invisibilidade e subalternização quis fazê-la tropeçar.

Ao me referir às táticas de Maria da Inglaterra (da minha mãe e das(os) participantes da pesquisa, como analisaremos mais à frente), penso a partir do que considera Michel de Certeau (2014). São as engenhosidades praticadas no cotidiano, “maneiras de fazer” de pessoas que, supostamente, estariam “entregues à passividade e à disciplina”, conforme prevê a lógica dominante. Jogam com o terreno que lhes é imposto. “A tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, e no espaço por ele controlado” (Certeau, 2014, p. 94). Por conta disso, tática é diferente de estratégia, para o autor. Estratégia tem ligação com o poder hegemônico, esquema de opressão do “forte” sobre o “fraco”. As táticas situam-se dentro dessa lógica, e neste espaço são criadas astutas surpresas (Certeau, 2014).

Figura 4 – Capas dos CDs de Maria da Inglaterra: *O peru rodou* (2004) e *Alegria de viver* (2007)



Fonte: <https://shorturl.at/ABDO3>. Acesso em: 25 set 2023.

Seu esposo a ajudava com a anotação das canções. Afirmava que dois encantados (Diana e Joãozinho) a inspiravam com as letras e melodias (Seraine, 2017). É a mesma sabença da cearense Maria Toinha (2020), que diz não ser possível revelar o segredo do encantamento, que é (re)existência, apesar dos projetos de morte que insistem pelo desencantar. Anuncia ser necessário preservar cuidadosamente os saberes entregues com luminosidade. Ao receberem luz, também irradiam. Trago, então, Maria da Inglaterra como candieiro para as palavras ziguezagueantes que aqui tento reunir.

Por não ter suas histórias contadas nos livros e lugares formativos de excelência, a presença de Maria da Inglaterra na minha (pés)crita desponta com a intenção de viabilizar que as palavras circulem, rodem, vibrem e contagiem a quem ler, assim como ela contagiou o público que a acompanhava em seus shows pelo Brasil. A energia dessa mulher vem como potência para questionar as lógicas que tentam situar os conhecimentos, filosofias e artes do

Nordeste como cultura popular e folclore, e que, ao mesmo tempo, propõem apagamentos às experiências de caminharças, aos modos de vidas e às contribuições que o povo nordestino tem para a formação histórica, social e artística do nosso país. Peço licença à artista para compartilhar esse palco de pertencimento piauiense e teresinense para justificar e explicitar a composição (como quem compõem uma aprumada cantiga de forró) desta (pés)quisa.

As palavras e frases que transcorrem pelo teclado e saltam à tela do computador, além de circulantes, seguem em fluxo, força e fluidez com as águas dos rios Poty e Parnaíba, que banham Teresina. A cidade onde nasci, dentre as capitais do Nordeste, é a única que não fica localizada em região litorânea. No entanto, foi agraciada pelo abraço, afago e acolhimento de dois grandes rios que refrescam e aliviam as fumegantes narrativas únicas que simplificam e reduzem o Ser(tão) nordestino à experiência da seca e da escassez. Sertão é espaço fronteiroço, que segue as vias para além da espacialização geográfica e sociopolítica específica. “Mais que um lugar, essa condição sertão é uma travessia” (Rebouças, 2019, p. 21). Potência de (re)invenção. Está nas existências da roça, da cidade, da favela, está nos (des)encontros, nos erros de rota, “rio abaixo rio arriba”.

Tenho pelo rio Parnaíba, nosso Velho Monge, respeito e admiração. Em confluência com rios dos estados da Bahia, Maranhão e Tocantins no seu nascedouro, toda a extensão do rio Parnaíba é política, sobrevivência, poesia. Das referências em obras literárias às experiências concretas, o Velho Monge mata a sede e a fome, é força que gera energia elétrica, transporta mercadorias, vidas, sonhos e histórias que desaguam na imensidão do oceano Atlântico, em multiplicidade de braços, conhecidos como Delta do Parnaíba.

O rio de aspecto barrento percorre trajetórias ora estreitas ora alargadas para entregar suas águas doces às águas salgadas do oceano. Um encontro potente, que faz ecoar vozes viajantes na sua imensidão. Digo isso porque o desague acontece no mar que, desde a “Pré-História”, se faz rota e passagem de histórias de vida, são águas testemunhas da chegada das primeiras civilizações à América. Niède Guidon, arqueóloga franco-brasileira, por meio de descobertas realizadas em vários sítios arqueológicos situados na região do município de São Raimundo Nonato, no sul do Piauí, pressupõe que o *homo sapiens* chegou à região há mais de 100 mil anos, proveniente diretamente da África pelo Atlântico. As comprovações arqueológicas, as pinturas rupestres do Piauí, estremeceram as teorias mais antigas e conservadoras sobre a ocupação da América. O Piauí se apresentar como berço do homem americano é uma afronta às narrativas hegemônicas.

Águas que também testemunharam a chegada das caravelas e a invasão de Pindorama. Presenciaram, ainda, o maior movimento migratório (forçado) de todos os tempos,

que consistiu na travessia (sequestro) de milhões de africanos por meio do tráfico negreiro da África para a América. O mar representou para os povos escravizados o verdadeiro passaporte para o mundo dos mortos. Não foi apenas deslocamento: foi violência, desumanização. Pessoas foram arrancadas de suas terras para terem seus corpos tratados como coisa, mercadoria.

Retorno às águas do rio Parnaíba para molhar os pés, tranquilizar as passadas e banhar as memórias. Sou levada à periferia que me formou. Morei a infância e adolescência em um bairro chamado Matinha, zona norte da cidade de Teresina. Ao ser margeada pelo rio Parnaíba, a Matinha, que é mato, portanto vida, é regada pela água do rio e constitui, para mim, terreno fértil para (des)aprendizagens. É mato também aos olhos dos outros, só que em outra perspectiva. Por aqui dizemos que tudo o que não presta não se joga no lixo, se “rebola no mato”. A Matinha era esse mato que se “rebolava” o que “não prestava”, o que não era aceito com norma, como correto, e que precisava ser descartado.

Morávamos eu, mainha (Dona Socorro), painho (Seu Deusdedite) e minha irmã mais velha (Laylla) na pequena casa 786, de cor amarela, três cômodos, um quintal sombreado pela laranjeira de poucos espinhos, cheiro forte, frutos doces, muita magia e liberdade. Na casa, o meu território criativo e brincante era o quintal: “Afim, o que é o espaço sideral senão o disfarce de um grandíssimo quintal?” (Oliveira, 2021, n.p.). Em meio à terra, às plantas, às galinhas, aos patos, aos cachorros, eu e minha irmã reinventávamos a vida. Papai, que era artista plástico muito talentoso, fazia do quintal o seu ateliê e lugar de exposição. Viver nesse chão terrenal era como estar em um daqueles quadros com paisagens que emanam paz. As telas com pinturas incríveis, as tintas, os pincéis, as peças em argila dividiam o espaço do quintal com os livros de mainha, que era professora da educação básica. As encantarias das artes e da educação sustentam as solas dos meus pés durante o caminhar. Acompanhar-me-ão durante a travessia da vida. Carrego-as na mala como itens indispensáveis.

Aqui eu faço um parêntese (como disse, não pretendo ser linear). No mês de julho de 2023, depois de passar alguns meses em Campinas-SP por conta das atividades do doutorado na UNICAMP, regressei à Teresina-PI para passar férias. Muito atravessada pelas escritas sobre/com o meu quintal brincante e formativo, fui até a casa de painho (não resido mais com ele) para compartilhar alguns movimentos, ventos, pensamentos que reverberaram do exame de qualificação de tese, que aconteceu no mês de junho de 2023. Foram alguns dias de prosa, até acendemos as luzes das ideias sobre a possibilidade de pintar um quadro que representasse a nossa saudosa laranjeira. Meu pai, artista plástico talentoso, mas que há muito não deslizava pincéis em telas, ficou muito entusiasmado com a proposta, afinal ele voltaria a sentir o cheiro da tinta, e a se (re)envolver com a energia do ato criativo. Também fiquei entusiasmada no

início, mas depois me percebi inundada, encharcada, por uma onda de preocupação. Meu pai está idoso e enxerga com dificuldade; a coordenação motora não é mais a mesma, sente-se cansado. Pensei em recuar os passos. Mas, pensava na animação dele e no quanto estava feliz. A brasa, que estava quieta e silenciosa, reascendeu. Segue a foto do quadro de autoria do artista plástico DiCruz (2023), meu pai.

Figura 5 – DICRUZ. Nosso Pé de Laranja, 2023. Óleo sobre a tela e massa de biscuit. 100x80 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Na tela papai misturou tinta, massa de biscuit, experiência, visão turva, traços trêmulos e coragem. Representou vidas por meio do céu, pássaro, ninho, folhas, flores, frutos verdes, maduros e os já caídos ao chão. Tem raízes. Apesar de não serem visíveis aos olhos, sem raízes não há laranjeira, ou qualquer outra árvore que fique de pé. Nem tudo precisamos

ver para sabermos que existe. Volto, então, à território da Matinha. Há mais coisas a (des)aprender com ela.

Embutida à porta de entrada principal da casinha amarela havia uma janela estreita. Eu ficava nas pontas dos pés, esticava o corpo para alcançá-la. Por ela via a rua, o mundo... o meu mundo. Contemplava o asfalto irregular, as casas geminadas, tudo junto e misturado. A conversa de uma casa era facilmente ouvida e virava pauta para a conversa da outra. A vizinhança era predominantemente formada por pessoas idosas, mães solteiras e muitas crianças. Pela janelinha eu via pobreza, violência policial, “esquecimento” das ações de políticas públicas, retratos do projeto de Brasil institucional que há muito teima em implantar o empreendimento de ódio e invisibilidade.

Aprendi com Luiz Antônio Simas (2021) que nas rachaduras do muro do Brasil institucional existe a brasilidade enquanto ação vital e transgressora, que tem na alegria e na festa instâncias de reconstrução e pertencimento. Assim, por mais que as imagens institucionalizantes quisessem ofuscar a vista com exclusões, pela janelinha eu mirava as coisas desimportantes: vidas cotidianas, alegrias, invenções e (re)existências de cada morador daquele bairro. O que constituía sujidade e problema para uns, era potência e inspiração para mim. “As coisas que não levam a nada têm grande importância” (Barros, 2015, p. 36). As existências criativas significavam produções estratégicas para sobreviver no mundo desencantado, atravessado por demarcações coloniais.

Posso citar vários momentos e pessoas da Matinha que escavacaram a estrutura rígida do Brasil institucional. Minha vizinha dona Nazaré, por exemplo, tinha nos pés as marcas da subversão. Mulher negra, idosa, não gostava de usar sapatos. O seu corpo não foi colonizado para isso. Resistia veemente à clausura das pragatas. Percorria longas distâncias com as plantas dos pés a beijar o asfalto quente. Fosse na rua ou em espaços que exigiam certa “formalidade”, dona Nazaré exibia, sem receio, os pés calejados e rachados, fissuras do/no tempo. Com ela aprendi que os pés contam histórias, enxergam, ouvem, resguardam memórias e que, durante a caminhada, o que importa é a conexão com a força telúrica. Recordo-me também do sr. Goy. Nunca soube onde ele realmente morava, mas vivia a andarilhar pelas ruas a fazer pequenos serviços para os vizinhos. Homem negro, muito pobre, fala mansa, não tinha um dente na boca, mas vivia a sorrir de forma contagiante. O céu da sua boca eraimensidão colorida que cintilava alegria. Com ele aprendi que boca esgarçada e feliz é energia movente. Lembro com carinho de duas senhoras que considerava como avós pela sabedoria de suas existências. Dona Odete e dona Julita eram mulheres rezadeiras que tocavam tambor, violão e xequerê enquanto entoavam ladainhas em latim nos dias de santos. Faziam festa para São Cosme e Damião, distribuíam

doces e lanches para a criançada. Não esqueciam meu aniversário. Sempre me presentavam com um delicioso bolo. Com elas aprendi ter fé nas passadas.

Nas minhas férias em julho de 2023, revistei a caixa de fotografias antigas que fica guardada na casa da minha mãe. Queria procurar imagens das vidas do meu mato de (re)existências. Senti falta de alguns álbuns. Contudo, tive o encontro com a fotografia do meu aniversário de 10 anos e dos 12 anos da minha irmã. Somos do mês de fevereiro. Minha mãe não tinha condições financeiras para realizar duas comemorações. Ela era a provedora da família. Juntou suas economias e nos oportunizou esse momento de felicidade. Meu pai fez a decoração da festa e as lembrancinhas, as vizinhas produziram o bolo. Tias e primas foram para a cozinha preparar delícias, e a criançada do bairro estava ao nosso redor. Miro a foto e me questiono como coube tantas pessoas na nossa sala? A magia da periferia.

Figura 6 – Aniversário de Laylla e Leyllane na Casinha Amarela, bairro Matinha – Teresina-PI (1999)



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Poderia ficar horas a escrever sobre as muitas gentes da Matinha que foram minha escola. Sim, porque vivenciamos educação o tempo todo. A escolaridade é apenas um aspecto da educação, já dizia Simas (2021), e a rua é essa potência educativa onde a multiplicidade marca presença, opera fissuras e abre caminhos. A minha rua, inclusive, ficava em frente à Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E o que significa a presença da universidade na periferia? O local que reproduz e legitima um tipo de conhecimento, o científico, cerra os olhos

para a pluralidade de epistemologias existentes nas ruas e no mundo. A serventia dos saberes locais está na sua utilização enquanto matéria-prima para a ciência. Porém, mesmo sem saber, eu, minha irmã e as outras crianças da rua rasurávamos a estrutura rígida do concreto acadêmico. Costumávamos brincar nas árvores e conversar nos bancos das praças da UESPI. Inúmeras vezes fomos expulsas pelos vigilantes. Perturbávamos. Tínhamos aquele lugar como inacessível para os estudos futuros, mas aberto (pelas frestas das grades e portas dos fundos) à sabedoria lúdica.

Da janela da casinha amarela eu enxergava o pluriverso da rua, da periferia. No entanto, o horizonte me convidava a avançar e desbravar novos chãos. Sentia que meus pés precisavam pisar outros terrenos e meu corpo cortar ventos desconhecidos. Dizem que a ânsia viajante acompanha a(o) nordestina(o). O êxodo sempre aparece como narrativa forte. A experiência migratória das(os) retirantes, por exemplo, é fundamental para a compreensão da formação sócio-histórica do Brasil. É como se em cada núcleo familiar do Nordeste tivesse ao menos uma pessoa que se deslocou temporária ou permanentemente. É prática que está nos livros didáticos, na música, na literatura, no aglomerado de imagens e figuras. Pensava na experiência da minha mãe que, na adolescência, saiu da cidade de Esperantina, interior do Piauí, para morar e estudar na capital, Teresina. Sim, as partidas também se reproduzem dentro dos estados, apesar de pouco comentado e estudado, conforme tenho verificado em revisão de literatura. As experiências de mainha (mais à frente, nos próximos *Passos*, conto mais detidamente a história da minha mãe) e de outras(os) nordestinas(os), que se arriscaram e se lançaram na travessia, abriram a porteira para o desejo do caminhar, pois “sempre andamos por entre os rastros de outros, seguindo passos da ancestralidade” (Haddock-Lobo, 2022, p. 126).

A Matinha se localiza próxima ao aeroporto. Os aviões passavam em voos rasantes e balançavam as paredes da casinha amarela. Apesar das trepidações e do barulho ensurdecedor, eu amava contemplar o pássaro de ferro e sonhava com a possibilidade de, um dia, explorar outras terras e mundos dentro dele. Não foi de avião, mas de viação Princesa do Sul que experienciei a primeira partida, aos vinte e três anos. Motivo: trabalho. Depois de formada em Serviço Social pela UFPI, especialista em Educação, Cultura e Identidade Afrodescendente (IFARADÁ-UFPI), passei em concurso público para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI). O ano era 2013. Fui morar na cidade de Uruçuí, cerca de 460 km da capital Teresina. Minha mãe ficou a chorar:

Mamãe, mamãe não chore
A vida é assim mesmo, eu fui embora
Mamãe, mamãe não chore
Eu nunca mais vou voltar por aí

Mamãe, mamãe não chore
 A vida é assim mesmo, eu quero mesmo é isto aqui
 Mamãe, mamãe não chore

Pegue uns panos pra lavar, leia um romance
 Veja as contas do mercado, pague as prestações
 Ser mãe é desdobrar fibra por fibra os corações dos filhos (Mamãe [...], 1968).

Ela tinha medo de que eu sofresse. A dor e o sofrimento são pontas de análises e matérias-primas para a compreensão do fenômeno da migração, independente das razões e circunstâncias. Mas, no meu caso, eu partia feliz. Era o meu emprego, com estabilidade, e na área que amava, Educação. Mainha sempre enfatizava que não tinha dinheiro para oferecer como herança. O único legado que poderia deixar era a Educação. Éramos família despossuída de bens materiais, mas afortunada de coisas que quantia alguma poderia comprar. Crescer no espaço sideral do quintal da casinha amarela, por exemplo, rodeada de livros e obras artísticas, aguçaram as minhas percepções para a abundância e o tesouro das frestas, com as do chão do sertão, que educam no cotidiano.

Em Uruçuí, cidade localizada ao sul do Piauí (invadida pelo agronegócio), permaneci cerca de um ano e quatro meses. Por ser um campus recém-inaugurado, eu fui a primeira assistente social do IFPI. Solicitaram o código de vaga porque precisavam de uma profissional para organizar o benefício da moradia estudantil. Que desafio. Entre os dez eixos de ações presentes no Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES, Decreto nº 7234/2010), a moradia é fundamental para viabilizar a permanência de estudantes provenientes de outras localidades. Ou seja, a assistente social migrante acompanharia estudantes migrantes. Essa relação-encontro, e o que isso representava dentro de uma instituição de Educação, não me fora perceptível, a princípio.

Retornei para Teresina em 2014. Agora para trabalhar na UFPI. Realizei a migração de retorno, para a felicidade da minha mãe, que já não suportava mais a saudade. Paralelamente, iniciei o mestrado em Educação – com estudos voltados para análise da educação profissional baseada em raízes culturais desenvolvida pela instituição assistencial Casa de Zabelê. A volta foi regada a muito estranhamento. Já não morávamos na casinha amarela da Matinha. A periferia era outra, o bairro Mocambinho, outro mundinho cheio de potência. Eu não tinha mais quarto. Um primo do interior foi morar conosco e se alojou no meu dormitório. A sensação era de que a casa estava cheia demais, e eu havia sobrado. Era a sensação familiar de deslocamento, apontada por Stuart Hall (2013, p. 29): “muitos sentem que a ‘terra’ tornou-se irreconhecível. Em contrapartida, são vistos como se os elos naturais e espontâneos que antes possuíam tivessem sido interrompidos por suas experiências diaspóricas”.

Na UFPI, não era mais a única assistente social. A lotação se deu na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC), responsável pela gestão e execução das normativas previstas no PNAES. Pela experiência anterior, fui designada a acompanhar estudantes da Residência Universitária (REU). A proximidade com esse benefício, somada ao cotidiano de trabalho na UFPI e à vivência patrísmo no IFPI, foram o querosene da lamparina que clareou as minhas vistas de pesquisadora para perceber a crescente presença de estudantes migrantes. O processo de democratização das universidades – com acesso via Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Sistema de Seleção Unificada (SiSU) e a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) – intensificou o trânsito de estudantes, que passaram a pleitear vagas em instituições distantes de seus locais de moradia e chegavam de várias partes do Brasil. A maioria, entretanto, provinha de municípios do interior do Piauí. Saíam de suas cidades de origem com o objetivo de iniciar o curso superior na capital. Aquilo não era um fenômeno qualquer. Chegavam sem referência familiar, sem local para morar, sem recursos econômicos. Eram os primeiros de cada geração familiar a acessar a universidade. Carregavam, portanto, grande responsabilidade e esperança. Esse público era o principal demandante dos programas de Assistência Estudantil. Para permanecer e concluir os cursos, essas(es) estudantes precisavam acessar bolsa pecuniária e encontrar lugar para morar – mais à frente, nesta tese, vamos refletir sobre isso.

Cotidianamente, eu era atravessada pelas histórias que estudantes migrantes compartilhavam para justificar o acesso aos programas da PRAEC. Fazia imediata ligação ao nebuloso sentimento que me preenchia quando, na infância, entrava (pelas frestas das grades e portas dos fundos) na universidade vizinha à casinha amarela. Eu estava lá, mas não me queriam; eu perturbava, chamavam os vigilantes. Esse sentimento foi reavivado quando consegui vaga no doutorado em Educação da UNICAMP, localizada no estado de São Paulo, região Sudeste do Brasil. Queria compreender o fenômeno migratório estudantil, o tensionamento dos seus saberes com os da academia. Não imaginava, no entanto, que eu seria parte integrante desse processo. Deambulei por memórias. Aqui estou, estudante migrante, a acessar uma universidade no Sudeste.

A quem está em confluência na leitura destas descompassadas linhas, desconcertadas em ritmo e tom, embebidas pelo café quente, espero que tenha percebido o seguinte: é impossível estar só quando caminhamos. Acompanho, portanto, os rastros das minhas memórias, das histórias da minha mãe, de estudantes migrantes e, principalmente, de imagens de retirantes nordestinas(os), que se “desfiguram, se deformam, se transformam, se retiram, permanecendo em latência em nossa cultura, retornando como presença fantasmática

e fantasmagórica” sempre que se quer contar histórias sobre o Nordeste, e a pessoa que migra (Albuquerque Jr., 2017, p. 249). A produção da tese é atravessada pela figura da(o) retirante nordestina(o). São visualidades que me provocam a pensar, refletir, questionar e produzir contravisoriedades em colagem digital, técnica artística e (des)colonial que encontrei (e que me encontrou) na travessia da (pés)quisa.

Não estamos sós a caminhar, porque a morte também quer se fazer companheira. O que considero substância de mortificação? A modernidade e sua sinistra seguidora, a colonialidade. Presente nas relações de trabalho, nas sexualidades, na subjetividade, no conhecimento e suas narrativas únicas, as colonialidades (do poder, do ser, do saber e do ver) querem impregnar também os nossos pés, como quando pisamos (sem perceber) no velho chiclete ou no ajuntamento de excrementos. Seguir o caminho significativo da vida ou o caminho da morte? Não há opção. São vias cruzadas que estão em constante tensionamento. Contudo, nessa encruza, acontecem encontros, subversões, e vozes potentes são entoadas.

O pau de arara da (des)colonialidade tem me servido de apoio durante as viagens, para pensar com os pés. Essa (pés)quisa é um *descalçar* – por isso uso a grafia (des)colonialidade – na medida em que procura (re)inventar, (des)aprender, (re)aprender com/sobre o Nordeste, o seu povo, a experiência migratória, a partir da compreensão da migração estudantil e seus tensionamentos na universidade. Bebe na experiência da migração nordestina, sustentada na imagem única da(o) retirante enquanto “ser sem contorno, que pertence às distâncias, corpo perdido em busca de fazer, do deslocamento, coreografia” (Lima, 2019, p. 30). O espelho colonial distorcido (ou imagens produzidas a partir de narrativas distanciadas) que reflete a imagem de retirantes nordestinas(os) parece ser o mesmo que as(os) universitárias(os) migrantes, e eu, enquanto nordestina, estudante de doutorado em universidade da região Sudeste, somos refletidas(os). É urgente questionar e assumir uma consciência crítica diante desse espelho. E isso se dá a partir do que trazemos à memória, que viabiliza a inversão dos reflexos que desumanizam. Contar as nossas reais histórias e apontar outras chaves de compreensões de mundos estremecem as imagens únicas as quais fomos acostumadas(os) a nos enxergar. Esse movimento é educativo e libertador. Nos próximos *Passos* vamos compreender a formatação histórica das narrativas únicas sobre o Nordeste e o seu povo. Quem sabe andar apenas em passadas únicas acaba tropeçando. Como diz Rufino (2022, p. 18): “para ataques, haverá sempre contra-ataques”, com as nossas existências e histórias.

CORDEL MEMORIAL¹

Vou te contar uma história
 Uma mulher do Nordeste
 Que voou para Campinas
 Moça danada da peste
 Foi fazer doutorado
 Com o povo do Sudeste

Nasceu em Teresina
 O sol brilha o ano inteiro
 Esquenta o coração
 Da mulher e do vaqueiro
 Cidade entre dois rios
 A aliviar o sol braseiro

Casa amarela do saber
 A mãe, sua professora
 O pai, artista plástico
 A caçula sonhadora
 Mente muito criativa
 De força transgressora

Só pensava em estudar
 E com muita humildade
 Da educação fez valor
 Sua oportunidade
 De sonhar e acreditar
 Em nova sociedade

Quando era pequenina
 Descalçada pela rua
 Brincando de Ciranda
 O céu claro com a lua
 A diversão importava
 É verdade nua e crua

Adolescente estudiosa
 Livro não fica de lado
 Tímida, pouco falava
 Não pensava em namorado
 Com estudos se ocupava
 Para o futuro melhorado

O caminho foi difícil
 Tropeços, quedas e lutas
 Entrou na universidade
 Em orações ininterruptas

¹ Cordel em sextilha escrito em setembro de 2020.

Reza forte a Padim Ciço
A vitória das labutas

E o Serviço Social
Oh negócio complicado
Saí fumaça da cabeça
Ler texto sofisticado
De um tal de Karl Max
O desafio arrojado

Universidade é cruel
Gente que diz saber tudo
Mas que não sabe partilhar
E gente com pouco estudo
Mas com muita experiência
Para dominar o mundo

Universidade é inclusão
Que nem sempre é possível
Se não fossem as Cotas
À população invisível
Ao Negro e ao Indígena
Acesso seria impossível

Quando terminou o curso
Achou que ia melhorar
Veio logo o desemprego
Para acabar de piorar
Teve que estudar mais
E em concurso adentrar

E a Especialização
Que mudou a sua vida
Educação e Cultura
Temas que a envolvia
Com o povo negro soube
Que o Brasil tem sua dívida

A mulher é arretada
Fez concurso federal
Em busca do seu emprego
Deixou sua terra natal
Foi morar em Uruçuí
Ser Assistente Social

Lá no Sul do Piauí
Na Assistência Estudantil
Experiência que viveu
De forma ética e gentil
Acompanhava os alunos

Da Moradia Estudantil

Voltou para a capital
Foi redistribuída
Para trabalhar na UFPI
Chegou e foi acolhida
Cheia de experiências
Estava toda convencida

E nesse meio tempo,
Ingressou no Mestrado
Seria um campo novo
O coração animado
Escolheu a Educação
Para estudo aprofundado

Sobre a Casa de Zabelê
E sua questão cultural
Lá onde tantos jovens
Tem formação profissional
Em Moda e Serigrafia
Há mudança social

Tantos trabalhos a fazer
Artigos, livros lançados
Estudando e trabalhando
Objetivos alcançados
Período de grande cansaço
Mas os sonhos realizados

O Mestrado foi potente
Num grupo de estudo
Entrar na Roda Griô
Aprendia sobre tudo
E a questão do racismo
A moléstia deste mundo

Ao terminar o Mestrado
Queria algo a mais
Foi atrás do doutorado
Concorreu em editais
Por cerca de dois anos
Já não aguentava mais

Tentou várias seleções
Já pensava em desistir
Nas vagas não entrava
Mas queria persistir
Algo grande a esperava
Isto ela podia sentir

Justo no ano mais difícil
Passando por provação
Conseguiu a sua vaga
Foi explosão de emoção
Ingressou na UNICAMP
Agora aguenta coração

E grande foi a mudança
Felicidade e despedida
Morar em outra região
Buscar a benção prometida
Fazer o seu doutorado
Para transformar a vida

Mal o ano começou
Veio a triste notícia
As aulas foram suspensas
Por um vírus que afligia
E parava todo o mundo
Foi uma grande agonia

Retornou para o Nordeste
Aula pelo computador
Sair de casa nem pensar
Pois o vírus assustador
Espalhava dor e tristeza
Causava grande terror

Aula online e solidão
A vida está diferente
Ninguém sabe se termina
É preciso ficar crente
E com muita oração
Para não ficar doente

E o final desta história
É coisa que ninguém sabe
Retornar ao doutorado
Não será com normalidade
Vamos cuidar da saúde
Buscar viver com qualidade

Autoria: Leyllane Dharc Dias, 2020.

CORDEL DO RETORNO PRESENCIAL²

Parece lindo sonho
 Tudo que vou lhe contar
 Viver trancado em casa
 Esperar o vírus passar
 Era algo tão distante
 O vírus infectante
 Fosse possível controlar

Mas nada foi tranquilo
 Mortes, choros, depressão
 Usar máscara direto
 Bloquear a respiração
 Não podia abraçar
 Muito menos se beijar
 Ou dar aperto de mão

Tudo ficou diferente
 Aula pelo computador
 Encontros só virtuais
 E o pobre do professor
 Tendo que se desdobrar
 Para mode educar
 O estudante sonhador

Assistir aula deitada
 A câmera desligada
 Escondendo o pijama
 E a cama bagunçada
 A gente até admite
 Que do tal de *Google Meet*
 Já estava cansada

E tenhamos gratidão
 Ao povo da ciência
 Criaram umas vacinas
 Com muita eficiência
 Levaram imunização
 A toda população
 Foi um show de competência

Ainda existe resistência
 Parte da população
 Uns tais negacionistas
 Que merecem punição

² Cordel em sextilha escrito de março de 2022, quando a UNICAMP retomou as aulas presenciais, e eu retornava à cidade de Campinas (SP).

Falta coletividade
E responsabilidade
Com o futuro da nação

E ainda tem um cabra
Que se acha presidente
Não tem moral de nada
Só tem foba de valente
Renovei até o título
E o governo ridículo
Vai sair da minha frente

Um governo genocida
Que difundiu a tristeza
Junto com a pandemia
Houve aumento da pobreza
Trabalho não se encontra
O presidente pilantra
Só ofereceu incerteza

Mas esse ano tudo acaba
Vamos ter esperança
Dar fim à pandemia
E ao governo de matança
Só depende da gente
Ter futuro diferente
Que nos traga confiança

E assim nos retornamos
Ao formato presencial
Não consigo acreditar
Que momento especial
Vamos então colaborar
Participar e reinventar
O campo educacional

Autoria: Leyllane Dharc Dias, 2022

PASSO II – CAMINHOS CIRCULANTES QUE ATIVARAM A PERCEPÇÃO DA RETIRÂNCIA

2.1 “Nordeste é uma ficção... Nordeste nunca houve...”

[...] Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!
 Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
 Não sou da nação dos condenados!
 Não sou do sertão dos ofendidos!
 Você sabe bem: Conheço o meu lugar! (Conheço [...], 1979)

[...] Lugar hostil de gente tão pacífica
 Nordeste ficção científica
 É pobre, é seca, é criança raquítica
 Nordeste invenção política (Nordeste [...], 2021)

Tratar, pensar, questionar, refletir sobre/com o Nordeste e o seu povo nestes tempos são tarefas desafiadoras. Sigo as trilhas, os passos da minha (pés)crita, e estaciono no duro momento político que experienciamos para tecer necessárias reflexões. O ano era 2022. Já estávamos cansadas(es) e torturadas(es) tanto mental quanto socioeconomicamente de nadar nas águas fascistas que inundaram o Brasil desde 2016. Quase sem respirar (literalmente sem respirar, por conta do descaso do governo Bolsonaro também durante o período crítico da pandemia), deixamos o nosso último e esperançoso fôlego nas urnas.

Aqui escrevo em terceira pessoa, porque me refiro ao papel exercido pelas(os) nordestinas(os) nas últimas eleições. Nunca escondemos que o mapa da nossa região sempre foi tingido de vermelho-urucum. Também não é novidade que, por nossas escolhas democráticas, sofremos constantes ataques. É duro para as(os) demais brasileiras(os) compreenderem que a ideia de nação unida, harmônica e pacífica com as diferenças é algo inventado e naturalizado. Colocamos à prova essa unidade e deixamos evidente que aqui nunca houve coesão política, social, educacional, artística e cultural, e isso é um dado histórico que requer contextualização.

Primeiramente, lembramos que o Nordeste foi o local que demarcou o princípio da invasão e da colonização do Brasil. Foi nesta parte que “se deu o primeiro ato de terror dos devotos da dominação (colonizadores)” (Rufino, 2022, p. 67). Serviu de palco das maiores atrocidades, violências e desumanizações, como o sequestro e a escravização dos povos de África, em prol da exploração econômica. No entanto, como explica Durval Muniz Albuquerque Júnior (2017, n.p.), o “Nordeste como recorte regional, como uma identidade regional à parte nem sempre existiu, como faz crer quase toda a produção artística, literária e

acadêmica contemporâneas”. O que conhecemos como Nordeste é, na realidade, uma narrativa ficcional que começou a se estruturar no século XX, após a centralidade econômica que vivenciava no período colonial entrar em declínio, e ser transportada para a região Sudeste do país. A narrativa foi elaborada pelas elites agrícolas e agrárias nordestinas em função do descontentamento com a insuficiente assistência dada pela União com a crise econômica que a afetara (Albuquerque Júnior, 2017). No entanto, a questão (a ferida) é bem mais profunda.

A identidade regional do Nordeste ligada à ideia de miséria, vulnerabilidade social e sofrimento começou a ser delineada, como sugere Albuquerque Júnior (2017), na “Grande Seca” de 1877-1879 – nesse período o Nordeste como hoje é conhecido, enquanto região, ainda não era constituído; tudo era Norte. O fenômeno da “Grande Seca” era direcionado à experiência da província do Ceará (“grande seca cearense”). Do ponto vista climático, não apresentava novidade alguma ao que já se tinha experimentado desde o período colonial. A diferença é que essa seca ocorreu no período de forte crise econômica para as elites. Se antes a seca não as afetava (porque matava apenas animais e pessoas escravizadas), agora era imprescindível espalhar a nível nacional a situação que enfrentavam. Por isso foi chamada de “grande seca”, pela repercussão midiática que recebeu. A partir desse momento, as imprensas do Sudeste e do Sul começaram a chamar as(os) nordestinas(os) de flageladas(os) da seca e as elites agrárias se aproveitaram da representação reducionista e vulnerabilizante para angariar recursos para a região, que passaram a ser desviados. O constante desvio de verbas (destinadas para a construção de poços e açudes) por latifundiários nordestinos e paulistas ficou caracterizado como “Indústria da Seca”: enquanto pessoas pobres sofriam com a falta de água, as elites lucravam. Tudo acontecia pela via da corrupção. Essa retórica reverbera atualmente quando dizem que a região Nordeste sobrevive às custas dos impostos pagos pelas(os) contribuintes de outras regiões (Albuquerque Jr., 2017).

Segundo comenta Albuquerque Júnior (2022), é nesse momento que surge a figura da(o) retirante. Antes de tudo é figura percebida e marcada por uma corporeidade. A(O) retirante é um corpo, inicialmente. As descrições constantes em literaturas específicas são, fundamentalmente, físicas, de um ser depauperado, doente, famélico, cadavérico, macilento: “Um homem em farrapos, doente, macerado, um esqueleto andante, esperando os urubus virem devorar. Um homem retornado à condição de animalidade pela fome e pela sede” (Albuquerque Jr., 2017, n.d.) Então, desde as primeiras formulações, tanto nos jornais quanto na literatura, a(o) retirante é um corpo, uma corporeidade em degradação, esfacelada(o).

A figura da(o) retirante desponta, nesses moldes perceptivos, no século XIX, momento em que o darwinismo e outras teorias evolucionistas irrompem e visam estudar,

justamente, a corporeidade das pessoas. Na época, José do Patrocínio – intelectual negro, carioca, abolicionista, porém defensor da monarquia – escreveu “Viagens ao Norte”, série de nove artigos publicada no *Gazeta de Notícias*, principal veículo de informação do Império. Esses artigos, escritos em formato de narrativas e crônicas, tiveram grande impacto ao descreverem a degradação física e moral da(o) retirante. A(O) retirante é, portanto, alguém que se degrada física e moralmente. É figura depauperada do ponto de vista físico e, ao mesmo tempo, se apresenta como aquela que sofre profundas modificações subjetivas, distorções morais, perdas de valores, em muito se aproximando da animalidade. É quase um retorno à condição animal em algumas formulações. À medida que a necessidade física, o desejo de comer e beber, o deslocamento em busca de alimentos, passam a caracterizá-la(o), isso viola os aspectos morais. Os conjuntos de crônicas de José do Patrocínio delineiam a(o) retirante tanto no aspecto físico, quanto psicológico, subjetivo. A psicologia da(o) retirante é produto das suas condições e degradações físicas, da miséria (Albuquerque Júnior, 2022).

Porém não apenas as crônicas de José do Patrocínio contribuem para a formatação da figura da(o) retirante, como bem analisa Albuquerque Júnior (2022). José do Patrocínio conhece no Ceará o fotógrafo Joaquim Antônio Corrêa, dono de uma casa de fotografia em Fortaleza. Este vai fazer cerca de 14 fotografias de retirantes para José do Patrocínio.

Figura 7 – CORRÊA, Joaquim Antônio. Fotografias de Retirantes durante a seca de 1877-1878 no Ceará



Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiliana/browse?value=Corrêa%2C+J.+A.&type=author>.
Acesso em: 17 set. 2023.

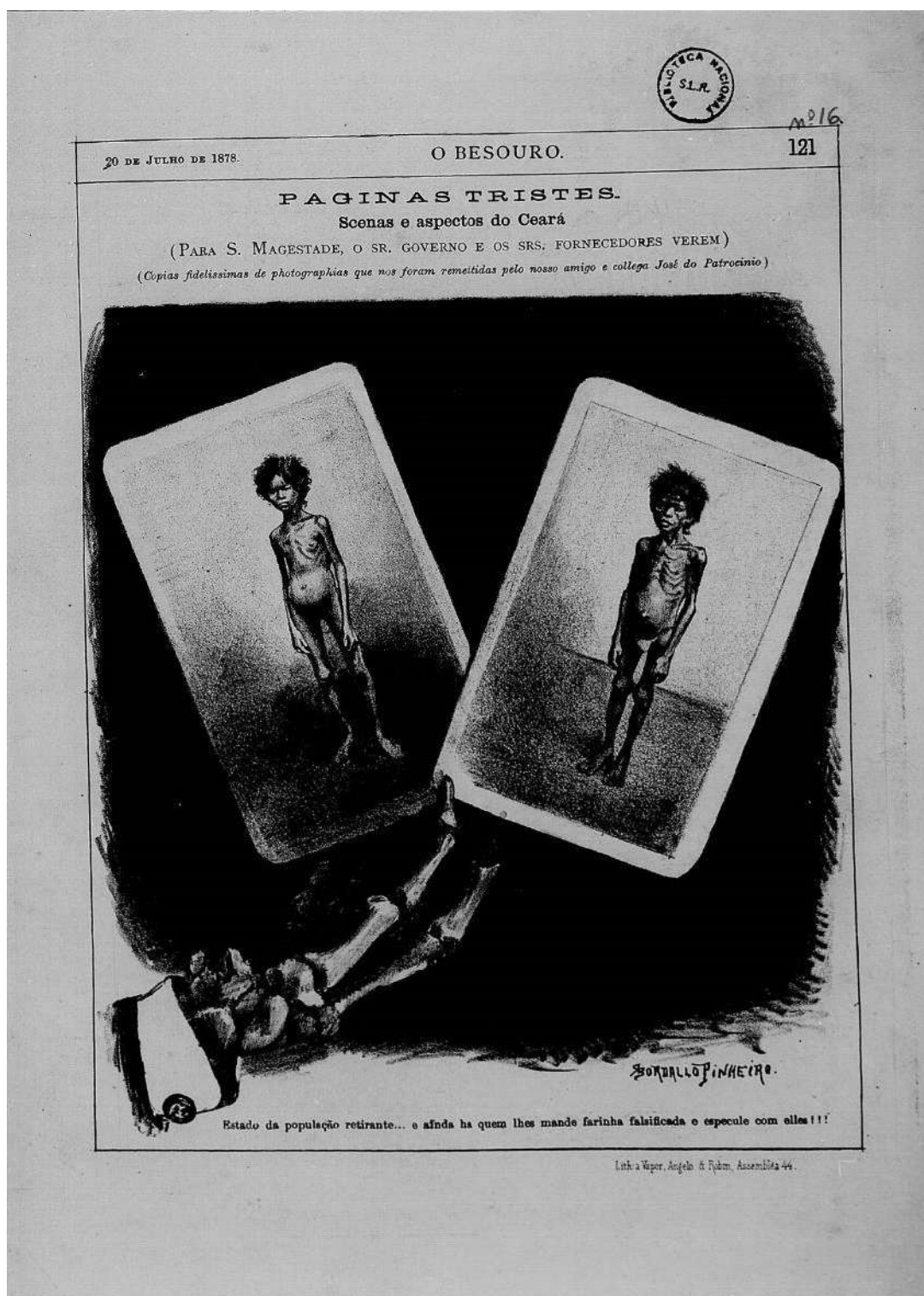
Figura 8 – CORRÊA, Joaquim Antônio. Fotografias de Retirantes durante a seca de 1877-1878 no Ceará



Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/brasiana/browse?value=Corrêa%2C+J.+A.&type=author>.
Acesso em: 17 set. 2023.

Duas dessas fotografias vão compor a charge do caricaturista português José Bordalo Pinheiro, e constarão na capa da revista *O Besouro*, edição de 20 de julho de 1878. A charge é representada por um esqueleto de paletó, que segura as duas fotografias das(os) retirantes. O objetivo era reforçar as denúncias feitas por José do Patrocínio.

Figura 9 – Capa da revista *O Besouro* de 20 de julho de 1878



A matéria tinha a seguinte titulação: *Páginas tristes: “Cenas e aspectos do Ceará (para S. Majestade, o sr. Governo e os srs. Fornecedores verem); (Cópias fidelíssimas de fotografias que nos foram remetidas pelo nosso amigo e colega José do Patrocínio)”*. A importância dada à visualização, transforma a(o) retirante em uma imagem. José do Patrocínio participa, então, da construção imagética da(o) retirante a partir dos textos jornalísticos e, fortalece o imagético ao fazer uso do registro fotográfico. As 14 fotos de retirantes foram adquiridas posteriormente por Dom Pedro II, e hoje fazem parte do acervo da Biblioteca Nacional (Albuquerque Júnior, 2022). Imaginem o que era tirar uma fotografia no final do século XIX, que exigia longo exposição em frente à câmera? Em análise das fotos é possível perceber que foram posadas. O fotógrafo prepara as pessoas para a foto. Percebam que são, em sua maioria, crianças, negras ou com traços indígenas. Corpos esqueléticos, pés descalços, algumas(alguns) agachadas(os) ou sentadas(os) no chão, características da subalternização e da incivilidade – “nas sociedades ocidentais, onde a postura ereta ou ‘de pé’ é uma medida de classificação e retidão moral, a posição de cócoras é reservada àqueles no menor degrau da escala social – párias, mendigos e suplicantes” (Ingold, 2015, p. 79). Pelas frases ritmadas constantes nas fotografias, que mais parecem cartões postais – um convite ao espetáculo da degradação – pretendem chamar a atenção, primeiramente, para a miséria que degenera as(os) corpos(corpos), como também para a desconfiguração familiar, com a existência de crianças órfãos – famílias desfalcadas pela fome.

A publicação da coleção de fotografias – diga-se de passagem, pioneira na utilização de fotografias como documentos comprobatórios de um fato na imprensa nacional (Andrade; Logatto, 1994) – contribuiu para dar materialidade à figura da(o) retirante, e vai servir, posteriormente, como elemento caracterizador de toda a população nordestina, principalmente, os que realizam migração, independente dos motivos. Imagens que vão, portanto, povoar o imaginário nacional. Por imaginário, Gutemberg (2021, p. 32) entende ser o “conjunto de significados erguidos a partir de nossas experiências. São imagens construídas com base nas informações obtidas pelas vivências anteriores”. O imaginário não diz respeito somente ao plano individual. Impregna, sobretudo, o coletivo, ou ao menos parte dele. Atravessa o escopo da imaginação, adentra o âmbito da memória, das perspectivas que nos estão enraizadas, experiências vividas, sentidas e compartilhadas ao longo do tempo (Gutemberg, 2021).

Durval Muniz (2022) considera que José do Patrocínio ousa mais ainda ao publicar, em 1879, a obra “Os Retirantes”, reconhecida como o marco inicial dos romances sobre as secas. Não acha suficiente a série de crônicas e as imagens divulgadas, ainda impulsiona a

elaboração de outros romances, que ficaram conhecidos como “Literatura das Secas”. Nos romances, as(os) retirantes enquanto massa pauperizada, não constituem as(os) personagens principais, mas sim as(os) proprietários de terra que, pela situação de estiagem, são obrigadas(os) a abandonar suas propriedades, a vender todas as suas posses, e migrar para o litoral. Albuquerque Júnior (2022) analisa que a maneira de narrar nestes romances é peculiar. São modelos narrativos baseados no conteúdo bíblico: no Êxodo e na Via-crúcis. São os modelos narrativos cristãos que vão fundamentar a literatura sobre as secas, construir a tradição de narrar o fenômeno da retirada e as(os) retirantes. Estas(es) aparecem como as(os) que atravessam o deserto, realizam o êxodo, abandonam suas propriedades e demais bens, em busca da terra prometida, que é o litoral, ou outras regiões do país. Vários dos livros que compõem a Literatura das Secas iniciam os capítulos com o título “O Êxodo”. Os demais capítulos são tratados como a Via-crúcis, a trajetória feita por Jesus fez entre o julgamento, condenação, tortura, Gólgota e crucifixão. A Paixão de Cristo, segundo o cristianismo. Os capítulos dos romances das secas funcionavam como estações da Via-crúcis, onde se percorria por entre os graus de degradação física e moral das(os) retirantes. No primeiro momento da história, por exemplo, a(o) retirante sobrevive com os mantimentos que carrega consigo durante a retirada. Na sequência, se alimenta da caça de animais – a figura do cachorro da família como aquele que ajuda na caçada é marcante nas narrativas. Depois, alimenta-se de carnes estragadas, carcaças de vacas que encontram pelos caminhos. E assim sucessivamente, até chegar no estado crítico de vender os membros da família em troca de comida, ou vir a falecer. Então, as narrativas das/sobre as secas são tratados lineares de esgotamentos físicos e morais, que em muito contribuíram para o processo de cristalização da imagem da(o) retirante no cenário nacional (Albuquerque Júnior, 2022).

Do campo literário, a imagem se expande para o cinema, teatro, música. Contudo, conforme análise de Albuquerque Júnior (2022), a(o) retirante é presença diminuta na história oficial do Brasil, ou seja, é figura invisibilizada, não citada na historiografia brasileira. A temática das secas e das(os) retirantes compõem a historiografia de estados do Nordeste e do Norte. Mas, não faz parte da grande história geral do Brasil. Nas referências clássicas e nos tradicionais compêndios de história, o fenômeno da seca e as catástrofes que a acompanharam, como a fome e a epidemia da varíola, não são mencionados, apesar de quase dizimarem a população da província do Ceará. De cerca de 900 mil habitantes em 1876, passou-se para 750 mil em 1881. Em níveis comparativos, a pandemia da covid-19 foi a única tragédia semelhante, que levou a óbito mais de 700.000 pessoas (Mota; Costa; Tombesi, 2021).

Apesar das proporções serem diferenciadas (hoje a população brasileira é bem maior que a do século XIX), o impacto da catástrofe da Grande Seca – que, muito além de configurar apenas desastre natural, veio associada por questões políticas, crise econômica e de saúde pública, corrupção e ausência de assistência à população (a pandemia de covid-19 também combinou esses e outros elementos) – não tem qualquer espaço na historiografia do Brasil. É impactante perceber, como considera Albuquerque Júnior (2022), que mesmo com a formação dos campos de concentração (anteriormente chamados de “currais do governo” ou abarracamentos) que reuniam milhares de retirantes que chegavam a Fortaleza, sem as condições mínimas de saneamento – fator que concorreu para a disseminação da varíola – e as elevadas taxas de mortalidade, não receberam qualquer menção na história oficial. As(Os) retirantes são tratadas(os) como seres sem rosto, uma massa de corpos e rostos anônimos. A(O) retirante que se faz presente na literatura, como rosto e nome, por exemplo, não é pertencente a camadas pauperizadas. Geralmente, é uma(um) proprietária(o) de terra, como já mencionei, que atingida(o) pela seca sai em retirada, e mistura-se com as(os) demais retirantes pobres, estes sim, anônimos e figurantes. E o motivo da seca de 1877-1879 ter se tornado a “Grande Seca”, e ter repercutido tanto, foi, justamente, o alcance à toda população, inclusive os de camadas mais elevadas. Em momentos anteriores já aconteceram secas, mas afetavam as(os) pobres, escravizadas(os) e indígenas.

A seca torna-se problema quando a elite é prejudicada. Aliás, os campos de concentração foram construídos para evitar que as(os) retirantes chegassem à capital cearense e contaminassem as elites com doenças. Segundo Albuquerque Júnior (2022), o corpo da(o) retirante precisa ser preso e contido nos campos de concentração, pois é visto como perigoso, seja por questões biológicas, de transmissão de doenças, seja por constranger os padrões morais da sociedade, seja por constituir ameaça política. As(Os) retirantes eram percebidas(os) como perigosas(os) porque se ajuntavam, invadiam palácios, saqueavam armazéns em busca de alimentos. Eram perigosos e, nestas circunstâncias (e pelas demais citadas) não poderiam fazer parte do corpo da nação e compor a história oficial do Brasil. Como corpos andrajosos, esqueléticos, macilentos, moral e politicamente ameaçadores poderiam ser retratados nas narrativas das(os) vencedoras(es), das(os) civilizadas(os)?

A(O) retirante seria, conforme Albuquerque Júnior (2022), uma(um) pária da nação brasileira. Uma contraposição extremada do que seria o modelo de cidadã(ão). O resto, que não dispõe de humanidade, não-humana(o), animalizada(o), incivilizada(o). Nega-se o papel desse contingente na construção do país. Estiveram presentes em obras de pontes, estradas, linhas

férreas. Tiveram suas mãos de obras exploradas(os) em troca de subalimentação. Corpos de tão esgotados, não suportavam a carga de trabalho em favor do nada, e desfaleciam.

A construção da imagem da(o) retirante, diante do explicitado, foi feita a partir da sobreposição e repetição de imagens negativas, de tudo que é ruim para a sociedade. Atinge o estado máximo da pobreza, da miséria absoluta. A negação da civilidade. Representa a parte do país que não deu certo, a falência, por isso não precisa ser citada. Quem cita e nomeia? Quem pode ser citado e nomeado neste país?

Nos estudos sobre migrações, que são amplos e ramificados, a(o) retirante constitui um tipo específico de migrante, que se desloca dentro do país (migrante interno), forçosamente, por não dispor de condições de permanência no seu local de origem, em virtude dos efeitos da estiagem prolongada. Contemporaneamente, como explicita Albuquerque Júnior (2022), a retirada não mais é notada. Percebemos, sim, a existência de migrantes, mas não nos moldes vigentes no final do século XIX e início do século XX. Aquela(e) que sai do seu local de origem, perambula nas estradas em condição de miséria, com o objetivo de “fugir” da seca já não se verifica, haja vista que as políticas sociais implementadas desde os anos 2000 – especificamente a partir do mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, e complementarmente no governo Dilma Rousseff – transformaram essa condição. O acesso a Programas de Transferência de Renda, como o Bolsa Família; Auxílios Emergenciais Financeiros, como o Bolsa Estiagem; Programa Luz para Todos; Programa Cisternas; aumento do salário-mínimo, dentre outras iniciativas e programas, tiveram grande impacto em várias regiões do país, principalmente no Nordeste, e viabilizaram a permanência das pessoas em seus lugares de origem. São dadas as condições para o enfrentamento das mazelas sociais. A(O) retirante enquanto experiência concreta pode ter desaparecido, mas no imaginário nacional é figura muito presente. As experiências migratórias vivenciadas por nordestinas(os), independente das motivações são assombradas pelo fantasma da(o) retirante. Não migramos apenas para sobreviver e/ou buscar melhorar de vida, “se o lugar onde nascemos nos dá o que queremos e precisamos, saímos de lá por opção, para realização de sonhos, não por necessidade de sobrevivência” (Silva, 2022, p. 32).

Retomo aqui a categoria “invenção” – presente na abertura deste Passo II, e muito utilizada pelo historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior (e outras(os) estudiosas(os)) quando analisa as questões referentes ao Nordeste brasileiro. Para Durval (2021; 2022), o mundo humano é inventado. Nada que é humano é dado, e sim construído. Relacionamo-nos por meio de conceitos, imagens, símbolos, linguagens. O nosso mundo é significado, interpretado, nomeado. E o ato de nomeação, é ato de criação e de invenção. Portanto, não é

equivocado dizer que o Nordeste é invenção e que a(o) retirante, por sua vez, também é. São inventivas simbólicas que ocorreram por meio de discursos e imagens. Albuquerque Júnior (2022), afirma que José do Patrocínio tratou a palavra a(o) retirante como neologismo, algo criado para nomear essa figura que emerge com a Grande Seca (1877-1879). Sobre isso, Lima (2021, p. 11) vai dizer que “o processo de subalternização e desumanização envolve a dimensão discursiva forjada nas relações políticas e hierarquizadas de poder, nomeando o ‘outro’ a partir de uma exterioridade, negando-lhe a condição de enunciação”.

Lembrei-me da reflexão realizada por Antônio Bispo dos Santos (Mestre Nêgo Bispo) em uma entrevista concedida para Dandara Dorneles (2021). Na ocasião, Nêgo Bispo compartilha que foi adestrador de animais por 10 anos. Nesse ínterim atentou para o fato de que a primeira ação do adestramento é a nomeação, colocar um nome no animal. Com essa percepção, compreende que quem nomeia detém poder sobre a(o) nomeada(o). Paralelamente, reflete que nominar é uma maneira de colonizar. A colonização foi processo de “dar nome a”, a fim de generalizar, coisificar, desumanizar.

O estranho é que mesmo pensando ter chegado às Índias, logo denominaram essa terra de Monte Pascoal. Ao perceber que não era um monte, chamaram-na Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, por último, Brasil. Mais estranho ainda é que os povos aqui encontrados como, por exemplo, os povos de língua tupi que chamavam essa terra de Pindorama (Terra das Palmeiras), continuam sendo chamados de índios. Como sabemos, esses povos possuem várias autodenominações. Os colonizadores, ao generalizarem apenas como ‘índios’, estavam desenvolvendo uma técnica muito usada pelos adestradores, pois sempre que se quer adestrar um animal a primeira coisa que se muda é o nome. Ou seja, os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar (Santos, 2015, p. 20).

Em vista disso, quando se analisa o Nordeste enquanto invenção é preciso que voltemos nossa atenção para quem discursa e dá os nomes. Quem inventou o Nordeste? Foi pela boca de quem? O Sul e o Sudeste não seriam também invenções que se nomeiam pela criação da(o) outra(o), da(o) subalterna(o)? As histórias situadas aqui sobre a criação da figura da(o) retirante não representam o outro nomeando e falando sobre o que é ser retirante, o que é ser nordestina(o)? Nossas histórias não estariam sendo contadas (há séculos) apenas de um ponto de vista, e da maneira que os outros querem ouvir? As fotografias feitas das(os) retirantes e as legendas nelas dispostas, não seriam as ferramentas que legitimam o padrão de poder que nos oprime e nos aprisionam na zona do não-ser, da não-existência, como sugere Franz Fanon (2020)?

Os questionamentos mobilizados são para provocar a pensar onde/como/quem cobriu os nossos pés a ponto de não enxergarmos, sentirmos e percebermos que fazemos parte da cultura do assédio, como explicita Maria Sueli Rodrigues (2022). A autora considera que o colonialismo, que se torna colonialidade, adota como estratégia de dominação a pedagogia da sedução e do assédio. A ação é permanente e interfere em todos os espaços e pensamentos. Somos assediadas(os) constantemente, em tudo que fazemos, somos, estamos e vivemos. A finalidade da modernidade, apregoada pela narrativa de quem quer e pode comandar ou não, centra-se na subjetividade. Quem deve comandar tem a sua subjetividade elevada ao máximo. Já as pessoas a serem comandadas veem suas subjetividades serem atacadas – seja em âmbito educacional, cultura. O assédio e a sedução do projeto de modernidade têm cumprido bem o seu papel.

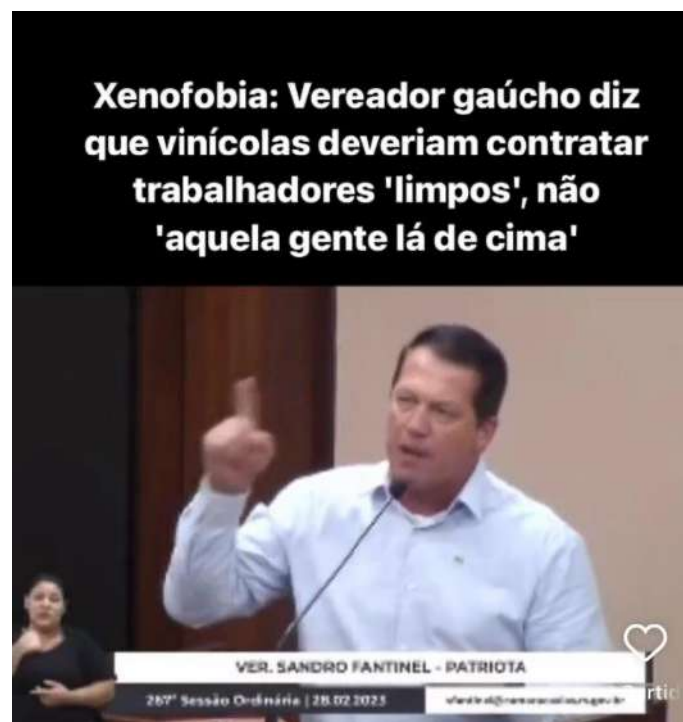
Pelo assédio tudo é feito e tornado inferior ao que determina. Inclusive, “a Europa foi construída a partir da negação dos seres da América Latina, África e Ásia colonizada. A Europa era bárbara e se fez superior pelo assédio, pela enganação, rompendo com a ética de guerra” (Rodrigues, 2022, p. 54-55). As regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste não seriam narrativas que se fazem superior a partir da negação do Nordeste e do Norte? Conseguiram nos assediar da pior forma, pelo pensamento. Queremos ser como os nossos opressores. Eles estão certos em dizer como somos, vivemos, pensamos. Atendemos aos roteiros prontos. A pedagogia da sedução e do assédio nos escraviza de forma permanente. Trata de inferiorizar, atacar e apagar a cultura que se pretende dominar. A dificuldade em enfrentá-la é porque não há responsáveis. A responsabilidade, tornada natural, é de quem sofre (Rodrigues, 2022). É o tipo de relação que autoriza as seguintes falas:

Figura 10 – Matéria divulgada no dia 19 de junho de 2023 sobre a fala de José Múcio, Ministro da Defesa



Fonte: <https://www.instagram.com/jornaloglobo/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Figura 11 – Matéria divulgada no dia 28 de fevereiro de 2023 sobre a fala do vereador do Rio Grande do Sul, Sandro Fantiel



Fonte: <https://www.instagram.com/portalclickpb/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

Figura 12 – Charge de Bruno Struzani sobre a fala de Romeu Zema, Governador de Minas Gerais. Compartilhada no dia 04 de junho de 2023



Fonte: <https://www.instagram.com/desenhoadino/>. Acesso em: 22 jun. 2023

Figura 13 – Matéria divulgada no dia 08 de agosto de 2023

Falas de Zema animam separatistas e grupo propõe "muro" separando Norte e Nordeste do resto do país

08/08/2023 14:42

Suetoni Souto Maior



Fonte: <https://suetonisoutomaior.com.br/falas-de-zema-animam-separatistas-e-grupo-propoe-muro-separando-norte-e-nordeste-do-resto-do-pais/>. Acesso em: 21 set. 2023.

A autorização para esses discursos também pode ser compreendida pelo que Boaventura de Sousa Santos (2010) considera como pensamento abissal, que consiste no sistema de distinções entre visíveis e invisíveis, em que os invisíveis fundamentam os visíveis. É a lógica do pensamento moderno ocidental, que divide a realidade social em dois universos distintos: o “deste lado da linha” (visíveis) e do “outro lado da linha” (invisíveis). A proposta é que tal divisão faça desaparecer “outro lado da linha” enquanto realidade, ao ponto de produzi-lo como inexistente. Tornar algo inexistente significa manipular o jogo do poder para criar não-existências sobre qualquer pretexto compreensível e relevante, a fim de excluir de forma radical aquilo que é considerado como o “outro”.

A impossibilidade de co-presença dos dois lados da linha é característica fundamental do pensamento abissal. A realidade relevante encontra-se “deste lado da linha”. No “outro lado da linha” há apenas a inexistência e a invisibilidade. O pensamento abissal moderno se propõe a produzir e radicalizar distinções, que, na realidade, produzidas por “este lado da linha”, e que, combinadas, tornam invisível a linha abissal que as fundam. Ou seja, é o fundamento que estabelece e mantém os espaços e narrativas hegemônicas como norma. A normalidade que, traiçoeiramente, viabiliza que os discursos e as imagens – como os constantes nos recortes de reportagens acima e nas fotografias-postais de retirantes que compartilhei no início do texto – sejam tratados como verdade, e atuem como dispositivos de exclusão, subalternização e de produção de ausências – ausência de humanidade, a sub-humanidade moderna. “A humanidade moderna não se concebe sem uma sub-humanidade moderna” (Santos, 2010, p. 39). Eis a narrativa sedutora.

“A pedagogia da sedução e do assédio conduz a nossa condição de subalternidade” (Rodrigues, 2022, p. 64). A possibilidade de enfrentamento está na nossa coragem de libertar os pés, de nos (re)conectar com as nossas existências, questionar, (des)aprender o aprendido, (re)aprender, enfrentar o imaginário colonizado que em nós habita e que se faz presente por meio de imagens, símbolos, narrativas, transformar o nosso olhar, ouvidos e bocas e compreender o que nos afeta, a fim de (re)criar outros mundos.

A investigação que desenvolvo é para viabilizar a reflexão de que podemos escolher rotas, passadas e imagens para além das que nos foram impostas. Sem perder de vista esta condição, e verificar o que já foi escrito (ou não) sobre a temática, realizei revisão de literatura nos meses de junho, agosto e setembro de 2021; fevereiro, março e abril de 2022; janeiro e fevereiro de 2023. Desprendida da clausura de buscas rigorosas e exaustivas, compartilho os resultados da revisão.

2.2 Circular pela Revisão de Literatura

As etapas do processo de revisão de literatura que realizei foram as seguintes:

Etapa 1 – Definição das palavras-chaves ou descritores: a partir do problema de pesquisa (Como elaborar uma noção de *Retirância* a partir das narrativas de universitárias(os) que experienciam o processo migratório para estudar na UFPI?), foram escolhidas e combinadas as seguintes palavras-chaves a serem pesquisadas nas bases de dados: migração estudantil; migração; retirante; narrativas; imagens. **Etapa 2 – Acervos/bases de dados pesquisados:** foram escolhida(o)s: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD-IBCT) e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, por serem de âmbito nacional; e repositório da UFPI. **Etapa 3 – Critérios de inclusão e exclusão:** *inclusão* de estudos que tangenciam a minha pesquisa e *exclusão* de trabalhos que se distanciam do âmbito definido. **Etapa 4 – Organização da literatura:** filtrar, organizar e analisar a literatura (Como isto se relaciona, tangencia e dialoga com a minha pesquisa?).

A consulta foi iniciada em modo de “*pesquisa avançada*” e “*todos os campos*” na base BDTD/IBCT. Todo o procedimento que descreverei foi replicado no acervo da CAPES e no repositório da UFPI. Optei por iniciar a pesquisa com a escolha de termo mais alargado – *migração* – até ser possível cruzar palavras para, na sequência, desenvolver uma pesquisa mais refinada e precisa. Não estabeleci recorte temporal e filtrei a pesquisa para trabalhos feitos na “*área de conhecimento Educação*”, “*área de concentração Educação*” e “*Programas de Pós-Graduação em Educação*”.

Por *migração* ser um termo ampliado, a pesquisa apresentou 6.955 produções na base IBCT e 8.006 no acervo da CAPES. Várias tipologias de migrações foram reveladas: migração de retorno; migração internacional; migração latino-americana; migração e distribuição de renda; migração e política; migração de redes e sistemas; migração e doenças; migração e análise literária; migração e trabalho; migração e fronteira; migração de mulheres; migração e densidade populacional; migração e direito; migração e mudanças climáticas.

Pela amplitude dos resultados, delimitar, cruzei e combinei as pesquisas com as palavras-chaves: migração nordestina; retirante; migração estudantil; narrativas; imagens. Com a definição das palavras-chaves, estabeleci os seguintes critérios de inclusão e exclusão: priorizei trabalhos que tratavam de migração nordestina e migração estudantil, a partir das experiências, memórias e narrativas, e que fossem da área da Educação e de programas de pós-graduação em Educação. As dissertações e teses que não obedeciam ao âmbito definido pelos

critérios de inclusão foram desconsideradas. A seguir apresento como foram selecionados e tratados os resultados das pesquisas, a partir dos cruzamentos e filtragens.

Como mencionei, nas buscas utilizei os filtros “*área de conhecimento Educação*”, “*área de concentração Educação*” e “*Programas de Pós-Graduação em Educação*”. Ao inserir *migração nordestina*, o acervo BDTD/IBCT apresentou 3 resultados: 1) a dissertação *A diáspora nordestina e a escola: entre a dispersão e o encontro*, de autoria de Mário Sérgio Teixeira de Oliveira, defendida no ano de 2004 na Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ, que objetivou estudar a produção de sentidos da educação para as alunas e alunos da EJA de escola pública do estado do Rio de Janeiro e como esses ressignificam o conceito de cidadania associado à escolarização. Para isso, utilizou dados demográficos e escolares dos participantes da pesquisa. Pela análise dos resultados, foram identificados processos de migração de estudantes vindos do Nordeste; estratégias de sobrevivência por parte desses estudantes que migram; a rede de solidariedade que envolve as soluções em termos da busca do trabalho na metrópole e das relações afetivas; o valor atribuído por estarem na escola e ao permanecerem neste espaço; e a construção de um sentido de pertença social e de cidadania. 2) A tese *Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico* é um estudo etnográfico com estudantes, famílias, comunidade escolar e comunidade externa de escola localizada na cidade de Rio das Pedras (RJ), de autoria de Antônia Valbênia Aurélio Rosa. Foi defendida no ano de 2019 e é vinculada à UERJ. A tese visou questionar como se dava a construção social da escola, a partir da mobilidade dos sujeitos do Nordeste para o Rio das Pedras. Os participantes da pesquisa eram estudantes descendentes, em sua maioria, de nordestinas(os), ou sendo elas(es) os próprias(os) imigrantes, e residentes na comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. 3) A dissertação *Memória de migrantes: onde viver o fazer faz o saber*, de Marilene Marzari Ribeiro, defendida ano de 2004 na Universidade Católica de Goiás, visou conhecer como os migrantes e/ou seus descendentes ensinavam e aprendiam ao longo da história de formação da sociedade de Barra do Garças (MT), que foi sendo constituída a partir de processo de migração, principalmente de nortistas e nordestinas(os).

A base de dados da CAPES apresentou 44 resultados para a pesquisa *migração nordestina*. No entanto, as temáticas eram diversificadas. Não se restringiam à migração nordestina, mas principalmente a migrações internacionais. Selecionei 2 trabalhos que tangenciavam minha pesquisa: 1) a dissertação *Assistência Estudantil na educação superior: a permanência de estudantes migrantes da UFMS*, de Carolina Maria Paixão Araújo, defendida no ano de 2021 na UFMS, buscou analisar a efetivação da Assistência Estudantil no atendimento a estudantes migrantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, por meio de pesquisa

qualitativa, com base em documentos oficiais, produções científicas e dados quantitativos. A proposta era verificar como a UFMS, especificamente o Campus de Nova Andradina, operacionaliza a Assistência Estudantil para viabilizar a permanência de estudantes migrantes nos cursos de graduação. 2) A tese *No vai e vem da esperança: um balanço dos processos migratórios a partir dos saberes e dos aprendizados populares no nordeste brasileiro*, de Verônica Pessoa da Silva, defendida no ano de 2013 na UFPB, versa sobre as trajetórias de vida marcadas pela experiência da migração. Para isso, utiliza como recursos teórico-metodológicos a abordagem qualitativa o Paradigma Indiciário, a Observação Participante e a História Oral. A pesquisa possibilitou refletir os saberes e aprendizados gestados nos processos migratórios, especialmente no Nordeste brasileiro, a partir da escuta das(os) migrantes que participam dos programas e projetos desenvolvidos pelo SPM NE; esses relataram suas experiências migratórias por meio de entrevistas semiestruturadas.

A sequência da pesquisa foi realizada por meio do cruzamento das palavras-chaves. Combinei as palavras *migração nordestina + retirante*. Continuei com os filtros “*área de conhecimento Educação*”, “*área de concentração Educação*” e “*Programas de Pós-Graduação em Educação*”. O acervo BDTD/IBCT não apontou resultados. A base de dados da CAPES revelou os mesmos 44 estudos apresentados na pesquisa que utilizei apenas o termo *migrante nordestino*. Compreendi que havia esgotado essa pesquisa e parti para a próxima combinação de palavras: *migração nordestina + imagens*. O acervo BDTD/IBCT, novamente, não apontou resultados. Já o acervo da CAPES apresentou 1.308 estudos. No entanto, eram resultados de estudos sobre diversas temáticas. Pela busca, não localizei trabalhos que versavam sobre as imagens de migrantes nordestinas(os). Aproveitei a sequência de pesquisa e combinei *retirante + imagens*. As duas bases não encontraram estudos na área da Educação. Como utilizei a proposta da imagem, refinei a pesquisa para o campo das artes e localizei uma dissertação, defendida no ano de 2013, no Programa de Pós-Graduação Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte: *Dramaturgia da Seca: escrita teórico-prática sobre as imagens do retirante na literatura e no drama como operações estético-políticas*. A dissertação, de autoria de Edilberto da Silva Mendes, investigou a relação estética-política, processo dramático-imaginário a partir da reescrita ficcional do fato histórico da seca no Nordeste brasileiro e buscou compreender e problematizar a sensibilidade para com a pobreza e a exclusão social do retirante em obras literárias e na dramaturgia teatral. A pesquisa realizou um experimento de criação dramática para retomar a figura do retirante.

Combinei, em seguida, as palavras-chaves *migração nordestina + narrativa*. Na base BDTD/IBCT não foram localizados trabalhos no campo da educação. O acervo da CAPES

mostrou o total de 995 estudos, no entanto alguns deles repetidos e já selecionados além de outros que em nada tangenciam a proposta da minha pesquisa. No cruzo entre *migração estudantil + narrativas*, o BDTD/IBCT não localizou trabalhos. Pelo refinamento da pesquisa, foram localizados 1.021 trabalhos. As temáticas eram diversas e, em sua maioria, não tratavam de migração. Decidi trocar o termo *migração estudantil* por *migração universitária*. A base BDTD/IBCT localizou uma dissertação, defendida no ano de 2017, na Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS): *Imigrantes e refugiados na perspectiva da Política Nacional de Extensão Universitária: estudo de caso de um projeto de extensão em uma instituição federal de ensino superior*, de autoria de Carlos Alberto Lima Talayer, e que analisou as possibilidades de formulação e execução de políticas migratórias junto a refugiados e imigrantes senegaleses, por meio de ações inclusivas de extensão na UFSM, utilizando entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo.

Verifique, durante as buscas nos acervos, que os trabalhos que discutem migração estudantil em outras áreas de conhecimentos priorizam análises sobre migração estudantil internacional. Foi localizada apenas uma pesquisa que trata de migração estudantil na realidade brasileira e na área da educação: a dissertação *Assistência Estudantil na educação superior: a permanência de estudantes migrantes da UFMS*, mencionada anteriormente. O acervo da CAPES apresentou 1.768 resultados, mas a maioria deles versavam sobre experiências diversas em ações de extensão, não sobre migração.

No repositório da Universidade Federal do Piauí (UFPI) procurei, em status de “*busca avançada*”, por Teses e Dissertações que apresentavam a proposta da *migração*. Dos 47 resultados encontrados, a maioria era referentes ao campo da saúde e da área tecnológica. Apenas uma dissertação era da área da Educação, defendida no ano de 2018: *As representações sociais partilhadas por professores acerca da interação entre alunos migrantes e nativos do Colégio Agrícola de Bom Jesus – PI*”, de autoria de Maria Angélica Piauilino da Cruz. O estudo utilizou como referência a teoria das Representações Sociais para compreender o que representam os professores acerca dos estudantes migrantes em suas práticas em sala de aula. Como instrumento de coleta de dados, a pesquisadora utilizou a entrevista semiestruturada e estabeleceu análise de conteúdo por meio da técnica de análise de categorias. Selecionei, ainda, uma tese de doutorado em Políticas Públicas, do ano de 2021: *Identities juvenis rurais em trânsitos migratórios para o trabalho na construção civil em São Paulo: um estudo sobre a localidade São Mateus, Castelo do Piauí – PI*”, de autoria de Maria Aparecida Milanez Cavalcante. A pesquisa foi realizada em município piauiense com vistas a compreender as identidades juvenis rurais a partir de processos gerados com a migração para São Paulo.

Utilizou o método etnográfico, com uso de diário de campo, fotografias, entrevistas individuais e grupais. Os resultados apontaram que o processo migratório para a metrópole é visto como desafio cotidiano de compreensão da nova realidade em que as(os) jovens se inserem.

Na pesquisa e aferição dos resultados, à luz dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados um total de 4 teses e 5 dissertações, sintetizadas e organizadas no modelo do quadro referencial que segue:

Quadro 1 – Quadro da Revisão de Literatura³

Ano de publicação	Autor(a)	Título	Tipo (Dissertação ou Tese)	Área de Conhecimento/Instituição	Acervo/Base	Conteúdo/Resumo

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O processo de revisão de literatura, etapa importante para situar as lacunas (ou seja, aquilo que está em sintonia com o que pesquiso, mas que não analisado na perspectiva que proponho) e dar originalidade à investigação, viabilizou as seguintes elaborações e sínteses: a temática da migração é abrangente, com múltiplas análises empreendidas em contexto nacional e internacional. Há trabalhos que abordam as experiências e memórias das(os) migrantes nordestinas(os), mas atrelam as análises aos grupos familiares, e a redes de sociabilidades. Apenas uma pesquisa questionou as imagens e representações da(o) nordestina(o), da seca, da(o) retirante na literatura e na dramaturgia teatral. Quando tratam da migração estudantil, focam em experiências de estrangeiros em universidades brasileiras ou em brasileiros em universidades estrangeiras. São, em sua maioria, pesquisas de abordagem qualitativa, com uso de entrevistas semiestruturadas para produção de dados, empregam categorização e análise de conteúdo. Não localizei pesquisas com abordagem narrativa (auto)biográfica.

Situei a revisão de literatura para dizer que desenvolvo uma pesquisa original. Contudo, o que valorizo é a relevância e a possibilidade de contribuição para elaboração de outros estudos, outras narrativas, outras imagens que fortaleçam as(os) nordestinas(os), estudantes e demais pessoas migrantes, contra práticas discriminatórias, reducionistas, simplificadoras, estereotipadas:

Embora retirantes, essas imagens estão indelevelmente gravadas, fixadas em nosso inconsciente, enquanto povo e enquanto cultura. Quanto mais elas migram, quando mais elas se deslocam, mais elas nos assombram com suas presenças. Elas se retiram, mas deixam em seu lugar a sensação da enorme dor e injustiça que as permitiram ser

³ O quadro preenchido pode ser encontrado no Apêndice B desta tese.

pensadas e escritas. Imagens retirantes, no entanto, imagens revoltantes (Albuquerque Jr., 2017, p. 250).

Esta tese tem posições (des)coloniais. É força que movimenta nossa ação questionadora, com vistas a (re)pensar, de forma crítica, a realidade que estamos inseridas(es), e buscar desnaturalizar o imaginário, para revelar a potência das nossas existências. Retomo a vitória de Luís Inácio Lula da Silva nas eleições presidenciais de 2022, para (re)lembrar ao Brasil que foi o Nordeste que recuperou a democracia. Foram 69,34% de votos contra o fascismo, o genocídio, o ódio. Nosso histórico é de (re)existência e nada apaga isso. As nossas maiores referências são Esperança Garcia, Dandara, Maria Firmina, Francisca Trindade, Maria Felipa, Maria Quitéria, Maria da Inglaterra... Os nossos passos vêm de longe. A resistência se dá pelas nossas existências. Lutamos com o nosso voto e com as nossas palavras: “Eu pego a caneta, tu pega a arma, eu conquisto na palavra e tu dispara, eu atinjo várias e tu, apenas um, a gente vai crescendo até caber em lugar nenhum” (Blue, 2019, p. 38). Parece que não somos mais retirantes da narrativa ilusória da seca. Nesta pesquisa reivindicamos a *Retirância*, enquanto modo de existência, para acessar, caminhar, permanecer na universidade, realizar os nossos sonhos.

2.3 Migração para o espaço colonial da universidade

Conforme mencionei, sou assistente social, e atuo no campo da Assistência Estudantil desde o ano de 2013. Minha primeira experiência na área ocorreu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI, *campus* Uruçuí-PI, no qual permaneci por quase um ano e meio. O IFPI abrange 21 *campi* espalhados pelo estado. Destes, apenas o *campus* de Uruçuí dispunha (dispõe) do benefício da Moradia Estudantil. Na época, fui a primeira assistente social do *campus*, e recebi a incumbência de organizar o benefício da moradia, que até então era algo “informal”. Consistiam em dois alojamentos construídos, a princípio, para servirem de local de repouso às(aos) estudantes que precisassem passar o dia todo na instituição. Não contavam com móveis, somente alguns poucos beliches. Ou seja, o uso do espaço objetivava ser momentâneo, provisório, sem exigências de inscrição para ingressar, ou qualquer outro critério. Nesse ínterim, como a maioria das(os) discentes eram provenientes de cidades vizinhas a Uruçuí, e precisavam se deslocar cotidianamente para assistirem as aulas – o que era muito dispendioso, tanto física quanto financeiramente – os alojamentos começaram a ser ocupados de modo permanente, e não mais utilizados para o descanso, em curto período.

Controlar o acesso tornou-se difícil. Houve aumento explosivo da capacidade dos alojamentos. Em consequência, ninguém (em caráter administrativo) ousava se envolver com algo que, de repente, viera a se tornar o principal problema do *campus*. Quem eram essas(os) estudantes? Quantas(os)? De quais cidades provinham? Como chegaram na instituição? Não era possível responder. Quando iniciei meus trabalhos no IFPI, lembro do quanto fiquei impactada com a situação das(os) residentes, e de como era urgente transformar os alojamentos em benefício de assistência estudantil. Foi desafiador. Recordo dos encontros constantes que precisei realizar a fim de conhecer as(os) estudantes, saber em quais cidades residiam, quais suas principais demandas, enfim, conhecer suas histórias. Paralelamente, documentei toda a realidade vivenciada e levei à reitoria que, até então, desconhecia a situação. No encontro de Assistentes Sociais do IFPI relatei os desafios enfrentados e sai de lá com todo apoio possível. Criei uma comissão e, junto com outra(o)s profissionais do IFPI-Uruçuí, elaboramos o Estatuto da Moradia Estudantil. O que antes era alojamento, tornou-se um programa oficial da Política de Assistência Estudantil do IFPI (POLAE). Orgulho-me dessa trajetória, e da transformação efetivada com o intuito de viabilizar o acesso ao direto àquelas(es) estudantes que saíram de suas cidades de origem para estudar. Apesar de toda mobilização no IFPI, foi somente na UFPI que passei a refletir mais detidamente sobre um fenômeno o qual designei (designo) de migração estudantil.

Do IFPI fui redistribuída, em 2014, para UFPI, *campus* Ministro Petrônio Portela, na capital Teresina, sendo lotada na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários – PRAEC, setor que administra e concede benefícios de Assistência Estudantil a discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, conforme dispõe o Decreto nº 2.734/2010 (PNAES – Programa Nacional de Assistência Estudantil). Pela experiência vivenciada no IFPI, fiquei com a incumbência de acompanhar a Residência Universitária (REU) e, posteriormente, o Auxílio Residência (AR), dois benefícios direcionados especificamente para atender estudantes provenientes de outros locais da federação. A demanda por estes benefícios é consideravelmente grande, haja vista que a maioria das(os) discentes que procuram a PRAEC realizam movimento migratório, isto é, saem das suas cidades de origem para acessar a universidade.

No cotidiano de trabalho iniciei uma trama de reflexões, principalmente no sentido de compreender o que seria e o que significava esse deslocamento para a universidade, espaço criado para não receber e acolher as(os) nossas(os) corpos(corpos) e epistemologias. Paralelamente, eu saía do Nordeste para acessar uma universidade da região Sudeste do país, para fazer doutorado. Percebo-me como estudante-pesquisadora migrante também. Foi nesse

movimento que me percebi “diferente”, por ter outra ligação regional. Descobri-me nordestina e piauiense pelo olhar do outro. O conjunto das experiências citadas me fizeram compreender que ainda povoam no imaginário nacional aquelas imagens de retirantes, que precisam deixar as suas casas para não morrer de fome. Quando uma(um) nordestina(o) migra, seja qual for o motivo, a narrativa que prevalece é a da necessidade de sobrevivência. Migrar para estudar, para acessar a universidade, por exemplo, é incompreensível para muitas(os):

É como se o mesmo preconceito que ataca pelo anonimato da internet e de redes sociais, ou que se personifica em atitudes, comentários e ‘brincadeiras’ cotidianas, destina-se não apenas ao subemprego nas portarias, nos canteiros de obras, nos canaviais, mas também tenta se deslocar do centro da prática intelectual, da detenção da fala nas universidades e na produção científica, da proa do desenvolvimento de linguagens artísticas, assim perpetuando a clandestinidade do saber (Aires, 2019, p. 97).

A universidade, enquanto lugar que manifesta as marcas coloniais e elitistas, parece não nos reconhecer como pertencentes ao seu espaço. Conforme afirma Silva (2018), o ensino superior brasileiro é criação que fortalece o colonialismo, haja vista ser o lugar de reprodução do conhecimento a partir da colonialidade do ser, do poder e do saber, que viabiliza a sustentação do eurocentrismo e consolida o racismo e o sexismo. Lima (2021) compreende o universo acadêmico como ambiente de produção simbólica e de validação de “linguagens que dizem sobre”, o lugar político que, alinhado à geopolítica do conhecimento moderno que opera a partir de uma matriz colonial do poder, institui autoridade com perspectivas universalistas e excelência discursiva, que subjuguem seres e outras chaves de compreensão de mundo, produzidos como inferiores.

Criada no século XX, a universidade brasileira configura a materialização do prestígio e do poder ao ser cenário de disputas e interesses das elites e classes médias brancas. O ensino superior brasileiro, criado por D. João VI, tinha a finalidade de reproduzir o domínio colonial e epistemológico ao importar teorias europeias de conhecimento e civilidade. Desse modo, apesar de já estar independente política e administrativamente, o Brasil importava outras colonizações, que reforçavam o eurocentrismo (Silva, 2018). A lógica acadêmica foi formatada, portanto, para (re)produzir o monopólio ciência moderna, tomada como verdadeira e universal. As demais possibilidades de conhecimento são compreendidas como formas não-científicas, irrelevantes, que, no máximo, podem servir de matéria-prima para a formulações e experimentos científicos.

Preencher as cadeiras da universidade era privilégio de pessoas em situação econômica, racial e de gênero hegemônicas. Inclusive, a primeira legislação brasileira que previa cotas para acessar a universidade pública não foi direcionada a negros e pobres. A

denominada Lei do Boi (Decreto nº 63.788, de 12 de dezembro de 1968), garantia reservas de vagas, em escolas técnicas e universidades, às(aos) filhas(os) de donas(os) de terras, fazendeiras(os). Como explicita Rosinha (2017), foi lei criada e destinada às elites rurais; só elas teriam condições socioeconômicas de manter suas(seus) filhas(os) na cidade para estudar. As demais pessoas precisariam das(os) filhas(os) consigo para trabalhar na lavoura e garantir o sustento da família. A lei pouco conhecida, afinal era restrita a determinada parcela da sociedade brasileira, foi revogada apenas no ano de 1985. Foram anos de privilégios. Enquanto as(os) filhas(os) das(os) donas(os) da Casa Grande estudavam, as(os) da Senzala trabalhavam para mantê-las(os) na cidade e na universidade (Rosinha, 2017).

Pelas heranças do Brasil escravocrata, as pessoas negras não foram autorizadas a acessarem os estudos. A primeira Constituição do país (1834), preconizava que a instrução primária era gratuita para todos os cidadãos. Contudo, os povos escravizados não eram considerados cidadãos, logo não poderiam estudar (Vidica, 2023). As(Os) escravizadas(os), quando da Abolição, não tiveram direito ao mínimo, a nada. Nem moradia, nem educação. Nada. Não houve qualquer tipo de reparação, qualquer política que visasse minimizar os efeitos da escravização. Foi um silêncio secular do Estado brasileiro.

O Movimento Negro foi protagonista na luta pela (des)colonização do padrão racista e eurocêntrico do contexto acadêmico. Reivindicaram a implementação de políticas de Ações Afirmativas, com vistas a promover a igualdade de oportunidades, por meio da criação de mecanismos que diminuíssem – ou até mesmo liquidassem – as hierarquias raciais e sociais que fundamentam discriminações e exclusões (Mattos, 2019). Como diz Vidica (2023, n.p.), “na teoria, é lindo dizer que a educação é a base de tudo. Concordo que ela seja. Mas a educação também é a base de muitas desigualdades”. As trajetórias educacionais não são as mesmas. Muitas(os) não tiveram (têm) acesso à educação básica de qualidade, ou precisaram enfrentar grandes e perigosas distâncias para chegar na escola (quando não mudavam de cidade, porque na sua não dispunha sistema educacional estruturado), não tinham energia elétrica em casa para estudar, no contraturno da escola necessitavam trabalhar para prover o sustento da família... E há quem diga que só não consegue entrar na universidade quem não se esforçou e se dedicou.

A Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012), integrante das políticas de Ações Afirmativas, objetiva realizar uma reparação histórica por meio da reserva de metades das vagas nas universidades para atender critérios de raça, renda e deficiências. Apesar da sua importância, o acesso à ambiente acadêmico pelas cotas é campo de tensionamentos constantes. Cada avanço que se dá, o racismo procura dismantelar tudo. Incomoda o fato de a filha da empregada doméstica estudar para ser médica, do filho do pedreiro sonhar em ser engenheiro. Entrar na

universidade abre uma fenda, é a oportunidade de se quebrar o ciclo da pobreza. Mexe com os sonhos das pessoas. É possível sonhar com um futuro diferente ao desejado e delineado pela sociedade (Vidica, 2023).

Com o processo reestruturação do ensino superior brasileiro – e seu conjunto de políticas e programas: Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES); Programa Universidade para Todos (ProUni); Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI); Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); Sistema de Seleção Unificada (SiSU); dentre outros – se começa a afrontar a estrutura universitária com a presença de pessoas que anteriormente não a acessavam: pobres, negras(os), indígenas, quilombolas, mulheres, deficientes, LGBTQI+, estrangeiras(os), populações das zonas rurais, nordestinas(os). Esse processo de abertura da universidade, conforme Márcia Lima (2010), foi iniciado, na década de 1990 com o governo Fernando Henrique Cardoso, mas ganhou maiores proporções e notoriedade nos anos 2000, governo Lula, a partir do diálogo e da participação de grupos ligados a movimentos sociais, com destaque para o Movimento Negro.

A universidade do século XXI, na qual chegam esses novos sujeitos, mantém fortes traços de colonialidades que permaneceram dessa experiência colonizadora e de escravidão racial no Brasil. O ensino superior surge em plena dominação colonial portuguesa, início do século XIX no Brasil e, para atender a seus interesses, produz um conhecimento que transforma o poder de brancos brasileiros sobre negros e indígenas em verdade científica (Silva, 2018, p. 243).

Devo dizer, entretanto, que antes destas políticas, estas(es) corpos(corpos) marcaram (marcam) sim presença na universidade, mas não como estudantes. Veja só, Maria Luiza dos Santos – quando não era conhecida como Maria da Inglaterra, e não havia cantado em público, nos anos de 1974 – ao andar pelas ruas de Teresina-PI, com várias folhas de papel nas mãos que continham suas composições, a pedir ajuda para escrever as letras e cantar suas músicas, foi orientada a procurar o prof. Noé Mendes de Oliveira, professor da UFPI, entusiasta e agitador cultural piauiense. Maria foi recebida por Noé Mendes, que a orientou e incentivou a participar do Festival Universitário. O receio de Maria da Inglaterra era estar em lugar de prestígio intelectual sem ser alfabetizada. Foi necessário, por esta condição, que alguém “emprestasse” o nome para ela efetivar a inscrição no concurso e cantar suas músicas. Maria conseguiu um rapaz chamado Zé Miguel para “emprestar” o nome para inscrição. Este voltou atrás e não cedeu mais. Encontrou com Antônio Quaresma que a ajudou e garantiu a participação no concurso. Depois de dias de ensaios intensos, apresentou-se no festival universitário, com mais 22 candidatas(os). Classificaram-se 3 para a final. Maria da Inglaterra

era uma das finalistas. Alcançou o primeiro lugar na competição com a canção “O Peru Rodou”, de sua autoria, que posteriormente se tornaria uma das músicas mais conhecidas do Piauí e do Brasil. Ela disse: “*eu ficava muito era encabulada, porque eu tava no meio de muita gente sabida e eu não era nada no meio deles. Mas Deus é grande e Ele é quem pode mais*” (entrevista para o jornal *Correio Corisco* em 2002 – Wilson Seraine, 2017). Maria da Inglaterra estava embrenhada no centro da colonialidade, na universidade, sendo julgada, avaliada por gentes consideradas gentes e autorizadas intelectualmente a estar naquele ambiente. Mas Maria fez, com a sua existência, a matéria para tensionar e ocupar o espaço de poder hegemônico eurocentrado, e enfrentar inexistências.

Como Maria da Inglaterra outras pessoas são inseridas na universidade, não como estudantes, mas em trabalhos informais, como faxineiras(os), copeiras(os), jardineiras(os). Mas não questionamentos suas existências no espaço acadêmico. São corpos(corpos) invisibilizadas(os). E isso tem importante conexão com o que foi discutido nos tópicos anteriores sobre as(os) retirantes nordestinas(os). A narrativa da “Grande Seca” arquitetou o pensamento de que a migração para outras regiões era a solução para o desemprego, a pobreza e a vulnerabilidade social. Daí que as(os) nordestinas(os) aparecem, aos olhares hegemônicos, como a tradução da mão de obra abundante e barata, as(os) verdadeiras(os) “pau para toda obra”, aqueles que, se inseridas(os) em subempregos, não vão “reclamar”, pois são corpos(corpos) “dóceis”. A conexão entre a invenção do Nordeste e as questões trabalhistas é campo de enfiamento, pois tem uma raiz racial fundamental. O povo do Nordeste é, em sua maioria, negro. É a região com maior número de pessoas autodeclaradas pretas (11, 4% – segundo dados do IBGE de 2021). Em um país racista como o Brasil, submeter nordestinas(es) em situações análogas à escravidão é prática naturalizada. Dar passadas em caminhos diferentes dessa lógica, migrar para estudar, para entrar na universidade e se formar, por exemplo, é incompreensível para muitas(os).

“A universidade foi e segue sendo uma instância fundamental da colonialidade do saber”, afirma Mignolo (2014) em entrevista a jornal argentino. A estrutura científica moderna-colonial se (re)produz como o único e universal modelo de conhecimento. A colonialidade do saber opera epistemicídios nas universidades tanto nos currículos e disciplinas dos cursos como nas suas estruturas. A universidade tem sido campo legitimador da negação da existência ontológica e epistemológica de não-europeus. Saberes “outros” são excluídos, invalidados (Maso; Yatim, 2014).

Para Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel (2019, p. 11), “a pedra angular do cientificismo é a formulação do *Penso, logo existo* de Descartes, elaborada em

1637”. Para os autores, com o dualismo *corpo-mente*, a tradição científica de validade universal foi estabelecida: quem pensa é o homem branco europeu, os demais são “as(os) outras(os)”, os que “não pensam” e “não podem” produzir conhecimentos científicos. Além disso, a lógica revela que quem “não pensa” também “não existe”. Toda essa realidade ontológica e epistêmica binária preenche os espaços da universidade brasileira e marginaliza a multiplicidade de saberes e visões de mundo:

O privilégio do conhecimento de uns tem como corolário a negação do conhecimento de outros, da mesma forma que a afirmação da existência de uns tem como lado oculto a negação do direito à vida de outros. ‘A desqualificação epistêmica se converte em instrumento privilegiado da negação ontológica’ (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2019, p. 12).

A busca por alternativas à configuração excludente e desigual do mundo moderno reclama por processos de questionamento e enfrentamento do caráter universal e natural do conhecimento disseminado nas universidades. As políticas de redemocratização do ensino superior viabilizadas pelo governo Lula e Dilma Rousseff (covardemente atacadas pelas ações *necroepistemológicas* do governo Bolsonaro) e materializadas, especialmente, com a implementação do Novo ENEM, do SiSU e da Lei de Cotas, permitiram-nos entrar e reivindicar este espaço de poder que também é nosso. A nível de graduação, conforme explicita Silva (2019), a forma de ingresso que anteriormente acontecia via vestibular tradicional, com concorrência local, passou para uma seleção em formato nacional, de forma concomitante com o ENEM e o SiSU. Com o processo de interiorização da educação, as universidades e institutos federais chegam ao interior do Nordeste, por exemplo. A presença destas instituições transforma a cidade. Digo isso, porque experienciei a transformação da cidade de Uruçuí – no extremo sul do Piauí, distante da capital – com a implantação do IFPI: a chegada de professoras(es) movimentava o setor de aluguéis; mais imóveis precisaram ser construídos para atender à crescente demanda por hospedagens e acomodações; o setor de comércio é ampliado; a economia da cidade é mobilizada. Esses dispositivos contribuíram para impulsionar e intensificar a migração de estudantes, que passaram a se deslocar para pleitear vagas em universidades localizadas em regiões diferentes dos seus locais de moradia.

Apesar de intenso, poucos estudos lançaram olhar sobre o fenômeno, conforme revisão de literatura empreendida. Lembram que ao narrar o (des)começo da minha trajetória de trabalho no IFPI, comentei que a presença de estudantes migrantes que passaram a residir no *campus* tornou-se “problema”? A questão é que a entrada de pessoas diferentes, com outras visões de mundo, saberes e experiências, incomoda. Demanda um processo de descalçar que

nem todas(os) estão dispostas(os) a realizar. Pressupõe alterações na estrutura rígida, conservadora, que ainda mantém certos privilégios. A universidade tem resistido a fazer esse tipo de alteração. Os inimigos são muitos e poderosíssimos. Querem aprisioná-las(os) (aprisionar-nos) eternamente em imagens de sofrimento, de subalternidade, onde estão (estamos) a caminhar perdidas(os) em busca de salvação em chãos mais desenvolvidos. No entanto, percebo que a migração para acessar a universidade é dar passadas com pés descalços, passos que seguem os esforços e táticas de passos mais antigos, um movimento de abertura de caminhos, e que ninguém vai desistir, apesar das constantes manobras da universidade em ofuscar existências. Agora é tempo de fincar os pés no concreto desse chão difícil, para rachar, abrir as fendas. É dentro dessas fendas que as energias são renovadas e fortalecidas, para sermos maiores do que qualquer poder que nos queira congelar.

CORDEL NORDESTE FICÇÃO

Vou te contar uma história
Sai aqui do coração
Não é piada ou anedota
É força de reparação
De um lugar inventado
Todo caricaturado
Que merece atenção

Neste lugar eu habito
Foi nele que eu nasci
O Nordeste do Brasil
Coisa igual ainda não vi
Sol brilha o ano inteiro
O seu povo é festeiro
É feliz quem vive aqui

Mas a mídia preparou
Um roteiro diferente
De retirante chamou
A totalidade da gente
Povo feio, analfabeto
Com fome e sem teto
Que imagem deprimente

Inventaram nossa fala
Nosso jeito de viver
Cenas de sofrimento
A seca ter que vencer
Por meio da migração
Que aperta o coração
Migrar para não morrer

O Nordeste não é isso
Somos multiplicidade
De riquezas naturais
Com muita variedade
Do sertão até o mar
Você pode concordar
Aqui não tem unidade

Nossa marca é resistência
Lutar contra a opressão
De Dandara à Firmina
Fazendo a revolução
Clamamos por mudança
Como a carta de Esperança
A primeira petição

Nossa luta mais recente
Foi contra o torturador
Que se dizia presidente
Mas era dominador
O fascismo era vertente
O Brasil e sua gente
Vivia grande temor

Nossa arma foi o voto
Momento de euforia
Por defender o vermelho
Sofremos xenofobia
Agora podem agradecer
Conseguimos devolver
Ao Brasil democracia

Que você compreenda
A nossa representação
Cancele o preconceito
E sua única visão
De que morremos de sede
Preguiçosos numa rede
Catando migalha do chão

Querem ditar o destino
Da nossa sobrevivência
Como na escravização
Provocar a dependência
Ao trabalho precário
Sem retorno pecuniário
Sob a mão da violência

As nossas narrativas
Ditam a pluralidade
Questionar os destinos
Contra a normatividade
Desobedecer às regras
Fissurar, abrir as brechas
Na rocha da colonialidade

Nossa migração é outra
Você pode reparar
Sair das nossas casas
Agora é para estudar
A semente foi plantada
E de sonhos foi regada
Para (des)colonizar

Autoria: Leyllane Dharc Dias, 2023.

PASSO III – (RE)ENCONTROS: CAMINHOS CRUZADOS ENTRE OS PÉS E O(S) OLHAR(ES)

É impossível estar só quando caminhamos,
Tendo diante do olhar tantas coisas que nos são dadas.
Que se fazem nossas por essa tomada de posse inalienável
Da contemplação (Gros, 2021, p. 59).

Não tenho formação acadêmica no campo das Artes, é importante fazer esta ponderação. Entretanto, certa vez fui atravessada pelo seguinte questionamento da professora Dra. Francilene Silva em seu livro *Arte Afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina*: “No mundo em que vivemos, como existir sem a arte?” (Silva, 2022, p. 63). Esta pergunta estremeceu minhas pernas caminantes. Dei passadas descoordenadas, alonguei os pensamentos e iniciei o exercício de lembrar. O pensamento caminha. Estou em processo de (re)encontro com a arte, e a recordar histórias e acontecimentos que vêm a desanuviar o entendimento de que os conhecimentos são potências em cruzo, e que podemos viabilizar o diálogo e o intercâmbio com diferentes saberes e cosmopercepções. Preciso, então, que as pessoas em confluência na leitura desta tese compreendam que, viver, sentir e experienciar o ateliê improvisado do meu pai, ali no quintal da casinha amarela, sombreado pela majestosa laranjeira de frutos graúdos e doces, me aproximou do terreno artístico e aguçou compreensões para os detalhes da vida e das coisas, conhecimentos partilhados na beleza e potência do cotidiano.

No quintal, misturados às tintas e argilas, papai juntava pilhas de livros que abordavam temáticas sobre museus e pinturas, e que serviam de fundamentação e inspiração para a confecção de suas telas. Quando possível, eu pegava os livros e percorria a vista sobre as nuances de cada imagem reveladas por entre as páginas. Assim como o pensamento, os olhos também caminham. Em silêncio, admirava as cores, as formas. Ponteeava com os dedos as imagens como se quisesse sentir suas texturas. Fechava os olhos e me transportava para dentro dos quadros. Queria compor a obra. Lembro-me da tela belíssima que painho pintou e presenteou os meus padrinhos (inspirado nas imagens dos livros). Ficava pendurada na parede da sala de estar da casa deles. Neste canto afetuoso nos reuníamos, confraternizávamos.

Figura 14 – Tela pintada por meu pai na década de 1980, Teresina (PI)



Fonte: Foto recuperada do acervo pessoal de Brígida Carvalho, minha madrinha, 2023.

A tela sempre estava presente como que a nos observar. E nós a observá-la. Troca de olhares que durou mais de 30 anos. Recentemente foi perdida por entre processos de mudanças residenciais. Eu tinha orgulho de saber que meu pai a assinara. Era a representação do mar ao entardecer. Céu azul, com pinceladas leves em tons rosados, ondas calmas, pequenos barcos atracados na areia, e duas mulheres a observar o mar. Seria eu uma daquelas mulheres? Conseguia sentir a brisa no rosto e nos cabelos, os pés a tatear a fofura e umidade da areia. Inebriantes sensações.

Nem todas as imagens contidas nos livros do acervo de papai me sensibilizavam. Algumas, na verdade, deixavam-me intrigada e reflexiva. Certo dia, sentada no batente de cimento rachado do quintal, a folhear uma publicação, parei os dedos na página que continha a imagem de uma família. O título da obra era *Retirantes*, e retratava uma família de nordestinas(os) composta por duas mulheres, dois homens, um deles idoso, e cinco crianças. Os personagens estavam colocados em posição frontal, o que sugeria uma observação atenta aos detalhes e expressões faciais. O semblante da família era de sofrimento, fome, cansaço. Pisavam em terra seca, sem vegetação, composta com restos de ossos de animais. As crianças com aspecto desnutrido. Ao fundo, urubus foram representados como quem esperam o desfalecimento de alguém para realizar uma farta refeição.

Figura 15 – PORTINARI, Candido. Retirantes, da série Retirantes, 1944-1945. Óleo sobre a Tela. 190x180x2,5 cm



Fonte: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes-da-serie-retirantes-1944-1945>. Acesso em: 24 set. 2022.

A tela é de autoria de Candido Portinari (1903-1962), renomado artista plástico brasileiro, conhecido mundialmente, que dedicou sua arte para retratar e denunciar injustiças sociais. Filho de imigrantes italianos, nasceu no interior de São Paulo, na cidade de Brodowski. Segundo Oliveira (2018), Portinari sempre foi preocupado em dar destaque à sua gente, à sua terra, às mazelas da sociedade brasileira, à questão da imigração e da migração interna, das partidas e deslocamentos em busca de melhores condições de vida. Suas pinturas mais relevantes foram elaboradas na década de 1940 e constituem a materialidade da preocupação do artista com a questão da migração, principalmente a nordestina, verificada de forma intensa na época. Entre os anos de 1944 e 1945, Portinari criou uma série de cinco pinturas, produzidas em grandes dimensões, com técnica de óleo sobre a tela, que representava o olhar do artista sobre a temática. Intitulada *Retirantes*, a série é dramática e composta pelas seguintes obras: *Retirantes* (1944), *Menino Morto* (1944), *Criança Morta* (1944), *Enterro na Rede* (1944) e *Criança Morta* (1945). De modo geral, “as obras são notadamente sensíveis em demonstrar o caráter humano da miséria e em induzir o público a também sensibilizar-se com elas” (Oliveira, 2018, p. 31).

A tela *Retirantes* (1944), exposta no Museu de Arte de São Paulo (MASP), é a mais icônica produção de Portinari. Retomo essa imagem porque recorde-me do desconforto que senti. A princípio eu não compreendi. Acredito que a inquietude foi provocada por estar diante do que Samain (2012) chama de “imagem forte”, isto é, “uma imagem que, mais do que tentar impor um pensamento que ‘forma, formata, põe em forma’, nos coloca em relação com ela” (Samain, 2012, p. 24). Imagem forte nos ajuda a pensar.

Diferente do sentimento de querer fazer parte e de sentir a obra, como na pintura que papai fez aos meus padrinhos, eu, enquanto nordestina, sentia-me distante daquela representação, não me enxergava nela. Portinari, ao tentar denunciar a problemática que envolve o processo migratório, reduziu as(os) nordestinas(os) a tipos genéricos e vulneráveis e contribuiu para reprodução de uma narrativa distanciada e única. As(Os) nordestinas(os), assim como nas pinceladas de Portinari, ainda têm sido vistas(os) e representadas(os) como aquelas(es) que migram para fugir das condições adversas e dos sofrimentos que a seca e a pobreza impõem.

Samain (2012) salienta que as imagens são formas que pensam e, por esta razão, as ideias por elas veiculadas e mobilizadas só são possíveis porque participam de histórias e memórias que a precedem e das quais se alimentam para renascer e reaparecer num tempo futuro, para reformular-se em outras formas, direções e possibilidades. O que as imagens nos mostram “nunca será um pensamento único e definitivo, nem uma memória acabada” (Samain, 2012, p. 34). Pergunto: Como é possível caminhar, (pés)crever, se movimentar em meio a essas possibilidades de conexões e interpretações? Nasci em Teresina, capital do Piauí. Lugar escondido (ou esconderam?) no mapa. Quando é citado em livros, reportagens e/ou imagens, apenas suas mazelas são apresentadas, como as elevadas taxas de pobreza, o analfabetismo, a seca, o calor intenso. Muito já foi escrito, transmitido, retratado. Mas quem conta essas histórias? Como contam? Por que contam? Para quem contam? Imagens como a de Candido Portinari não seriam mais um mecanismo de manutenção do olhar único sobre o ser, fazer e viver da nordestina(o)?

Concordo com Silva (2017) quando diz que as imagens são elementos que colaboram para afirmar e consolidar as narrativas que subalternizam. Aparecemos feias(os), sujas(os), esfomeadas(os), sem vida, angustiadas(os), necessitadas(os) da ajuda dos programas de transferência de renda. São lentes coloniais, enxergam apenas as perspectivas que querem, distorcem formas “outras” de existências e experiências, e evidenciam as bases em que o Brasil foi construído: ao fim do processo político e administrativo da colonização e escravização perpetua-se, a partir da matriz colonial do poder, os mecanismos de subalternização, que são

mantidos e reformulados para a manutenção da lógica opressora, e interferem em vários âmbitos da sociedade, inclusive as visualidades.

Por vivemos em um mundo imagético e perpassado pelo consumismo e compartilhamento de imagens hora por hora, minuto por minuto, não nos damos conta de que as definições do que é belo, decente e aceitável, são, na realidade, invenções do campo hegemônico de produção cultural, que reproduz padrões e hierarquias mergulhados na lógica da colonialidade. Tais padrões, nesse sentido, começaram a se formatar a partir do encontro e construção do outro como inferior, iniciado com a invasão da América pelos europeus. Isso mesmo, invasão. A América tinha existência real, não foi descoberta. Foi invadida, inventada e explorada.

Com a narrativa do embelezamento da modernidade, a Europa desponta como um modelo padrão a ser seguido, sinônimo de beleza, progresso, desenvolvimento. Ao passo em que esconde a face mais dominadora, tirana, obscura: a colonialidade (Mignolo, 2017). A produção imagética funciona como elemento-chave para a perpetuação da dominação. O Brasil tem no modelo eurocêntrico (e estadunidense) a base para a produção de práticas e teorias, e as imagens que as acompanham são derivadas e orientadas por um padrão hegemônico de conhecimento. Como nos fala Aníbal Quijano (2005), a perspectiva eurocêntrica é um espelho cruel que distorce o que reflete:

Aqui a tragédia é que todos fomos conduzidos, sabendo ou não, querendo ou não, a ver e aceitar aquela imagem como nossa e como pertencente unicamente a nós. Dessa maneira seguimos sendo o que não somos. E como resultado não podemos nunca identificar nossos verdadeiros problemas, muito menos resolvê-los, a não ser de uma maneira parcial e distorcida (Quijano, 2005, p. 130).

Compartilho com a ideia de Mariléia Almeida (2021) quando anuncia que, uma vez que a branquitude é a detentora do monopólio de produzir e circular imagens, a construção imagética localiza “o outro”, não-branco, no campo do exótico, do estranho, do bizarro, ao passo em que fixa estereótipos. “O outro” subalterno (quando representado) desvela-se ao olhar brancocêntrico como justificativa à opressão e à discriminação.

Recentemente conheci e dialoguei com a obra de Winnie Bueno, estudiosa do conceito de “imagens de controle” de Patrícia Hill Collins. Tal conceito foi estabelecido para situar e refletir sobre as representações que aprisionam as mulheres negras, tanto simbólica quanto materialmente, em posição subalterna. As mulheres negras vivenciam a opressão materializada em imagens que incentivam a desvalorização e o desrespeito, são práticas asseguradas socialmente que ditam como elas devem se portar e existir. No entanto, o conceito

pode ser dilatado para promover reflexões sobre as opressões vivenciadas por outras pessoas em vários espaços sociais, e que têm suas imagens mobilizadas por matrizes de dominação, apreoadas em cada contexto específico. Bueno (2020, p. 73) afirma que as imagens de controle “são utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder”. Operam a partir da lógica de poder que se propõe nomear, caracterizar e manipular significados diferentes do que a pessoa sugere para si. Sempre vai existir o sujeito com maior autoridade para falar, conformar e intervir na história outro.

Enquanto nordestina, cresci sem me reconhecer nas histórias narradas em novelas de alcance nacional, por exemplo. Denotam personagens nordestinas(os) cristalizadas(os), com sotaques carregados, muito espertas(os), engraçadas(os) demais, maquiagem exagerada, que dão tiros e peixeiradas para todo lado. É o formato conhecido e aceito pelo grande público. Mas que Nordeste é esse? Ditam como devemos falar, ser, existir. Não apenas na novela, mas no campo musical, no cinema, na literatura, uma história única é retratada sobre o Nordeste e o seu povo. Chimamanda Adichie (2009) nos alerta sobre o perigo de se acreditar em uma única história: “insistir só nas histórias negativas é simplificar minha experiência e não olhar para as muitas outras histórias que me formaram. A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (Adichie, 2009, n.p.).

Paralelo à (pés)crita da tese, fiz um curso sobre Literatura de Cordel, Ensino de História e Antiguidades. Em determinado módulo do curso, o professor Lourival Andrade Júnior, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, declarou que o Cordel também foi grande difusor de estereótipos do sertão e das(os) nordestinas(os). O gênero consolida imagens de figuras como Lampião, Frei Damião, Padre Cícero, milagreiros, Diabo. Figuras como o coronel, a mocinha (filha do coronel que se apaixona pelo vaqueiro), o vaqueiro destemido, fiel ao seu patrão, só ele consegue domar o cavalo mais temível; firma o espaço: a fazenda, que concentra poder e expressa a noção de lugar de permanência, a caatinga, como o local de passagem – passam as(os) retirantes, as(os) romeiras(os), as(os) cangaceiras(os)... difícil de sobreviver nela. O cordel não nega a existência desse Nordeste. No entanto, ele também apresenta a multiplicidade de possibilidades dessa região. Nada mais importante e essencial do que o povo nordestino escrever sobre suas experiências, a partir do seu lugar. Nesse ínterim, questiono: Quais possibilidades outras as imagens podem me indicar? Quais outras narrativas são possíveis para além da superfície? Como deslocar funções e representações?

É possível abrir uma fenda na estrutura imagética a partir da (des)colonização do olhar. bell hooks (2019) considera que o processo de (des)colonização das imagens é individual,

mas também passa por uma luta coletiva de autodefinição e autorrecuperação. Por produzirem efeitos na coletividade, as representações hegemônicas precisam ser questionadas e discutidas de forma abrangente. É fundamental que digamos quem somos sem a necessidade do reconhecimento do outro, mas de nós mesmos. É necessária a produção e disseminação de imagens que “respeitem nossas dessemelhanças, nossas contradições, nossa humanidade (Almeida, 2021, n.p.).

(Des)colonizar o olhar é movimento desafiador, porém fundamental. É questionar e subverter as expectativas hegemônicas sobre as nossas histórias e vivências. Em diálogo com o teórico da cultura visual Nicholas Mirzoeff (2016) sobre a sua perspectiva do “direito a olhar”, considera que a modernidade é uma competição entre visualidade e contravisualidade (o direito a olhar), em que a primeira se conecta à autoridade e ao poder, e tem contribuído para a legitimação da hegemonia ocidental, por meio de um complexo de visualidades que atravessa o tempo e interfere na classificação, separação e estetização dos povos. A contravisualidade, por sua vez, é reivindicação pelo direito a olhar, não como mera questão visual, mas como exigência de autonomia, subjetividade e coletividade políticas. Mirzoeff (2016) considera que o oposto do direito a olhar não é censura, mas a visualidade, que reivindica a exclusividade do ver e não se restringe a imagens e dispositivos visuais, mas à visualização da história enquanto criadora de discursos tanto por meio de imagens, quanto de informações, ideias, imaginação. A visualidade opera por uma série de operações assim definidas por Mirzoeff (2016, p. 748): “classifica nomeando, categorizando e definindo”; “separa os grupos assim classificados como forma de organização social”; “faz parecer certa esta classificação separada e, portanto, estética”. Esta última acontece pela repetição de narrativas, que implica e estabelece o que é certo, adequado, agradável e belo. O direito a olhar não é representativo enquanto “direito humano”, mas confere recusa à dominação, primeiro como lei, depois como estética. O direito a olhar é, então, a reivindicação por um “direito ao real” (Mirzoeff, 2016, p. 749). E esse real tem a ver com a existência. Não é meramente questão visual, mas de entendimento, percepção e reconhecimento das representações que nos façam sentido. É o direito à existência. “O direito, no direito a olhar, contesta primeiramente o direito de propriedade sobre outra pessoa, insistindo na autonomia irreduzível de todas as pessoas, antes de qualquer lei” (Mirzoeff, 2016, p. 750). A contravisualidade (o direito a olhar) é a tentativa de sobreviver às irrealidades criadas pelas visualidades, e se encontra na educação, no exercício da democracia (como direito de ser visto), e no afeto.

Como sugere Elisa Magalhães (2022), existe violência no direito de ser visto e no direito de olhar: “Não, a do direito de olhares, de querer escapar de uma invisibilidade insistente

imposta por um sistema que teima em reproduzir privilégios, empurrando o invisível para as margens”. Elisa dialoga com Derrida sobre a noção de contravisualidade como estratégia de (re)existência à imposição e à violência visual, que se reproduz por meio do que se pode e deve ver e do que não se deve ou pode olhar (Magalhães, 2022).

Sobre o direito de olhar, bell hooks (2019) argumenta que podemos interrogar o olhar do outro ao mesmo tempo que encaramos e olhamos de volta, dando nome ao que vemos. Olhar é uma manifestação de (re)existência aos povos subalternizados. Aprendemos que existe um olhar crítico: “Na luta pela resistência, o poder da(o) dominada(o) de afirmar uma agência ao reivindicar e cultivar ‘consciência’ politiza as relações de ‘olhar’ – a pessoa aprende a olhar de certo modo como forma de resistência” (hooks, 2019, p. 203).

Questiono a narrativa única de que as(os) nordestinas(os) retirantes migram apenas para trabalhar, para fugir de situação de pauperização e sofrimento. Muniz Sodré (2019, p. 122) nos situa: “o Nordeste passará a fazer as vezes da África como fornecedor de mão de obra ou contingentes para o ‘exército industrial de reserva’”. Sim, isso aconteceu (acontece), é um jogo social e político que se desenrola, mas é experiência que não pode configurar em leitura final. Para o desenvolvimento desta tese, utilizo, junto à *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, o método de pesquisa *Oralimagens*, elaborado pela professora Dra. Francilene Brito da Silva, da Universidade Federal do Piauí. Retomo o objetivo da pesquisa para que compreendam a utilização do método: *elaborar a noção de Retirância a partir das narrativas de estudantes universitários que experienciam o processo migratório para estudar na Universidade Federal do Piauí (UFPI)*. Por tratar da migração estudantil, em que participantes-confluentes são provenientes de diferentes localidades da região Nordeste, e migram para acessar a universidade (lugar atravessado por colonialidades), ingressaram por meio de cotas, são bolsistas da Assistência Estudantil, estão a estudar em um espaço que não foi pensado e construído para elas(es) e que não está interessado em suas histórias, saberes, costumes e crenças, e que, por serem migrantes, estão no escopo do olhar que subjuga, aprisiona e simplifica, daí a necessidade de viabilizar e disseminar narrativas outras que afastem as narrativas generalizantes.

O método das *Oralimagens* foi desenvolvido pela professora Dra. Francilene em sua tese de doutorado, *Imagens de mulheres e crianças afrodiaspóricas: narrativas piauienses para além do museu brasileiro*, defendida no ano de 2017. É um neologismo conceitual, uma forma de refletir sobre/com imagens e de ter o “olhar crítico” que bell hooks (2019) reclama, um diálogo possível entre imagem e oralidade. *Oralimagens* são compreensões de imagens que levam em conta as nossas narrativas, as escolhas que fazemos para compor as nossas histórias. Profa. Dra. Francilene considera que quando estamos diante de uma imagem é possível perceber

que ela tem uma história, apesar de não sabermos qual seja. E quando essa imagem, com a sua história, “nos olha”, desperta-nos o desejo de contar a nossa versão para fazermos parte da composição. Imagens enquanto narrativas, viabilizam o deslocamento para as nossas próprias narrativas. “Compor uma imagem é também compor uma história, não a única” (Silva, 2022, p. 229). O método viabiliza que pessoas que não foram ouvidas em suas histórias, em suas versões, compartilhem suas narrativas a partir das suas experiências; as narrativas orais são acionadas por narrativas visuais ou imagéticas e podem resultar em narrativas escritas de si e dos outros: “Narrar algo de sua história ao ver uma imagem é um exercício com a palavra, e faz-nos organizar a polifonia de narrativas que nos habitam” (Silva, 2021, p. 100). Utilizada para pensar imagens presentes em pesquisas, as *Oralimagens* constituem uma teoria-prática libertadora, pois em conjunto com reflexões (des)coloniais, colabora com discussões-práticas de existir dentro das colonialidades; e, com as nossas narrativas, podemos nos (re)inventar para além das subalternizações publicizadas em imagens (Silva, 2022). No escopo das (des)colonizações das imagens e do(s) olhar(es), as *Oralimagens* representam uma prática educativa dessubalternizante que têm a ver com histórias plurais e cotidianas, onde a história única perde força. *Oralimagens* permitem falar e escrever sobre si e não delegar esta competência a terceiros: “A partir dessas dimensões começamos a perceber outros espelhos por onde nos olhar, nos contemplar” (Silva, 2021, p. 105). Vamos compreender as escolhas metodológicas no Passo IV, a seguir.

CORDEL ESPELHO MEU

Espelho, espelho meu
 Existe nesse mundo
 Alguém mais estranho
 De aspecto tão imundo
 De cara mais sofrida
 A imagem cuspida
 Do pesar profundo?

Foi assim que apareci
 Na novela das sete
 De espanto eu gritei
 Criaram um Nordeste
 De gente suja e feia
 A narrativa que semeia
 Um tal cabra da peste

O sotaque carregado
 Corpo desfalecido
 De pouca inteligência
 Com o pé encardido
 Fiquei abestalhado
 Perdido, desnorteado
 Neste espelho distorcido

Eu me acho aprumado
 Mas isso não vão mostrar
 Em vez da nossa beleza
 Preferem a dor noticiar
 Está tão enraizado
 Algo diferenciado
 Audiência não var dar

Nas brenhas do meu sertão
 Eu só enxergo beleza
 Tirar o leite de vaca
 Café coado na certeza
 De que de tardezinha
 Vai vir a nossa vizinha
 Atualizar a redondeza

Na cadeira de espaguete
 Eu fico só a imaginar
 O que fiz para esse Brasil
 Que insiste em representar
 A gente a morrer de fome
 E para água que se some
 A solução é migrar

Reduziram nossa história
À figura do retirante
Que pra melhorar de vida
Sai do sertão abundante
Para a construção civil
No Sudeste do Brasil
A promessa desviante

Vou quebrar esse espelho
Com força reivindicar
Um reflexo coerente
Que respeite o meu lugar
A partir da minha história
Que recupere a trajetória
Que tantos querem apagar

Os cacos que eu juntei
Desse espelho empenado
Criei um lindo mosaico
Onde o subalternizado
Pode agora se enxergar
E não mais se apresentar
Com o rosto desfigurado

Autoria: Leyllane Dharc Dias, 2022

PASSO IV – CAMINHOS METODOLÓGICOS

Carcará
 Lá no Sertão
 É um bicho que avoa que nem avião
 É um pássaro malvado
 Tem o bico volteado que nem gavião
 Carcará quando vê roça queimada
 Sai voando e cantando
 Carcará
 Vai fazer sua caçada
 Carcará
 Come inté cobra queimada [...] (Carcará, 1965).

Desenvolver pesquisa tem me rendido interessantes descobertas. A minha concepção anterior de produção de conhecimento, e que me acompanhou durante bom tempo, era a de que, para ser válida, precisaria seguir à risca toda a gama de conceitos e estruturas contidos nos manuais científicos, que temos a obrigação de aprender nas disciplinas de metodologia desde a graduação. Escrever em primeira pessoa, relacionar pesquisa com a vida, envolver-nos com as possibilidades e limitações do percurso da existência eram coisas que jamais ousaria em considerar. Por isso, afirmo que esta tese é resultado do meu descalçar, da ousadia de pesquisar com os pés no chão, de cócoras, no sentido de subversão da lógica ereta, sempre crescente, para cima, fállica, vertical de produção de conhecimentos hegemônicos. A pesquisa, para mim, é como círculo, uma roda gigante, constituída por experiências, atravessamentos cotidianos, afetações, diálogos, tensionamentos. Dentre tantas coisas que vivenciei no itinerário da (pés)quisa, a pandemia da covid-19 marcou profundamente as minhas passadas. Vale a contextualização.

Cheguei à cidade de Campinas-SP em fevereiro de 2020 para cursar doutorado na UNICAMP. Estava a realizar grande sonho. Aluguei quitinete próxima à universidade. Comprei móveis. Fiz investimentos. Estava deslumbrada com tudo. Pretendia residir na cidade de Campinas o tempo que fosse necessário. Anotei no caderninho uma lista de atividades, cursos, eventos que pretendia participar, lugares que queria conhecer. A primeira semana de aula foi incrível. Mas, como se diz no Nordeste, “tudo que é bom dura pouco...”. O mundo foi assolado pela pandemia provocada pela covid-19 – síndrome respiratória causada por um novo tipo de coronavírus (Sars-CoV-2). A UNICAMP suspendeu suas atividades por tempo indeterminado. Retornei às pressas para a minha cidade no Nordeste. Só com uma mochila nas costas, alguns poucos pertences. Deixei tudo para trás, a fim de ficar mais próxima da família e tentar entender as orientações para (sobre)viver neste período. Foi assustador.

A deflagração da pandemia desestabilizou o cenário mundial do dia para noite e demandou respostas urgentes e exponenciais para a sua compreensão e contenção. No campo educacional, independentemente do nível de ensino, a pandemia forçou o fechamento das instituições e exigiu a criação de alternativas que não prejudicassem a continuidade dos processos de ensino e aprendizagem. Aulas e encontros virtuais firmaram-se como soluções ao novo panorama.

Isolamento, distanciamento, aulas e reuniões remotas, vivências virtuais, muitas horas em frente ao computador, cansaços corporal e mental, a experiência dura de ver minha mãe em leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) em virtude da COVID, as constantes ameaças e o descasos sofridos por um governo genocida. Paralelamente, os questionamentos: vou cursar o doutorado por inteiro à distância, em Teresina? Como desenvolver os próximos passos da pesquisa? Será possível voltar à UNICAMP presencialmente?

Escrever em período pandêmico não foi tarefa fácil. Escrever sobre si foi ainda mais desafiador. O projeto de colonização e seus desdobramentos, as colonialidades, formataram (também) as nossas escritas. Rabiscava papéis, escrevia e apagava linhas disformes. A pandemia tornou tudo tão espinhoso. Como escrever nestes tempos? Meu corpo sentia medo, insegurança, incerteza.

Foram dois anos de doutorado cursados remotamente. Os encontros de orientação de pesquisa aconteciam pela plataforma *Google Meet*. Recordo-me que em um desses encontros, eu e minha orientadora (Profa. Dra. Norma Silvia Trindade de Lima) conversávamos sobre a reorganização projeto,⁴ que precisava ser finalizado para submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). A professora Dra. Norma elogiou a escrita, pois dialogava com elementos nordestinos e atribuía importantes reflexões à proposta da pesquisa. Paralelamente, por me valer da narrativa (auto)biográfica que, como sugerem Moraes, Bragança e Prado (2021, p. 7), aponta para a potência existente na memória “enquanto recuperação do vivido e do experienciado pela narrativa, porém com a singularidade do presente que se lembra”, eu procurava, no percurso da escrita, fazer relação com a filosofia Sankofa, estabelecida pelo povo africano Akan. Conforme explica Oliveira (2016), Sankofa é um ideograma andikra representado por um pássaro que tem a cabeça voltada para a cauda. Sankofa é reflexão sobre a necessidade e relevância de retornar ao passado para compreender quem somos no presente e, assim, ressignificar o futuro. É um caminho de retorno para refletir sobre o que está a acontecer e sobre o que virá.

⁴ O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa nas Ciências Sociais e Humanas – CEP-CHS/UNICAMP (CAAE: 47914821.2.0000.8142), e pelo Comitê de Ética em Pesquisa - CEP da UFPI, como instituição participante (CAAE: 47914821.2.3001.5214).

A professora Dra. Norma concordou com o caminho que estava sendo delineado, mas me provocou a pensar em alguma referência nordestina que fizesse as vezes de Sankofa. Achei a sugestão interessante e iniciei a busca. Por gostar de cordel, poesias e músicas regionais, a primeira representação possível foi o Carcará, muito presente nas composições. O encantamento e a conexão pareciam se fortalecer à medida que aprofundava as pesquisas sobre o pássaro-símbolo do sertão nordestino.

Carcará é uma ave de rapina tipicamente brasileira. Tem poder de desbravar e sobreviver em regiões secas; é determinada e dominadora, principalmente quando está em busca de alimento. Inteligência, rapidez e fúria são características percebidas quando quer alcançar a presa. Luta e nunca volta para o ninho com o bico vazio. Pelas comunidades indígenas, é conhecida com Carancho, palavra do tupi *ka'rã'i*, que significa arranhar, rasgar com as unhas. Pega suas caças com os pés, por ser possuidora de garras fortes e afiadas. Tem fama de oportunista, por acompanhar os urubus em busca de alimento, mas não come carne estragada, ao contrário, só degustam presas frescas. Sempre escolhe sua comida, não se conforma com repetição. Passa mais tempo no chão, apesar de ser excelente planador (Guedes, 2013).

Dentre as várias características curiosas e singulares, a que mais chamou a minha atenção foi a seguinte: para demarcar território ou estabelecer comunicação, Carcará faz movimento inusitado de dobrar o pescoço para trás e acomodar a cabeça sobre as costas (Meng, 2018). Não que Sankofa seja uma ave. Compreende uma filosofia, um símbolo de (re)existência. Mas ao refletir sobre a representação dessa cabeça que se volta para a calda, Carcará também reclama a necessidade de o povo nordestino voltar ao passado e recuperar histórias e narrativas invisibilizadas, ignoradas ou esquecidas para (re)significar e reiterar existências. Trago Carcará para pensar e alicerçar o desenvolvimento metodológico da pesquisa. Como pássaro que resguarda memórias do sertão, penso ter ligação com a proposta de *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica, que é opção-atitude epistemopolítica que visa evidenciar a memória como dialética entre lembrança e esquecimento, como experiência de vida (Bragança, 2018); e com o método das *Oralimagens* (Silva, 2019), em que nossas histórias, acionadas por imagens que subalternizam, podem ser contadas como experiências ou atos de abertura. Imagens valiosas de nós podem surgir quando escavamos nossas memórias e possibilitam compreensões sobre nós e sobre a vida.

4.1 Pesquisaformação narrativa (auto)biográfica

Escolhi a *pesquisaformação* narrativa (auto)biográfica em abordagem qualitativa para este estudo, pois a partir dela é possível analisar os acontecimentos biográficos, as viagens

biográficas, as memórias, as experiências vividas e narradas pelas(os) participantes-confluentes. A proposta da pesquisa-formação (com o hífen) surgiu, como explicam Morais, Bragança e Prado (2021, p. 5), “no início dos anos 1980, no cenário europeu, em países francófonos, no contexto do movimento da corrente de histórias de vida e formação” e tem como principal idealizadora a socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso. Configura a ação subjacente à investigação científica em que a(o) pesquisadora(pesquisador) se forma e se transforma concomitantemente com as(os) suas(seus) participantes no desenrolar da pesquisa. É a articulação entre a atividade de pesquisar e a formação que mobilizam experiências (auto)formadoras e transformadoras na partilha da atividade da pesquisa (Morais; Bragança; Prado, 2021). Neste estudo, opto pelo uso de *pesquisaformação* sem o hífen e destacada em itálico, como sugere Inês Bragança (2018), enquanto palavra-conceito que atenta para as significações outras e os modos outros de pesquisar, como escolha epistemopolítica na produção do conhecimento.

Para Passeggi (2011), a pesquisa (auto)biográfica no campo da Educação trata as fontes biográficas e autobiográficas como métodos de pesquisa, práticas formativas e modos de narrar o vivido e o experienciado. O humano com suas histórias ganha centralidade na *pesquisaformação*. Essa escolha permite aprofundar e superar as formas de análises já empreendidas sobre a migração, que têm mostrado seus limites epistemológicos. Amplifica os conhecimentos sobre a pessoa, suas relações, seus modos de ser e viver. Aqui se tenta olhar de diferentes formas, conjuntos, situações. Pretendi alcançar outras histórias e opiniões que recontassem e reinscrevesse, o modo de analisar a migração nordestina.

A narrativa (auto)biográfica, enquanto dispositivo da *pesquisaformação*, pode contribuir para o surgimento de novas histórias, novas versões a contrapelo da história oficial, única. Narrar vidas e experiências tem a proposta de deslocar verdades e conhecimentos não questionados. As narrativas são como deslocamentos para (des)aprendizagens, para libertação das verdades, histórias e coisas que pensávamos que sabíamos sobre nós e sobre o mundo. Sugere o deslocamento para dentro de nós mesmos. Permite que compreendamos a relevância do olhar reflexivo sobre nossas experiências. Ser pessoa antes de qualquer coisa. Temos histórias. Como diz Nóvoa (2010), a vida não se reduz a dimensões racionais. As convivências importam, têm muito valor.

Utilizar a escrita narrativa (auto)biográfica é propor a educação na perspectiva da (re)existência. Paralelamente, narrar pode representar um movimento de luta nas brechas da colonialidade, pode ser ponte para que vozes subalternas tensionem os silenciamentos coloniais.

Pode dessulbarternizar saberes e estender o conhecimento para além das amarras acadêmicas e da noção ocidental de racionalidade.

Passeggi (2016) destaca que a escrita narrativa (auto)biográfica está ligada a princípios epistemológicos que transcendem ao ato de pesquisar com pessoas, já que também configura tanto modo de apropriação de histórias quanto forma de empoderamento. Aponta para um conhecimento produzido no movimento e na vida. As narrativas são como traduções da vida. Quem narra carrega o processo de interpretar e contar a própria história.

Estudantes da UFPI são narradoras(es) de suas experiências em *Retirância*. Como já expliquei no início da tese, as pessoas que contribuíram com a pesquisa são participantes-confluentes. Isso confere coerência textual e inclusiva à minha (pés)crita, que se compromete em transgredir os limites de gênero. Além disso, “confluentes” me parece mais apropriado por viabilizar as dimensões do encontro, da troca de conhecimentos e experiências, do cruzo, da mistura, do tensionamento também. “Um rio não deixa de ser um rio por encontrar outro rio, é o contrário, ele passa a ser um rio muito mais potente, mas ele continua sendo o mesmo rio da confluência até a nascente” (Santos, 2021, p. 25).

Na perspectiva da confluência há reflexão crítica sobre os modos de ser e viver, formar, transformar e experienciar o mundo: “A experiência é o que me acontece e o que, ao me acontecer, me forma e me transforma, me constitui, me faz como sou, marca minha maneira de ser, configura minha pessoa e minha personalidade” (Larrosa, 2015, p. 21).

Essa potencialidade formadora de fazer experiências, refletir sobre elas para aprender sobre nós mesmos e o mundo, torna inseparável o sujeito e o objeto de conhecimento. Ou seja, é preciso se expor, sem medo de padecer sob o impacto da experiência para poder dela tirar lições para a vida e aprender com ela sobre nós mesmos (Passeggi, 2016, p. 76).

Com isso é possível compreender o valor e a potência das experiências: “Ao narrar sua experiência, a criança, a(o) jovem e a pessoa adulta dotam-se da possibilidade de se desdobrar como espectadora(espectador) e como personagem do espetáculo narrado; como objeto de reflexão e como ser reflexivo” (Passeggi, 2016, p. 82). A intenção é promover a interação de narrativas de experiências com vistas a transbordar (re)existências, abandonar velhos modos de narrar que criam estereótipos, apresentar novas perspectivas, evidenciar saberes e potencializá-los.

O propósito da pesquisa é também dar destaque a pontos de encontro entre a minha história e as histórias das(os) estudantes migrantes. Bragança (2018, p. 68) aponta que a narrativa “mobiliza processos reflexivos, conhecimentos e, assim, pesquisadores e sujeitos se

formam em partilha, tendo como fios dessa formação as questões de estudo tematizadas”. Esse entrelaçamento “aponta para uma determinada especificidade epistêmica e política” (Bragança, 2018, p. 70).

Entrelaço as minhas histórias com as histórias das(os) participantes-confluentes. Com isso utilizei no processo de produção de dados *entrevistas conversas* materializadas por meio do que chamei *oficinas diálogos*, palavra inventiva que foi inspirada na proposta metodológica da professora Dra. Inês Bragança (2018). Como afirma Larrosa (2015), o verbo “conversar” sugere “horizontalidade, oralidade e experiência”. Penso que a proposta de diálogo horizontal com as(os) participantes-confluentes fraturou a rigidez da relação hierárquica que, por vezes, parece envolver o par entrevistadora-entrevistada.

As entrevistas visam, segundo Delory-Momberger (2012), apreender a singularidade de uma fala e de uma experiência. Apreender e compreender a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada uma(um) dá a sua própria existência. Nessa modalidade de metodologia, os processos reflexivos e de ressignificação de experiências envolvem tanto a pessoa que narra quanto quem escuta, incluindo a(o) pesquisadora(pesquisador), que se (de)formam com a pesquisa (Passeggi, 2016).

4.2 Oralimagens

Quando ingressei no Mestrado em Educação da UFPI, no ano de 2014, sob orientação do prof. Pós-Ph.D. Francis Musa Boakari (a quem muito admiro e respeito), passei a integrar o Núcleo de Estudos e Pesquisas RODA-GRIÔ/GEAfro: Gênero, Educação e Afrodescendência, que funcionava (funciona) como espaço-tempo aberto e acolhedor de todas as pessoas interessadas em vibrar e contar suas histórias, e a partilhar vivências, experiências, atravessamentos e (re)existências cotidianas, sobre temáticas diversas que se entrecruzam, com enfoque na educação e nas maneiras de ser-viver dos povos africanos e afrodescendentes. É local de encontro consigo e com as(os) outras(os), em confluência de narrativas, onde todas as histórias importam.

Foi na Roda Griô que conheci a pessoa-pesquisadora-artista-professora Dra. Francilene. Junto com o professor Dr. Francis, coordenava as atividades. À época do mestrado, os encontros aconteciam nas manhãs de sextas-feiras, nas salas dos Núcleos do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da UFPI. Lembro que a professora Dra. Francilene estava em constante deslocamento para o Rio de Janeiro, onde fazia doutorado. Por conta disso, não era possível se fazer presente sempre, mas consigo recordar a alegria e o contentamento que eu sentia quando ela aparecia, com a sua presença marcante e iluminada.

Ouvi-la e lê-la era (é) exercício prazeroso. Suas reflexões me atravessavam (atravessam) fortemente, como um raio brilhante que estremecia (estremece) as aprendizagens hegemônicas que procuravam (procuram) formatar a minha (as nossas) existência(s).

Com o término do mestrado, tentei manter participação na Roda Griô. Contudo, o meu horário de trabalho impossibilitava presença. Estive distante fisicamente, mas, nas minhas lembranças mais bonitas, a Roda sempre girava. No doutorado descobri que, devido à pandemia da covid-19, a Roda tinha aderido ao formato virtual. Foi a oportunidade de voltar a participar dos encontros, e esse retorno representou um conforto em meio às turbulências e incertezas que o ciclo mais intenso da pandemia provocava em todas(es) nós.

Certa vez, íamos compartilhar na Roda reflexões sobre alguns capítulos da tese da professora Dra. Francilene. Paralelamente, eu reorganizava o meu projeto de pesquisa para submeter ao Comitê de Ética. A princípio, a abordagem narrativa (auto)biográfica mostrava-se suficiente para a pesquisa. No entanto, a leitura da tese e a descoberta do método das *Oralimagens* iluminaram minhas ideias, como luz forte de lamparina, e fizeram brotar mais vida, movimento e encanto à (pés)crita.

Como já pincelei anteriormente, as *Oralimagens* foram pensadas e desenvolvidas no doutoramento da Profa. Dra. Francilene, quando esta percebeu que as tentativas constantes de subalternizações presentes nas representações de mulheres e crianças afrodescendentes nordestinas nas artes e nos museus poderiam ser (des)aprendidas e (re)organizadas a partir do encontro com imagens e histórias de si mesmas. Ainda que as histórias únicas queiram negativizar e reduzir existências, as nossas experiências cotidianas podem acionar narrativas que enfrentam a história oficial: “Ao vivenciar experiências outras a partir das lembranças de nossas histórias afetivas, a história única do museu é banhada em lembranças de sentidos outros” (Silva, 2021, p. 104). Isso posto, *Oralimagens* é método, caminho epistemológico, prática educativa dessubalternizante em arte, que aciona narrativas orais, por meio de narrativas visuais e imagéticas, que podem resultar em narrativas escritas de si e das(os) outras(os). Outras imagens, falas, escritas podem ser mobilizadas para enfrentar produções em que muitas(os) são invisibilizadas(os) ou aparecem como figurantes. Com as *Oralimagens* é possível desenvolver atividades-reflexões que movimentam histórias a partir de imagens ou permitem elaborar imagens a partir de histórias orais ou escritas. Como nesta pesquisa o contexto propositivo, e a forma de criar, pensar, questionar e contravisualizar é a representação imagética única, infiel, estereotipada do Nordeste e do seu povo, em especial da(o) retirante, elaborei alguns desses exercícios-reflexivos de forma a disparar narrativas que fissurem e questionem essa compreensão a partir das nossas experiências e pontos de vistas, para frisar as nossas

existências. Nos tópicos e *Passos* que seguem, explico mais detidamente as contribuições do método para a pesquisa.

4.3 Operacionalização: proposta inicial

A proposta inicial era realizar de três a cinco *oficinas diálogos*, quinzenais, com duração de 2 horas (no máximo), na Universidade Federal do Piauí (UFPI), campus Teresina, especialmente, na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC). A UFPI é instituição federal de ensino superior, financiada com recursos do Governo Federal, com sede em Teresina, capital do Piauí, inaugurada em meados da década de 1970 a partir da fusão das faculdades de Direito, Odontologia, Medicina, Administração e da Faculdade Católica de Filosofia. Em Teresina, o campus é constituído por cinco Centros: Centro de Ciências da Educação (CCE), Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL), Centro de Tecnologia (CT), Centro de Ciências da Natureza (CCN) e Centro de Ciências da Saúde (CCS). Além do campus de Teresina, a UFPI é formada por outros três campi nas cidades de Bom Jesus, Floriano e Picos.

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC) é o órgão vinculado à Reitoria da UFPI responsável pela gestão da Política de Assistência Estudantil na UFPI. Essa Política constitui um conjunto de princípios e diretrizes, positivados por meio do Decreto nº 7.234/2010, que dispõe sobre Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), e que norteiam a implementação de ações para garantir a permanência e a conclusão de curso de graduação pelas(os) estudantes universitárias(os), agindo preventivamente nas situações de retenção e evasão decorrentes das condições de vulnerabilidade socioeconômica. A PRAEC é constituída pela Coordenadoria de Assistência Comunitária (CACOM), Coordenadoria de Nutrição e Dietética (CND) e pelo Núcleo de Acessibilidade da UFPI (NAU). Nos campi fora de sede estão instalados os Núcleos de Assistência Estudantil (NAE), também vinculados à PRAEC.

Sobre as *oficinas diálogos*, o tema seria *Eu-Nós Carcará*, que adveio da perspectiva Ubuntu, em que tudo que eu tenho sou eu e tudo que nós temos somos nós, em inteira relação entre individual e coletivo. O plano era que as(os) participantes-confluentes – em partilha consigo e com as(os) outras(os) – mobilizadas(os) por exercícios-reflexivos, voassem, viajassem em suas histórias, refletissem sobre si, sobre suas vidas, relações sociais, migrações, desafios e superações cotidianas, vivências e experiências na/com a academia. Na operacionalização das oficinas, concomitantemente à *pesquisa formação* (auto)biográfica, utilizaria o caminho metodológico das *Oralimagens*, que serviria para acionar narrativas orais e escritas, a partir de imagens de retirantes nordestinas(os) e perceber as táticas que usamos para borrar estas imagens.

A intenção era trabalhar com 2 (dois) grupos de partícipes. O Grupo 01 seria

formado por estudantes residentes em cidades do interior do Piauí, que realizassem deslocamento cotidiano, migração pendular (Interior – campus Teresina – UFPI), e fossem beneficiadas(os) com a Bolsa de Apoio Estudantil (BAE), concedida pela PRAEC-UFPI. A bolsa no valor de R\$ 400,00. Destinada a estudantes de graduação em situação de vulnerabilidade socioeconômica que atendam aos requisitos gerais do PNAES e aos critérios específicos do edital da PRAEC. Para fazerem migração pendular estes estudantes precisariam ser oriundas(os) das seguintes cidades do estado do Piauí: Campo Maior, Altos, José de Freitas, União e Demerval Lobão.

O Grupo 02 seria formado por estudantes que tivessem feito o movimento de deslocamento “permanente”, residissem na capital Teresina e fossem beneficiadas(os) com a bolsa Auxílio Residência (AR), concedida pela PRAEC-UFPI. Esse auxílio é pecuniário, tem o valor de R\$ 600,00, destinado a estudantes de graduação, em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que atendam aos requisitos gerais do PNAES e aos critérios específicos do edital da PRAEC, e que sejam provenientes de outros municípios e/ou estados da federação, fora do campus sede em que está matriculado.

Contudo, preciso lembrar às(aos) leitoras(es) que a (pés)crita desta tese aconteceu em meio à pandemia da covid-19 e, por mais que houvesse o planejamento prévio sobre a ida a campo, as passadas foram desnorteadas e, como diz Haddock-Lobo (2022, p. 16), “nenhum caminho é inaugurado em absoluto”. A proposta inicial de realizar de três a cinco oficinas, com dois grupos de participantes, aos poucos se desfez, e passou a exigir novas estratégias. Tentei sustentar a proposta inicial o quanto pude, mas fui surpreendida por situações que me demandaram repensar as passadas.

Nos meses de janeiro e fevereiro de 2022 realizei o processo de levantamento das(os) participantes-confluentes. Para o levantamento, acessei o banco de dados do Sistema Integrado do Núcleo de Assistência Estudantil (SINAE), com autorização e auxílio das assistentes sociais da PRAEC. Adotei os seguintes critérios de inclusão e exclusão: deveriam ser estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, beneficiadas(os) com os Programas “Bolsa de Apoio Estudantil (BAE)” ou “Auxílio Residência (AR)”, disponibilizados pela PRAEC-UFPI. Estudantes beneficiadas(os) com a BAE precisavam realizar deslocamento cotidiano, migração pendular (Interior – campus Teresina – UFPI) e serem oriundas(os) das seguintes cidades do estado do Piauí: Campo Maior, Altos, José de Freitas, União, Demerval Lobão. Estudantes beneficiadas(os) com a bolsa AR precisariam ser provenientes de outros municípios do Piauí, fora do campus sede em que estavam matriculadas(os), e terem feito o movimento de deslocamento “permanente” para residir na capital Teresina.

Foram propostos, ainda, os seguintes recortes: deveriam ser estudantes de quaisquer cursos de graduação da UFPI; que estivessem com mais 2 anos vivência e experiência na universidade. Não foi feito recorte de idade, gênero, raça e classe social. A pretensão era trabalhar de modo interseccional, pensando na multiplicidade de atravessamentos e compreensões que poderão surgir. A proposta da interseccionalidade sugere que a raça contribua e fortaleça o debate de classe e gênero, com análise integrada e horizontalizada.

O levantamento me apresentou o seguinte: do total de 250 estudantes beneficiadas(os) com a BAE, no período, 9 atendiam aos critérios de inclusão e exclusão. Do total de 57 estudantes beneficiadas(os) com AR, no período, 16 atendiam aos critérios da pesquisa. Ao final fiquei com o total de 25 estudantes. Os inseri em uma tabela que criei e que continha o nome, número da matrícula (para constatar o ano de ingresso), curso, cidade de origem, e-mail e telefone. Na sequência, enviei o e-mail-convite.

O conteúdo do e-mail apresentava a proposta e os objetivos da pesquisa e formalizava o convite de participação na primeira oficina. A proposta era que cerca de 4 a 10 estudantes aceitassem participar da pesquisa. Dos 25 convites enviados obtive resposta de apenas 4 estudantes. Desses, todas(es) eram beneficiários de AR. Não havia estudante beneficiária(o) de BAE. Às(Aos) que manifestaram interesse em colaborar, encaminhei e-mail com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para leitura e assinatura, além do link da plataforma *Google Meet* para acessar às oficinas, que aconteceriam em formato remoto em virtude da continuidade da pandemia provocada pela covid-19.

4.3.1 Oficinas diálogos: Eu-Nós Carcará

Nos dias 23 de abril e 7 de maio de 2022, aconteceram as oficinas virtuais, com duração de duas horas (das 9:30 às 11:00), e em formato virtual (respeitados todos os aspectos referentes à ética na pesquisa e ao sigilo), haja vista a continuidade da pandemia. A UNICAMP havia retornado às atividades presenciais, mas a UFPI ainda se encontrava com ensino remoto. Das quatro pessoas que aceitaram participar, três compareceram. Conduzi as oficinas de Campinas-SP. Devo compartilhar que a experiência virtual foi desconfortável tanto para mim, enquanto pesquisadora, quanto para as(os) partícipes. As câmeras ligadas eram janelas e mundos de possibilidades, mas, talvez, esse formato não tenha favorecido a tranquilidade necessária à partilha de narrativas. Com o anúncio de que a UFPI retomaria as atividades no segundo semestre de 2022, senti que era fundamental recomeçar, voltar à Teresina e viabilizar as oficinas presencialmente.

Retornei a Teresina-PI em julho de 2022. Realizei planejamento e elaborei

cronograma para operacionalizar a oficina presencial o mais breve possível. A tentativa da oficina em contexto virtual (que não saiu como previsto) consumiu tempo importante, e eu precisava reorganizar a proposta. Marquei reunião com as assistentes sociais e a pró-reitora (em exercício) da PRAEC. Precisava de apoio para elaborar uma estratégia que mobilizasse a participação voluntária na pesquisa. Depois de muito refletir, o meio mais viável da proposta da oficina chegar às(aos) partícipes seria (novamente) o e-mail. Mas, desta vez, a PRAEC e o Setor de Serviço Social se comprometeram em reforçar o convite via e-mail institucional. Pensamos também em espalhar cartazes-convites nos murais da PRAEC e em áreas estratégicas da UFPI, como os Restaurantes Universitários e os setores de maior circulação pelas(os) estudantes. Elaborei um cartaz simples. Não dediquei reflexão necessária para elaborar uma “arte de impacto”. Nem pensei nisso, na verdade.

Figura 16 – DIAS, Leyllane Dharc. Primeiro Cartaz produzido para a oficina de pesquisa, 2022. 59,4x42 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, Teresina-PI, 2023.

Conforme consta no cartaz, as oficinas estavam programadas para acontecer nos dias 24 e 25 de agosto de 2022. Antes disso, efetuei novo levantamento no SINAÉ. Do total de 552 bolsistas BAE, 40 cumpriam os critérios da pesquisa. De 223 beneficiadas(os) com bolsa AR, 60 atendiam à proposta. Os e-mails foram encaminhados e os cartazes foram espalhados pela UFPI. De 100 correspondências eletrônicas enviadas, recebi resposta de 6 estudantes. Apesar da pouca quantidade de interessadas(es), ainda era possível acreditar na viabilidade da execução da oficina.

A pró-reitora da PRAEC reservou a sala de reuniões do setor, bem como concedeu todo o suporte audiovisual para o momento. Agendei uma conversa com a professora Dra. Francilene, para conhecer mais sobre o método da *Oralimagem*. Não pretendia cometer

equivocos na execução. Estava segura de que tudo correria bem. Eu só não contava com uma coisa: o retorno às atividades presenciais veio acompanhado de estranhamento por parte das(os) estudantes (e de toda comunidade acadêmica). Muitas(os) regressaram com a saúde mental fragilizada. Qualquer atividade extra aula, que fosse desenvolvida na instituição, recebia acanhada adesão. Não foi diferente na oficina. Na manhã do dia 24 de agosto de 2022, pouco mais de uma hora depois do horário agendado, apenas uma estudante compareceu. Por essa razão, a atividade precisou ser cancelada.

Eu não consigo descrever o sentimento que me envolveu na ocasião. Fiquei apática por alguns instantes. Temi não ser mais possível continuar com a proposta da oficina. Tentaria mais uma vez? Mudaria a abordagem? Partiria para *entrevistas conversas* individuais? Eram muitos os questionamentos. Necessitava agir com rapidez para contornar mais uma queda na caminhada. Porém, como assegura Ailton Krenak (2019, p. 62), “temos muito medo quando a gente cai, sentimos insegurança, uma paranoia da queda... Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos”.

O meu paraquedas começou a ser construído a partir de uma conversa despreziosa com a única pessoa que compareceu à oficina naquele dia 24.08.2022. Ela sinalizou que a mobilização das(os) estudantes para participação em qualquer atividade advinha da emissão de certificado. Pela lógica produtivista da universidade, sentem-se atraídas(es) por coisas que lhes atribuam carga horária, já que a instituição estabelece a condição de horas complementares para a conclusão dos cursos. Foi a partir disso que considerei inscrever a oficina como evento de extensão.

Submeti a proposta no dia 28.08.2022, na aba de “Ações de Extensão” do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFPI. Abri 25 vagas. A inscrição seria destinada, preferencialmente, a estudantes beneficiárias(os) com os seguintes Programas da PRAEC: Auxílio Residência (AR); Residência Universitária (REU); Bolsa de Apoio Estudantil (BAE) – preferivelmente, estudantes que residissem nas cidades de Altos, Campo Maior, José de Freitas, União, Demerval Lobão. As inscrições também poderiam ser efetivadas por professoras(es), estudantes e pesquisadoras(es) interessadas(es) pela temática. O tema da oficina-evento de extensão era *Eu-Nós Carcará: migração estudantil na/da/para Universidade Federal do Piauí-UFPI* e tinha como objetivo geral: Conhecer e viabilizar a partilha de narrativas sobre experiências migratórias para acessar e estudar na UFPI. A oficina foi planejada para acontecer nos dias 27 e 28 de setembro de 2022, no turno da tarde, das 14:00 às 18:00. Temia que a participação fosse ínfima, então reservei a sala de reuniões da PRAEC (que

comporta, no máximo, 10 pessoas). Organizei a programação no Quadro 2 seguir:

Quadro 2 – Programação oficina-evento de extensão era *Eu-Nós Carcará*

Dia 27/09/2022 – 14:00-18:00	Dia 28/09/2022 – 14:00-18:00
1. Acolhimento e Acordos iniciais.	1. Acolhimento e Acordos iniciais
2. Apresentação da pesquisa de Doutorado	2. Socialização de Aprendizagens
3. Questões e Socialização de experiências	3. Questões e Socialização de experiências
4. Aprendizagem criativa 1	4. Aprendizagem criativa 1
5. Dinâmica 1	5. Dinâmica 1
6. Confluências com/a partir de imagens	6. Confluências com/a partir de imagens
7. Dinâmica 2	7. Dinâmica 2
8. Acordos finais e Lanche	8. Acordos finais e Lanche

Fonte: a autora (2022).

No dia 13.09.2022 recebi a autorização da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PREXC) para a realização da atividade. Iniciei, então, o planejamento para a divulgação do evento. O sistema SIGAA por si já funciona como um canal importante de disseminação das atividades de extensão. Todos os cursos e eventos com inscrições abertas são publicizados. Apesar de conhecer esta possibilidade, temia não ser suficiente, e programava fazer um cartaz (diferente daquele anterior) para espalhar pela universidade e redes sociais.

Paralelo à mobilização para organização da oficina, eu frequentava virtualmente o curso *O fazer decolonial na arte*, que integrava o Ciclo de Práticas Decoloniais, proposto e ofertado pelo Núcleo de Práticas Artísticas e Autobiográficas (NuPAA) da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob a coordenação da Profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues. Conheci a profa. Dra. Manoela pelas redes sociais. Sim, gosto desses espaços virtuais e os percebo como mecanismos possíveis para aprendizagens. Sigo muitas páginas que compartilham estudos sobre narrativas e (des)colonização. E a página do NuPAA é potente neste aspecto.

Considero o curso *O fazer decolonial na arte* etapa relevante para a composição da tese. Agregou e fortaleceu a perspectiva artística que corre em minhas veias. A arte é parte mim, sou parte da arte. O curso era composto por vários módulos, mas um, em especial, me atravessou fortemente (o relato mais detalhado sobre as reverberações do curso encontra-se no Passo VI da tese). Ministrado pelo Prof. Dr. Wolney Fernandes, o módulo *Percursos criativos e processos de montagem com colagem* me fez refletir sobre as relações que se pode estabelecer com as imagens a partir da técnica da colagem. Colocar as imagens em relação. Não é apenas

recortar, mas dobrar, sobrepor, retirar partes a fim de trazer outros significados ou intensificar significados. Você pode realizar esse movimento, por exemplo, para (des)colonizar imagens hegemônicas, que comportam narrativas únicas e subalternizam. “O significado das coisas nunca é estável, algo pode querer dizer algo”, disse Wolney durante o curso. A concepção se conecta com o método das *Oralimagens*. A imagem fala. Que outras possibilidades e histórias a imagem me indica? Foi a partir de tantas provocações que pensei a arte do cartaz⁵ de divulgação da oficina-evento de extensão.

Figura 17 – DIAS, Leyllane Dharc. Segundo Cartaz para a Oficina-Evento de Extensão, 2022. 29,7x42 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, Teresina-PI, 2023.

Os cartazes foram divulgados e anexados nos setores e murais da UFPI e disseminado pelas redes sociais. Houve mobilização da minha família, amigas(os), servidoras(es) e das(os) próprias(os) estudantes da UFPI na propagação. O estudante monitor, cadastrado no sistema de extensão, do curso de Pedagogia, também colaborou nesta etapa. Tive a feliz surpresa de, em poucos dias de divulgação, preencher as vagas disponibilizadas. Mesmo com as inscrições finalizadas houve procura de pessoas interessadas em participar. Em função disso, fez-se necessária a alteração do local de realização do evento. Antes seria na sala de reuniões da PRAEC, que comportava o máximo de 10 pessoas. Transferi para a sala do

⁵ O cartaz em tamanho mais ampliando consta nos apêndices da tese.

Laboratório de Acessibilidade e Inclusão (LACI), localizada na Biblioteca Central da UFPI, espaço maior, cedido gentilmente pelo Núcleo de Acessibilidade da UFPI (NAU), setor vinculado à PRAEC. O NAU também fez a cessão dos equipamentos audiovisuais e de gravação.

Logo na manhã do dia 27.09.2022, a tensão tomava conta do meu corpo. Pelas tentativas anteriores, temia a ausência de pessoas novamente. Pensava: fui muito audaciosa em propor encontros grupais em vez de entrevistas individuais? Faço o exercício de memoriar. Recordo que a proposta de ações em grupo sempre me foi mais prazerosa e envolvente. Na época do mestrado, ao trabalhar com as turmas dos cursos de Moda e Serigrafia da Casa de Zabelê, as melhores experiências da pesquisa aconteciam em grupo. Apesar de ter optado pela entrevista semiestruturada, existiam nos cursos os momentos das culminâncias culturais, que configuravam a partilha coletiva das produções artísticas que desenvolviam. Aquele acontecimento era poderoso. Meus olhos brilhavam. As entrevistas individuais tiveram relevância incontestável, mas eram nos episódios grupais que as(os) participantes conversavam, trocavam conhecimentos, compartilhavam as técnicas que cada uma(um) empregava nas produções. Era uma situação relacional e, em relação, as experiências se fortaleciam. Por isso, pensei na proposta da oficina para o doutorado.

Em casa, no dia 27.09, acordei cedo. Organizei e separei todo o material necessário. Dispus, cuidadosamente, em saquinhos transparentes, os blocos de anotações e as canetas que seriam entregues com estima e gentileza às(aos) participantes. Perto do meio-dia, fiz café quentinho para levar. Encontros marcados na quentura da tarde teresinense não dispensam o café. Comprei bolos para acompanhar. Tratei as oficinas como eventos grandiosos. Sim, eram grandes e importantes para mim. Procurei seguir os protocolos de organização e cerimonial, mas sem perder de vista a leveza e a liberdade criativa da proposta.

Antes de ir à Biblioteca, passei na PRAEC para encontrar e buscar as assistentes sociais que se dispuseram a colaborar na organização. Recolhi, junto ao NAU, o material audiovisual que havia concedido. Cheguei à Biblioteca, encontrei o estudante monitor. Pegamos a chave do LACI. Até aqui eu não conseguia esconder a ansiedade em saber se as pessoas inscritas iriam ou não comparecer. Informei às(aos) funcionárias(os) que ficam na porta de entrada da biblioteca sobre as oficinas e solicitei que orientassem a localização da sala.

Abri a sala. Organizei as cadeiras em círculo. Os aparelhos audiovisuais foram ligados e testados. Meia hora antes do início da oficina, as primeiras pessoas começaram a chegar. Por fora, eu demonstrava tranquilidade. Por dentro, eu gritava: Vai dar certo! Nos tópicos que seguem, os desdobramentos das oficinas são compartilhados.

PASSO V – NARRATIVAS CONFLUENTES

Quais as narrativas das(os) participantes-confluentes que experienciaram o processo migratório para estudar na Universidade Federal do Piauí (UFPI)? Quais possibilidades de criação contravisualidades sobre as experiências migratórias nordestinas a partir dessas narrativas? Essas perguntas são importantes para pensar a noção-conceito de *Retirância*. São questionamentos que conduziram os meus passos durante o planejamento e organização das oficinas.

Nessa parte do texto apresentarei as(os) participantes-confluentes da pesquisa. Conforme explicitarei anteriormente, foram disponibilizadas 25 vagas para a ação de extensão, preenchidas rapidamente. No entanto, no dia da execução, compareceram 14 pessoas. Todas(es) estavam com máscaras faciais, pois configurava o semestre de retorno às aulas presenciais, após longo período de atividades remotas em razão da pandemia da covid-19. O evento de extensão (oficinas) respeitou o Protocolo de Biossegurança da UFPI (Resolução CONSUN/ UFPI nº 56, de 20.01.2022), especialmente no que tange ao uso obrigatório de máscara tanto pelas(os) participantes-confluentes quanto pelos membros componentes da equipe de organização. Foi disponibilizado, na entrada do local da atividade, álcool em gel a 70% para higienização das mãos.

No início das oficinas, as(os) participantes-confluentes ficaram cientes de que se tratava de uma pesquisa de doutorado. Deram o aceite de participação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e o Termo de Consentimento para uso de Imagem e Voz⁶. Esses acordos foram fundamentais para a utilização das narrativas⁷ e fotografias no texto. Os nomes descritos a seguir são fictícios. Escolha necessária para a garantir o sigilo e preservar as identidades. São codinomes que fazem referência a pessoas importantes a nível de Piauí, Nordeste, Brasil e mundo.

A participação e a contribuição dessas 14 pessoas foram de suma importância para a investigação. Situei o problema de pesquisa, os objetivos e compartilhei pontos da minha trajetória e experiências pessoais e profissionais. Em roda, de maneira circular, horizontalizada, narramos experiências, histórias, sorrisos, medos, teimosias e (re)existências. Juntas(es) compreendemos a força e a relevância de ocupar o espaço da Biblioteca da UFPI (especificamente a sala do LACI). Seguem registros fotográficos das oficinas:

⁶ O Termo de Consentimento para uso de Imagem e Voz encontra-se no Apêndice A e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no Anexo A, ao final desta tese.

⁷ A transcrição das narrativas encontra-se nos Apêndices C e D.

Figura 18 – Fotos das Oficinas Eu-Nós Carcará: Migração estudantil na/da/para UFPI, 2022. Fotografia digital.

Dimensões variadas











Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

O grupo, pouco em quantidade, porém forte e plural, estava ali a fissurar a estrutura rígida da universidade com narrativas circulantes. Apresento, a seguir, as(os) participantes-confluentes:

1. O estudante do curso de Moda, Design e Estilismo, **Arthur Bispo do Rosário (ABR)**, é proveniente da cidade de São João da Serra - PI, localizada 126 km da capital Teresina. Entrou na universidade por meio das cotas. Já foi morador da Residência Universitária da UFPI. Atualmente, recebe o benefício estudantil AR e reside em imóvel alugado com outros colegas nas proximidades da UFPI.
2. **Maria Firmina (MF)** é natural de Caxias, no Maranhão, cursa Pedagogia, ingressou na universidade por meio de cotas, é beneficiária de AR, e reside com o tio em Teresina.
3. Proveniente de Passagem Franca (MA), **Rita de Cássia (RC)** é estudante de Medicina Veterinária, ingressou na universidade no ano de 2017 por meio de cotas, bolsista de AR, divide aluguel em Teresina com dois amigos.
4. Outro participante da pesquisa é o **Mestre Dezinho (MD)**, natural de Ipiranga, cidade localizada ao sul do estado do Piauí. Chegou em Teresina em 2019 para cursar Engenharia Elétrica. Bolsista de AR, reside na capital em imóvel compartilhado com colega.
5. **Luiz Gonzaga (LG)** cursa Engenharia Mecânica desde 2018, ingressou na universidade por meio de cotas, é de São Lourenço do Piauí, zona rural da cidade de São Raimundo Nonato. Recebe o benefício AR e mora em Teresina próximo à universidade.
6. **Maria da Inglaterra (MI)** nasceu e se criou na cidade Arraial, ao sul do Piauí. Faz o curso de Letras Português-Francês. Ingressou na UFPI no ano da pandemia, em 2020. Teve uma semana de aula e retornou para a sua cidade. Acompanhou dois anos de curso remotamente. Em 2022 retornou a Teresina para assistir aula em formato presencial. É bolsista AR.
7. Outra participante da pesquisa é a **Gal Costa (GC)**. Estudante de Física, é natural de Capitão de Campos (PI). Assim como Maria da Inglaterra, também entrou na universidade no período pandêmico. Voltou agora para a Teresina e divide despesas de aluguel com uma amiga.
8. **Maria Sueli Rodrigues (MSR)** é de São João da Serra, no Piauí, faz o curso de Ciências da Natureza. É Bolsista AR.
9. O Estudante de Física **Patativa do Assaré (PA)** provém de José de Freitas, cidade limítrofe a Teresina. Apesar da proximidade de sua cidade, escolheu, por motivos financeiros, não fazer migração pendular. Reside em imóvel alugado em Teresina e recebe o benefício AR.

10. **Esperança Garcia (EG)** é da cidade de São Félix do Piauí, é professora Substituta da UFPI. É integrante, há 26 anos, do grupo de cultura Afro Afoxá.
11. A estudante **Francisca Trindade (FT)** faz o curso de Física e está no último período do curso. Reside na cidade de Campo Maior e faz migração pendular, isto é, vai para a UFPI e volta para a sua cidade de origem todos os dias. É bolsista AR.
12. Do curso de Letras Inglês, **João Evangelista (JE)**, apesar de ser da capital, diz ter movimentos e idas e vindas na universidade. Afastou-se por um tempo da academia em virtude de trabalhos artísticos e questões familiares. Agora retorna. Também participa do grupo de cultura Afro Afoxá.
13. O estudante de medicina **Belchior (B)** veio da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Entrou na UFPI por meio das cotas para pessoas com deficiências, por ter um quadro neuropsiquiátrico. É acompanhado pelo Núcleo de Acessibilidade da UFPI, vinculado à PRAEC. Quando chegou em Teresina, morou por um período na Casa do Estudante, mantida e gerenciada pelo Governo do Estado do Piauí. Atualmente, recebe o benefício AR.
14. **Maria Bonita (MB)**⁸ cursa Geografia, entrou na UFPI em 2018, está no oitavo período. É proveniente na cidade de Ipiabina (Ceará) e recebe AR.

⁸ Caras(os) leitoras(es), os codinomes escolhidos foram inspirados em personalidades importantes para o contexto nordestino e para contexto piauiense. Caso não tenham proximidade com a história e a representatividade de cada uma(um) para nós, segue breve biografia: **Arthur Bispo do Rosário** (1911-1989), nordestino de Sergipe, negro, pobre, internado em hospital psiquiátrica por cerca de 30 anos, subverteu a lógica excludente em que estava inserido por meio de obras artísticas místicas, as quais utilizou diferentes técnicas entre costura, bordado e escrita para criar icônicos estandartes. Em suas obras empregava materiais diversos como: linhas desfiadas dos velhos uniformes das(os) internas(os), canecas, pedaços de madeiras, arame, vassoura, papelão, fios de varal, garrafas. Sua obra mais conhecida é o *Manto da Apresentação*. Fonte: <https://museubispodorosario.com>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Maria Firmina dos Reis** (1825-1917), nordestina do Maranhão, mulher negra, professora, escritora, pesquisadora, compositora. Escreveu diversas obras entre poesias, crônicas, textos ficcionais e até enigmas e charadas. Contribuiu sobremaneira com publicações em jornais literários. Sua mais renomada obra chama-se *Úrsula*, que configura como primeiro romance abolicionista de autoria feminina da língua portuguesa; e, possivelmente, o primeiro romance publicado por uma mulher negra em toda a América Latina. Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Rita de Cássia** (1972-2023): nordestina de Ceará, foi a maior cantora e compositora de forró do Brasil. Compôs mais de 500 músicas. Muitas são consideradas verdadeiros hinos para as(os) nordestinas(os), como: “Meu vaqueiro, meu peão” e “Saga de um vaqueiro”. Fonte: <https://www.folhape.com.br/cultura/saiba-quem-foi-rita-de-cassia-compositora-de-forro-morta-por-fibrose/252737/>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Mestre Dezinho** (1916-2000): nordestino do Piauí, é renomado artista, considerado precursor da arte santeira piauiense. Suas peças são talhadas em madeira, produzidas em tamanho real. Nas roupas dos santos há desenhos de cajus, flores e outros elementos que caracterizam a cultura do Piauí. Fonte: <http://artepopularbrasil.blogspot.com/2010/12/mestre-dezinho.html>. Acesso: 04 mar. 2023; **Luiz Gonzaga** (1912-1989): nordestino de Pernambuco, foi cantor, compositor e sanfoneiro, conhecido nacionalmente como o Rei do Baião. Espalhou o forró, baião, xote e xaxado pelo mundo. Sua composição mais conhecida é “Asa Branca”. Fonte: https://www.ebiografia.com/luiz_gonzaga/. Acesso em: 04 mar. 2023; **Maria da Inglaterra** (1940-2020): nordestina do Piauí, cantora e compositora, que marcou as(os) piauienses com sua alegria e autenticidade. Produziu mais 2000 composições, mesmo sem ter sido alfabetizada na educação formal. A escola da vida/experiência lhe permitiu conquistar os palcos e os nossos corações. Seu grande

As atividades propostas nas oficinas foram planejadas e elaboradas com a intenção de ajudar a responder ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos. Apesar de ter formulado planejamento prévio, eu estava muito aberta às outras possibilidades e caminhos que as narrativas poderiam trilhar e acionar. Atravessadas, então, pela narrativa (auto)biográfica e pelo método narrativo das *Oralimagens* (Silva, 2017), as reflexões que seguem foram organizadas em eixos-atravesamentos, conforme as narrativas acionadas por imagens e temas disparadores das atividades desenvolvidas: **eixo-atravesamento 1**: exercício reflexivo-imagético; **eixo-atravesamento 2**: narrativas sobre/com/a partir de imagens de retirantes/migrantes nordestinas(os); **eixo-atravesamento 3**: *Retirância* na/para a universidade. Dentro do **eixo-atravesamento 1** agrupei, condensei, organizei subeixos: **subeixo 1**: as árvores-memórias que salvam e as raízes que ocupam espaços; **subeixo 2**: representação de imagens homogeneizantes de migrantes-retirantes; **subeixo 3**: histórias de outras pessoas que falam sobre mim de outro

sucesso foi “O peru rodou”. Fonte: <https://www.geleiatotal.com.br/2017/10/17/maria-da-inglaterra/>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Gal Costa** (1945-2022): nordestina da Bahia, foi cantora, compositor, multi-instrumentista, consagrada internacionalmente. Integrante de movimento Tropicalista, foi também intérprete de muitas composições do poeta piauiense Torquato Neto. Militante feminista, posicionava-se politicamente contra preceitos conservadores e a censura. Fonte: <https://jornal.unesp.br/2022/11/12/gal-costa-consolidou-se-como-maior-cantora-da-moderna-musica-popular-brasileira-diz-docente-da-unesp/>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Maria Sueli Rodrigues** (1964-2022): nordestina do Piauí, foi advogada, professora universitária, escritora, militante, teórica orgânica do povo. Referência importante nas lutas do povo negro, quilombolas, lutas das/pelas mulheres, socioambientais. Presidiu a Comissão Estadual da Verdade e da Escravidão Negra. Organizou o Dossiê Científico Esperança Garcia que resultou no reconhecimento desta como a primeira advogada do Piauí. Foi mulher de resistência às opressões epistemológicas hegemônicas. Fonte: <https://midianinja.org/news/ancestralizou-maria-sueli-teorica-sertaneja-que-retomou-um-signo-da-resistencia-negra-chamado-esperanca-garcia/>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Patativa do Assaré** (1909-2002): nordestino do Ceará, foi poeta, repentista, cordelista. Um dos maiores que o Brasil já viu. Alguns de seus poemas foram musicalizados por Luiz Gonzaga, como o sucesso “Triste Partida”, que retrata os traumas da seca e a vida retirante. Fonte: https://www.ebiografia.com/patativa_assare/. Acesso em: 04 mar. 2023; **Esperança Garcia** (1770): mulher negra, de 19 anos, escravizada, escreveu uma carta ao governador da província do Piauí, em que denuncia maus tratos e violências que ela, seus filhos e outras(os) escravizadas(os) sofriam na fazenda em que trabalhava. O documento é histórico, foi escrito à mão e representa a mais antiga petição/reivindicação que se tem notícia. A carta escrita por Esperança Garcia foi encontrada no arquivo público do Piauí pelo historiador Luiz Mott, quando realizava sua pesquisa de mestrado, em 1979. Em 2017 Esperança Garcia foi reconhecida pela OAB/PI como a primeira advogada piauiense. Em 2022, foi a OAB Nacional concedeu o título de Primeira Advogada do Brasil. Fonte: <https://esperancagarcia.org/esperanca-garcia/>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Francisca Trindade** (1966-2003): nordestina do Piauí, mulher negra, foi professora, liderança popular, militante do Movimento Negro, vereadora por dois mandatos, deputada estadual, deputada federal. Foi a parlamentar mais votada da história do Piauí, com 165.190 votos. Defensora dos direitos dos jovens, negras(os), pobres, mulheres e trabalhadoras(es). Foi uma das fundadoras do Grupo Afro Cultural “Coisa de Nêgo”, nos anos 1990. Fonte: <https://cidadeverde.com/noticias/389381/francisca-trindade-uma-historia-de-resistencia-20-anos-de-sua-partida>. Acesso em: 04 mar. 2023; **João Evangelista** (1962-2022): nordestino do Piauí, negro, foi militante, professor universitário da área da Educação e Afrodescendência, com grandes contribuições para a educação piauiense; **Belchior** (1946-2017): nordestino do Ceará, foi, professor, artista plástico, cantor e compositor, reconhecido nacionalmente. Suas músicas têm letras potentes e geniais. Fonte: <https://biografiaresumida.com.br/biografia-de-belchior/>. Acesso em: 04 mar. 2023; **Maria Bonita** (1911-1938): nordestina da Bahia, foi a primeira mulher a ingressar no cangaço. Esposa de Lampião, “teve uma vida compatível com seu espírito aventureiro e transgressor –comportamento muito valorizado nos homens, mas sempre reprimido nas mulheres. Conseguiu algo que muitas não conseguem até hoje, que é dar fim a uma relação abusiva e começar uma vida nova”. Fonte: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/cncedh/article/view/11860/16299>. Acesso em: 04 mar. 2023.

modo; **subeixo 4:** narrativas que fissuram a universidade em versos e dobras. Os eixos-atravesamentos e os seus subeixos, embora pareçam dividir o texto e torná-lo linear, compreendem, na realidade, uma sequência discursiva e circular elaborada a partir da constância dos sentidos e dos atravessamentos percebidos nas histórias narradas. Tais constância e atravessamentos foram percebidos com a criação de um quadro-mosaico⁹ em que as falas foram selecionadas e organizadas em temáticas.

5.1 Eixo-atravesamento 1: Exercício reflexivo-imagético

Na primeira atividade da oficina, as(os) participantes-confluentes foram convidadas(os) a um exercício reflexivo-imagético. Questionadas(os) sobre qual(is) imagem(ens) aparece(m) em suas mentes quando ouvem a palavra “retirante” e “migração nordestina”, teriam que apresentar suas respostas por meio do formato que achassem mais confortável. Entreguei folhas de papel sulfite, tamanho A4, na cor amarela, e canetas hidrocores. Reservei o tempo de 20 minutos para as produções. Cada uma(um) pegou o seu material.

Durante a atividade foi possível perceber alguns rabiscos no papel, barulho das folhas sendo dobradas e amassadas, e olhares distantes ao horizonte, como quem tenta puxar do fundo das memórias as respostas ao questionamento. E o silêncio. Decidi, então, colocar uma música. A princípio tinha separado a canção “Memoriar”, da cantora piauiense afro-indígena Monise Borges. A letra da música é um chamado ao exercício de reflexão acerca das experiências da vida, se estas foram suficientes, caso não tivesse mais a oportunidade de viver. “Quais histórias te marcaram, te afetaram e te atravessaram?”

Se você soubesse
Que a vida fosse acabar
Antes de chegar o sol, de manhã
Será que tudo que viveu ia bastar?

Na sua cabeça
Que tipo de filme ia passar?
Histórias tristes ou felizes
O que ia te embasbacar

Pense no que já viveu
Não pense no que viverá
O agora, o hoje, o então
Foque no momento que está

Ouçá, vento, memoriar
Pensamento, onde você está

⁹ O modelo do quadro encontra-se no Apêndice G desta tese.

Ouçã, tempo, devagar
É momento de eternizar [...] (Memoriar, 2020).

A canção é marcante, melodia serena. Contudo, preferi perguntar o que gostariam de ouvir. Uma participante-confluente respondeu que queria a música “Saga de um vaqueiro”, da banda de forró Mastruz com Leite. Para as(os) nordestinas(os) essa canção é um clássico, são quase 9 minutos de uma narrativa sobre amor, desigualdade social, idas e vindas. O grupo ficou animado com a escolha. Também considerei a proposta interessante. Primeiro, porque tratava-se de forró, os pés ficam confortáveis, a letra e história soam familiar aos ouvidos. Segundo, porque, sendo forró, a perspectiva do movimento, do giro, da não linearidade, funcionavam como convite à fluidez e à celebração. E, terceiro, porque, de certa forma, considerei a opção pela música a representação da imersão no questionamento proposto. Era um entrelaçamento de percepções e memórias. Os vaqueiros compõem a narrativa nordestina e são, como diz Haddock-Lobo (2020, p. 38), “grandes professores de filosofia deste país”, como suas sabenças e habilidades para pegar e apertar as colonialidades no laço. Além disso, o início da música configura permissão poética para a contação de histórias: “Vou pedir licença pra contar a minha história...”. Caras(os) leitoras(es), peço licença para compartilhar as narrativas resultantes do exercício imagético.

Algumas(alguns) participantes-confluentes expressaram suas perspectivas por meio de desenhos, outras(os) por meio de desenhos com palavras-chaves, outras(os) por meio de dobraduras, outras(os) por meio de poesias. No entanto, o encantamento desse momento ficou por conta dos desdobramentos das histórias. As narrativas não se reduziram a apresentar o que surgiu em suas mentes a partir da palavra disparadora. Mas em colocar na roda como essas imagens tinham pontos de encontros com suas histórias. Penso que estávamos a puxar o fio de um novelo que, a cada história, ele se desenrolava e se emaranhava com as outras histórias em confluência.

5.1.1 Subeixo 1: As árvores-memórias que salvam e as raízes que ocupam espaços

O participante-confluente Arthur Bispo do Rosário expressou a sua narrativa por meio de desenho:

Eu fiz a representação visual de uma árvore, certo. É, essa árvore ela tá fixa num local, né, mas o sentido pra resposta dessa pergunta é que, por mais que a gente passe por um processo de mudança, transformação, a gente sempre vai pertencer a algum local. Mesmo que aquilo não seja permanente, né, mas a gente veio de algum local. Então, eu achei válido, né, tá respondendo essa pergunta fazendo esse desenho da árvore, né,

mostrando, né, as etapas de transformação, que tá nesse processo de mudança, de migração (ABR, 2022).

Figura 19 – Arthur Bispo do Rosário [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho com hidrocor sobre papel sulfite A4 na cor amarela



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

A narrativa de ABR me fez refletir, em parceria com o pensador jamaicano Stuart Hall (2013), sobre a questão da motivação migratória, que é acompanhada pelo desejo de retorno. Hall chama de “identificação associativa” essa forte ligação com a cultura de origem. Apesar disso, Hall atesta que o local não deve aparecer mais como única possibilidade de identificação, haja vista que, nas situações de diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Além do elo que liga a pessoa migrante à cidade de origem, há compartilhamento e vivências com outras(os) migrantes, identificações com os locais para onde migraram, e a reidentificação com outras culturas. O que defende então, é a existência de identidade cultural, que está ligada ao passado, ao presente e ao futuro. E essa ligação é o que ele chama de tradição, que é compreendida como fidelidade às suas origens, a sua marca, sua existência autêntica. Por conta disso, a identidade cultural não pode ser natural ou fixa. O sentimento de pertencer é móvel, não estanca, construído. A identidade cultural na diáspora é questão histórica, pois as

sociedades não são compostas de um, mas de muitos povos, com origens que não são únicas, mas diversas.

Paralelamente, eu gosto dessa coisa de pensar com/acerca/em cima de árvores. Lembrei-me do potente curta-metragem brasileiro “Casca de Baobá”, da diretora Mariana Luiza, 2017. O filme conta a história de Maria, jovem negra quilombola, que reside na capital do Rio de Janeiro para trabalhar e fazer curso universitário. Troca cartas constantemente com a sua mãe, dona Francisca, que mora no Quilombo da Machadinha-RJ. As cartas transbordam memórias, saudades. Refletem sobre questões econômicas, sociais culturais e raciais. É um chamado para o cuidado com as memórias: “Nossa memória é igual a ruína da Casa Grande, se a gente não cuidar, o tempo despedaça” (trecho do filme). Isso justifica a referência ao Baobá, como a árvore que transporta lembranças. Dona Francisca, no filme, conta que as pessoas escravizadas eram forçadas a dar voltas em torno do grande Baobá para “esvaziar” a cabeça e esquecer de onde vieram. Performance da violência orquestrada contra os povos sequestrados de África. No entanto, o Baobá, também configura a representação da (re)existência africana. O fundamento que une mundos por meio de suas raízes. É como se as raízes interconectassem os povos diaspóricos às suas terras, comunidades e grupos de origem. “Ninguém se esquece de onde vem. Só finge pra poder continuar vivendo.” Fingir esquecimento é uma arma utilizada contra o colonizador. A árvore desenhada por ABR é o chamamento para a necessidade de compreender que estamos firmes na terra, porém interconectados por meio das nossas raízes, que quebram asfaltos e chãos.

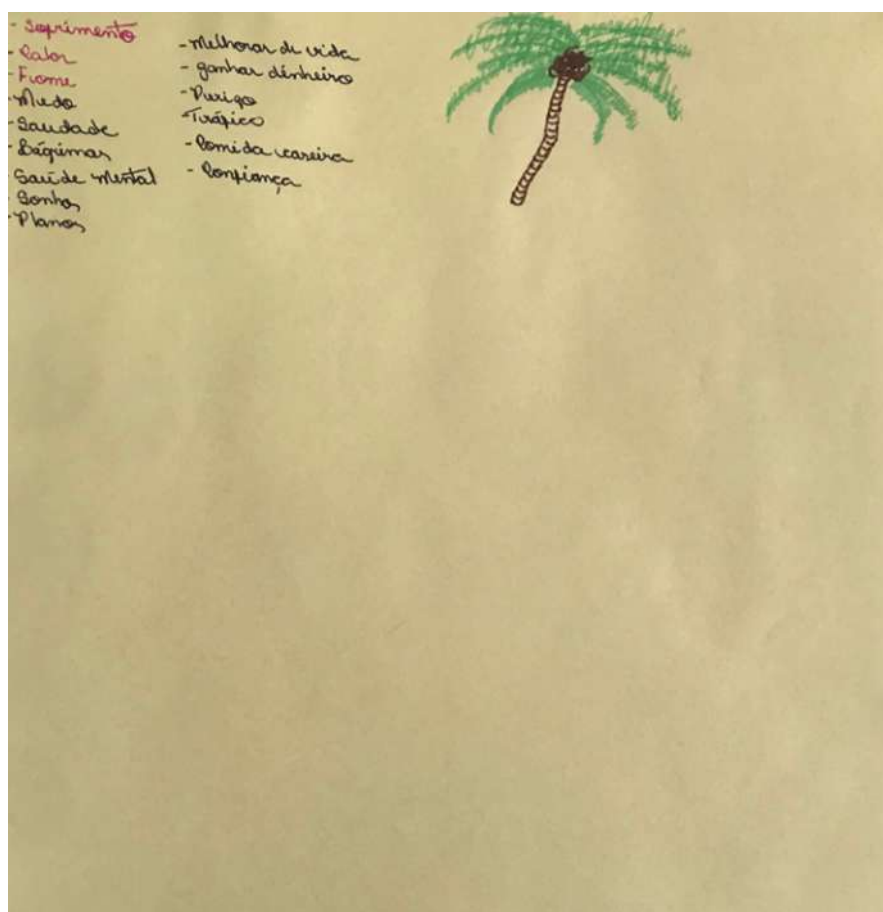
O meu Baobá era a Laranjeira que sombreava o quintal da casinha amarela, como já descrito. Neste ponto da escrita, me sinto confortável em contar mais sobre ela. Cada parte da laranjeira era possibilidade de conhecimento. Eu e minha irmã, quando crianças, aprendemos muito com ela e em cima dela. Seus galhos mais grossos, curiosamente, não tinham espinhos. Parecia um convite para estar sempre ali com/sobre ela. Brincávamos, estudávamos, conversávamos no alto da laranjeira.

Em certo período do ano florescia. Brotavam pequenos botões brancos, de aroma forte. As flores caíam e formavam lindo tapete branco no chão. Aquilo era poesia para mim. Ao mesmo tempo, as flores anunciavam que em breve frutos doces e cheios de água chegariam para saciar a sede e a fome. Por morar na periferia vi a fome bater à porta, principalmente, das(os) minhas(meus) vizinhas(os). Quando a fome gritava escandalosamente, as(os) vizinhos subiam no muro e pediam para pegar algumas laranjas e folhas para fazer chá. A autorização para isso, não vinha da minha mãe ou do meu pai que, teoricamente, tinham “propriedade” sobre a laranjeira. Não. Era a própria laranjeira que autorizava o toque em seus galhos. Cada

puxada de folha e fruto era uma entrega carinhosa e cuidadosa em favor da sobrevivência. Hoje, com essas lembranças que deixaram meus olhos marejados, percebo que o pé de laranja estava ali, no meio do quintal, para nos salvar. No passado foi salvação energética e vital. Hoje é a salvação das minhas memórias mais importantes. A laranjeira não mais existe fisicamente. Soube que ela secou assim que nos mudamos. Que dor. Mas, ela continua tão viva, tão frondosa no meu coração. Gratidão, querido pé de laranja!

Na confluência das narrativas, a participante Rita de Cássia, ao compartilhar sua experiência imagética, também resgatou, em meio à sua história, uma árvore-memória: “o pé de coco”.

Figura 20 – Rita de Cássia [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho e escrita com hidrocor sobre papel sulfite A4 na cor amarela



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

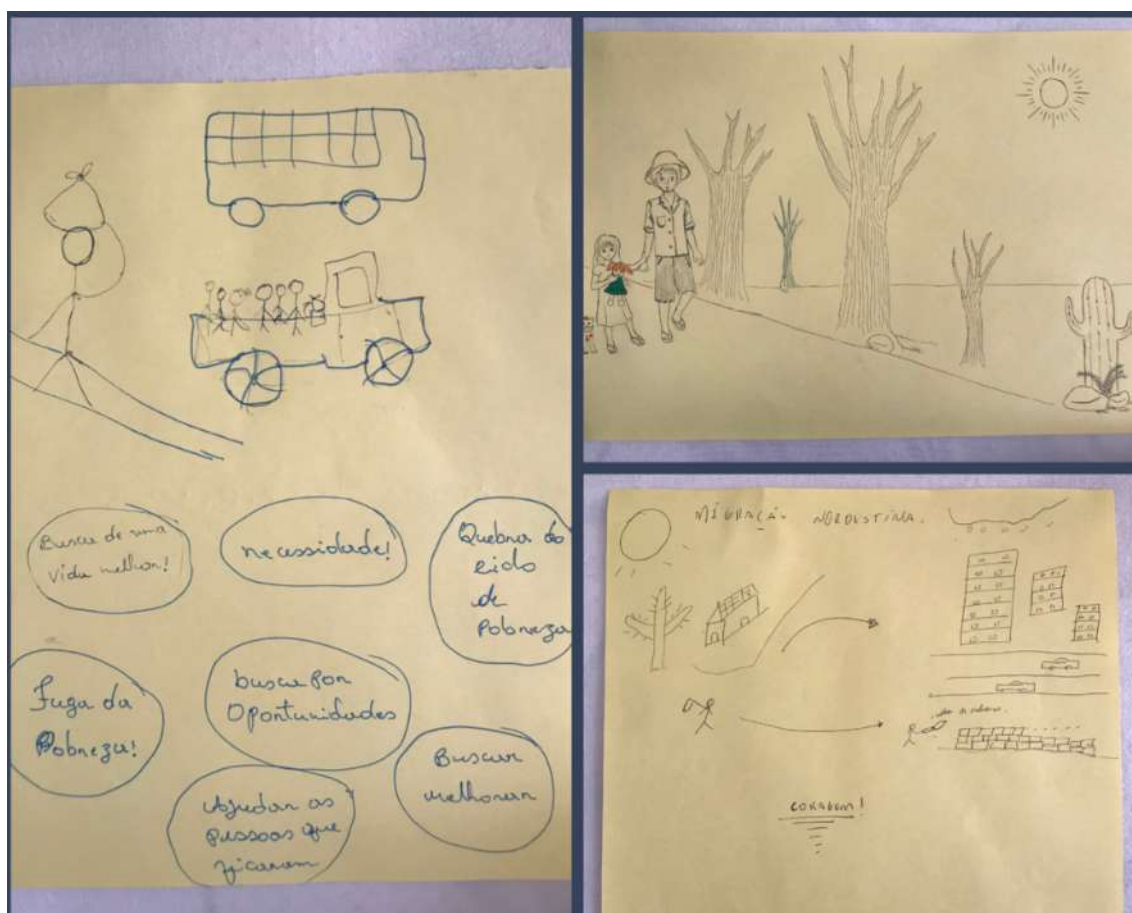
Essa palmeirinha eu botei, porque lá em casa tinha um pé de coco, que eu era apaixonada nesse pé de coco. E meu pai também, apaixonado nesse pé de coco. E aí o pé de coco morreu. Meu pai chorou no dia que esse pé de coco morreu. Ele chorou porque o pé de coco morreu. Eu: ‘pai, o que é que o senhor tá chorando com esse pé de coco? Ele: ‘não, minha filha, porque lembrei da tua avó’. Que minha avó, quando ele era novo, minha avó era apaixonada por coco, e como eles eram bem pobres, né, quando viam um pé de

coco, assim, armaria, era a salvação deles pra comer o baguin do coco, né. Aí ele chorou porque o pé de coco morreu. Aí eu fiquei lembrando nele. (RC, 2022).

No exercício imagético, RC acionou memórias familiares. A relação da memória com a experiência é evidente. Aline Motta (2022, p. 61) diz: “um corpo separado de sua memória não é mais uma pessoa”. Eu Digo: Um pé de coco separado das memórias não é mais um pé de coco. Uma laranjeira separada das memórias não é mais laranjeira. Essas árvores, sim, continuam vivas e vigorosas em nossos pensamentos.

5.1.2 Subeixo 2: Representação de imagens homogêneas de migrantes-retirantes

Figura 21 – Maria da Inglaterra, Luiz Gonzaga e Francisca Trindade [nomes fictícios]. Teresina-PI, 2022. Desenhos e anotações sobre papel sulfite A4 na cor amarela



Fonte: fotografias do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Para confirmar a representação hegemônica e homogênea da figura do Nordeste e da(o) retirante, ainda muito forte e presente no imaginário de todas(es) nós, compilei as narrativas de três confluências que detiveram correlação e regularidade em suas reflexões.

Quando eu ouvi a palavra retirante e migração a que me vem à cabeça, primeiramente, é essa daqui ó: tá o nordeste, solzinho aqui tinindo, o mandacaruquinho, que é a característica do Nordeste, e o Sudeste, que é os prédios, tal, e uma pessoa saindo do Nordeste pra ir trabalhar em construção civil (LG, 2022).

Eu desenhei aqui uma pessoa com uma trouxa na cabeça, porque quando eu ouvi a palavra retirância me lembra da minha infância, e as pessoas migravam, com a trouxinha e tudo, pra algum lugar em busca de uma melhoria (MI, 2022).

Quando falou em retirante eu me lembrei bastante daquela parte mesmo de retirante que eu vi mais, assim, pelo menos nos livros e tal. Não cheguei a viver tanto [...] aí quando falou de retirante, eu me lembrei daquela cena que a gente vê, geralmente, nesses livros, é, O Quinze, esses livros mais clássicos, que eles falam de pessoas, tal, num local inóspito, assim, bem difícil de viver. E que, em alguns momentos do ano, elas vão ter que sair, vão ter que fazer essa retirada, justamente porque o ambiente não contribui para que elas possam viver ali de maneira fixa (FT, 2022).

A representação do Nordeste sofreu forte influência da literatura brasileira. Contribuíram sobremaneira para a construção imagética do Nordeste e seu povo. Escancaram o sofrimento, a pobreza, a fome, a luta pela sobrevivência. São visões que percorrem o nosso corpo com estereotípias. Produções que dão livre acesso ao outro dizer quem somos. E nós acreditamos. A nossa pluralidade é suprimida. O Nordeste é visto como única coisa, onde todas as pessoas têm sotaque carregado, feições castigadas pelo sol, não-alfabetizadas, fora dos centros intelectuais e econômicos do país.

Gosto de viajar pelo Brasil. Conheço a maioria dos estados brasileiros. Anos atrás, em viagem de férias ao Mato Grosso do Sul, eu e meu esposo estávamos com um grupo de turistas. Em conversa descontraída de apresentação, cada uma(um) dizia o nome e de onde vinham. Todas(es) que se apresentaram eram provenientes de cidades das regiões sul e sudeste. Quando chegou a minha vez e eu disse que era do Piauí, a primeira pergunta foi: Onde fica o Piauí? Admirei-me com o questionamento, afinal desde muito novas(os), apreendemos sobre todas as regiões e os estados brasileiros. É geografia básica. Nós aprendemos sobre elas(es), mas elas(es) não aprendem sobre nós.

De imediato percebi e senti o incômodo da invisibilização. Mas, não parou por aí. Quando eu falei que o Piauí ficava no Nordeste, veio a surpresa de todas(es): “você é nordestina?” “Como assim?” “Nem parece nordestina, não tem sotaque de nordestina(o).” Não recordo com propriedade o que respondi. Apenas lembro de ter dito que o Nordeste não configurava unidade homogênea, e que nem todas(os) tinham o sotaque carregado que as(os) brasileiros costumavam ver e ouvir na televisão. A questão socioeconômica também interseccionava as falas das(os) turistas. Afinal, o que uma nordestina fazia a viajar de férias, em destino considerado caro, hospedada em hotel conceituado? Não deveria ela vir para cá apenas para procurar trabalho e garantir a sobrevivência?

São percepções que nos deixam paralisadas(os) em imagens desconexas e descontextualizadas. O enquadramento e o roteiro estão cristalizados. O que tiver desconforme à regra é incompreensível. Retornem à narrativa da participante-confluente Francisca Trindade. Percebam que a sua lembrança está imersa em imagens ofertadas nos/pelos livros didáticos. São representações que circulam nas escolas de educação básica do Brasil, e corroboram com a narrativa hegemônica sobre as(os) nordestinas(os). Concordo com Albuquerque Júnior (2017) quando diz:

Apoiada, pois, na narrativa da retirada, a literatura das secas se estrutura como o relato da sucessão de percalços, de eventos que vão progressivamente despossuindo os personagens de suas terras, de seus pertences, de seus animais de estimação, das provisões que fizeram para a viagem, de seus valores morais, para terminar por despossuí-los de seus filhos, de sua descendência, de sua saúde, de seu corpo, dirigindo-os para duas saídas extremas: a morte ou a emigração forçada para outras terras. Nesse relato figuras e cenas foram construídas e se fixaram como a realidade desse fenômeno. Elas tiveram o condão de produzir uma figurabilidade, uma visibilidade para a seca que será, posteriormente, transformada em pinturas, desenhos e ilustrações, terminando por aparecer nas produções cinematográficas e televisivas sobre esse fenômeno (Albuquerque Júnior, 2017, p. 247-248).

A reflexão que reverbera em mim – e penso que em vocês também, leitoras(es) em confluência – e que evoco à lembrança no decorrer do texto, é: como essas imagens e histórias hegemônicas têm cumprido bem o seu papel ao sintetizar, de maneira homogênea, as experiências migratórias das pessoas nordestinas que se deslocam por qualquer outro motivo que não seja só o de sobrevivência ou de fuga da seca. Até a simples viagem de férias que realizei ocasionou estranhamento. As motivações para as experiências migratórias das(os) participantes-confluentes da pesquisa foram, inclusive, diferentes das experiências dos seus familiares. E essa compreensão ficou nítida nas histórias que compartilharam. A método das *Oralimagens* foi o caminho-prática educativa importante para que outras histórias pudessem ser acionadas a partir do exercício imagético proposto. Não configurou apenas a descrição do que eles imaginaram. Memórias acionadas das coisas já vividas e sentidas, em experiências individuais e coletivas, foram agentes dismanteladores das narrativas que as(os) outras(os) contam e pintam sobre nós. É o que vamos perceber no subeixo que segue.

5.1.3 Subeixo 3: *Histórias de outras pessoas que falam sobre mim de outro modo*

O método das *Oralimagens* viabiliza o cruzo entre a imagem, oralidade, escrita e experiência. Essa interrelação levou o exercício-reflexivo-imagético sugerido para além da pureza descritiva do que seria a(o) retirante nordestina(o) na perspectiva das(os) participantes-confluentes. Histórias de si e a história de outras(os) (que também falam de si) foram

desveladas. Sobre isso Walter Benjamin (1987, p. 201) diz que “o narrador retira da experiência o que ele conta: a sua própria experiência ou a relatada pelos outros; e incorpora as coisas narradas à experiência dos outros ouvintes”. Então, só se sabe contar uma história quem teve a experiência. Benjamin (1987, p. 205) enuncia igualmente que a narrativa, entrelaçada com a experiência, “não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele”. Isso pode ser constatado nas narrativas que seguem.

Quando ela falou a palavra retirante, eu lembrei automaticamente do meu pai, da história do meu pai. Aí, eu lembrei de algumas coisas que ele sempre compartilhava com a gente, né. Meu pai ele tem 74 anos, atualmente. Eu tenho outros irmãos por parte de pai, né. Só que eles são bem mais velhos, e a gente não chegou a conviver tanto tempo. E aí ele sempre contava pra gente, como a família dele era muito grande, eram 13 irmãos contando com ele, né, e eles eram muito pobres. Daí, meu avô não tinha condição de alimentar todo mundo. Então, meu pai começou a trabalhar desde muito novinho, tipo muito novinho mesmo, ele já trabalhava pra alimentar, pra ajudar a alimentar os outros irmãos. E aí ele sempre contava que ele passava muitos dias sem comer pra dar pros mais novos, né, pros outros irmãos, ou então, deixava de comer pra dar pra mãe dele, né, pra minha avó, porque meu avô era, como é que eu posso dizer, ruim rs, era ruim. Tipo, ele, naquela época, não sei se vocês já ouviram falar, que tinham muitas pessoas que trabalhavam, assim, é, buscando gado numa região e indo deixar em outra. Ele trabalhava assim, meu avô. Ele pegava o gado de uma região, ia deixar em outra. E aí, o dinheiro que ele pegava, em vez dele dar pra família, não, ele ia beber, ele ia gastar com amante. E aí a família ficava passando fome. Então, meu pai falou que ele, tipo, passou muita fome quando era pequeno. Tanto é que, hoje em dia, tem uma característica do meu pai que tem hora que eu fico estressada. Mas aí, quando eu vou parar para pensar, eu entendo: meu pai ele não come se não tiver carne, não come se não tiver carne. Ele disse que tem que ter. Pode ser uma linguiça, pode ser uma salsicha, ele não come se não tiver carne. E aí, é, a mistura, né. Aí um dia eu me estressei com isso. Porque, a comida pronta, né, minha mãe tinha feito a comida, só que minha mãe disse que não ia botar a carne pra descongelar, e ia fritar ovo, se ele quisesse comer ele comia ovo. E aí ele se estressou, ‘pois eu vou descongelar essa carne’. E eu: ‘pai, mas que coisa é essa, pai, que o senhor não pode comer um ovo. E aí ele: ‘minha filha, eu já passei tanta fome na minha vida, tanta fome, que hoje, eu tendo na minha geladeira cheia de carne, tu acha que eu vou comer um ovo? Como não’ rs. Tem hora que eu entendo. E meu pai, tem muito essa coisa de fartura, entendeu? Oh, se chegar uma pessoa lá em casa, e ele não vê a pessoa mastigando, é mesmo que tá matando ele. A pessoa tem que tá mastigando, tem que tá comendo [risos]. E aí, eu entendo (RC, 2022).

Meu pai casou com 20 anos de idade, minha mãe tinha 17, super jovens. Meu pai, acho que passou dois dias depois de casado, já casou com a passagem comprada pra ir pra São Paulo, nem a lua de mel não teve [risos]. Casou e foi. Naquele tempo nem tinha meio de comunicação, nem nada. Casou, passou seis meses lá trabalhando, nem sabia nem se tinha mulher e menino no Piauí. Mas, isso, é, quando eu falo assim de migração, é a primeira migração na minha cabeça, porque foi o que foi presente na minha família, foi o que tem presente hoje lá ainda. E sempre a família da gente foi muita migratória. Nunca tiveram muitas raízes na região. Porque sempre foi uma família muito sonhadora. É uma família de pessoas que, muito apaixonadas pelo lugar que nasceram, que foram criados, que tem as suas raízes, mas nunca se contentando com o que aquele lugar proporcionava. Então, eles sempre foram atrás de algum modo de ganhar dinheiro, de sustentar. Meu vô quando voltou a trabalhar, mas voltou e com o dinheiro que ele ganhou lá, ao invés dele gastar com alguma coisa, ele investiu lá na região, num comerciazinho, por um tempo, pra manter a família (LG, 2022).

Venho de um lugar... assim, eu sou de Arraial, mas eu não moro dentro da cidade, eu moro no interior do interior... na zona rural. E lá na zona rural é assim: Para os rapazes quando completam 18 anos, ou eles vão para o corte de cana, hoje em dia não é mais muito comum, mas antigamente era muito comum. Se eles tivessem alguma namorada já deixavam noiva, e a menina ficava esperando, e o rapaz ia pra São Paulo para trabalhar no corte de cana, e quando voltassem eles se casavam. Já no segundo caso, construção civil. Eu vi muito isso. Inclusive, meus irmãos. Era muito triste ver eles partindo. Inclusive, eu chorava todas as vezes que eles iam, porque a minha mãe sempre tinha muita aquela insegurança, de medo dos filhos dela não voltar, então, nós já ficava todo mundo meio apreensivo quando eles iam pra construção civil. Aí, eles iam, passavam um ano ou dois, e voltavam (MI, 2022).

Meu primo mesmo, não é meu primo de sangue, é marido da minha prima, ele, atualmente, ele tá trabalhando longe. Ele tá trabalhando num local que ele não gosta. Ele tá numas condições que não são muito boas, porque, apesar deles terem local pra dormir, por exemplo, a empresa não dá comida pra eles e tal. Eles têm que cozinhar, e aí aparentemente nenhum deles não sabe cozinhar direito, ele é o que sabe mais. E ele não tá gostando muito. Mas ele sabe que ele tem que fazer isso, já faz muito tempo que ele tem esse movimento migratório de sair de Campo Maior pra ter que ir pra outros estados pra poder, justamente, buscar uma vida melhor. Geralmente, o que é que ele fala: é que geralmente Campo Maior não tem muita oportunidade de emprego pra ele. Ele não é o tipo de pessoa que se acomoda. Ele é o tipo de pessoa que quer tá ativo. Ele não nega trabalho, ele não foge do trabalho, ele sempre que ele pode, ele tá lá fazendo alguma coisa, pode ser uma coisa pequena, que não vai dar muito dinheiro pra ele, mas é uma coisa que dá uma satisfação pra ele, que ele pode ajudar uma pessoa e tal (FT, 2022).

Ao partilharem as compreensões sobre migração nordestina, as(os) participantes-confluentes escavaram suas memórias e resgataram histórias de familiares. Poderiam restringir a narrativa somente com a definição e o entendimento do que seria a(o) retirante nordestina(o). No entanto, suas(seus) corpas(corpos) foram atravessados pelas histórias de outras pessoas que, da mesma forma, compõem suas experiências. Esta é a proposta das *Oralimagens*, e que me possibilitou compreender que a migração não configura apenas o movimento de saída, de ir para fora, o deslocamento territorial. Constitui, acima de tudo, pelas narrativas das(os) participantes-confluentes, o deslocamento para dentro de si, para os seus Ser(tões) de dentro. O movimento que permitiu vasculhar memórias e contar histórias que estavam dentro de cada uma(um). São escolhas e reorganizações que fazemos para falar sobre nós mesmos. Walter Benjamin (1987) explica que o narrador tem facilidade para se mover em diversas direções nos degraus de sua experiência.

Interessante perceber que, no percurso do doutorado, ao compartilhar a minha vivência e experiência em caminharças nas aulas e nos grupos de pesquisas, da mesma maneira, eu resgatava a história de migração da minha mãe. A história dela me acompanha e me forma. Impossível falar de mim sem falar de minha.

“Não vai se criar!” Foi a frase de desespero que o meu bisavô, seu Antônio Joana (pai do meu avô), proferiu quando recebeu a minha mãe em sua casa, nos primeiros dias de

vida, recém-nascida. Nasceu em Esperantina, interior do Piauí. Muito pequena, desnutrida, desfalecida. A mãe biológica da minha mãe, uma mulher preta, muito pobre, aflita, sem saber como faria para alimentar e criar aquela bebê que nascera, correu para a casa do meu bisavô em busca de socorro, afinal, o seu filho (o meu avô) fez como muitos homens contemporaneamente ainda fazem em virtude da estrutura machista da nossa sociedade: engravidou a minha avó e a abanou à própria sorte. Meu bisavô foi o pai da minha mãe. Meu avô em nenhum momento demonstrou carinho por minha mãe, não a registrou no cartório, não a reconheceu como filha... nunca. A minha avó também “sumiu”. Depois que minha mãe estava adulta, voltou a ter contato. Não conseguia mais chamá-la e reconhecê-la como mãe. Quem criou e cuidou de mainha, juntamente com o meu bisavô, foi a irmã do meu avô, tia-madrinha da mamãe.

Figura 22 – Dona Socorro, minha mãe, com 9 anos de idade. Esperantina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Mainha recorda que, até os seus quatorze anos, sua vida era calma e tranquila. Cresceu no meio do mato, rodeada de carinho e proteção. Nesse ínterim, viu a vida mudar quando a sua mãe de criação (tia-madrinha) casou-se. Teve que sair da casa do meu bisavô para residir com a mãe e o esposo. Este era alcoolista. Ficava agressivo e ríspido. Brigava corriqueiramente com a minha mãe. Um homem abusivo e tóxico. Minha mãe não suportava

mais, até que recebeu uma proposta da tia que morava na capital. A proposta consistia em migrar para Teresina para estudar e trabalhar. Disporia de teto e alimentação.

Figura 23 – Dona Socorro, minha mãe, na década de 1980, época em que se mudou para Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Mainha viu na proposta a oportunidade para mudar de realidade. Aceitou. As condições econômicas dessa tia eram favoráveis. Morava em zona privilegiada de Teresina. Conseguiu que minha mãe entrasse para o Magistério, curso que, na época, formava professoras. O que essa tia não havia contado é que a contrapartida seria cuidar dos seus quatro filhos e da enorme casa. Ou seja, mainha migrou para Teresina para ser doméstica e babá. “Ser da família” era justificativa para anular direitos. Traço típico das bases colonialistas do Brasil. Período difícil. Trabalhou muito. Sentiu-se humilhada em diversas situações. Lutou com esperança e sagacidade para sair desta situação, principalmente após concluir o Magistério, conquista a qual era grata à sua tia, apesar de tudo.

A saída encontrada foi o casamento. Ainda hoje não sei precisamente como minha mãe conheceu o meu pai. Ela evita conversar sobre isso. O casamento configurou a resposta (desesperadora) para os seus problemas. Queria ter o próprio canto. Longe de qualquer exploração. Contudo, o que significaria a solução dos problemas, acentuou-os. Viveu em

relação tóxica por anos. Os reflexos de uma vida de lutas e privações são percebidos hoje. Tem saúde frágil e delicada. Minha mãe sofreu. Sofremos com ela.

Apesar dos apertos vividos, minha mãe não descuidou de nos oferecer o bem mais valioso: a educação. Ela acreditava (acredita) muito nisso. Inclusive, depois dos 40 anos, conseguiu fazer curso superior. Formou-se em Pedagogia na UFPI. Conquista emocionante e importante, que só aumentou o nosso respeito e admiração. E que trajetória profissional linda e inspiradora! Trabalhadora do ensino público municipal, em escolas de periferia, foi professora alfabetizadora, diretora, vice-diretora, deu aulas de educação física, levou as crianças e os adolescentes em campeonatos (venceu a maioria deles). Fazia, portanto, da escola, um espaço de criação e (re)invenção. Essas memórias são meus tesouros.

Figura 24 – Dona Socorro, minha mãe, na década de 1990, na escola que trabalhava em Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 25 – Dona Socorro, minha mãe, na década de 1992, em atividade extraclasse. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 26 – Dona Socorro, minha mãe, início dos anos 2000, acompanhando suas(seus) alunas(os) em campeonato de futsal. Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 27 – Dona Socorro, minha mãe, início dos anos 2000, acompanhando suas(seus) alunas(os) em campeonato de futsal. Teresina-PI. Fotografia analógica. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 28 – Dona Socorro, minha mãe, na cerimônia de Colação de Grau em Pedagogia pela UFPI, 2006. Fotografia digital. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Mamãe sonhava que tivéssemos vivências e experiências diferentes, as melhores possíveis no que diz respeito à educação, não somente à referente ao espaço institucionalizado. Tanto eu quanto minha irmã agarramos a joia da educação com apreço. Sim, a educação transforma. A educação tem nos transformado. Seguimos os rastros de mainha. A minha irmã foi a primeira pessoa da família, da nossa geração, a entrar na universidade. Em seguida fui eu. Sou a única da família a ter mestrado e cursar doutorado. As narrativas das(os) participantes-confluentes da pesquisa encontram-se com as minhas em mais este aspecto:

Quando a gente sai a gente leva muitos sonhos, não só o sonho da gente, como o da família da gente. Acredito que muitos aqui não estão realizando um sonho seu, mas também o sonho da família da gente, de ver a gente formado, e tendo aquilo que eles não puderam ter, né, e hoje eles estão podendo proporcionar pra gente. A melhora de vida, né, ganhar dinheiro, acho que é o que todo mundo aqui tá querendo, né (RC, 2022).

Eu sou a primeira a concluir o ensino médio na minha família. E a primeira também a entrar na universidade. Tentei Administração, mas não gostei. Desisti. E agora tô aqui nas Ciências da Natureza. Espero terminar (SR, 2022).

A minha avó, mais de 30 anos, ela por mais de 30 anos, ela trabalhou como doméstica. E eu, com 11 anos, eu já ia ajudar ela a fazer faxina, porque a gente tinha que ajudar em casa. E era só ela, eu e meu pai. Só que meu pai teve que sair lá pra região sudeste, Rio de Janeiro, pra construção civil. E aí, ela que tinha que me manter. Até porque, minha mãe, eu não sei nem como é que é o rosto dela [risos]. E, é, me inspirando pra tentar ajudar minha vó, dar todo esse retorno, todo esse esforço que ela teve por mim, eu decidi que iria me tornar uma cientista e, no futuro, dar o retorno a ela. E, até mesmo essa bolsa que eu recebo, já, ela foi um divisor de águas para mim, justamente porque ela deixou de trabalhar pra me ajudar a me manter aqui em Teresina, justamente porque eu recebia essa bolsa. Aí, todo esse tempo que ela passou de 30 anos trabalhando finalmente acabou (GC, 2022).

Eu migrei pra ajudar meus pais, porque meus pais sempre foram da roça, sempre tiveram aquele sofrimento. Inclusive, eu trabalhei bastante na roça também. E vou quando tá na temporada de trabalhar de roça, não importa se você tá morando em Teresina, se você tá estudando, vai pegar na enxada também. Pode ser doutor, lá em casa você vai pra roça rs. E, pra ajudar as pessoas que eu amo, e servir de exemplo na minha comunidade, e mostrar pra elas que é possível você sair (MI, 2022).

As histórias que as(os) participantes-confluentes compartilharam sobre suas famílias serviram para situar e apontar que a migração vivenciada por elas(eles) é diferente. Ou melhor, as(os) participantes-confluentes fizeram da experiência migratória de suas famílias – que já correspondia às táticas para se manterem vivos – a força para seguirem os caminhos e matos que foram abertos a facão, foice e cutelo por elas. A migração experienciada pelas(os) confluentes, e que considero o princípio fundamental das *Retirâncias*, reúne as táticas realizadas, cotidianamente, nas brechas da estrutura acadêmica, a fim de borrar as narrativas que tentam invisibilizar suas existências. As *Retirâncias* movimentam os nossos sonhos. Sonhamos com percursos e roteiros diferentes das que a sociedade há muito tem desejado nos

empurrar como norma. Posso dizer, que assim com as(os) participantes-confluentes, vivi na UNICAMP o sonho que começou a ser delineado quando minha mãe deu o primeiro passo. Quando saiu de Esperantina-PI, e se utilizou de diferentes táticas para sobreviver, e nos manter vivas também.

Por isso, que a noção de *Retirância* não é uma construção fixada, fechada, determinista. Sou eu a trabalhar desde dentro da noção-conceito-prática com a minha existência. *Retirâncias* (re)existem em corpos(corpos) de gentes. É resposta às tentativas de produção de inexistências. E as políticas de ingresso ao ensino superior, verificadas a partir dos anos 2000, precisamente com o ingresso de Luís Inácio Lula da Silva à presidência, concederam ainda mais coragem para concretizar os nossos desejos. A migração estudantil é impulsionada pela democratização do acesso à universidade. Migrar não como regra para trabalhar e ser explorada(o) no corte de cana ou em trabalhos domésticos sem direitos básicos, garantias de dignidade e respeito. *Retirâncias*, enquanto modos e táticas de (re)existências, que (des)man)telam a construção da figurabilidade da(o) retirante, borram a imagem hegemônica e o lugar-fazer naturalizado às(aos) nordestinas(os) empobrecidas(os) a partir das nossas histórias. Migrar sim, mas para acessar, estudar e fissurar a universidade. Saímos do nosso chão para pisar outros chãos para a realização de sonhos, não por imposição da narrativa de sobrevivência.

As histórias narradas movimentaram as minhas lembranças. Recordei-me do filme brasileiro *Que horas ela volta?* (2015), dirigido por Anna Muylaert. A obra cinematográfica conta a história de uma mulher pernambucana, Valdirene (representada pela atriz Regina Casé) que se deslocou para São Paulo em busca de melhores condições de vida para ela e sua filha Jéssica (representada por Camila Márdila), que ficou no Nordeste. Para garantir a sobrevivência trabalha como empregada doméstica em casa de família de classe média alta.

O filme é um convite à reflexão sobre diversas temáticas, das quais posso citar: migração; relação entre empregada doméstica e patroa(patão); desigualdade social; conflito familiar; juventude; abuso sexual; questões educacionais. Considero que o enfoque costumeiro da crítica ao *Que horas ela volta?* seja a relação entre empregada doméstica e patroa(patão). Mas recordo que o filme me afetou de outra maneira. Fui atravessada pelas implicações da migração nordestina e aos aspectos socioeducacionais retratados de forma sutil, porém não menos relevantes.

A personagem Jéssica me marcou profundamente. Esta saiu do Nordeste e foi morar na casa dos patrões de sua mãe para estudar e prestar vestibular em uma universidade renomada do Sudeste. Sua presença na casa incomodava, pois, diferente da mãe Valdirene, que não mais

encontrava possibilidade de saída da situação de subalternização, ela questiona a relação hierárquica e de poder presente naquele contexto. Questiona o porquê de dormir no quarto dos fundos, de não comer a mesma comida dos patrões, de não poder entrar na piscina. Essa relação de poder, sobre o que se pode ou não fazer é colonial e coloca em evidência as bases em que o Brasil foi construído. Jéssica questiona as colonialidades que permanecem e ditam os modos de ser e viver das pessoas. Um subalterno questionador desestabiliza as estruturas ao agir de forma diferente da posição esperada. Jéssica desestabiliza a perspectiva que esperam dela enquanto uma entidade subalterna e dócil (Torres, 2019).

A marca da colonialidade do poder, do ser e do saber estão presentes na cena em que Jéssica socializa seu interesse em prestar vestibular para o curso de Arquitetura na universidade de maior conceito de São Paulo. Os patrões ficam surpresos com a “audácia” da jovem em querer adentrar o espaço que não foi feito para ela. Faço um paralelo desta cena com a da piscina, em que Jéssica é repreendida por ter entrado e mergulhado naquele lugar, símbolo de poder da casa. A pureza e a limpidez da água da piscina são como a ideia construída e inventada sobre a modernidade e a branquitude: o poder, o belo, o padrão, a norma, o correto, o verdadeiro, o universal. Interferir nessa lógica perfeita é abusivo, é errado e até criminoso. Mandaram limpar a piscina. O argumento foi que um rato tinha sujado, contaminado a água. Jéssica era a rata. O que é ser rata(o)? Quantas(os) de nós somos ratas(os)? Quantas pessoas são vistas como ratas na universidade e em qualquer outro espaço de poder eurocentrado? Quantas(os) estudantes são vistas(os) como ratas(os) por acessarem o ambiente universitário por meio das cotas? Quais os mecanismos e discursos hegemônicos que usam para nos desinfetar?

As universidades brasileiras são apartadas da vida real, distantes da vida cotidiana. Foram constituídas numa lógica separatista entre quem é detentor de saber – as(os) filhas(os) das patroas e dos patrões – e as(os) “outras(os)” – as(os) ratas(os). A problematização que devemos fazer é: como essas(es) ratas(os) têm habitado e tensionado a estrutura universitária perversa, excludente e colonial? As(os) ratas(os) não ocupam somente os esgotos. Elas(os) podem e devem estar em qualquer lugar.

Jéssica prestou vestibular e foi aprovada. A simbologia de tamanha proeza foi a comemoração da mãe Valdirene na piscina. Ela pode sim estar naquele lugar, pode banhar, mergulhar, transbordar, encharcar. Jéssica e Valdirene foram desobedientes deste quando se aventuraram a sair da Nordeste. Foram desobedientes no cotidiano da relação patroa-patrão-empregada doméstica. Precisamos ser desobedientes. A desobediência é uma perspectiva (des)colonial. E ser (des)colonial, como diz Mignolo (2008), é abrir portas para outros tipos de

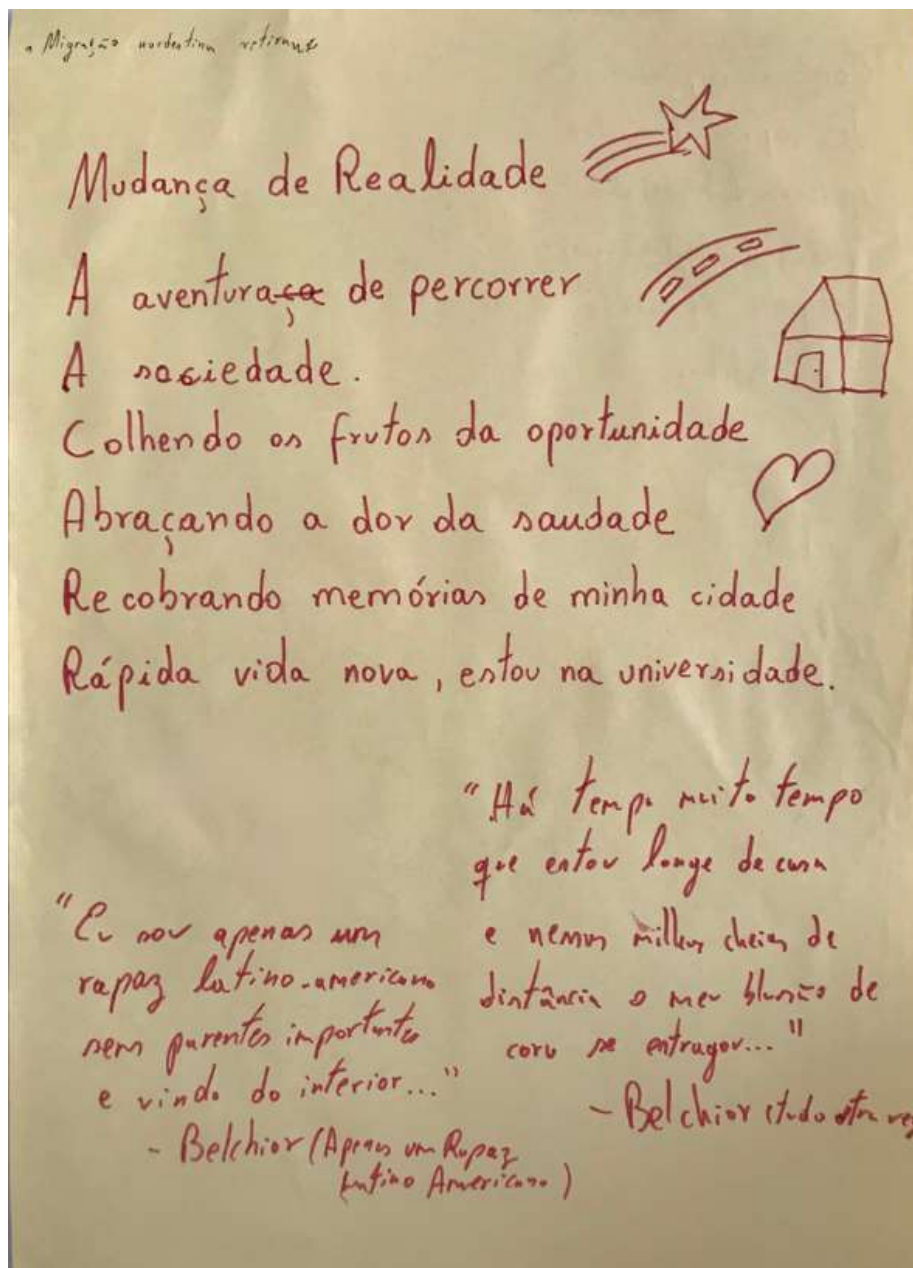
verdades, é colocar em evidência variadas oposições ao pensamento único. É questionar e tensionar as colonialidades e seus efeitos epistêmicos, materiais, subjetivos, simbólicos. A seguir partilho narrativas desobedientes.

5.1.4 *Subeixo 4: Narrativas que fissuram a universidade em versos e dobras*

No exercício-reflexivo-imagético duas pessoas sentiram-se mobilizadas em manifestar seus modos de narrar de outras maneiras: uma em forma de poema e outra em forma de dobradura. Tanto os desenhos, a poesia, a dobradura, o cordel, a oralidade, na minha compreensão, desestabilizam o ambiente da universidade, onde se prioriza a exigência do rigor científico nas produções, nas escritas – e até nas(nos) corpos(corpos). Do mesmo modo, o exercício de inventariar palavras, como *Retirância* (Retirante + Experiência), *Oralimagens* (Oral + Imagens), *(Pés)crita...* para dizer, problematizar e dar outro significado às coisas, conceitos e narrativas que foram produzidas pela lógica colonial, abre uma fenda nesse chão, que já está difícil e dolorido de pisar. É necessário criar “estilos e formas de escrita que não exorcizem os encantos e, pelo contrário, procedam às práticas da invocação e do encantamento (Haddock-Lobo, 2022, p. 27).

Compartilho das ideias de bell hooks (2019, p. 66) quando diz que estamos imersos no “contexto cultural que define liberdade somente em termos de aprendizagem da língua do opressor, somos assimilados, mesmo que lentamente, à hegemonia dominante, ao convencional”. Que possamos ser inventivas(os) em produzir outras narrativas, nomenclaturas, neologismos que nos desassimilem e nos livrem de ser, dizer e escrever o quem não somos, e nos faça caminhar “para além dessa versão rasa, vazia, do que podemos fazer – meros imitadores de nossos opressores –, em direção a uma visão libertadora que transforme nossas consciências, nosso próprio ser” (bell hooks, 2019, p. 66). Percebo, igualmente, que a *Oralimagem* é a ferramenta que abre caminhos para as (des)aprendizagens das coisas que falaram sobre nós de forma imprópria. Compartilho a narrativa do confluente Patativa do Assaré elaborada durante o exercício-reflexivo-imagético, que (desman)tela a compreensão do movimento migratório nordestino fixada no imaginário nacional.

Figura 29 – Patativa do Assaré [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho e escrita com hidrocor sobre papel sulfite A4 na cor amarela



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Eu fiz uma poesia, um poema. Também coloquei algumas peças do meu cantor favorito, Belchior, que fala muito dessas questões de sair do lugar de onde você mora, migrar pra outro lugar. E meu pai ele trabalhava, fazia essa coisa de pegar a galera, convocava, pra sair pra São Paulo pra cortar cana, né. Pegava o pessoal e ia. Tinha essa distância, mas... Porque minha mãe ela teve 10 filhos. Aí, meu pai teve que trabalhar com tudo pra conseguir dar conta desse tanto de filho. E aí, eu lembro dele também dessa questão de retirância, né. Que ele já foi pra muitos lugares. Acho que até a maneira hoje dele falar também já se foi E eu também comecei esse negócio de retirância. A primeira vez que eu saí pra um lugar longe, eu fui morar no Rio de Janeiro uma vez. Eu tava também buscando coisas lá. Eu planejava fazer Astronomia, e aí só tem Rio de Janeiro, Sergipe e São Paulo. Só que eu não queria ficar longe da minha mãe, né. Só que minha mãe ela faleceu em 2020. E aí, eu não queria ficar longe dela, mas, de qualquer forma, eu voltei pro Piauí. E aí eu fiz o seguinte texto: 'Mudança de realidade, a aventura de percorrer a

sociedade, colhendo frutos da oportunidade, abraçando a dor da saudade, recobrando memórias de minha cidade, rápida vida nova, estou na universidade’. Tem um verso também que eu fiz do Belchior que ele fala assim: ‘há tempo, muito tempo que eu estou longe de casa, e nessas ilhas cheias de distâncias, meu blusão de couro se estragou’. Que mesmo que a tempos a gente fique longe de casa, a gente percebe que a gente vai se reconstruindo. Também tem outra frase que é: ‘Eu sou apenas um rapaz latino-americano, sem parentes importantes e vindo do interior’, né. No caso, sem parentes importantes no sentido de que não são importantes, mas no sentido que eles não têm um conhecimento, relevância. E, qual foi a última frase que eu usei também é que, acho que é continuando essa música também: ‘com o diploma de sofrer, de outra universidade, minha fala nordestina, quero esquecer o Francês’. E eu acho muito interessante essa música de Belchior, porque também remete a essa história de retirância, de um rapaz que busca sempre o novo e quebrar essas coisas de tentar o melhor. Então, é isso que eu penso dessa ideia de retirância.

Como refletimos no tópico anterior as(os) participantes-confluentes entrelaçam as suas histórias às histórias dos seus familiares para dizer que as experiências migratórias que vivenciam (vivenciaram) têm outro significado. O discurso de “sair de casa para acessar algo melhor”, parece idêntico. No entanto, se aguçarmos os nossos sentidos, notaremos que a migração precedente é resultado da ilusão e da sedução gerada pelo embelezamento da modernidade/colonialidade em informar que a nossa melhoria de vida e a nossa sobrevivência está na necessidade de procurá-las em outro lugar, no lado “de cá” da linha abissal, onde o Brasil se fantasia e se maquia de progresso, avanços científicos e tecnológicos, desenvolvimento, oportunidades e acessos igualitários. Marcas das contradições do território brasileiro, que tentam justificar a exploração, apropriação e a violência. “O mundo moderno ocidental continua a operar mediante linhas abissais que dividem o mundo humano do sub-humano” (Santos, 2010, p. 39).

A tática de seduzir e aliciar nordestinas(os) com a proposta de que as regiões sul e sudeste dispõem das “melhores condições de vida”, ainda é prática corriqueira. Não acontece da forma escancarada como se verificava no passado. Mas às escuras, às escondidas, longe da vigilância das leis e das fiscalizações. Paralelo à escrita da tese, no ano de 2023, receberam notoriedade no campo midiático, escândalos e denúncias de trabalho análogo à escravização na empresa Oliveira & Santana, que presta serviço terceirizado às famosas vinícolas da Serra Gaúcha (Aurora, Salton e Cooperativa Garibaldi). Com faturamentos milionários, as produções das vinícolas tornaram-se prósperas às custas da mão de obra exploradas, em condições sub-humanas. A maioria das(os) trabalhadoras(es) resgatadas(os) eram nordestinas(os). Foram recrutadas(os) com promessas de bons salários, garantias de direitos trabalhistas. A realidade que se deparavam, entretanto, era totalmente inversa: carga horária excessiva, salários atrasados, alojamentos precários, escassez de alimentação, torturas físicas e psicológicas.

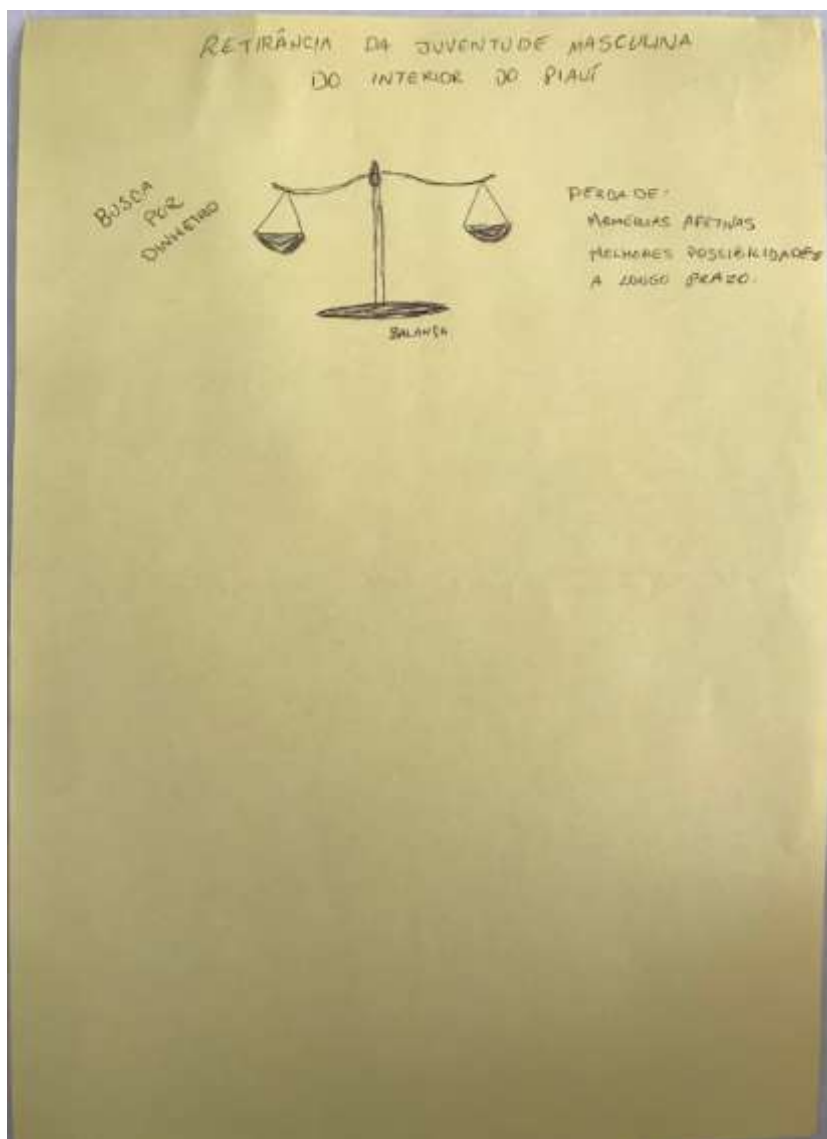
Outras denúncias seguiram-se a esta: em usinas de álcool e fazendas de cana de açúcar; e na versão brasileira do festival internacional de música Lollapalooza, que acontece anualmente na cidade de São Paulo. A quantidade de casos e crimes pode ser justificada em parte pela alteração na legislação trabalhista imposta pelo (des)governo Bolsonaro. Empresários sentem-se confortáveis em lucrar às custas de suor e sangue das(os) trabalhadoras(es). São práticas naturalizadas, que autorizam falas como as do vereador de Caxias do Sul – RS, o bolsonarista Sandro Fantinel (analisamos também no Passo II), que afirmou em tribuna, na cara de pau, na autorização e na liberdade viabilizadas à branquitude, que não houve trabalho escravo e que o erro foi contratar nordestinas(os). Seria melhor contratar argentinas(os), que são “mais limpas”. Declarações xenofóbicas e desrespeitosas às(aos) nordestinas(os) parecem ganhar respaldo nos discursos políticos. É vergonhoso e desumano.

Igualmente, o Centro de Comércio, Indústria e Serviços de Bento Gonçalves emitiu nota pública no site da entidade, para justificar que o fato ocorreu devido a ausência de mão de obra qualificada para os serviços, haja vista que as(os) trabalhadoras(es) preferem sobreviver por meio de benefícios oferecidos por um “sistema assistencialista”. Justificativas infundadas que contribuem para a disseminação das representações cristalizadas de que “nordestinas(os) são preguiçosos”, “não gostam de trabalhar” e “só sobrevivem com o Bolsa Família”.

A nota, sem qualquer fundamentação teórica e explicativa, me inquieta. Sou assistente social. Existe diferença entre os termos “Assistência Social” e “assistencialismo”. A primeira é do campo do direito à(ao) cidadã(ão). O segundo é do campo da dominação, exploração e da troca de favores. Talvez a ausência de fundamentação tenha sido proposital. Assistencialismo combina com as práticas e interesses desses empresários. A nota também serviu para confirmar que, acabada formalmente a escravização, novos mecanismos são reatualizados para estabilizar padrões de subalternização e exploração nas relações de trabalho do Brasil.

Migrar para trabalhar não é intencional. Migrar para sofrer não é intencional. Não pode constituir a narrativa única e destino comum e permissível às(aos) nordestinas(os). Essas histórias não traduzem nossas expectativas e sonhos. São problematizações que apareceram nas narrativas das(os) confluentes da pesquisa, a exemplo do que relatou Mestre Dezinho.

Figura 30 – Mestre Dezinho [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Desenho em papel sulfite A4 na cor amarela

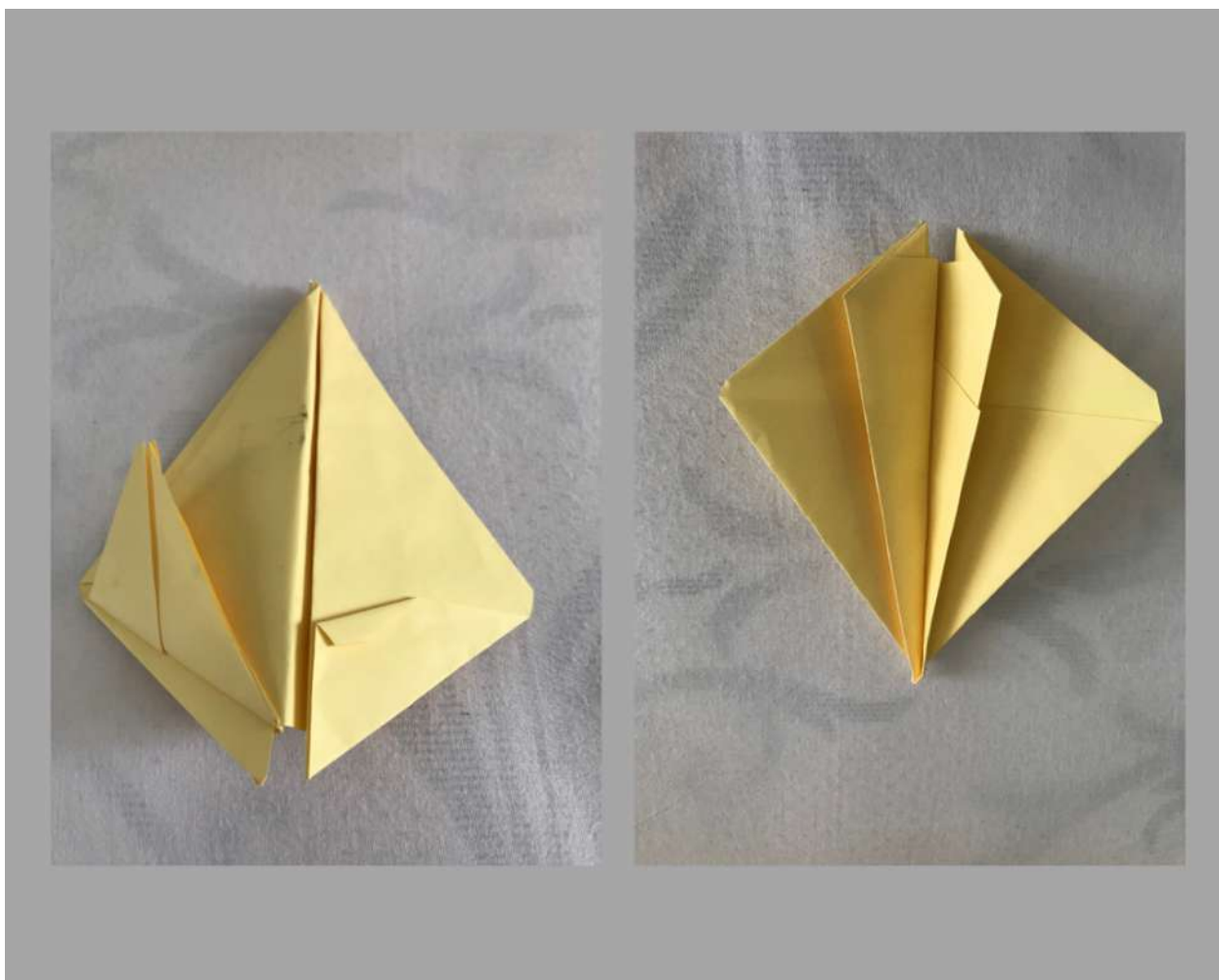


Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Quando falou em retirante, eu lembrei de uma retirância que eu vi muito na infância que me incomodava bastante, que acontecia na minha família, que era a dos meus tios, que quando entravam na juventude, iam pro Sudeste pro corte de cana, né. E eu achava aquilo... assim, ficava pensando como é que aquilo impactava eles, né, e como a longo prazo, aquilo ia influenciar na vida deles. Eu desenhei aqui uma balança, né, mal desenhada, até entrei no *Google* pra poder ver como era uma balança [risos] Que eu acho que, de um lado da balança tá, assim, a busca pelo dinheiro, né, só que era um dinheiro efêmero, porque é por temporada... E aí isso me incomodava muito, que eles iam buscar um dinheiro que teve um fim e que do outro lado da balança eles estavam perdendo algumas possibilidades que eles podiam ter de crescimento a longo prazo, né. E também, tinha uma perda de memórias afetivas, né. Então, eu enxergava essa balança na retirância deles, né. De um lado a busca por dinheiro e do outro aquela perda de algumas coisas que são essenciais, né. E aí, nessa coisa do longo prazo, eu vi, por exemplo, o meu padrinho, antes dos 20 anos ele já tava indo nessa retirância, e agora com mais de 40 ele continua indo. E é uma coisa que não faz muito sentido pra mim, sabe. E eu vejo que vai cansando, e depois disso? o que é vai que acontecer, né? Eu quis falar dessa retirância específica, né, porque tem a nossa. Mas, eu acho que essa é uma retirância que sempre me incomodou muito, até hoje (MD, 2022).

Pelas narrativas das(os) participantes-confluentes, penso que a *Retirância* desloca o eixo da migração nordestina. É a reorganização e o questionamento das rotas e das caminhadas a partir de nossas histórias. Digo que é uma herança de luta, pois perpassa a via da garantia de direitos, da (des)colonização e da reparação histórica para acessar lugares que, a princípio, não foram feitos para nossas(os) corpos(corpos). Todavia, a *Retirância* para a universidade, que é o foco do estudo, é migração para o espaço de poder, e, por isso, não escapa aos tensionamentos. Apesar da previsão de acesso, há o enfrentamento cotidiano para permanecer. O ambiente acadêmico ainda não compreende as(os) corpos(corpos) migrantes. É modo de (re)existência. Percebam tais questões na narrativa da participante-confluente Esperança Garcia proposta por meio de dobradura.

Figura 31 – Esperança Garcia [nome fictício] Teresina-PI, 2022. Dobradura em papel sulfite A4 na cor amarela



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Eu não fiz um desenho. Eu fiz dobraduras. Quando eu me apresentei, eu disse também que eu não sou daqui, né. Não sou daqui também, nem desse espaço acadêmico eu não sou. Aqui também eu sou retirante. Não faço parte desse lugar. Todos os dias eu me desloco da minha periferia pra este lugar aqui e retorno pra lá. E lá não é o lugar de

dormir, é o meu lugar de vida. Então, eu só passo por aqui. Então, pra mim, quando eu saí de São Felix, que foi por briga política lá com o meu pai. Meu pai, um homem analfabeto, lavrador, deficiente visual, músico, cantor, de uma família artista, meu primeiro professor de dança, foi com ele que eu aprendi a dançar. E, pra mim, quando nós tivemos que sair de lá por questões políticas, ele não sabia o que que nós iríamos encontrar aqui. E as condições dele também não nos trazia muita segurança, né. Um homem que não sabe ler, um homem preto, um homem cego. Então, são várias questões. Então, pra mim, essa coisa de retirante são várias dobras, né. Várias possibilidades, pequenas, grandes. Vários formatos também, né. Eu posso olhar desse lado, eu posso olhar assim, eu posso olhar assim, eu posso fazer isso também, então são várias possibilidades, todas incertas, e que eu vou construindo, é uma construção também, que eu sei direito se eu vou dobrar pra direita, se pra esquerda, né. Se é pontiagudo, né. Então, pra mim, essa retirância, no meu dia a dia, ela continua sendo isso. Porque que esse lugar da universidade também é um lugar de retirância? É porque eu sou uma mulher preta, reconheço o meu lugar de pretitude, assumo este lugar de pretitude, assumo esse lugar de mulher numa sociedade machista, que mata mulheres, nós corremos riscos muito mais que qualquer um outro ser. Enquanto somos mulher preta dobra isso. E eu sei que essa academia não foi pensada para esse meu corpo. Então, é um lugar que tenta me vomitar diariamente, constantemente. E por isso que não é o meu lugar. Não foi idealizado pra mim, não me inclui. E nem está interessado na minha história. Nunca contou a minha história. E quando eu vou contar a minha história, é a tentativa imensa, diária, permanente, de segunda a segunda, de negar essa minha história, de invisibilizar, de me calar, né, de me silenciar. É o lugar que, todas as vezes que eu entro, e que vou usar minha fala eu percebo os olhares, eu percebo os incômodos, né, as inquietudes, quando eu passo no corredor também sei o quando o quanto que eu incomodo. Estar nessa biblioteca também incomoda. ‘O que é que você está fazendo aqui?’ né. Então, sou retirante permanente. Mas eu vou sempre me dobrando sem me dobrar. Vou criando várias possibilidades de invenção e reinvenção. Então, pra mim, ser retirante tem a ver com me inventar e me reinventar diariamente e permanentemente. E tem muito a ver com João do Vale, que é um músico maranhense que fala muito de retirância, ele fala de retirância de um outro jeito, né. Não é igual ao Belchior, ele vê de outra forma essa retirância. E eu vejo também esse meu momento, esse meu estar retirante como João do Vale muito mais do que como Belchior. Belchior, eu acho que ele negocia muito com o ambiente aonde ele está. João do Vale ele não negocia. Ele sempre diz de onde: ‘eu estou, mas não estou. Eu estou aqui, mas meu lugar não é aqui’. E aí, eu dialogo muito mais com ele nesse lugar aí de reinvenção, de não me dobrar, né. E aí, eu vejo aquela imagem [da projeção do título da pesquisa] também como uma imagem de retirância. Ali eu vejo um mandacaru, mas ao mesmo tempo eu vejo um arame farpado. E mandacaru fala de resistência. E o arame farpado fala de divisão. Que foi o que fez com que eu chegasse nessa cidade chamada Teresina. E aí, quando eu digo que meu pai foi meu primeiro professor de dança, ele sabia o que é que eu ia enfrentar nesse lugar de tantos arames farpados, que é a cidade onde são todo mundo em um quadradinho. E ‘não entra, se não você vai se machucar, se furar, você vai pegar um...corre o risco de pegar um tétano no arame que vai estar ali exposto pra fazer com que você não entre. E, ele sabia disso. E ele sabia que a dança seria o meu lugar de caminhar, meu caminho. Eu sou uma mulher dançante, minha formação, é, o que me trouxe pra academia foi a dança, a dança Afro, de Matriz Africana, que é outro lugar de retirância pra mim, porque eu sei que vim de África. Não construí esse caminho, mas eu sei disso. E o meu lugar que, esse elo, esse mar, esta Kalunga grande que me liga, nessa permanência com essas retirâncias diárias, é essa segurança, e é a dança, é esse dançar. E essa dança me faz, faz com que eu consiga ter flexibilidade suficiente pra passar entre um arame farpado e outro sem me machucar, né. E se eu não tivesse essa flexibilidade, com certeza, eu não estaria aqui. Mas é também uma flexibilidade que nem o bambu. Quando o vento vem forte ele dobra, mas ele volta pro mesmo lugar. E a dança me dá essa flexibilidade de conseguir passar pelos arames farpados e chegando aonde é preciso chegar. Mas, eu tenho coragem de retornar, porque eu vou continuar com o meu complexo de superioridade. E é essa a minha reflexão, por enquanto, né (EG, 2022).

A universidade é local de poder, de disputas de poder. Foi inventada para perpetuar conhecimento hegemônico. No passado recente apenas a elite-branca a ocupava. Por meio da luta de movimentos sociais, principalmente do Movimento Negro, o acesso restrito ao ensino superior foi questionado. Com o processo de democratização e a implantação das políticas de Ações Afirmativas, houve a possibilidade da promoção à igualdade de oportunidades para todas as pessoas. A Lei Federal de Cotas (Lei nº 12.711/2012) resulta desse panorama. Lei aprovada a base de muita oposição brancocêntrica. Portanto, representa uma revolução. Viabilizou o acesso de pessoas negras e empobrecidas no ensino superior. Ingressar no ensino superior não perpassa o viés da individualidade e da meritocracia como a elite brancocêntrica quer nos fazer acreditar. A conquista é coletiva, como podemos perceber na história do confluyente Belchior.

Eu terminei o ensino médio e fiquei 5 anos tentando. Eu sabia como era um projeto de vida, eu queria muito aquilo, onde eu passasse eu iria. E mesmo sendo de origem popular e tendo poucos recursos, a minha comunidade, apostou muito em mim. Então, a questão da negritude, né. E, tipo assim, realmente, quando a gente se une, as coisas dão certo. E aí, a minha comunidade, o meu Quilombo, as pessoas onde eu morava... não era um Quilombo especificamente, mas, assim, eu considero. Aquelas pessoas de juntaram e pagaram o meu cursinho, pagaram o meu transporte, meu lanche. Então, e aí eu consegui, depois de 5 anos estudando, me dedicando bastante, passar e vim pra UFPI. Foi muito difícil (B, 2022).

Enquanto assistente social componente da equipe de Assistência Estudantil de PRAEC-UFPI compreendo que, realmente, não é apenas uma(um) jovem que adentra o espaço universitário. Ela(ele) carrega a família e a comunidade consigo. A conquista é individual, mas também é coletiva. A família percebe a sua realidade mudar com o ingresso na academia. Como bem diz Vidica (2023, n.p.), “acessar a universidade quebra o ciclo da pobreza e, a pouco mais de uma década, pensar em ter um diploma universitário nas mãos, era quase como pensar em ir à Lua”. São sonhos e esperanças depositados naquela pessoa que ousou seguir o roteiro diferente daquele que a narrativa hegemônica estabeleceu como o seu lugar de destino. O feitiço da subalternização geracional é quebrado a partir da luta e da (re)existência coletivas. O contexto universitário se transforma. Tornou-se mais plural com a presença de estudantes que compartilham outras visões de mundos, saberes e experiências. A abertura para as diferenças significa cruzo de aprendizagem entre todas(es).

Apesar das conquistas, a universidade continua sendo espaço árido e de não acolhimento. Como afirma, Eduardo Oliveira (2020), a universidade sabe muito pouco sobre o(s) Brasil(Brasis), porque vive mergulhada – em todas as áreas – nas tradições e conhecimentos do continente europeu. Há disputas de narrativas. As histórias são constantemente silenciadas. Por isso a afirmação da participante-confluyente Esperança Garcia

(2022): “É um lugar que tenta me vomitar diariamente, constantemente. E por isso que não é o meu lugar. Não foi idealizado pra mim, não me inclui. E nem está interessado na minha história”. Para as pessoas negras, indígenas, empobrecidas, mulheres, LGBTQI+, a universidade é ambiente inóspito. Existem regras e princípios que fundamentam a sua compreensão. Por conta disso, além do acesso é tão urgente e necessário falar em permanência estudantil. Esta pressupõe o questionamento e a abertura da universidade às(aos) estudantes de variados pertencimentos sociais, raciais e sexuais, com vistas a garantir a participação e o envolvimento pleno destas(destes) na vida universitária.

Quem não teve aproximação com esse lugar e sua dinâmica, atravessa um doloroso deserto. A Lei de Cotas fez 10 anos em 2022. Esses 10 anos ainda não foram suficientes para reparar as centenas de anos de escravização, descaso, abandono, perseguição, genocídio e racismo no Brasil. Ainda que tenha sido uma conquista importante, por garantir o acesso de pessoas negras, há o histórico de pessoas brancas que ousaram burlar a reserva de vagas. Logo, a formação de comissões de heteroidentificação nas seleções são imprescindíveis. Temos muito o que (des)fazer e (des)aprender. Contudo, cada avanço, cada conquista precisa ser comemorado.

5.2 Eixo-atravesamento 2: Narrativas sobre/com/a partir de imagens de retirantes/migrantes nordestinas(os)

O segundo eixo adveio do exercício-reflexivo desenvolvido na oficina, a partir de imagens projetadas em slides no programa *Powerpoint*. As imagens escolhidas para serem compartilhadas com o grupo de participantes-confluentes foram resultantes da pesquisa realizada em âmbito virtual, precisamente no sistema de busca *Google Imagens*. Digitei as palavras “retirante” e “migração nordestina”. Selecionei, aleatoriamente, cerca de 30 imagens entre desenhos, telas de museus, notícias de jornais, personagens de novelas, xilogravuras, capas de revistas, capas de livros de literaturas, recorte de imagens de livros didáticos. Acrescentei e misturei às imagens do *Google*, algumas fotografias de minha autoria, capturadas durante o percurso do doutorado e que me fazem refletir sobre a *Retirância*. Não comentei em nenhum momento que os registros fotográficos eram meus.

O método das *Oralimagens* também foi o fundamento desse exercício. Silva (2021) explica que ao pararmos diante de uma imagem podemos tanto aprender com elas, como desanuviar e autorizar o encontro entre nossas histórias e aquilo que a imagem recordou dentro de mim e escavou nas minhas memórias. É contar as nossas histórias e experiências a partir de imagens. Há, portanto, nas *Oralimagens* uma ponderação que não pode passar despercebida:

As imagens foram realizadas por alguém que tem/tinha uma história para contar imgeticamente, bem como, será vista-vivenciada por alguém que também tem histórias para contar. Olhamos para as imagens como quem escolhe contar determinados trechos de sua vida para alguém amigo. Escolhemos e reorganizamos essas imagens-oralidades-escritas sobre nós mesmas(os) (Silva, 2022, p. 237).

As(Os) participantes-confluentes sentem-se próximas(os) das imagens projetadas? Identificam-se com elas? Ou não? Há pontos de encontros entre as imagens e as suas histórias? Que outras possibilidades as imagens indicam? O que há de criatividade e (re)existência nas narrativas orais das(os) participantes-confluentes quando acionadas pelas imagens do *Google*? Desliguei as luzes da sala. Compartilhei as imagens. Silenciosa e atentamente as(os) participantes-confluentes percorriam seus olhares sobre a projeção. Reservei o tempo máximo de 40 segundos para que observassem cada imagem. Apesar de estarem de máscara facial, fiquei observar as expressões faciais e corporais. Olhos fixos nas imagens. Terminada a projeção, a roda foi aberta. Nem todas(os) falaram nesta atividade-reflexão. Os silêncios são narrativas também. Mais à frente procuro tecer reflexões sobre o porquê de isso ocorrer.

O participante-confluyente Arthur Bispo do Rosário sentiu-se atravessado pela seguinte imagem:

Figura 32 – Imagem selecionada após digitar “migração nordestina” no *Google*



Fonte: *Google Imagens*, 2022.

É um pouco parecido com a história, né. Poque eu, antes de eu migrar pra cidade, né, eu morava numa região bem humilde mesmo, que a gente tinha que se deslocar, né, no jumento, pra poder pegar água. E essa água era, tinha que dar pra tomar banho, se alimentar, fazia todas as necessidades possíveis, né. Aí, depois eu migrei pra cidade. Hoje, quando eu tô passando por alguma dificuldade, eu olho pra trás, né, e vejo o quanto eu já superei, né, até ter chegado aqui. E aí, migrar é um momento de mudança e de transformação. Porque, por mais que eu me identifique, eu sei quem eu sou, mas todo o dia eu tô me descobrindo. Então, migrar é sinônimo de renovação e mudança (ABR, 2022).

O participante-confluente ABR sentiu proximidade com a imagem. No entanto, muito potente em sua narrativa é a perspectiva do retorno. Não no sentido geográfico, mas o retorno ao qual a(o) migrante é acionada(o) cotidianamente a realizar para dentro de si quando perguntam de onde se vem, os motivos de ter saído de casa, porque fala de um jeito “diferente”... ABR diz: *“eu sei quem sou, mas todo o dia eu tô me descobrindo”*. A migração é acompanhada da exigência do retorno para dentro de nós. Conforme Sobral (1993), a mudança da(o) migrante não pode ser considerada somente no aspecto estritamente geográfico. Implica em transformações internas, também ao nível das representações que são configuradas a partir de imagens de si e da(o) outra(o).

O participante-confluente Patativa do Assaré sentiu-se afetado e atravessado por esta imagem:

Figura 33 – Imagem selecionada após digitar “migração nordestina” no *Google*



Fonte: *Google Imagens*, 2022.

Elas estão fazendo uma coisa análoga ao que elas estavam fazendo. Então, isso remetendo muito, tipo, a ideia que talvez a pessoa vá buscar outra oportunidade, mas também pode cair, é, acaba caindo também numa coisa análoga ao que ela fazia, né. E isso mostra muito também a questão das oportunidades. Que você pode ter ou não ter. Então, se você tá migrando pra outro lugar, você pensa: ‘ah, eu vou...’ no caso, né, de nós estudantes, né, estudar pra não ter que lidar com aquele trabalho braçal, e tal. Mas, muitas vezes você acaba caindo nesse próprio trabalho braçal, né. Por conta, por falta de oportunidades, e fica se tornando a mesma coisa de antes. Isso que me chamou a atenção (PA, 2022).

Na narrativa de PA percebemos a inquietação quanto à ideia hegemônica de migração, da saída para acessar oportunidades em outros lugares e regiões considerados evoluídos econômica e intelectualmente. E de como a narrativa desenvolvimentista representa a maquiagem para disfarçar a realidade das condições sub-humanas que corpos(corpos) migrantes vão ser inseridas(os) e que, ao mesmo tempo, visam garantir a existência, o fortalecimento e a afirmação dos espaços e do poder hegemônicos.

Em continuidade ao exercício-reflexivo, participantes-confluentes sentiram-se envolvidas(os) por uma imagem-narrativa que, em meio a reproduções estereotipadas, aspirava dizer outra coisa. A foto de minha autoria estava ali para provocar o encontro da minha história com a histórias das(os) participantes-confluentes. “Orallimagens partem das nossas experiências provocadas por encontros também com o grupo que escutamos e ouvimos” (Silva, 2021, p. 97).

Figura 34 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés no/sobre o chão vermelho da UNICAMP, Campinas-SP, 2002. Fotografia digital. 28x28 cm



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Aprendi com meus pais o valor da caminhada. Não me refiro ao caminhar como exercício físico, que viabiliza benefícios à saúde do corpo e contribui para emagrecimento. Falo da caminhada contemplativa, afetiva, que nos coloca em suspensão, que nos faz pensar, transcender, cochichar com os nossos pensamentos a fim de encontrar soluções aos problemas que nos afligem. A caminhada que ilumina nossas ideias, que nos faz sonhar, que coloca nossas cabeças nas nuvens mesmo a estar com os pés no chão. Considero-me uma caminhante e essa experiência acompanha a minha escrita. Escrever com os pés no chão. A (pés)crita que movimentava esta tese.

Quando eu vi essa imagem aí do tênis no barro vermelho, lembra muito um pouco da minha história, porque eu sou da cidade lá de São Lourenço, vim para São Raimundo, mas eu sou a 24 km de São Lourenço à cidade. Que é uma cidade de 5 mil habitantes. Tipo assim, imaginem um lugar isolado no mundo. Imaginem mais isolado ainda é onde eu nasci. Aí, lá é uma região que até hoje, tipo assim, lá pessoa terminar o ensino médio é raríssimo. Algumas vão pra São Paulo trabalhar, os que querem, né. O resto vive lá numa situação de muitos jovens, envolvidos no álcool, nas drogas, e não tiveram, assim, vontade nenhuma ou oportunidade de estudar, essas coisas. Mas, meu pai, minha mãe, foram pessoas que me incentivaram bastante na questão dos estudos. E, pra ter ideia, até os 12 anos de idade, eu não tive acesso à energia elétrica. Até os 12 anos de idade, até 12 anos não, até os 13, eu morava numa casa sem energia elétrica, sem água encanada, sem nada. Só via essas coisas no livro que eu estudava no ensino fundamental lá. Mas eu tinha muita vontade de aprender, de entender sobre tecnologia, entender sobre essas perspectivas. Eu queria ver os sentidos que os outros sentiam, assim, que o povo chamava de 'sabido', uma 'pessoa sabida'. Aí, eu sempre estudava com os livros, estudava muito mais do que o colégio lá ensinava, porque o colégio era esses colégios que a prefeitura coloca pra desviar dinheiro que vinham investigar. Não tinha aula, três aulas por semana no máximo, aí muito pouco. Aí, eu fiz minha primeira migração aos 14 anos, que eu saí desse interior pra São Raimundo Nonato, porque eu fui aprovado no Instituto Federal do Piauí, que é o IFPI. E foi minha primeira migração. Chegando no IFPI comecei a cursar Técnico em Informática integrado ao Médio, e foi meu primeiro contato com tecnologia. Sendo que eu morava num lugar que não tinha energia elétrica, e fui pra um lugar estudar uma coisa, computação, com programação, com tudo. E foi o primeiro choque mesmo, assim, de realidade. De 17 disciplinas do ensino médio eu reprovei em 15. Não consegui passar em nada. Tipo assim, eu passei em música e educação física, porque eu jogava bola [risos]. Foi só as que eu consegui passar. Mas eu queria mudar de realidade. Eu conversei com o diretor do IFPI lá, que hoje é uma pessoa que eu tenho mais gratidão em termos de professor. E ele falou pra mim que questão de estudo, se você tá apanhando numa coisa, é porque você não tem base. Então, não tenha vergonha de voltar pro B-A BĂ e você ler. Você pegar o livro de matemática do primeiro ano, se você conseguir resolver é porque aquilo você sabe. E eu cheguei num livro da 4ª série e eu não consegui já resolver questões de matemática. E a partir daí eu comecei a estudar, estudar. Eu saí de um aluno que reprovou em 17, não, em 15 disciplinas de 17, para no 4º ano do ensino médio, eu passar para a universidade federal do Piauí. Passei pra universidade duas vezes, passei pra engenharia mecânica, que é o meu curso, passei pra engenharia elétrica, depois eu fiz o teste pra civil [engenharia], pra saber se ainda tinha... [risos]. Aí, quando eu olho pra essa imagem aí, é muito do que eu sou hoje, o que eu represento hoje lá pra minha terra. Porque, chegar lá com o tênis branco, com o mesmo barro vermelho. Porque a minha terrinha lá, aonde eu frequento de vez em quando, assim. E, eu saber que hoje a pessoa que saiu daquela terra. Porque não tinha nem energia elétrica. Avião, máquina, essas coisas, a gente via no ar, aí voando. E hoje eu estudo como é que funciona um avião, como é os materiais, os materiais dele, e tudo. Como é que é os princípios físicos. Eu não tinha acesso a tecnologia nenhuma, e hoje estudar computação, funcionamento... teve essa oportunidade de aprender, deixa, é algo que me deixa extremamente contente. E quando eu olho pra essa imagem aí, eu... dá até, assim, um negócio. Porque, é, saber que, mesmo num lugar de barro vermelho, você pode um dia pisar nele como outra pessoa, com outra realidade (LG, 2022).

Comecei a fotografar os meus pés quando percebia que estava em lugares conservadores, perpassados por colonialidades. Não recordo precisamente quando iniciei os registros. Mas, o sentido era dizer: eu estou aqui! eu cheguei aqui! Pisar o chão vermelho da UNICAMP, sentir sua textura, mover-me por entre pequenos galhos, pedregulhos e insetos, fizeram-me refletir que, nesse movimento deambulante, há produção de conhecimento, e há (re)existência. Como na narrativa do participante-confluente Luiz Gonzaga: “*eu saio da minha terra para pisar em outras terras, para voltar a pisar na minha terra de outra forma*”. Esse movimento de Sankofa, que também é movimento de Carcará, é circular. O tempo presente é ancestral, a gente “mira o amanhã sem perder de vista a caminhada feita outrora” (Rufino, 2022, p. 19).

Nem todas(os) as(os) participantes-confluentes ficaram confortáveis com as imagens apresentadas. Algumas(alguns) preferiram permanecer em silêncio. Contudo, tratava-se do silêncio discordante, perplexo, inconformado, que foi quebrado quando a participante-confluente Esperança Garcia questionou as visualidades projetadas.

Pra mim, assim, a violência começa a partir dessas imagens. Por que que o *Google* só mostra essas imagens? Por que essa questão de retirante só é Nordeste, só é preto e pobre? E o Sul que vem pra o Nordeste explorar? Eles não são... eles não estão dentro desse grupo? Eles também não são retirantes? O povo que está no sul do Piauí explorando a soja? O povo que está desejando loucamente aquela estrada que passa pela, por dentro de quilombos, e das comunidades?... Eu não sou retirante, mas essas imagens elas não falam sobre mim. Isso aí é o outro falando de mim. Eu não falo de mim nessa situação (EG, 2022).

Outras(os) participantes-confluentes sentiram-se atravessadas em manifestar inquietações. Maria da Inglaterra (2022) em sintonia com Esperança Garcia disse: “*E eu queria saber por que eles sempre representam a pessoa que tá fazendo migração, do Nordeste, como uma pessoa suja? Como uma pessoa suja a outra?*”. Como Silva (2021) explica, a imagem pode sim ser ferramenta que subalterniza as pessoas. Mas, as nossas experiências em *Retirância* revelam que nós não somos sujas(os). As visualidades que elaboraram sobre as(os) retirantes nordestinas(os), podem dizer algo sobre nós, mas não traduzem tudo sobre as nossas motivações e experiências migratórias. Beatriz Nascimento [1942-95] (2022, p. 53) já dizia que as obras de arte exigem respeito, “porque obra de arte é simbólica e, tal como deve ser, humana; o símbolo é sobre a pessoa”. Há motivações outras para migrar. Vejam, sintam e percebam quem realmente somos.

Por isso a relevância do exercício-reflexivo. Ele provoca a abertura de fendas nas histórias únicas que pretendem aniquilar as nossas existências. E essa fenda torna-se tão mais

profunda se as impressões e problematizações acontecem coletivamente. Ao elaborarmos questionamentos e críticas sobre as representações que procuram nos apagar, negativizar e/ou homogeneizar, o repertório imagético sofre deslocamentos para outras contravisualidades e narrativas (des)colonizadoras. Eis o ato criativo e de criatividade percebidos nas narrativas das(os) participantes-confluentes. São novos ângulos sobre a história, outras memórias, tempos, possibilidades que se conectam com a vida. É a (re)criação da realidade e de liberdades a partir da criticidade, do tensionamento, do questionamento. Dizem sobre suas existências e isso contribui para (re)pensarem os seus cotidianos e desenvolverem racionalidades outras à lógica hegemônica (Voss; Peloso, 2021).

5.3 Eixo-atravesamento 3: *Retirância na/para a universidade*

As reflexões tecidas neste terceiro eixo são resultados de uma proposta feita às(aos) participantes-confluentes da pesquisa. Gentilmente solicitei que levassem para a oficina fotografias, objetos ou quaisquer outros elementos que movimentassem as memórias vivenciadas e experienciadas no espaço universitário, e que, a partir das fotos e objetos, contassem suas histórias de trânsito na/para academia. A maioria compartilhou histórias a partir de fotografias. No entanto, como em algumas delas apareciam outras pessoas – amigas(es) de curso – por questões éticas e de sigilo de identidade, optei por não compartilhar no texto. Disporei nesta seção apenas as fotos em que participantes-confluentes aparecerem individualmente, e aquelas que não comprometem as identidades de outras(es).

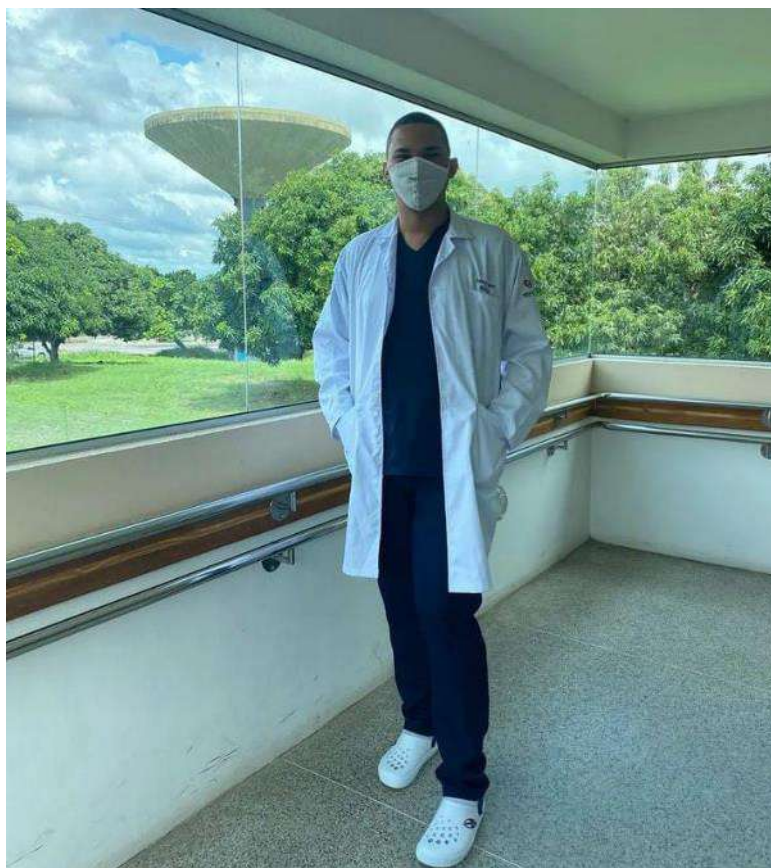
As fotografias que compartilharam foram registradas por seus telefones celulares. Elisa Magalhães (2019, p. 204) considera que o celular é “emulador de espelho”. Nestes tempos, o uso do celular para fotos de si (*selfie*) recebe críticas. As pessoas utilizam filtros e outros recursos tecnológicos que transformam e encaixam suas imagens naquilo que é considerado belo e socialmente aceito. Mas há o contraponto. Os registros de si feitos pelas câmeras dos celulares ou por máquinas fotográficas podem também performar outras coisas. Podem funcionar como arma de defesa e (re)existência às imagens únicas, estereotipadas e inventadas. Viabiliza o exercício de ver a si. A(O) fotografada(o) não pode ser sujeita(o) passiva(o). Com o celular na mão, é possível questionar hegemonias e o poder padronizador do enquadramento do fotográfico, a fim de reivindicar outras imagens que representem os modos como vemos e vivemos no(s) mundo(s). As narrativas fotográficas que seguem foram compartilhadas pelo participante-confluyente Belchior.

Figura 35 – Fotografia de autoria de participante-confluyente Belchior. Restaurante Universitário da UFPI: [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 36 – Fotografia de autoria de participante-confluentes Belchior. Hospital Universitário da UFPI: [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Belchior é estudante do curso de Medicina. É natural da cidade de Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte. Ingressou na UFPI por meio de cotas para pessoas com deficiências, por ter um quadro neuropsiquiátrico. Desde o seu ingresso, é acompanhado pela equipe de Assistência Estudantil do Núcleo de Acessibilidade da UFPI – NAU. No processo de escolha da foto para compartilhar com o grupo, o participante-confluyente escava as memórias para narrar os episódios que justifiquem e configurem sentidos para a produção das suas imagens.

Eu terminei o ensino médio em 2016 sabia que queria fazer Medicina, e a partir daí eu tentei 5 anos seguidos, né. Com altos e baixos. Com idas e vindas. Tentei, tentei. Como eu gosto, eu olhava os mapas de todas as universidades de medicina do Brasil e, tipo assim, eu ficava: ‘meu Deus do céu, um dia eu vou passar’. E estudando, estudando, estudando. Quando chegou no meio do ano que ia abrir o semestre, me veio o SiSU 2022.2, me veio aquela coisa assim: ‘ah, Fabrício, você pode... pense no Piauí’. Aí eu disse: ‘ah, tá bom’. Só que tinha uma coisa dentro de mim, eu não sabia especificar, porque Teresina e o Piauí. Aí, quando eu abrir o edital que eu li todas as especificações, aí eu disse: ‘meu Deus do céu!’ As cotas para as pessoas deficientes, que tinha lá ‘deficiente psicossocial’, tava se encaixando pra mim. E aquilo era uma particularidade do estado do Piauí. Eu disse: ‘não, não acredito’. Peguei os dados, peguei o edital, levei pra minha psiquiatra. Aí, ela leu, né, e já preparando os laudos, as coisas. Sabia que eu ia entrar, assim, pela cota. Que fique registrado! [risos]. Pela cota. ‘meu Deus, se agora eu escolher Picos, Teresina ou Parnaíba’. Entrei em contato com o pessoal de... e não acreditando, né, e não acreditando no que tava acontecendo. Entrei em contato com o pessoal do Centro Acadêmico. O que colocar? Onde colocar? Então, coloquei primeira opção Teresina e segunda opção Parnaíba. E, assim, foi difícil. Eu não sabia se eu ia ser aprovado. Eu não sabia se aquilo era real. Eu não sabia... eram várias etapas, né. São várias etapas que você vai tendo a validação. Pra poder chegar na validação que é documentação básica. E quando eu vi tudo verde pra cada etapa, eu disse: ‘é, agora o negócio tá sério. Eu vou realmente fazer meu curso de medicina. Eu vou seguir esse sonho, né’. Que é um sonho não só meu, mas é o sonho de toda uma comunidade que investiu. De pessoas que tão ali acreditando em mim, né. E eu tô muito feliz que eu tô aqui dando o meu máximo para isso. E aqui em Teresina, quando eu cheguei, é aquilo que eu fiz: a parte positiva e a parte a desenvolver. É uma cidade, assim, que tem várias oportunidades. Só um adendo: aqui eu consegui fazer curso de inglês gratuito, aqui eu tenho a assistência socioassistencial de uma forma muito forte. Então, tem várias profissionais que são comprometidas mesmo com o seu desempenho acadêmico. Tem um plano, né, de desenvolvimento. Então, é, nossa, parece mentira que eu tô numa universidade como essa, que eu tô sendo tão bem acolhido aqui. E eu voltei na cirurgia vascular, foi a primeira vez que eu pisei os pés aqui foi pra o HU [Hospital Universitário]. É minha imagem. Eu no HU. Eu vou até te mostrar a foto aqui no celular. Pode mostrar, né? Eu tenho duas imagens: a imagem do RU [Restaurante Universitário] e a imagem do HU. Por quê? Porque a imagem do RU me representa seguridade alimentar, segurança alimentar. É ter a certeza que amanhã eu vou acordar, amanhã é sexta, né, é quinta, e amanhã eu vou ter um almoço e uma janta garantidos. E que a sexta vai ser assim, e que o sábado vai ser assim, e que a segunda, a terça, a quarta e a quinta. Tipo, assim, o RU, eu escuto muito assim, eu escuto as pessoas reclamarem um pouco, e eu entendo as limitações, mas, saber que eu vou almoçar e jantar, sabe, aquilo assim, me anima muito. E eu fico, assim, bem por aquilo. Então, o RU é uma imagem que, realmente, é barra pesada pra mim, que eu amo. Que foi hoje figado. O pessoal lá: ‘ah, não quero figado’. Eu amo figado, gente [risos]. E é bom quando o povo não quer, que colocam mais no seu prato [risos]. Entendeu? Eu fico é feliz. E aqui é a imagem eu no HU. Gente, quem é que diria, realmente, o Brasil colonial não estava preparado para essa foto que eu vou mostrar aqui agora. Como diria Djamilia Ribeiro, ‘muita coisa o Brasil colonial não estava preparado’. Aqui é a primeira vez que eu entrei assim, com o jaleco (B, 2022).

Concordo com Noronha (2019, p. 256) quando diz que a atualidade tem viabilizado o maior acesso às câmeras, e que “as imagens produzidas também podem servir como instrumentos para a construção de discursos contra-hegemônicos e outras formas de (auto)representação”. Penso que Belchior subverte a lógica universitária hegemônica de duas maneiras fundamentais: primeiro quando registra o seu prato no Restaurante Universitário da UFP- - RU. Compreendo que a imagem transfere valor positivo e relevante para as ações de permanência estudantil da instituição: “*Porque a imagem do RU me representa seguridade alimentar, segurança alimentar. É ter a certeza que amanhã eu vou ter um almoço e uma janta garantidos*” (Belchior, 2022). A principal forma de permanência é o acolhimento de estudantes em seus direitos fundamentais: alimentação, moradia, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, apoio pedagógico, acessibilidade (Programa Nacional de Assistência Estudantil – PANES, Decreto nº 7234/2010). A questão financeira (interseccionada por outros marcadores da diferença sociogênica) pode dificultar a conclusão dos cursos. Estudantes ficam divididos entre os gastos com o transporte para chegar na universidade, o material exigido para acompanhar as disciplinas dos cursos, o lanche para conseguir sobreviver e aguentar as aulas em tempo integral. É impossível comer artigos e livros. Muitas(os) precisam trabalhar, mas tem o impedimento das cargas horárias exorbitantes dos cursos. A universidade tem essa lógica perversa de exigência de produtividade, enquanto mascara o sofrimento e a exaustão. As políticas de permanência foram elaboradas para garantir que estudantes participem de forma plena e segura da vida universitária. E por ser espaço extremamente conservador e de manutenção de determinados privilégios, há entraves que dificultam as transformações propostas pelas políticas de permanência, tanto as de cunho material (bolsas estudantis) quanto as de cunho simbólico, que convidam a universidade a rever os currículos e as relações entre a comunidade acadêmica a fim de viabilizar espaços de escuta e trocas coletivas.

O PNAES é mais um campo de luta e tensionamentos constantes nas instituições de ensino superior. É desafiador viabilizar esse prato colorido, saudável e farto com baixo custo (valor de 0,80 centavos, no caso da UFPI). Os recursos direcionados à permanência estudantil foram alvos dos sucessivos golpes por parte do (des)governo genocida-educacional de Bolsonaro. Bloqueios e cortes dos orçamentos das universidades consistiram em verdadeiros projetos a forçar a evasão de estudantes. Mas não quaisquer estudantes. Foram projetos de esvaziamento direcionados àquelas(es) que acessaram as vagas por meio das políticas de ações afirmativas. Uma estratégia para assegurar os fundamentos conservador e elitista da academia. Apesar destes fundamentos, o objetivo do descaso com a educação superior também era desestabilizar a face da resistência e do enfrentamento, que notavelmente se faz presente no

contexto universitário em períodos de crises e confrontos sociais. Os inimigos da educação foram e são poderosíssimos. “Nós devemos antever a universidade como um lugar central para a luta revolucionária, um lugar onde podemos trabalhar para educar para a consciência crítica, onde podemos ter uma pedagogia da libertação” (hooks, 2019, p. 70).

Com a câmera em mãos, o confluyente Belchior desmantela a lógica do jogo acadêmico. Demarca a sua existência e registra na história a memória produzida. Além da foto do prato e a importância que a imagem captada representa, ele faz o registro de si: “*E aqui é a imagem eu no HU. Gente, quem é que diria, realmente, o Brasil colonial não estava preparado para essa foto que eu vou mostrar aqui agora. Como diria Djamila Ribeiro, ‘muita coisa o Brasil colonial não estava preparado’*” (Belchior, 2022). Grada Kilomba, em entrevista para Joana Oliveira no ano de 2019, disse que normalizamos palavras e imagens que nos informam quem pode representar a condição humana e quem não pode, e que precisamos criar formatos e narrativas para desobedecer a essas naturalizações. De posse da câmera, Belchior desconfigura as expectativas, as percepções e as narrativas hegemônicas sobre o seu corpo.

Percebam que o participante-confluyente Belchior sai da sua cidade de origem para acessar a universidade. É um percurso difícil e desafiador, no qual não intenciono romantizar. Quando afirmo que a noção-conceito de *Retirância* visa estremecer a compreensão da migração pela via do acesso ao direito e às políticas públicas educacionais, ao conceder ainda mais coragem para concretizar sonhos, é justamente por perceber que a estrutura conservadora e colonial da universidade é “comida” por essas(es) estudantes que, como cupins em trânsito, fazem desmoronar as instituições com suas (re)existências. Oliveira (2020) chama de “Metodologia Cupim” a atitude e existência nas fretas, “encontrando lacunas, fazendo rasuras, sem esquecer que, a toda hora o conservadorismo busca restaurar-se, inclusive com cimento e cal ainda mais fortes. E nós temos que aumentar a massa e o poder dos cupins” (Oliveira, 2020, p. 12). A massa e o poder do cupim Belchior foram aumentados pela força da narrativa oral e imagética que pensou e elaborou de si, por meio do registro fotográfico, para confrontar as colonialidades do saber e do ver. A fotografia sendo a representação da forma como ele se enxerga e enxerga o mundo. É a sua história, imagem e percepção. É a sua vida. É a sua versão. Não a versão inventada, simplificada e reducionista elaborada pelo olhar do outro.

Concordo com Veiga (2020) quando afirma que a modernidade é uma ficção. E que é no seio dessa ficção que forjamos as nossas existências. Produzimos corpos(corpos) ficcionais e obedientes às colonialidades. Ficcional não é problema, vivemos a ficcional a/na realidade. O problema acontece quando a ficção nos prende e dita as regras e os roteiros fixos, estáticos e limitados que devemos seguir. O ato criativo, artístico, educativo são válvulas de escape

potentes que nos fazem acessar a dimensão ficcional pelo lado de fora. Inventariar outras possibilidades, imagens, gestos, histórias e fotos são conquistas e atitudes (des)coloniais. (Veiga, 2020).

Para enfrentar tudo isso precisamos de coragem. A coragem para encarar os assombros e medos que se instalam pela insegurança de não saber se o solo que pisamos é confortável e confiável, ou é areia movediça. E essa relação com o medo foi latente nas falas de participantes-confluentes que compartilharam suas fotos e experiências sobre os primeiros dias e semestres na UFPI. No entanto, para o medo existe uma arma letal e importante: a resistência coletiva. “Nenhuma mudança radical, nenhuma transformação revolucionária poderá ocorrer nesta sociedade (nesta cultura de dominação) se nos recusarmos a reconhecer a necessidade de radicalizar a consciência em conjunto com a resistência política coletiva” (hooks, 2019, p. 70). Sobre o papel que a coletividade e a formação de vínculos comunitários exercem para tornar a caminhada mais leve e amena, a confluyente Maria da Inglaterra compartilhou as seguintes narrativas:

Figura 37 – Fotografia de autoria da participante-confluyente Maria da Inglaterra. Auditório da UFPI [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

A minha história ela começa em Floriano, antes de vir pra cá. Eu estudei durante dois anos lá em Floriano. E aí, eu morava na escola, que lá tinha alojamento na UFPI. Não estudava na UFPI exatamente. Eu estudava no anexo da UFPI, que era o Colégio Técnico. E aí, nesse alojamento tinha um coordenador, uma pessoa responsável pelo alojamento, para aceitar os estudantes, acolher. E ele foi superpaciente comigo, porque eu tava saindo do interior e eu tive uma fase de adaptação muito difícil pra mim. Floriano é relativamente pequena, não é muito grande que nem Teresina. Então, é uma cidade mais tranquila. E eu não tinha muito medo de ir para Floriano, porque lá não tem muitos índices de violência. Mas, mesmo assim, lá tem muita gente [risos]. Aí eu cheguei lá, me adaptei, e ele me ajudou bastante. Inclusive todas as pessoas que moravam no alojamento chamavam ele de pai, porque ele era realmente um pai pra gente. E aí ele, a família dele é daqui. E ele foi transferido pra cá. E uma coisa que fez eu jogar minha nota pra cá pra Teresina, foi saber que ele tava aqui, e as filhas estudavam aqui na universidade. E aí, por coincidência, a filha dele também faz o mesmo curso que eu. Só que ela já tinha entrado nos períodos antes. Aí, quando eu cheguei aqui em Teresina, ela me ajudou bastante. E aí me apresentou os amigos dela, veteranos. E aí, foi muito bom, porque eu não conhecia nada e eles me ensinaram os truques, os macetes, né, como sobreviver na UFPI [risos]. E uma imagem que me remete muito a esse período de adaptação aqui na universidade, foi o Auditório, a escadaria do Auditório Noé Mendes no CCHL. Porque, no começo, né, nas primeiras semanas de aula, toda vez que a gente almoçava, quando a gente não ficava aqui na biblioteca, a gente ia pra lá e ficava conversando por horas, até a hora da aula. E aí, foi muito bom, porque a gente teve trocas maravilhosas, me ajudaram muito. E a imagem é essa aqui (MI, 2022).

Como relatei no início desta seção, não coloquei no texto todas as fotografias compartilhadas participantes-confluentes, porque outras pessoas apareciam nas imagens. Tais pessoas eram amigas(amigues) que se traduziram no apoio necessário para superar os medos e as incertezas provenientes da migração para adentrar o espaço universitário. Apesar de não apresentar a imagem, compartilho a narrativa da participante-confluyente Rita de Cássia. Compartilhei aqui, pois compreendi que havia regularidade-encontro com a história narrada pela participante-confluyente Maria da Inglaterra.

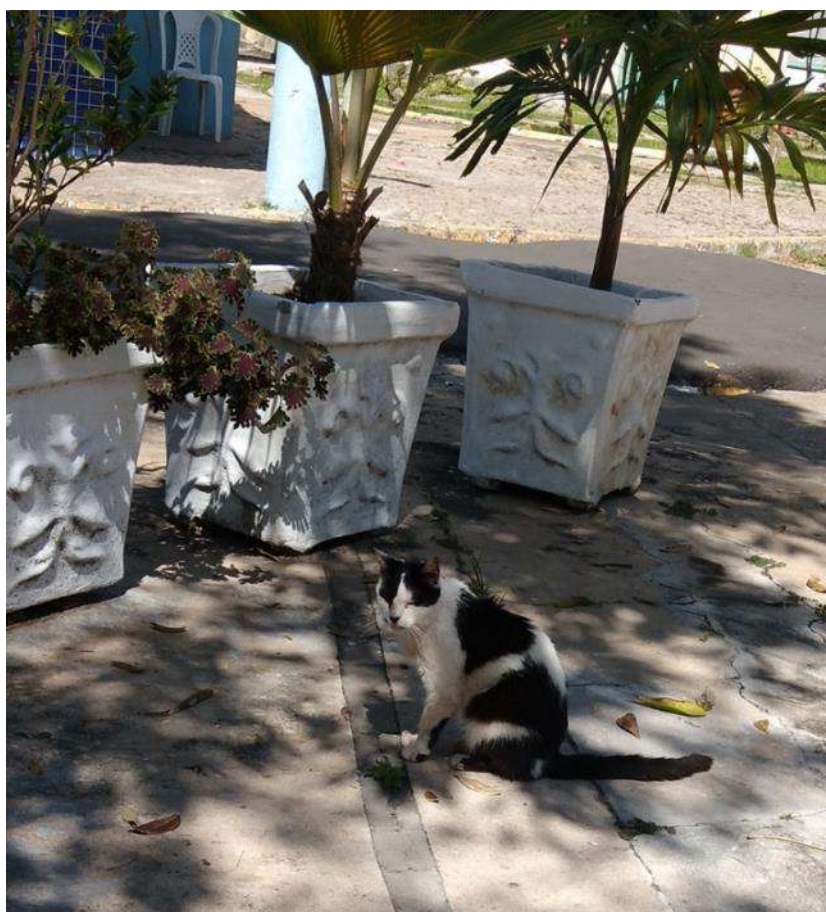
Quando eu entrei, sendo sincera, eu sabia que era difícil, mas eu não sabia que era tão difícil quanto é. E aí, no começo eu sempre fui muito acanhada, assim, pra fazer amizade, né. Então, tanto que é que foram esses meninos aqui da foto que chegaram em mim pra gente fazer amizade. Justo no primeiro dia de aula prática de anatomia, eles chegaram até mim e a gente foi se reunindo, foi se juntando ali uma mesa na outra, foi conversando, e a gente foi fazendo amizade. E eu acho que com a ajuda assim desses meus amigos que eu fui conseguindo me desenvolver mais no curso. Só que no início foi bem complicado. Eu me perdi aqui na UFPI. Eu não sabia andar na UFPI. Acho que todo mundo aqui já pegou ônibus errado e foi parar lá no CAA sem querer. Então, às vezes eu me perdia, às vezes eu pegava o ônibus pra ir pro CCA e o ônibus tava voltando. Fazia a volta e parava lá na Educação Física e voltava, ia embora, não descia no CCA e eu ficava perdida. Só que eu acho que poderia ter sido mais difícil se eu não tivesse apoio. Quando pra muita gente é bem complicado quando não tem apoio. Eu tive apoio. Eu tive muita sorte de encontrar essas pessoas, né, os meus amigos. Só que eu compreendo também que muita gente não tem essa sorte. Tem muito curso, tem muita disputa dentro da sala de aula. Até entre os alunos. É muito complicado. É aluno querendo competir que em melhor em nota, é aluno querendo passar perna no outro. E eu tive essa sorte, porque na minha turma, apesar de hoje a gente estar bem dissipado, mas até hoje a gente tenta manter um certo tipo de contato, um certo tipo de vínculo, porque eu acho que se todo mundo se ajudasse, se todo mundo fizer um pouquinho, né, a gente consegue transformar essa experiência, que acho que pra todo mundo não é

100%, em algo razoável, em algo que dá pra gente ir levando aos poucos. Então, foi difícil, mas poderia ter sido pior (RC, 2022).

A universidade é perpassada por símbolos e regras que dificultam a sua compreensão. Entramos sem saber pegar ônibus, sem saber a quem recorrer para solicitar informações e tirar dúvidas e em qual setor resolver determinada situação. Não há quem nos ensine a transitar neste labirinto de incompreensões. É urgente tornar este espaço mais acessível e inclusivo em questões básicas. A solidão acadêmica é matéria real. O modelo que ela tem sustentado até hoje é de não produção de propostas de bem-estar, que nos façam pensar e agir coletivamente.

Contudo, as fotos compartilhadas pelas(os) participantes-confluentes fissuram a lógica individualista ao apresentarem táticas de sobrevivência por meio da busca de parcerias e amizades, que podem até ser as mais inusitadas, como a do confluyente Patativa do Assaré:

Figura 38 – Fotografia de autoria de participante-confluyente Patativa do Assaré. Gato de Estimação. [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Eu achei uma fotinha aqui que eu tirei assim que eu me mudei pra cá, pro apartamento. E aí, eu vim e não conhecia muita gente em Teresina. Aí, o primeiro gatinho que eu vi

no apartamento lá, eu tirei a fotinho dele. Eu pensava que ele era macho [risos]. Chamei de ‘Arrupiado’. E eu sempre gostava de chegar no apartamento e a gatinha ia lá. E isso me trouxe muita motivação também. Minha gatinha tá aqui, ela tá bem e tal. Vou pra UFPI, chego, e seu sei que vai ter a gatinha lá, que ela sempre fica no mesmo lugar, na entrada. Ela vive lá nos apartamentos, no condomínio. E aí, eu criei tipo um vínculo, né, com essa gatinha. Sempre passava lá, sempre via ela. Me ajudou bastante também nessa questão de não me sentir sozinho, entendeu? E ela ainda tá lá. Porque, tipo assim, lá na minha cidade eu tenho dois gatinhos. Três gatinhos, na verdade. Rosa Maria, Teodoro e o Chico. Daí, quando eu vi essa gatinha aqui, eu disse: eu vou ficar com essa gatinha (PA, 2022).

O Mestre Nego Bispo (Santos, 2019), defende a existência de saberes orgânicos, que são saberes voltados para o ser, para a vida, saberes germinantes que dialogam com mata e os animais, em biointeração. A natureza, sempre tão sábia, nos ensina diariamente sobre a vida, o tempo, o espaço. “A biointeração é o caminho que devemos perseguir, pois é a maneira que nos possibilita transbordar a vida além da métrica do humano/colonial” (Rufino, 2022, p. 73). Paralelamente, Muniz Sodré (2019) destaca que os animais e as plantas têm estatuto muito especial para os povos africanos e seus descendentes, por exemplo. São seres ativos(os) e encantadas(os), portanto, dignas(os) de respeito e cuidado. Abraçar uma árvore, no caso, é ato de reafirmação e de reconhecimento de que todos os seres se inter-relacionam, estão em parceria. A visão separatista entre homem e natureza é perspectiva do homem ocidental que visualiza a floresta pelo viés do lucro e da produtividade. Segregação que causa ansiedade, como bem disse Maldonado-Torres (2020) em suas dez teses com vistas a uma analítica da colonialidade e da (des)colonialidade. Distanciando-se do individualismo, os povos africanos confraternizam com as plantas, animais, minerais. Entrosamento que produz saber e (re)existência. Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel (2020) afirmam que o conhecimento não começa no objeto, mas nas interações, na fluidez do sistema comunitário.

Em diálogo com Segato (2021), concordo quando considera que as universidades eurocêntricas prejudicam essa formação de sujeitos (co)responsáveis pelas coletividades e ativos no cuidado com a sociedade e a natureza. Contrariamente, o que se prioriza é a preparação mecânica e engessada para o mercado de trabalho, com o intuito de fazer seguir o fluxo das leis de produtividade, cálculo e custo-benefício, competitividade, acumulação e concentração. Paralelamente ao pensamento produtivista, o participante-confluyente Luiz Gonzaga compartilha sua fotografia para demarcar o sequestro do sono, do convívio social e coletivo que a universidade insiste em afirmar como algo natural.

Figura 39 – Fotografia de autoria de participante-confluyente Luiz Gonzaga [compartilhamento eticamente autorizado], 2022. Fotografia digital. Sem dimensões definidas



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

É uma foto que, quando eu vim morar aqui em Teresina pela primeira vez, eu vim morar num apartamento mais três pessoas da minha cidade, tal. Aí, todos eles estudavam em colégio [universidade] particular aqui em Teresina, e eu era o único que estudava na UFPI. Aí, no primeiro período lá do curso da Engenharia Mecânica, é só disciplina básica, lá só disciplina de Matemática e Física, que são as disciplinas dos cursos do CCN. E os professores do CCN, pra quem estuda lá, sabe que são bem exigentes com miudezas. Lá já cursei Álgebra Linear, já cursei Cálculo 1, 2 e 3, EDO... Todas as disciplinas são muito complicadas. E são tudo disciplinas que você já começa o curso estudando elas. Aí, meus colegas saíram uma vez pra... acho que era uma festa num barzinho aqui em Teresina, e chegaram acho que era três horas da manhã, e eles tiraram uma foto da entrada do condomínio lá. Que o condomínio, lá no apartamento que a gente morava era de frente praticamente pro portão. Aí eles tiraram a foto à noite. Tavam todas as luzes apagadas do prédio. Só tinha uma luz acesa, que era da sala do nosso apartamento, tava acesa porque eu tava estudando... Então, assim, aluno da UFPI aqui, né, não dorme, não sei o quê, são doidos, são... [risos]. Aí, eles tiraram a foto e me mandaram. Eu tava com essa foto salva, no meu celular lá. Foi um pouco do começo do meu curso aqui. Os inícios dos cursos são bastante complicados (LG, 2022).

Um dos enfrentamentos possíveis para a lógica perversa da produtividade e do individualismo é rediscutir os currículos, a didática, a formação docente naquilo que Catherine Walsh, Luiz Fernandes de Oliveira e Vera Maria Candau (2018) chamam de Pedagogia Decolonial. Uma educação “outra” que dialogue com as experiências e conhecimentos das(os) subordinadas(os) pelas colonialidades, e que questione as formulações e práticas conservadoras e eurocentradas.

Penso que os movimentos, atitudes e performances que nós, estudantes migrantes, fazemos na universidade (como as que discutimos aqui) são atos contra-hegemônicos, no sentido de que, a todo instante, estamos a criar táticas para escapar das armadilhas que nos querem engolir. A minha forma de (re)existir acontece pelas/com as caminhadas. “Aquele que compõem caminhando, é livre das amarras... é um pensamento que nasce de um movimento, de um elã... o pé sente vontade de marcar compasso, de apoiar-se no chão para soltar” (Gros, 2021, p. 27-28).

Figura 40 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés que questionam o Brasil Oficial. Chão da UNICAMP, 2022. Fotografia digital. 28x28 cm



Fonte: fotografia do acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Foram nas caminhadas pela UNICAMP e pelas ruas de Barão Geraldo (bairro que fica no entorno da universidade e que comporta as moradias de muitas(os) estudantes) que organizei as aulas da graduação no período que vivenciei o Programa de Estágio Docente (PED), que li os textos das disciplinas da pós-graduação, que teci ideias para o texto da tese, que conheci gentes, que troquei experiências. Fazer o registro dos meus pés, foi acima de tudo, um registro político e de (re)existência. Eu olho para os meus pés. Visualizo possibilidades e constato que não há um caminho dado. Não há um único caminho, uma única narrativa. Mirar os pés foi a forma que encontrei para demarcar a minha presença, não desaparecer e contar a minha história.

PASSO VI – IMAGENS (DES)COLONIZADORAS EM RETIRÂNCIAS: OBRAS DE ARTES EM COLAGEM DIGITAL QUE FISSURAM NARRATIVAS HEGEMÔNICAS

6.1 (Des)aprendizagens com/sobre a Colagem Digital

Desde o ingresso no doutorado – e imersa no contexto de isolamento impellido pela pandemia de covid-19 – passei a me conectar, com maior regularidade, em sites e páginas de redes sociais que compartilham publicações e abordam conhecimentos e saberes sobre temáticas que dialogam com a minha pesquisa. A intenção em acessar estes canais era, a princípio, aliviar a mente, tirar o foco das tantas notícias ruins, mortes, desencantamentos, que predominavam no período pandêmico. De repente, percebi que eu poderia (des)aprender com as muitas gentes que se engajavam em produzir e apresentar conteúdos político-social-epistêmicos diversos, e que comunicavam fora dos ditames normativos e superficiais que estes espaços virtuais, em regra, propõem.

Um destes importantes espaços que passei a visualizar e (des)aprender cotidianamente foi o *Instagram* do Núcleo de Práticas Artísticas e Autobiográficas (NuPAA/CNPq), da Universidade Federal de Goiás (UFG), o qual descobri despreziosamente. O encantamento foi imediato. Nas postagens predominam as produções desenvolvidas pelas pessoas que participam do grupo (coordenado pela profa. Dra. Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues), bem como indicações de eventos e outras atividades acadêmicas. Em dada ocasião, no meio da pandemia, visualizei uma postagem sobre o Ciclo de Práticas Decoloniais do NuPAA. O ciclo estava a promover o curso intitulado *O fazer decolonial na arte*. Seriam 6 módulos virtuais, aos sábados (**Módulo 1** – Desmecanizando o corpo cotidiano – com Silvia Paes; **Módulo 2** – Percursos criativos e processos de montagem com colagem – com Wolney Fernandes; **Módulo 3** – A arte de pensar com as plantas – com Brígida Campbell; **Módulo 4** – Práticas autobiogeográficas, axétetura, retomada das imagens entre outras coisas – com Hariel Revignet; **Módulo 5** – Habitar outros desenhos, desenhar outros lugares – com Glayson Arcanjo; **Módulo 6** – Cartografia das Urgências: arte, territorialidades e política – com Elisa Dassoler e Gabriela Leirias). Realizei inscrição em todos os módulos.

O curso mexeu comigo profundamente. A profa. Dra. Manoela, as pessoas-profissionais que mediarão os módulos, e a turma que comigo (des)aprendia, foram verdadeiros presentes na caminhada do doutorado. Todos os módulos foram surpreendentes, sem exceção. Mas, neste Passo VI compartilho a experiência no **Módulo 2: Percursos criativos e processos de montagem com colagem**, ministrado e partilhado pelo prof. Dr. Wolney Fernandes. O intuito é situar as(os) leitoras(es) sobre como cheguei à técnica da colagem digital, a relevância das

colagens para a pesquisa, e de como as imagens contribuem, enquanto resultados artísticos (contranarrativas visuais), para a formação e entendimento da noção-conceito-prática de *Retirância* como modos de (re)existências.

Paralelamente à vivência do módulo, como já explicitiei anteriormente, me encontrava em uma fase desafiadora da pesquisa: o planejamento e a organização das oficinas. A ansiedade e a preocupação que me envolviam na ocasião, foram diminuídas pela calma dos gestos e fala do prof. Dr. Wolney. Fui, então, apresentada à técnica da Colagem. Fiquei atenta às explicações e orientações. Tentava fazer associações à minha pesquisa. As imagens estavam lá, mas eu não conseguia entender e dar a devida relevância. Não compreendia o espaço que elas reclamavam na investigação. O módulo com o prof. Dr. Wolney foi, portanto, fundamental para me ajudar perceber as possibilidades de relações que podemos constituir com as imagens. Refleti e entendi que a colagem poderia ser pensada e utilizada enquanto técnica (des)colonizadora, por sua competência em re(criar), (re)contar, (re)configurar para alterar ou intensificar significados, questionar narrativas únicas, e realizar movimento de crítica às colonialidades.

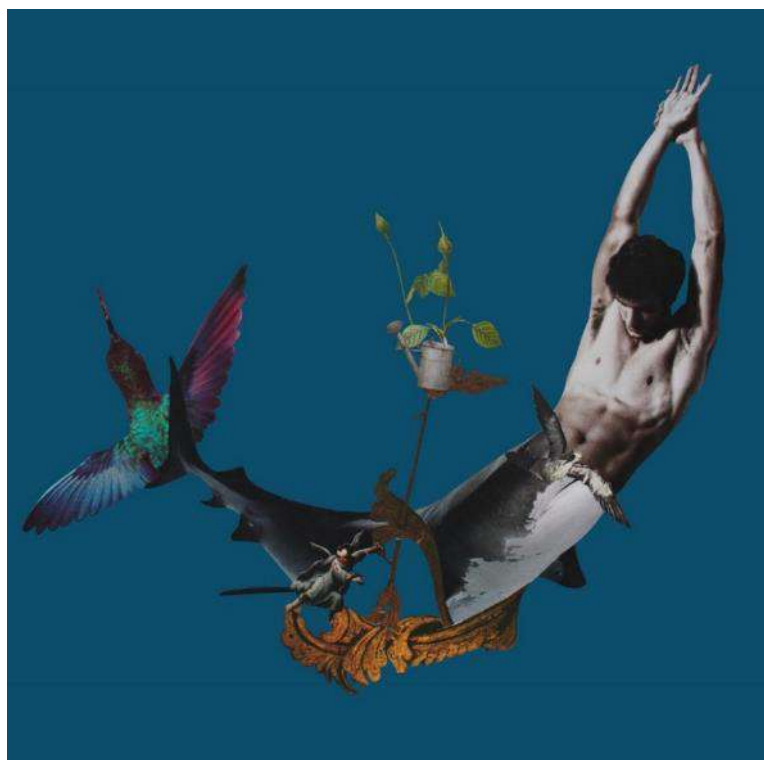
Na oportunidade, Wolney partilhou suas produções artísticas, desenvolvidas a partir da técnica de colagem analógica, que se materializa por meio de recortes manuais de jornais, revistas, livros, papéis de diferentes texturas, objetos variados, fitas, bordados. É técnica que utiliza materiais simples e acessíveis, como tesoura, estilete e cola, mas que requer do artista buscas pacientes em sebos, acervos, arquivos públicos e pessoais, imagens midiáticas e circulantes no/pelo mundo. A técnica difere da colagem digital, que se utiliza de recursos e programas de edição de imagens. O uso desta é mais acessível, oferece maior número de recursos de manipulação e formatação, e qualquer pessoa, mesmo que sem conhecimento prévio sobre a técnica, consegue desenvolvê-la. Compartilho, a seguir, algumas das obras produzidas pelo prof. Wolney. Estão disponíveis para visualização em sua página na rede social *Instagram*. Suas produções são inspiradas em livros, poesias, contos, quadros, filmes, reflexões pessoais e existenciais. Ele lê muito! Sempre com dicas de leituras preciosas. É muito inspirador acompanhá-lo.

Figura 41 – FERNANDES, Wolney. São Miguel Arcanjo, 2022. Colagem Analógica. 31x31 cm



Fonte: <https://www.instagram.com/wolneyfernandes/>. Acesso: 11 set. 2023.

Figura 42 – FERNANDES, Wolney. Mergulho é reflexo de voo, 2023. Colagem Analógica. 51x44 cm



Fonte: <https://www.instagram.com/wolneyfernandes/>. Acesso: 11 set. 2023.

Figura 43 – FERNANDES, Wolney. Qual horizonte te convida a nadar, 2022. Colagem Analógica. 47x33 cm



Fonte: <https://www.instagram.com/wolneyfernandes/>. Acesso: 11 set. 2023

Figura 44 – FERNANDES, Wolney. A mulher invisível, 2022. Colagem analógica em papel bambu 400g. 70x55 cm



Fonte: <https://www.instagram.com/wolneyfernandes/>. Acesso: 11 set. 2023

Volto ao relato sobre o módulo. Dentre as inúmeras coisas que sucederam, cito duas em especial: primeiro, o meu constrangimento e timidez em participar de um curso em que a maioria das pessoas eram das Artes, e não saber do que se tratava a técnica Colagem. Enquanto Wolney explicava o conteúdo, eu, discretamente, pesquisava no *Google* como fazer colagem digital. Senti vergonha de fazer qualquer pergunta naquele dia. Fui muito ingênua, eu sei. Mas, naquele momento eu ainda não me percebia artista também. Achava que não fazia sentido qualquer questionamento que às(aos) outras(os) poderia ser de fácil compreensão. Então, tomei nota de tudo. Não queria perder nada sobre o conteúdo. A segunda coisa que me atravessou naquele dia foi a atividade externa proposta por Wolney. Seria uma deriva, que logo associei às caminhanças que fiz pela UNICAMP para abrir e iluminar ideias.

PERCURSO 1 a) Escolha um lugar para ir. b) No caminho, faça um desenho de uma fachada. c) Colete um objeto que caiba na palma da sua mão fechada. d) Ao chegar no local escolhido, fotografe uma pessoa desconhecida. PERCURSO 2 a) Comece a caminhar sem estabelecer um destino, mas invente um modo para te guiar nesta caminhada. b) No caminho, fotografe três variações de uma mesma cor. c) Ao chegar no destino final encontre um portal para outra dimensão e fotografe. PERCURSO 3 a) Escolha um lugar. b) Vá até ele. c) No caminho, peça para uma pessoa desconhecida te fotografar. Não dê muitas orientações para a pessoa. Deixe que ela faça as escolhas para a foto. d) Ao chegar no local escolhido, grave um som que você achar interessante (Orientações para as derivas, Wolney Fernandes, 2022).

No período, me encontrava em Teresina-PI. Caminhei pelas ruas do meu bairro. Era perto das 13:00 horas. Fazia muito calor. A mente borbulhava (de quentura e de ideias). Mesmo desgastante por conta da alta temperatura, a atividade mostrou-se potente e desafiadora. Não consegui completar o percurso sugerido. O calor me venceu. Retornei para casa. No (re)encontro com o grupo compartilhamos as experiências sobre a deriva. Partilhas potentes. Finalizado o módulo, a colagem reverberava em mim. Continuei em frente ao computador e iniciei pesquisas para saber e entender mais sobre a colagem. Anotei e testei alguns programas gratuitos, mas não me sentia confortável com as ferramentas de edição. Tinha pouca habilidade com os dispositivos. Procurei algumas imagens que pudessem me servir de inspiração. Alcancei o resultado a seguir, minha primeira colagem digital, a qual tenho muito orgulho de tê-la criado, pensado e produzido. Lembro que compartilhei a imagem com a profa. Dra. Manoela via *Instagram*. Sua empolgação foi inspiração para continuar.

Figura 45 – DIAS, Leyllane Dharc. Eu-Nós Carcará: migração estudantil para a universidade, 2022. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

A colagem acima foi crucial para o sucesso das inscrições nas oficinas. Toda imagem, como Samain (2012, p. 22) considera, “nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de real para roer, ora uma faísca do imaginário para sonhar”. Os cartazes espalhados pela UFPI e redes sociais veicularam pensamentos não apenas figurativos, mas os meus pensamentos, e de todas(es) aquelas(es) que olharam a imagem e incorporaram suas reflexões, intervenções (Samain, 2012).

Depois da experiência de criação da minha primeira colagem, disparei em desenvolver obras de artes que dialogassem com o Nordeste e com a perspectiva (des)colonial. Os estudos da técnica me levaram, antes de tudo, a buscar informações sobre o que era de fato a colagem, sua origem e as atuais e diferentes possibilidades que tem representado enquanto criadora de contranarrativas visuais que questionam colonialidades.

Segundo Juliana Ferreira Bernardo (2012), a colagem marca presença no campo das artes, de forma mais intensa, desde o Cubismo – movimento de vanguarda artística europeia do século XX, com origem nas artes plásticas, cujas obras se caracterizam pelo uso de figuras geométricas. Rompem com a pintura tradicional ao adicionarem elementos e objetos exteriores diversos (o que tiverem à sua disposição) na produção. Pablo Picasso e Georges Braque são os

artistas de referência. Iwasso (2010) afirma que o contexto social de “invenção” da colagem refletia uma nova subjetividade, que dialogava com as mudanças culturais e epistemológicas percebidas em razão dos avanços da sociedade industrial. A proliferação da técnica acontece, também, concomitante à implementação dos sistemas de telecomunicações e de transportes, o desenvolvimento da indústria gráfica – tanto relacionado à propaganda quanto ao comércio de bens manufaturados – e as informações eram divulgadas em justaposição e sobreposição de imagens, desde as placas, muros, postes até as fachadas dos estabelecimentos. Esse contexto de mudanças de temas e modos de representação influenciou o universo da arte (Iwasso, 2010). Desde o Cubismo, a técnica da colagem tem passado por outros tantos movimentos até a contemporaneidade, como: construtivistas, dadaístas e surrealistas, por exemplo. Iwasso (2010) considera que, como técnica, a colagem sofreu poucas transformações até os anos de 1960. A partir daí, a popularização da arte serigráfica traria novas implicações ao processo. Em 1970, a interferência seria das máquinas fotocopadoras (xérox), e a década de 1980, transforma a técnica a partir do uso da tecnologia da informática, culminando na internet, nos anos 1990 (Iwasso, 2010).

Apesar de todos os esforços analíticos que tentam situar o momento e o contexto de advento da colagem, outros estudos têm se empenhado em demarcar registros do uso da colagem anteriores ao Cubismo. Bernardo (2012), por exemplo, cita que, desde a Ideia Média, no Japão, a colagem já aparecia, ao serem utilizados pedaços de papéis coloridos na confecção de trabalhos poéticos. A autora faz referência ainda a experiências anteriores ao Cubismo na Holanda, Espanha, Estados Unidos e Inglaterra que coincidiam no aspecto manual de uso da técnica. O historiador José D’Assunção Barros (2011), por exemplo, analisa os caminhos de renovação e recriação dos parâmetros da arte moderna ocidental a partir do confronto e da assimilação de algumas alteridades artísticas, como as oriundas da arte africana ou da arte da Oceania, e que eram consideradas como primitivas. O historiador explicita que os artistas europeus (os impressionistas foram os primeiros), desde o final do século XIX e início do século XX, já experimentavam a renovação de seus princípios técnicas e estéticas a partir da assimilação de contribuições vindas do Oriente, e perceberam que muito ainda poderiam assimilar das produções artísticas africanas. Barros (2011) explica que a corrente artística dos fauvistas foi pioneira em diretamente querer aprender e apropriar-se das artes africanas. Muitas das estatutárias africanas serviram de inspiração para a elaboração de esculturas fauvistas. Além destes, as obras de cubistas, como Picasso, também receberam influência (apropriação) da produção africana de máscaras ritualísticas.

Em 1907, tendo como impactante marco o quadro *Les Femmes d'Alger (O Jovem Orelha)*, Picasso começa a elaborar uma nova estética – logo denominada cubista, na sintonia com algumas pinturas que Braque já vinha desenvolvendo. Essa nova estética fundamenta-se, grosso modo, na destruição de harmonia clássica das figuras e na decomposição da realidade. Mas ela foi primordialmente inspirada nas máscaras rituais da África, com as quais Picasso tivera contato naquele mesmo ano (Barros, 2011, p. 44).

Para os povos africanos, nas suas culturas de origem, conforme esclarece Barros (2011), as suas produções, como estatuetas, máscaras, objetos de cerâmica, adornos, peças de indumentária mágica, que denominam de arte negra, eram, na realidade, “objetos de ação”. Significa dizer que não eram produzidos para mera contemplação e consumo, como acontece com as obras de artes ocidentais. Eram objetos confeccionados para a serem inseridos em cerimônias e ritos de diversos tipos, festas coletivas.

Sobre a colagem, de forma específica, Barros (2011) afirma que a “arte negra” pode inspirar os cubistas tanto nos métodos e procedimentos analíticos – que se propunham a atingir formas geométricas e esquematizações a partir da natureza – como nos procedimentos sintéticos – advindos da emergência da colagem que, por sua vez, não era técnica estranha aos artistas africanos, e que os cubistas se apropriaram fortemente. Mas qual a pretensão de trazer essas informações aqui: desvelar que, na história da colagem, existe uma compreensão importante que foi invisibilizada e silenciada. Para a proposta desta pesquisa, é fundamental ocupar o lugar de reflexão desde dentro do sistema de poder, de narrativas hegemônicas, a fim de visualizar e fazer-se reconhecer outras possibilidades. Na atualidade, por exemplo, diversas(os) artistas promovem a contestação de imagens e histórias hegemônicas por meio do movimento de apropriação, montagem e colagem artísticas, que criam contranarrativas visuais para reivindicar todas as violências e apagamentos sofridos por séculos. Revisitam visualidades para construir narrativas outras, outros mundos possíveis. Tenho acompanhado as(os) seguintes artistas que seguem tal proposta: a maranhense Gê Viana, que se utiliza de técnica de colagem tanto analógica quanto digital e fotomontagem para confrontar representações colonizadoras, a partir do seu lugar, de acontecimentos do seu cotidiano e do contexto familiar; o artista Denilson Baniwa, nascido na comunidade do povo Baniwa, localizada no estado do Amazonas, que faz das suas obras artísticas (gravuras, tinturas, colagens, desenhos) o meio para demarcar a presença e existência dos povos indígenas, que já configuram em si modos de enfrentamento às colonialidades. Acompanho com admiração e respeito os trabalhos dos piauiense Mikaela “Inraizada” e Carlos Henrique, que elaboram artes em colagem com temáticas que atravessam a ancestralidade, afrodescendência, religião de matriz africana... Poderia citar várias(os) outras(es). É crescente o movimento de artistas que têm procurado sentir, perceber e questionar

o seu entorno, de dentro para fora, de fora para dentro, para colocar em roda outros olhares e percepções sobre si e sobre o mundo.

Figura 46 – VIANA, Gê. Um jantar brasileiro. Série: Atualização Traumática, 2021. Colagem digital. 297x420 mm



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CR1kwwXn0Au/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 47 – VIANA, Gê. Neide e Indígena Guarani, 2020. Fotografia e litogravura. 180x100 cm



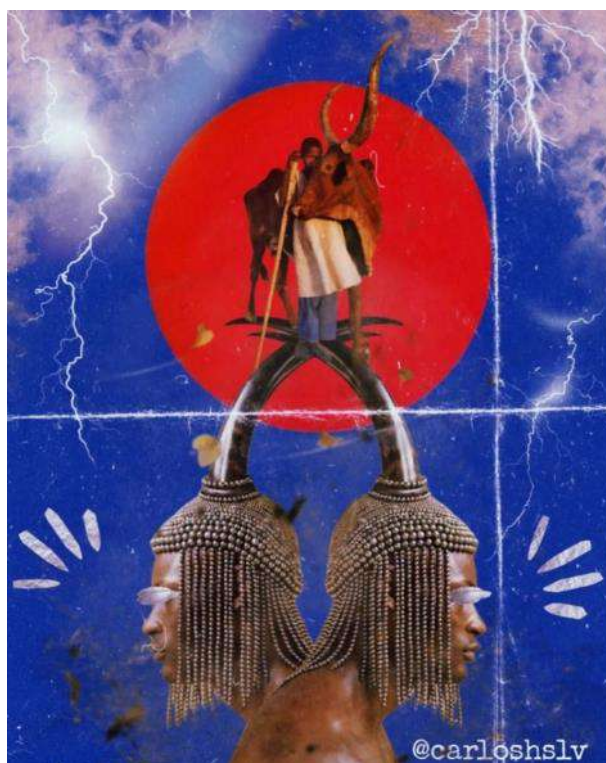
Fonte: <https://www.instagram.com/p/CR1kwwXn0Au/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 48 – Carlos Henrique. Que toda a fortuna do mundo possa chegar aos meus pés, 2023. Colagem digital. [sem dimensões especificadas]



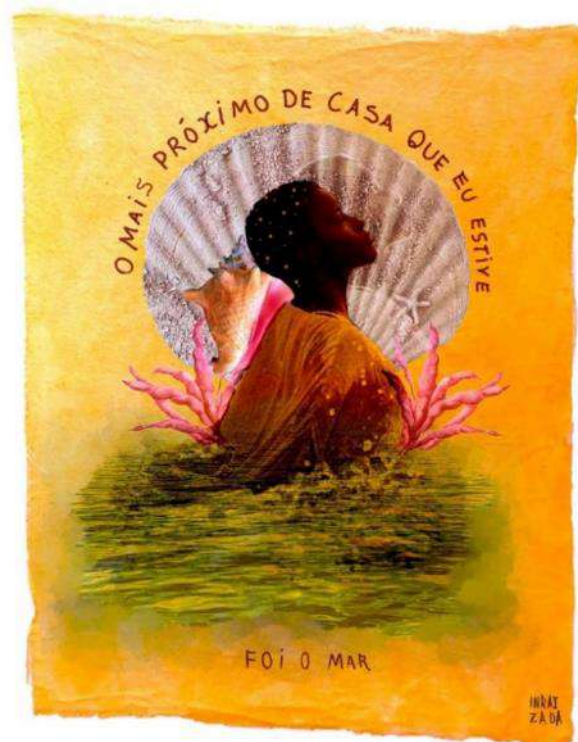
Fonte: <https://www.instagram.com/carloshslv/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 49 – Carlos Henrique. Menino, o boi e a tempestade, 2022. Colagem digital. [sem dimensões especificadas]



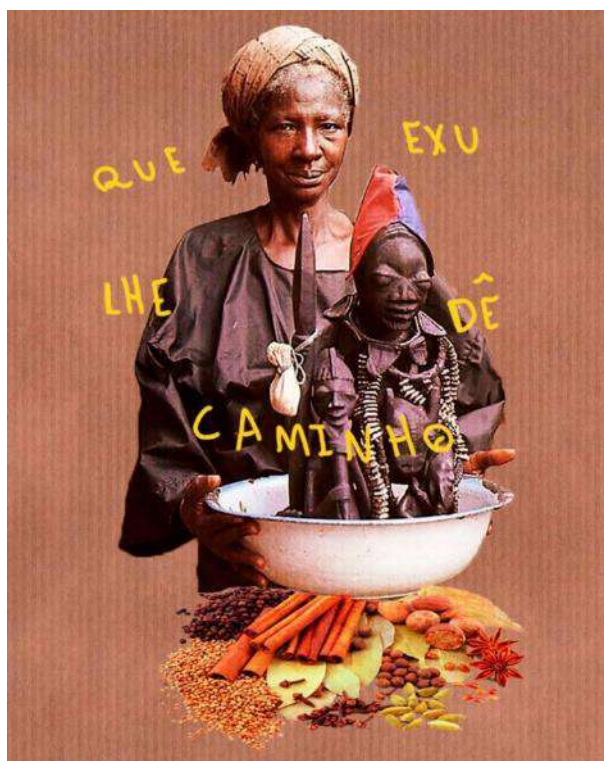
Fonte: <https://www.instagram.com/carloshslv/>. Acesso em: 12 set. 2023.

Figura 50 – Mikaela Inraizada. O mais próximo de casa que eu estive foi o mar, 2022. Colagem digital sobre tecido tingido de açafrão. [sem dimensões especificadas]



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZo-exfLKNK/>. Acesso em: 12 set. 2023.

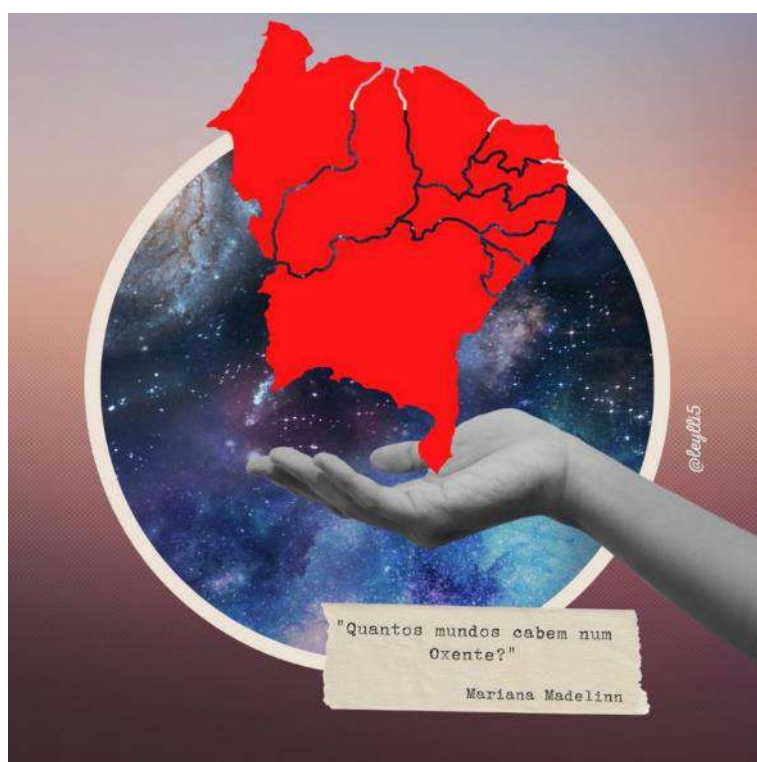
Figura 51 – Mikaela Inraizada. Que Exu lhe dê caminho, 2022. Colagem digital. [sem dimensões especificadas]



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZo-exfLKNK/>. Acesso em: 12 set. 2023.

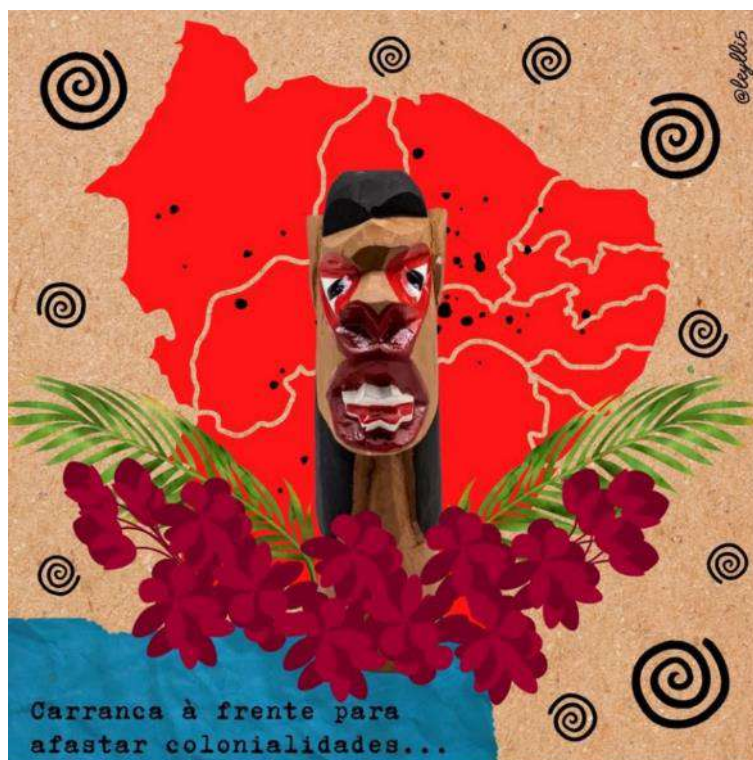
Inspirada nestas e em outras produções, no segundo semestre do ano de 2022, decidi abrir uma conta na rede social *Instagram* para publicizar as colagens que, timidamente, eu estava a criar. Na época, encontrávamos imersas(os) no período efervescente das campanhas eleitorais para a presidência do Brasil, o jogo democrático a ser ameaçado pelo fascismo, o Nordeste a sofrer com constantes ataques por não apoiar o candidato genocida. Considerei ser oportuno utilizar imagens para manifestar os meus posicionamentos, para lembrar de quem eu sou e de onde vim. Seguem algumas colagens compartilhadas na minha página do Instagram *@ser_tao_decolonial*.

Figura 52 – DIAS, Leyllane Dharc. Quantos mundos cabem num Oxente?, 2022. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: https://www.instagram.com/ser_tao_decolonial/?next=%2F. Acesso em: 13 set. 2023.

Figura 53 – DIAS, Leyllane Dharc. Carranca à frente para afastar colonialidades, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: https://www.instagram.com/ser_tao_decolonial/?next=%2F. Acesso em: 13 set. 2023.

Figura 54 – DIAS, Leyllane Dharc. Seremos resistência até o fim, 2023 Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: https://www.instagram.com/ser_tao_decolonial/?next=%2F. Acesso em: 13 set. 2023.

Figura 55 – DIAS, Leyllane Dharc. Bença Vó, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: https://www.instagram.com/ser_tao_decolonial/?next=%2F. Acesso em: 13 set. 2023.

O exercício de criação de colagens para a minha página na rede social *Instagram* (e para a tese) vai de encontro com o que Albán Achinte (2013) evidencia sobre a arte. Esta não pode ser compreendida “apenas” pelo viés da produção de obras e objetos artísticos. Arte representa o lugar potente para problematizar o contexto que estamos inseridas(os) e as violências operadas pelo sistema moderno-colonial. Criar ou ser criativo precisa ser assumido como uma prática que nos leve a (des)aprender e a (des)colonizar nossas mentes. É chegar nas profundezas do nosso próprio ser, onde afloram as realidades que nos formam. É permitir que a imaginação trabalhe em favor da nossa própria subjetividade. “*El acto creador es pedagogía de la existencia*”, diz Achinte (2013, p. 450).

Achinte (2013) trata como pedagogia da existência o ato de criação artística, que serve para desarmar as armadilhas da narrativa ocidental em cada uma(um) de nós, como exercício de existência. Devemos enfrentar os medos que nos prendem em jaulas de discursos e imagens únicos, que nos privaram da experiência da vida. Artistas que sentem o seu entorno, como um mundo dentro e fora de si, produzem atos criativos diferenciados, como expressão da pluralidade de possibilidades existentes. A potência criativa-artística que se relaciona com o cotidiano, segundo Voss e Peloso (2021), é movimento de libertação, apesar do sistema moderno-colonial. O motor criativo, perpassado pela (des)colonialidade, confere condições

para nos confrontarmos com as colonialidades presentes no contexto em que estamos envolvidas(os). Eis a proposta emancipadora da arte, ao oportunizar (re)pensar e (re)criar o cotidiano (Voss; Peloso, 2021).

A técnica da colagem digital chega à tese para constituir mais um elemento de teorização, que nasce de experiências cotidianas em *Retirâncias*, das nossas vidas e dos conhecimentos que só nós vivemos (hooks, 2017). Aparece aqui para compor dos resultados artísticos da tese que, sustentados em processo crítico, de criação e criatividade, objetivam (des)colonizar as imagens de retirantes/migrantes nordestinas(os) que, perpassadas pelo olhar e representação hegemônicos, subalternizam, inferiorizam e naturalizam as existências, e generalizam as motivações das experiências migratórias dos povos do Nordeste. Tais imagens foram dispositivos essenciais na investigação. Foram centrais para a compreensão da noção-conceito-prática de *Retirância* que a tese buscou abrir, alcançar, pensar e desenvolver. Depois de questionadas, nos fizeram perceber que as coisas não são dadas e determinadas. Por conta disso, reivindico a retomada das imagens. A colagem foi o método que encontrei para traduzir a forma como visualizo e percebo as fissuras que as narrativas das(os) participantes-confluentes provocaram nas imagens selecionadas aleatoriamente na plataforma virtual *Google*, e que serviram de disparadores orais e imagéticos nas oficinas. Estas imagens sofrem deslocamentos a fim de ressignificar o que foi atribuído à(ao) nordestina(o) que migra, e isso acontece quando somos testemunhas e narradoras(es) das nossas próprias histórias. A força interventiva, subversiva, de criação e criatividade tem no caminho educativo-artístico-(des)colonial das *Oralimagens* o seu pano de fundo, haja vista que fizeram circular em mim e nas(os) participantes-confluentes outras possibilidades, releituras e narrativas de (re)existências, além de demarcar a nossa presença enquanto criadoras(es)-artistas-sujeitas(os) sociais, é resposta para dizer que não nos enquadrámos no que foi reproduzido como verdadeiro e normativo.

Embora as imagens do *Google* possam fazer parte da realidade de algumas(alguns) participantes-confluentes – e nas narrativas a imagem naturalizada sobre retirantes ser indicada – a proposta da criação das colagens, enquanto resultados artísticos, vislumbraram apresentar, em múltiplos recortes, fluxos e montagens, as táticas cotidianas apresentadas pelas(os) participantes-confluentes em suas narrativas, e que me descalçaram para compreensão do que seria a noção-conceito de *Retirância*. Busquei promover uma atualização poética e provocar reflexões em relação aos estereótipos, naturalizações, simplificações e homogeneizações conceituais e identitárias. As imagens hegemônicas e subalternizantes de retirantes digo que foram rasgadas e arranhadas por mim e pelas(os) participantes – assim como os Carcarás fazem com suas presas. As colagens foram criadas e montadas em movimento e agilidade de Carcará

– “pega, mata e come... Carcará não vai morrer de fome” (Carcará, 1965). As artes em colagem vibraram em criação, também, com os meus pés descalçados, inspirados pelos chãos das minhas experiências e das experiências das(os) participantes-confluentes. Pés que pisaram, dançaram, copiaram, colaram as imagens de diversos modos, ângulos e formatos.

Os atravessamentos gerados e despertados pelas *Oralimagens* estimularam os pés a abrir os olhos e a boca, e prepararam os ouvidos (e o corpo todo) para a percepção de outras visualidades, histórias e escritas. Disso, resulta que o processo de recuperação e retomada de imagens é tanto algo particular como coletivo, já que os efeitos que produzem são também coletivos. A reivindicação coletiva da imagem acontece no diálogo horizontalizado, com repertório circular, sem disputas de centralidade, mas perpassado por tensionamentos, discordâncias e concordâncias. Como alerta bell hooks (2019), a (des)colonização das imagens passa pela luta coletiva por autodefinição, onde possamos nos ver em nossa inteireza, sem performar o desejo das(os) outras(os) sobre nós.

A colagem, em parceria com as *Oralimagens*, ao ser dimensão aberta e dinâmica, me permitiu (re)criar outras possibilidades e (re)leituras das imagens formatadas pelo olhar hegemônico. Os resultados figuram compreensões ricas e preciosas de nós mesmas(os). São as narrativas que interferem nas imagens hegemônicas e cristalizadas, e que as dessubalternizam e quebram (Silva, 2019). Por isso, nas obras de artes em colagem digital, as narrativas das(os) participantes-confluentes assumem o centro do plano visual. Recuperei trechos das histórias narradas pelas(os) participantes-confluentes e os combinei àquelas imagens que selecionei no *Google* e utilizei nos exercícios-reflexivos das oficinas. A intenção, como já dito, é dar abertura a outros caminhos e significados às experiências migratórias de nordestinas(os). (Des)construir e (re)escrever as cenas assentadas na dor e no sofrimento, e criar *imagens (des)colonizadoras em Retirâncias*. Isso posto, organizei a visualização das colagens da seguinte forma: primeiro compartilho, a seguir, algumas das imagens que foram selecionadas aleatoriamente no *Google* e projetadas nas oficinas da pesquisa. No tópico seguinte, compartilho os resultados artísticos em colagem digital.

Figura 56 – Imagens selecionadas após digitar “retirante”, “retirante nordestino”, “migração nordestina no *Google* Imagens, 2022. Dimensões variadas



Fonte: *Google Imagens*, 2022.

Figura 57 – Imagens selecionadas após digitar “retirante”, “retirante nordestino”, “migração nordestina no *Google Imagens*, 2022. Dimensões variadas



Fonte: *Google Imagens*, 2022.

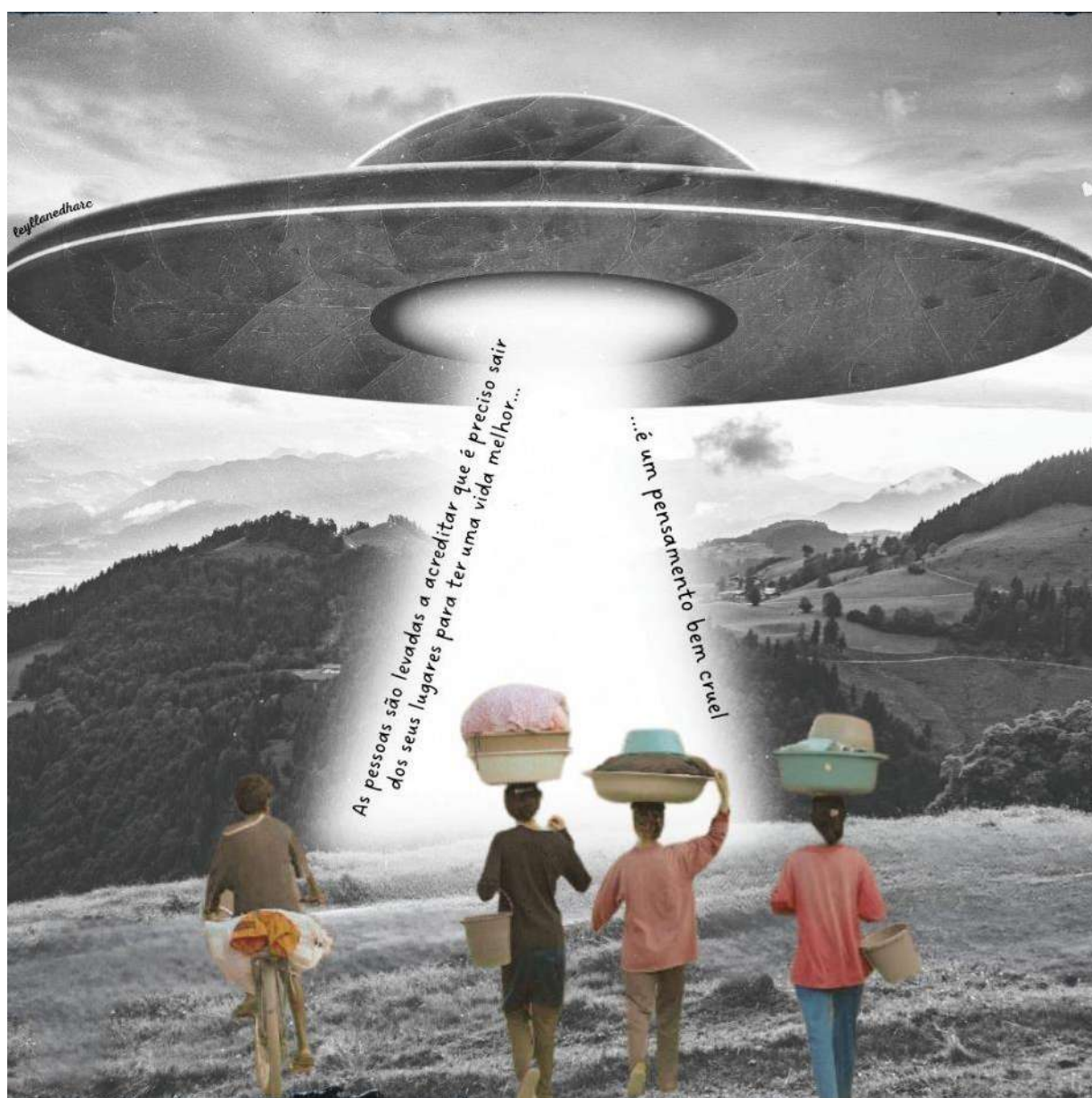
6.2 Imagens (Des)colonizadoras em *Retirâncias*

Figura 58 – DIAS, Leyllane Dharc. Criação e reinvenção em *Retirância*, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 59 – DIAS, Leyllane Dharc. Pensamento cruel, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 60 – DIAS, Leyllane Dharc. Sonhos no centro, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 61 – DIAS, Leyllane Dharc. O mato não sai da gente, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 62 – DIAS, Leyllane Dharc. Arrancar a vida do chão, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 63 – DIAS, Leyllane Dharc. Afronta ao Brasil Colonial, 2023. Colagem Digital. 29,7x42 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 64 – DIAS, Leyllane Dharc. Sonhar no coletivo. 2023. Colagem digital. 28x28 cm



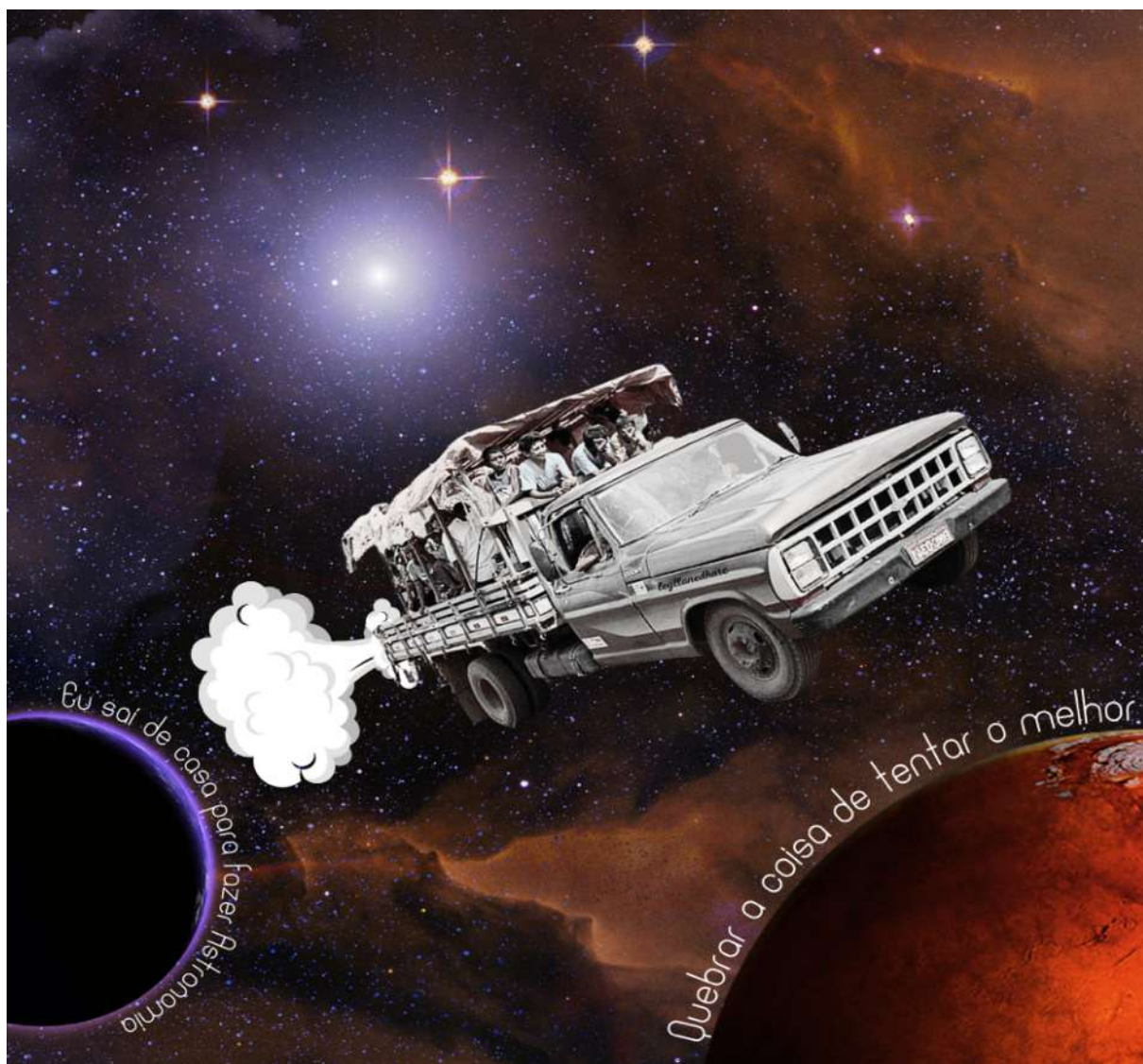
Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 65 – DIAS, Leyllane Dharc. Seguir os rastros da subversão, 2023. Colagem digital, 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 66 – DIAS, Leyllane Dharc. *Retirância* para o espaço sideral, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 67 – DIAS, Leyllane Dharc. Envergo, mas não quebro, 2023. Colagem digital. 29,7x42 cm



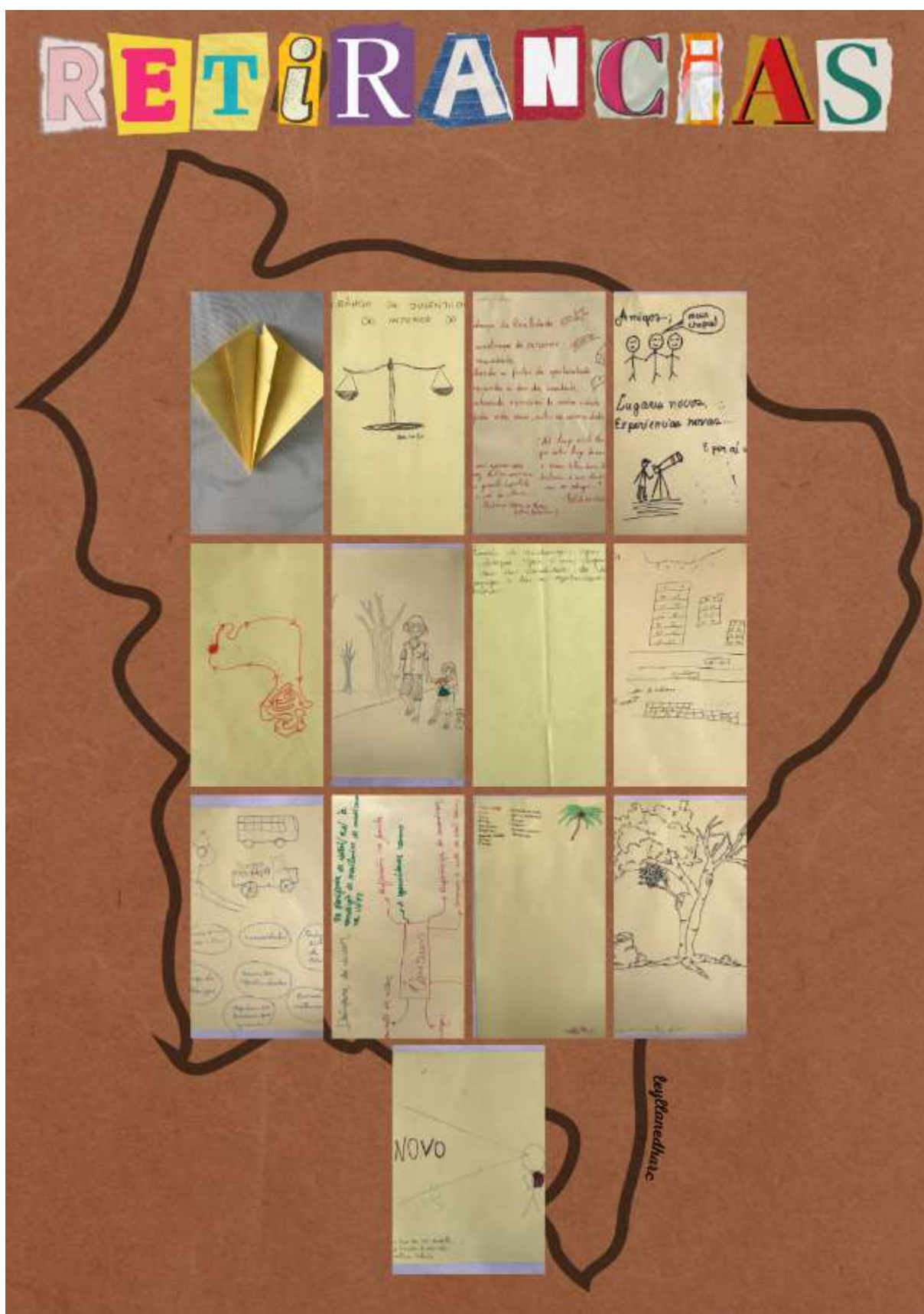
Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 68 – DIAS, Leyllane Dharc. Seguir o novo, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Figura 69 – DIAS, Leyllane Dharc. Nossas *Retirâncias*, 2023. Colagem digital. 29,7x42 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

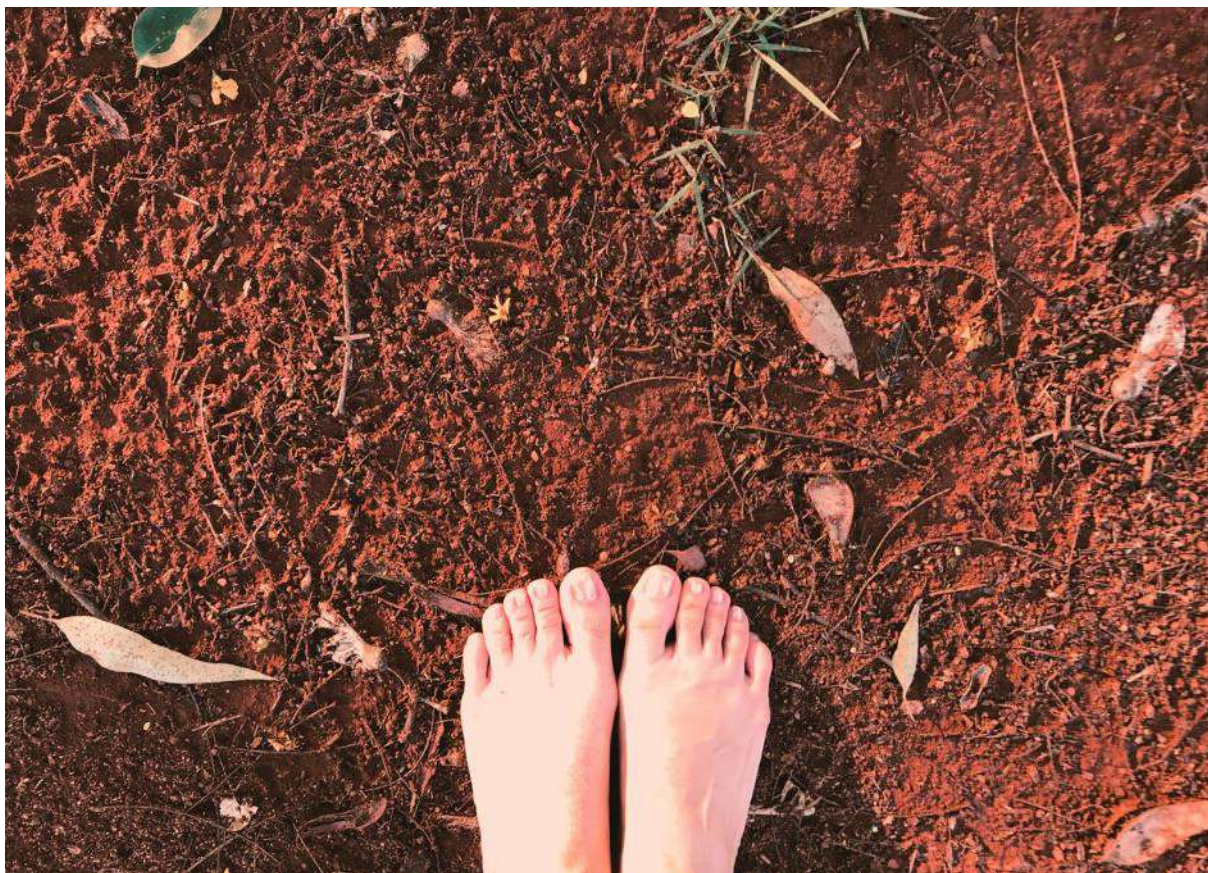
REFLEXÕES PARA (NÃO) FINALIZAR AS RETIRÂNCIAS

Quando eu pisei nessa terra
 Logo senti conexão
 Amor, afeto e cuidado
 Não falta não
 É coisa de antes
 [...] Água na pedra, linha na agulha
 O caminho é traçado, é sim sinhô
 A vida da lida eu trago na unha
 É saber de onde eu vim, pra saber pra onde eu vou
 Se eu fecho meus olhos
 eu posso ver
 Energia ancestral
 Cuida de mim
 Olha por mim
 Me (Ori)enta
 É coisa de antes, coisa de antes
 Amor de antes
 Passos de antes
 Reflete o antes
 Coisa de antes
 E eu sinto hoje (Chão Ancestral, 2022).

Leitoras(es)-confluentes, recordam os registros fotográficos que fiz dos meus pés calçados no tênis branco a pisar o chão da UNICAMP, a fim representar o movimento de produção de conhecimentos em caminhar durante o doutorado? Ali era o meu corpo a tentar refletir sobre a noção-conceito de *Retirância*. Entretanto, já ao final do percurso da (pés)crita da tese, percebi que era necessário retirar o sapato. Intrigante o fato de que, por mais que eu movimentasse o corpo, passei um tempo com os membros a insistirem em funcionar de modo separado, como bem desejava e esperava (deseja e espera) a colonialidade. O tênis aprisionava o meu corpo, confundia os meus sentidos. Quando, enfim, descalcei – com a colaboração das reflexões tecidas por meio do pensamento (des)colonial e, principalmente, com as contribuições recebidas no momento do exame de qualificação e das orientações de pesquisa, as quais sou muito grata – os olhos abriram, apurei a audição e abri a boca para perceber que, na realidade, a *Retirância* estava a ser desenvolvida muito antes dos meus pés adentrarem o chão da UNICAMP. Senti que a *Retirância* “é coisa de antes”, e eu estava a desenvolver a noção-conceito-prática a partir de dentro, dos atravessamentos e das conexões com muitos chãos, gentes, quintais, pincéis e tintas, saída, saudade, retorno, abertura de matos, histórias, memórias, coisas, descaminhos, caminhos e rotas circulares. *Retirâncias* são “passos de antes, reflete o antes, coisa de antes, e eu sinto hoje”.

Figura 70 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés descalços no chão vermelho da UNICAMP, 2023. Fotografia digital.

28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Retornei ao chão (primaveril) da UNICAMP descalçada. Com os pés – e o corpo todo – libertos, faço o movimento de Carcará, de voltar a cabeça para trás, para compreender que o tempo presente é ancestral, e não posso perder de vista as experiências anteriormente vivenciadas. Com as plantas dos pés em conexão com o chão, sinto que as raízes que brotam das minhas solas abrem fendas, racham concretos e cimentos, borram imagens hegemônicas, me nutrem de energia vital para criar imagens outras, contravisualidades. São práticas criativas que indicam a circularidade das (re)existências, mesmo a estar em terreno desencantado, onde a racionalidade ocidental quer adequar-nos e prender-nos em sapatos duros e apertados que pisam em uma só direção, impõem um só conhecimento, uma só forma de aprender. No entanto, o descalçar me ensinou que, ao andar somente com um pé, corremos o risco de tropeçar e cair em arapucas. Nesse sentido, adianto que as *Retirâncias* são modos e táticas de (re)existências, que (re)significam, (re)inventam e (re)criam cotidianamente a vida, baseados numa *práxis* (des)colonial que perpassa relações de poder com vistas a confrontá-las para o reconhecimento e retomada do ser e do seu entorno (Achinte, 2013). *Retirâncias*, portanto, sou eu, é minha mãe, é Maria da Inglaterra, são as(os) participantes-confluentes, são vocês, leitoras(es)-confluentes, que criam

existências na lógica que produz inexistências. *Retirância* é ação de fé no existir. É teoria que se faz a partir das coisas que só nós sabemos sobre nossas vidas. Como diz hooks (2017), é teorização que contempla a esperança da nossa libertação; que nos possibilita dar nome à nossa dor e fazê-la ir embora. E, para chegar a estas (in)conclusões, retomo algumas discussões e reflexões desenvolvidas nesta pesquisa.

Caras(os) leitoras(es)-confluentes, neste último gole de café, depois de atravessar um período difícil de pandemia de covid-19, sentadas(es) na cadeira de fio de espaguete, na calçada da invenção da vida, ao som de um animado forró, apresento as reflexões que emergiram dos atravessamentos aqui movimentados. Vou mergulhar esta (pés)quisa na bacia de alumínio com ervas e água morna, quase transbordante, a fim de fazer o escalda-pés. É preciso aliviar as passadas. Para (des)começar, gostaria de dividir com vocês, leitoras(es)-confluentes, um registro fotográfico que me atravessou profundamente e que funcionou como “cura” às inquietações vivenciadas desde o quintal da Matinha, quando folheava os livros de artes do meu pai: “Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande” (Barros, 2018, n.p.).

Em março de 2023 fui convidada por uma amiga a visitar o Museu de Arte de São Paulo (MASP). Ela sabia do meu afeto pela arte, do meu desejo em conhecer o museu e, especialmente, de (re)encontrar a icônica obra *Retirantes*, de Portinari. Ao convite, não hesitei e respondi com um animado “sim”. Por estarmos em Campinas-SP, o percurso até a capital São Paulo foi de pouco mais de uma hora. Era domingo de manhã. O sol brilhava forte, ao passo que sentíamos uma leve brisa frescorosa. Chegamos cedo, por volta das 9 horas. O museu estava fechado. Abriria às 10 para a compra de ingressos. Enquanto isso, resolvemos “bater perna” na Avenida Paulista. A imponente São Paulo, que faz os olhos brilharem e fagulharem com o reflexo do sol nas vidraçarias dos arranha-céus, recebe gentes do Brasil e do mundo inteiro. É ponto de encontro de gentes. Naquele chão eu sentia a energia e os rastros daqueles que vieram antes de mim para abrir os caminhos. O seu nome solta da boca de muitos para colocá-la no pedestal e dizer que ali é lugar de importância e de garantia de sobrevivência. Mas na avenida meu faro obedecia e seguia as encruzilhadas, onde os encontros com as diferenças e as miudezas acontecem. Os encontros que não anulam as nossas existências, nem recriminam as outras possibilidades e intenções de estarmos a pisar naquele espaço de poder.

Às 10 horas retornamos ao MASP. Compramos o ingresso, a meia entrada a que estudantes têm direito. Pelo valor do bilhete compreendi que o acesso a arte ainda resguarda em suas instituições reflexos de desigualdades. Iniciamos a visita pelo primeiro andar onde acontecia a exposição de Judith Lauand (1922-2022), artista plástica brasileira, integrante do

movimento de arte concreta e da abstração geométrica no Brasil, no século passado. A exposição foi realizada para celebrar os 100 anos de Judith. Atentei aos detalhes das obras, mas o meu coração estremecia e ansiava pelo encontro com Portinari. Terminada a caminhada por entre a exposição de Judith, seguimos ao andar de cima. Pela porta de vidro pude avistar as telas de Portinari, ao centro do museu, em meio a tantas outras telas de artistas nacionais e internacionais. Os pés pareciam não obedecer aos meus comandos, desejavam voar. Rápida e determinada como o Carcará, alcei voo livre e focado em direção às telas. Aos primeiros impulsos, senti uma puxada no ombro (na asa). Era a minha amiga. Em tom alegre e cuidadoso, disse: “*Vamos ver todas as obras com calma, pelo começo. Não vá direto à Portinari. Saboreie o momento*”. Contive a exaltação por poucos minutos. Optei por dismantelar a lógica da ordem e do tempo certo para tudo. Sem conseguir atentar às demais produções expostas, decidi balançar novamente as asas e preparar voo. Voei ao (re)encontro.

Pelas legendas dos livros eu poderia imaginar o tamanho colossal das telas de Candido Portinari, mas não há comparação quando a contemplação acontece presencialmente. São majestosas (qual a intenção do artista com as medidas?). As duas telas expostas eram *Retirantes* e *Criança Morta* (série *Retirantes*, 1944-1945, técnica de óleo sobre a tela). Fiquei em pé, paralisada cerca de 30 minutos, a percorrer com os olhos cada detalhe dos quadros. Na minha cabeça, *flashes* de memórias. Lembrava dos livros de papai, do quintal da casinha amarela, das inquietações de infância que só foram resgatadas no/pelo doutorado, das intersecções que a educação e a arte movem em minha vida. Era o meu momento. O cruzo de olhares. A materialidade da leitura da migração nordestina de Portinari do lado de lá da tela. A minha leitura e interpretação sempre discordante, porém, respeitosa do lado de cá. Meus olhos marejaram. Queria uma foto entre as telas. A fotografia para recuperar a identidade.

Figura 71 – DIAS, Leyllane Dharc. O (re)encontro com as telas de Candido Portinari no Museu de Arte de São Paulo (MASP), 2023. Fotografia digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

Depois da foto-encontro, respirei, peguei o celular e liguei para o meu pai. “*Pai, advinha onde estou?*”. Quando disse que estava no MASP e que reconheci várias telas, como as que tinham nos livros dele, a reação imediata foi o silêncio seguido de choro. Após alguns minutos, recupera a voz engasgada e diz: “*Que felicidade saber que está aí, filha!*”. Meu pai, por vários motivos, não reside mais conosco, mora sozinho, não pinta mais quadros. Mas, o encantamento pela arte é como brasa fria e quieta, que só espera ser atizada para incendiar e aquecer tudo ao redor. Que a chama não se apague.

O (re)encontro com a arte e a reivindicação do meu lugar de artista foram um dos momentos mais importantes no desenvolvimento da tese. Nos entremeios do percurso do doutorado, em situações em que era necessário falar-compartilhar a pesquisa em andamento, eu desenvolvia reflexões a partir/com/sobre inquietações movidas por imagens que me subalternizavam enquanto pesquisadora-pessoa-nordestina. Questionar a figurabilidade da(o) retirante nordestina(o), representada e construída por meio de sobreposições e repetições de imagens negativas, materializadas em corpos andrajosos, esqueléticos, macilentos, moral e politicamente ameaçadores, que saem em retirada em busca de garantir a sobrevivência, me fizeram entender que eu precisava abrir essas imagens a partir do que eu era(sou). Foi assim que cheguei ao método das *Oralimagens*, que atravessou toda a tese e se fez potência. A proposta das *Oralimagens* é abrir imagens subalternizantes a partir do questionamento. É estar

diante de uma imagem e questioná-la. O que eu faço com a imagem que me subalterniza? As narrativas das(os) participantes-confluentes, as minhas narrativas e as histórias das muitas gentes que caminharam comigo foram fundamentos para o entendimento de que se trata de existências que, cotidianamente, fazem daquilo que as(os) subalternizam, matéria para saírem vivas(os). São as astúcias e táticas, que criam surpresas e aberturas na estrutura do poder dominante (Certeau, 2014).

Foi interessante perceber que nos exercícios-reflexivos realizados nas oficinas da pesquisa, em que imagens de retirantes nordestinas(os), encontradas aleatoriamente no sistema de busca *Google Imagens*, foram compartilhadas – principalmente no exercício em que foram questionadas(os) sobre quais imagens surgem em suas mentes que ouvem a palavra “retirante” – as(os) participantes-confluentes movimentaram histórias que estavam dentro deles, caçaram na escuridão de suas memórias, as luzes das coisas vividas. Por isso – e a professora Dra. Francilene me ajuda a pensar isso a partir das *Oralimagens* – que as migrações que as(os) participantes-confluentes realizaram na/para universidade não foi somente para fora (saída), no aspecto territorial. Foi migração que aconteceu de fora para dentro, para onde as memórias foram escavadas, e contribuíram, principalmente, para nos fazer compreender e refletir o que fizeram e contaram sobre nós e que, por nossas histórias, podemos decidir com/sobre as nossas próprias imagens (Silva, 2019).

Foi com o deslocamento de fora para dentro, praticado tanto pelas(os) participantes-confluentes quanto por mim, que atentei para o fato de que as nossas experiências migratórias, diferem das migrações realizadas por nossos familiares – outrora motivadas pelo princípio hegemônico da sobrevivência. No entanto, pegamos as experiências dessas pessoas que vieram antes de nós – que já correspondiam às táticas para se manterem e nos manterem vivas(os) – a força para seguirmos nos caminhos e matos que foram abertos a facão, foice e cutelo por elas. Por conta disso, eu considero que a noção-conceito-prática de *Retirâncias* também dizem respeito aos nossos sonhos. Sonhamos com percursos, rotas e roteiros diferentes das que a sociedade há muito tem desejado nos empurrar como norma. Migrar não como regra para trabalhar e ser explorada(o) em chãos nomeadamente superiores econômica e intelectualmente. Migramos – de dentro para fora e de fora para dentro – a fim de dismantelar a figurabilidade hegemônica da(o) retirante nordestina(o), e borrar a imagem hegemônica a partir das nossas histórias. Migrar sim, mas para acessar, estudar e fissurar a universidade, para quebrar o ciclo da pobreza. Saímos do nosso chão para pisar outros chãos para a realização dos nossos sonhos (e os das nossas famílias), e não para cumprir o roteiro pronto e fixo da narrativa da sobrevivência. Essas existências criativas abrem fendas no chão da academia, local que

cotidianamente, por seu ordenamento disciplinar eurocentrado, querem mantê-las em constante condição de subalternização. Em razão disso, ousou dizer que o acesso a direitos via programas de permanência estudantil fortalece a abertura das fendas, porque viabiliza, mesmo a duros golpes que este campo sofre, que essas(es) corpos(corpos) produzidos como fracas(os) participem de forma plena e segura da vida universitária e possam concluir os seus cursos. A importância dada aos programas de Assistência Estudantil foi perceptível nas narrativas das(os) participantes-confluentes.

Com as narrativas criei, como resultados artísticos da (pés)quisa, contravisualidades por meio da técnica da colagem digital. O objetivo foi viabilizar “o direito a olhar” (Mirzoeff, 2016), (des)colonizar as imagens de retirantes nordestinas(os) que, perpassadas pelo olhar e representação hegemônicos, subalternizam, inferiorizam e naturalizam as existências e as experiências dos povos do Nordeste brasileiro. Importante sinalizar, com isso, que questionar imagens e produzir imagens outras, transformar visualidades, por meio da técnica colagem, foram fundamentais para pensar que a noção-conceito-prática de *Retirâncias*. Digo, então, que as colagens resultantes da pesquisa são imagens (des)colonizadoras em *Retirâncias*, porque contestam as imagens cristalizadas de/sobre retirantes constantes na literatura, na música, nas obras de artes, nas novelas, no cinema, por meio das nossas histórias, dos sonhos, aspirações, produções de existências cotidianas.

Com os ouvidos e olhos nos pés intenciono, como desdobramentos da pesquisa, retornar ao chão da Universidade Federal do Piauí (UFPI) para reencontrar e reunir as(os) participantes-confluentes e compartilhar os resultados da pesquisa. Paralelamente, levo como proposta institucional a criação de espaços de escuta para estudantes migrantes e/ou quaisquer pessoas interessadas em contar e compartilhar histórias sobre experiências migratórias no/para o espaço acadêmico-universitário. Saliento que a ideia de formação do espaço foi formulada e pensada a partir das falas das(os) próprias(os) participantes-confluentes:

Tem que ter oficina toda semana (participante-confluyente Rita de Cássia, 2022).

Eu acho que essa pesquisa é muito, muito necessária. E vai virando uma coisa maravilhosa, porque é um tema incrível. E que vale muito, muito a atenção da gente. Eu acho que cada um de nós aqui vai sair mais transformados com os relatos de todos. E ver que a gente não tá sozinho nessa caminhada. Entender que tem outras pessoas, que tem outras histórias, isso é uma coisa, assim, incrível. E eu vou levar comigo esse momento (participante-confluyente Maria da Inglaterra, 2022).

Seria um espaço para além das ações que desenvolvo cotidianamente enquanto assistente social da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários (PRAEC). Pretende

configurar em ações e atividades de extensão, assim como foram desenvolvidas as oficinas da pesquisa.

Diante de tudo que foi exposto, discutido e refletido, digo que nesta (pés)quisa me orientei pelos pés, olhos, ouvidos, mãos... pelo corpo todo, com a intenção de favorecer uma escrita acadêmica leve, afetuosa, atravessada pelas minhas origens, pelo meu lugar de brotação, pelo meu quintal, pela periferia que me formou (e que me forma). Isso não implicou reduzir ou regionalizar compreensões. Foi a maneira que utilizei para abrir frestas na estrutura acadêmica a partir de experiências e saberes não ocidentalizantes. Esforcei-me para trançar a tese com elementos que falassem e traduzissem a minha experiência enquanto mulher nordestina, piauiense, teresinense. Rememorei com respeito as histórias do meu chão. Segurei nas mãos de pensadoras(es) conterrâneas(os), e nas mãos da minha orientadora professora Dra. Norma Trindade, que também é de origem nordestina. Utilizei filosofias e metodologias do Ser(tão) – como o Carcará e a sua genuína habilidade de voltar a cabeça para trás para se comunicar de forma respeitosa – e do meu Ser(tão), pois falei da minha mãe, do meu pai e das muitas gentes que foram (são) minha escola na (re)invenção da vida. A educação miudinha que acontece de forma muito bonita no cotidiano e nas frestas, como diz Simas (2021), e que me permitiu constatar que o fato de não ter formação acadêmica em Artes não impediu que eu me reconhecesse enquanto artista e que tivesse a licença poética para falar de imagens, obras e quadros na minha pesquisa de doutorado. Retomo a pergunta: “No mundo em que vivemos, como existir sem arte?” (Silva, 2022, p. 63). Respondo: é impossível. As inúmeras manifestações de pessoas-artistas que estão a resistir contra a lógica colonialista que separa a arte da vida são fios de esperanças para a transformação da retórica cruel de que as artes produzidas por corpos(corpos) dissidentes estão no campo do popular e do folclórico.

As *Retirâncias* pensadas com/pelas/a partir narrativas de estudantes universitárias(os) migrantes na/da UFPI também serviram para evidenciar que, na universidade, estamos em *Retirância* cotidiana, haja vista que transitamos e reclamamos as nossas presenças neste espaço de poder, mesmo quando não nos sentimos acolhidas(os) e pertencentes. A academia não é o paraíso, mas coletivamente poderemos recuperar e promover paraísos pluriversais.

Pela realidade que vivenciei na periferia de Teresina eu era incapaz de imaginar ser possível entrar na universidade pela porta da frente, para fazer curso de graduação. A entrada possível de visualizar imagetivamente era aquela que se dava pelas aberturas e frestas das grades, informalmente, mas criativamente nas brincadeiras de criança. Mais impossível do que isso seria cogitar fazer doutorado em universidade da região Sudeste e, neste espaço, contar a

minha história, atravessada por tantas outras histórias, de outras tantas pessoas. Que esta (pés)quisa possa encorajar muitas(os) de nós a se infiltrar no mundo acadêmico, e como cupins, tornar oca a sua estrutura com as nossas presenças. Que esta tese também possa contribuir na (re)construção, recuperação e ampliação das visões sobre os povos do Nordeste brasileiro.

Como no sereno calmo e tranquilo que acontece de tardezinha, a relação respeitosa entre o sol e a chuva, “o casamento da raposa”, finalizo esta etapa da (pés)crita. Pés molhados, encharcados de descobertas e aprendizados. Mas, como o final de uma pisada funciona como uma abertura para os próximos passos, digo que a noção-conceito-prática de *Retirância* não se esgota aqui. Seco meus pés para recomençar as caminhaças... sempre.

Figura 72 – DIAS, Leyllane Dharc. Pés descalços, 2023. Colagem digital. 28x28 cm



Fonte: acervo pessoal de Leyllane Dharc Dias, 2023.

CORDEL “RETIRÂNCIAS COM OS PÉS NO CHÃO”

Pés presos em sapatos
Que difícil de andar
Os dedos imprensados
Foi preciso descalçar
Colocar os pés no chão
Sentir forte conexão
Com o lugar a se pisar

Digo que o descalçar
Requer muita coragem
Retirar as botas duras
Abrir e dar passagem
Às nossas existências
Que ditam resistências
À ideia de selvagem

Migração nordestina
Imagem cristalizada
Na mente dessa nação
A narrativa reforçada
Que para sobreviver
E de fome não morrer
A solução é a retirada

Retirante é retratado
Todo sujo, esfarrapado
Em condição degradante
Corpo depauperado
Pé descalço a mostrar
Que no Brasil não há lugar
Para o incivilizado

Marca da incivilidade
Para mim é proteção
Pé descalço é história
Que envolve a criação
De táticas infinitas
Que de formas tão bonitas
Abrem fendas nesse chão

Aqui nesta pesquisa
O Pé olha, ouve, fala
Questiona as imagens
Provoca a retomada
De imagem coerente
Que valorize a gente
E a nossa caminhada

Sair de onde nascemos
Não é só necessidade
Nem por sobrevivência
Apesar da saudade
São sonhos a realizar
A Academia acessar
Viver com dignidade

O ciclo da pobreza
É possível de quebrar
Quem veio antes de nós
Também estava a sonhar
Caminhos foram abertos
E com os pés descobertos
Chegamos em qualquer lugar

Retirância é teoria
Não separada das vidas
Existências criativas
De sonhos envolvidas
Que fazem brotar flores
Mesmo onde os opressores
Dão duras investidas

Retirância é abertura
Movimento circular
O fim que é começo
Que faz a roda girar
Aqui não se finaliza
Mas se disponibiliza
Meios para continuar

Autoria: Leyllane Dharc Dias, 2023.

CORDEL DAS RETIRÂNCIAS

Bença Mãe, Bença Pai
Chegou a hora de partir
Quero um abraço forte
Vou o choro engolir
Não precisa ficar triste
No mundo sempre existe
Caminhos a descobrir

No pau-de-arara da vida
Abasteço meus sonhos
Quero fazer diferente
Dos roteiros tristonhos
Que impuseram na gente
A narrativa imprudente
De destinos medonhos

Saio de casa a honrar
Cada golpe de enxada
No chão fértil da roça
Com suor escavada
Para preparar a vida
Que agora me convida
A mudar a passada

Troco enxada por caneta
Não poderia imaginar
Entrar na universidade
A primeira a acessar
Após tantas gerações
A viver de negações
Vou a família orgulhar

Alô papai, Alô mamãe
Passei no vestibular
Com o som de Pinduca
Vamos aqui comemorar
Essa forte revolução
Que é a graduação
E o diploma levantar

E na universidade
A luta é constante
Contra o preconceito
De branco arrogante
Que se acha no direito
De dizer que é defeito
Cotista ser estudante

Querem ditar as regras
Como devo me portar
Os olhares são marcantes
Não me deixam estudar
É provação cotidiana
Da mente cartesiana
Que me quer aprisionar

Grande apoio encontrei
Na Assistência Estudantil
Permanecer no curso
Contra o ambiente hostil
Não posso comer artigo
Faltar dinheiro é o perigo
Para estudantes do Brasil

Apesar das dificuldades
Não posso me lamentar
Seguir rotas diferentes
Do padrão familiar
De retirante a caminhante
O meu sonho de migrante
É o curso terminar

Vestida no meu jaleco
Recupero a imagem
E o Brasil colonial
Que entenda a mensagem
Eu não quero parecer
Muito menos pertencer
Àquela falsa montagem

E agora te convido
A lamparina acender
Entenda que migração
Não é para se sofrer
Se quero mudar de vida
A escolha é refletida
Com base no meu querer

Muitos são os motivos
Que me levam a andar
Desbravar este mundo
Meus direitos acessar
Retirâncias no plural
E a ideia universal
Eu vou sempre contestar

Em confluência eu sigo
Com quem pisa de leve

No chão do meu sertão
Onde a gente reescreve
Outras linhas e histórias
Que seguem as memórias
Do jeitinho que se deve

Como ensina o Carcará
Pegar, matar e comer
Quem vier atrapalhar
Em meus sonhos se meter
Uma tal colonialidade
Que opera a maldade
Eu vou botar para correr

Em retirância eu sigo
A que será que se destina?
Reclamo outras passadas
Bebo um gole de Cajuína
Os pés sempre encharcados
De memórias ensopados
De chuva leve e fina

E para finalizar
Essa prosa bonita
Olho no meu espelho
E na imagem refletida
Enxergo outras gentes
Que de jeitos diferentes
Vivenciam a partida

Ao povo brasileiro
Deixo aqui o meu apelo
É a hora de escovar
A história a contrapelo
Questionar é crucial
E à narrativa oficial
Proponho o desmantelo

E na vida caminhante
Eu sigo a observar
As miudezas do mundo
Que estão a alumiar
Brilham no cotidiano
Cada qual com o seu plano
De bem viver e sonhar

Autoria: Leyllane Dharc Dias, 2023.

REFERÊNCIAS

- ACHINTE, Adolfo Albán. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. *In*: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir**. v. 1. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013. p. 443-468.
- ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. **TEDGlobal**, jul. 2009. Disponível em: https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/c?language=pt. Acesso em: 14 mar. 2023.
- AIRES, Lauande. Nordestino de destino clandestino. *In*: CASSUNDÉ, Bitu; DINIZ, Clarissa; CAMPOS, Marcelo. **À Nordeste**. São Paulo: Sesc, 2019. p. 94-97. *E-book*. Disponível em: https://mapacultural.secult.ce.gov.br/files/agent/7120/a_nordeste_catalogocomprimido_.pdf. Acesso em: 14 mar. 2023.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2017. *E-book*.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2021.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. As imagens retirantes: a constituição da figurabilidade da seca pela literatura do final do século XIX e do início do século XX. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 33, n. 61, p. 225-251, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/vh/a/JVJF8gfD7f8SHFHBvX9twjm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. A invenção do retirante: sertão, sofrimento dos corpos e história do Brasil. **História do Brasil TV**, 28 jun. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=E91blZ3L_2s. Acesso em: 15 set. 2023.
- ALMEIDA, Mariléia. **Descolonizar o olhar e o desejo em bell hooks**. [S. l.], 23 mar. 2021. Medium: @marileaalmeida. Disponível em: <https://marileaalmeida.medium.com/descolonizar-o-olhar-e-o-desejo-em-bell-hooks-152071f33bcc>. Acesso em: 3 nov. 2022.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de; LOGATTO, Rosângela. Imagens da Seca de 1877-78: Uma contribuição para o conhecimento do fotojornalismo na imprensa brasileira. *In*: **Anais da Biblioteca Nacional**, v. 114, p. 71-83, 1994. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1994_00114.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.
- BARROS, José D'Assunção. As influências da arte africana na arte moderna. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 44, p. 37-95, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/download/21236/13820/72113>. Acesso em: 17 set. 2023.
- BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018. *E-book*.
- BARROS, Manoel de. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015. *E-book*.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BERNARDO, Juliana Ferreira. **Colagem nos meios imagéticos contemporâneos**. 2012. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/items/3ded99b5-0cfb-4a2b-9ebf-936ff490bcc3>. Acesso em: 12 set. 2023.

BLUE, Bor. Tiros. *In*: DUARTE, Mel (org.) **Querem nos calar**: poemas para serem lidos em voz alta. São Paulo: Planeta do Brasil, 2019. p. 35-39.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Pesquisa-formação narrativa (auto)biográfica: trajetórias e tessituras teórico-metodológicas. *In*: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz; BÔAS, Lúcia Villas. **Pesquisa (auto)biográfica**: diálogos epidêmico-metodológicos. v. 1. Curitiba: CRV, 2018. p. 65-81.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/1n0FDPs>. Acesso em: 11 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto Federal nº 7.234, de 19 de julho de 2010**. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES. Brasília: Palácio do Planalto, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm. Acesso em: 11 mar. 2023.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle**: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CAJUÍNA. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. *In*: CINEMA Transcendental. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: PolyGram, 1979. 1 disco vinil, lado B, faixa 3 (2 min).

CARCARÁ. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: João do Vale e José Cândido. *In*: MARIA Bethânia. Intérprete: Maria Bethânia. [S. l.]: RCA/Camden, 1965. 1 disco vinil, lado B, faixa 1.2 (3 min).

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CHÃO Ancestral. Intérprete: Aryelle. Compositora: Aryelle Christiane. *In*: CHÃO Ancestral. Intérprete: Aryelle. [S. l.]: [S. n.], 2022. 1 CD, faixa 1 (3 min).

CONHEÇO o meu lugar. Intérprete: Belchior. Compositor: Belchior. *In*: ERA uma vez um homem e seu tempo. Intérprete: Belchior. [S. l.]: Warner Bros Records, 1979. 1 disco vinil, lado A, faixa 6 (3 min).

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-536, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 mar. 2023.

EU SÓ QUERO é viver. Intérprete: Maria da Inglaterra. Compositora: Maria da Inglaterra. *In*: O PERU rodou. Intérprete: Maria da Inglaterra. [S. l.]: [S. n.], 2004. 1 CD, faixa 10 (2 min).

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu, 2020.

FAVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar**, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/yCrwPPNGGSBxWJcmLSPfp8r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 mar. 2023.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira; DE OLIVEIRA, Adson Rodrigues; ARAÚJO, Serinaldo Oliveira. Corpo, poética e ancestralidade: uma entrevista com Eduardo Oliveira. *ODEERE*, Jequié, v. 5, n. 9, p. 07-22, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/6440>. Acesso em: 29 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. *E-book*.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

GROS, Frédéric. **Caminhar**: uma filosofia. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu, 2021.

GUEDES, Maria Helena. **O Carcará**: com Flávio. Vitória: L Edição, 2013.

GUTEMBERG, Alisson. **Imagens do Nordeste no cinema brasileiro**. Rio de Janeiro: Luminária Academia, 2021.

HADDOCK-LOBO, Rafael. **Abre-caminho**: assentamentos de metodologia cruzada. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2022.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua – Características Gerais dos Moradores 2020-2021**: distribuição da população residente por grandes regiões, segundo cor ou raça. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INGOLD, Tim. A cultura no chão: o mundo percebido através dos pés. *In*: INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015. p. 70-94.

IWASSO, Vitor Rezkallah. Copy/paste: algumas considerações sobre a colagem na produção artística contemporânea. **ARS**, São Paulo, v. 8, p. 36-53, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ars/a/5HJJfjWbWwmHwTwRHHV8BbB/?lang=pt>. Acesso em: 11 set. 2023.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAMONIER, Randolpho. **Sertão**: 36º panorama da arte brasileira. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2019.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

LIMA, Norma Silvia Trindade. Capoeira em diáspora: capturas, insurgências e (re)existências por uma educação decolonial e inclusiva. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 39, n. 4, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/67913>. Acesso em: 23 set. 2023.

LIMA, Norma Silvia Trindade. Inclusão escolar e pertencimento, cruzos a partir da experiência: capoeira e decolonialidade. *In*: MANTOAN, Maria Teresa Égler; LANUTI, José Eduardo de Oliveira Evangelista (org.). **Todos pela inclusão escolar**: dos fundamentos às práticas. Curitiba: CRV, 2021. p. 121-129.

MAGALHÃES, Elisa de. Cê vai, ocê fique, você nunca volte!, **HH Magazine**: humanidades em rede, Mariana, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://hhmagazine.com.br/ce-vai-oce-fique-voce-nunca-voite/>. Acesso: 20 abr. 2022.

MAGALHÃES, Elisa. De espelhos e estranhamentos. **Ensaio Filosófico**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 196-205, dez. 2019. Disponível em: http://www.ensaiofilosofico.com.br/Artigos/Artigo20/14_Magalhaes_Ensaio_XX.pdf. Acesso em: 6 mar. 2023.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Análise da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MAMÃE, coragem. Intérprete: Gal Costa. Compositores: Caetano Veloso e Torquato Neto. *In*: TROPICALIA ou Panis et Circencis. Intérpretes Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil, Nara Leão, Os Mutantes e Tom Zé. São Paulo: Philips Records, 1968. 1 disco vinil, lado B, faixa 4 (2 min).

MARTINS, Penélope. **Pés descalços**. Ilustrações de Bárbara Quintino. São Paulo: Editora Brasil, 2023. *E-book*.

MASO, Tchella Fernandes; YATIM, Leila. A (de)colonialidade do saber: uma análise a partir da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila). **Paidéia**, Belo Horizonte, ano 11, n. 16, p. 31-53, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/paideia/article/view/2946>. Acesso em: 22 maio 2023.

MATTOS, Wilson Roberto de. Ubuntu: por uma outra interpretação de ações afirmativas na universidade. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 319-339.

MEMORIAR. Intérprete: Monise Borges. Compositora: Monise Borges. *In*: MEMORIAR. Intérprete: Monise Borges. [S. l.]: [S. n.], 2020. 1 CD, faixa 1 (4 min).

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 32, n. 34, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt&format=pdf>. Acesso: 10 mar. 2022.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. Tradução de Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF**, Niterói, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: http://professor.ufop.br/sites/default/files/tatiana/files/desobediencia_epistemica_mignolo.pdf. Acesso: 10 mar. 2022.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/Projetos Globais**: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

MIGNOLO, Walter D. O controle dos corpos e dos saberes. Entrevista por Javier Lorca. Tradução de André Langer. **Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, 11 jul. 2014. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/170-noticias/noticias-2014/533148-o-controle-dos-corpos-e-dos-saberes-entrevista-com-walter-mignolo>. Acesso: 10 mar. 2022.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD Educação Temática Digital**, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, out./dez. 2016. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/etd/v18n4/1676-2592-etd-18-04-00745.pdf>. Acesso em: 21 ago. 2023.

MORAES, Fabiana. De plástico, carícias e carcarás. *In*: LAMONIER, Randolpho. **Sertão: 36º panorama da arte brasileira**. São Paulo: Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2019. p. 42-53.

MORAIS, Joelson de Sousa; BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Conhecimentos, experiências e afetos em narrativas (auto) biográficas compartilhadas em uma pesquisa formação. **Revista Cocar**, Belém, v. 15, n. 32, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4264>. Acesso em: 26 abr. 2023.

MOTA, Camilla Veras; COSTA, Camila; TOMBESI, Cecília. 500 mil mortos: a tragédia esquecida que dizimou brasileiros durante 3 anos no século 19. **BBC News Brasil**, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-5ef8617a-d045-4f5e-932d-d41d9292ee51>. Acesso em: 17 set. 2023.

MOTTA, Aline. **A água é uma máquina do tempo**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022. *E-book*.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Organizado por Alex Ratts; posfácio de Muniz Sodré; texto de Bethania Nascimento Freitas Gomes. São Paulo: Ubu, 2022.

NORDESTE Ficção. Intérprete: Juliana Linhares. Compositores: Juliana Linhares e Rafael Barbosa de Araújo. *In*: NORDESTE Ficção. Intérprete: Juliana Linhares. [S. l.]: [S. n.], 2021. 1 CD, faixa 5 (4 min).

NORONHA, Danielle Parfentieff de. A importância social da imagem: reflexões sobre diferença, representação e poder em diálogo com um pensamento decolonial. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 20, n. 50, 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/80371>. Acesso em: 13 abr. 2023.

NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Portugal: Porto Editora, 1992.

OLIVEIRA, Eduardo. Território de ancestralidade: derivas e quintais. **Revista Cult**, São Paulo, ano 24, ed. 271, 1º jul. 2021. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/territorio-de-ancestralidade-derivas-e-quintais/>. Acesso em: 13 abr. 2023.

OLIVEIRA, Joana. Grada Kilomba: o colonialismo é a política do medo. É criar corpos desviantes e dizer que nós temos que nos defender deles. **El País**, São Paulo, 19 ago. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/19/cultura/1566230138_634355.html. Acesso em: 16 abr. 2023.

OLIVEIRA, Marina Colli de. **Os Retirantes de Portinari**: crítica comentada sobre a série pertencente ao MASP. 2018. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

OLIVEIRA, Alan Santos de. **Sankofa**: a circulação dos provérbios africanos – oralidade, escrita, imagens e imaginários. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto) biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. *In*: COSTA, Maria de Fátima Vasconcelos; ATEM, Erica (org.). **Alteridade**: o outro como problema. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/roteiro/article/view/9267/pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NASCIMENTO, Gilcilene; OLIVEIRA, Roberta. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 33, n. 33, p. 111-121, 2016. Disponível em: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/5682>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PEREIRA, Teresa Isabel Matos. Descolonizar e ressignificar o imaginário: colagem e re-existência na obra de Laíza Ferreira. *In: CONGRESSO INTERNACIONAL CSO, CRIADORES SOBRE OUTRAS OBRAS*, 12., 2021, Lisboa. **A via das máscaras: as Artes em Congresso no CSO'2021**. Lisboa: Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes (CIEBA), 2021. p. 1496-1509. Disponível em:

https://cso.belasartes.ulisboa.pt/ACTAS_CS02021.pdf. Acesso em: 20 abr. 2023.

PESSOA, Mônica do Nascimento. Debaixo do Baobá: a oralidade na África Ocidental. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE*, 3., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UDESC, 2017. Disponível em:

<http://www.eventos.udesc.br/ocs/index.php/STPII/IIISIHTP/paper/viewFile/677/500>. Acesso em: 16 mar. 2023.

PORTINARI, Candido. **Retirantes, da série Retirantes, 1944-1945**. 1944. Óleo sobre tela. 190 x 180 x 2,5 cm. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/retirantes-da-serie-retirantes-1944-1945>. Acesso: 21 nov. 2022.

RODRIGUES, Maria Sueli. Somos Religião e Subjetividade. *In: SANTOS, Antônio Bispo dos et al.. Quatro Cantos*. São Paulo: N-1 Edições, 2022. p. 53-65.

ROSINHA. Lei de Cotas: a desinformação e o paralelo histórico. **Geledés**, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/lei-de-cotas-desinformacao-e-o-paralelo-historico/>. Acesso em: 14 set. 2023.

RUFINO, Luiz. Água na rua. *In: SOUSA, Ellen; NOGUEIRA, Sidnei; TEBET, Gabriela (org.). Giro epistemológico para uma educação antirracista*. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 17-20.

RUFINO, Luiz. Cachaça, fumo na boca da mata. *In: SANTOS, Antônio Bispo dos et al.. Quatro Cantos*. São Paulo: N-1 Edições, 2022. p. 67-77.

RUFINO, Luiz. Pé de Tempo. *In: SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael (org.). Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 34-37.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. 2. ed. Brasília: Ayô, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Maria Moura; SANTOS, Marcos Andrade Alves. **A mística dos encantados**. Trairi-CE: Editora Edições e Publicações, 2020.

SANTOS, Maria Moura; SANTOS, Marcos Andrade Alves. **Caminhos encantados**. Trairi-CE: Editora Edições e Publicações, 2021.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SERAINÉ, Wilson. **Maria da Inglaterra em quadrinhos**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2017.

SILVA, Amanda Gonçalves da. Investigando o acesso no ensino superior em contexto de políticas: o ENEM, o SiSU e a migração estudantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro. *In*: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 9., 2019, São Luís. **Anais** [...]. São Luís: Universidade Federal do Maranhão, 2019. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2019/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_1030_10305cca5673c1664.pdf. Acesso em: 22 maio 2023.

SILVA, Cidinha da. **Tecnologias ancestrais de produções de infinitos**. Ilustrações de Okun. Goiânia-GO: Martelo, 2022.

SILVA, Francilene Brito da. **Arte afrodescendente a partir de três olhares de educadoras em Teresina**. Teresina: EDUFPI, 2022.

SILVA, Francilene Brito da. **Imagens de mulheres e crianças afrodiáspóricas: narrativas piauienses para além do Museu Brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Francilene Brito da. Mulheres e crianças afrodescendentes nas artes visuais brasileiras: imagens-narrativas educam. **Revista Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 92-104, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/47236/31787>. Acesso em: 24 set. 2023.

SILVA, Francilene Brito da. Oralimagens como práticas educativas em arte. *In*: FERNANDES, Renata Sieiro; GOUVEIA NETO, João Costa; POSCA, Luís Müller (org.). **Arte e educação: encontros investigativos na contemporaneidade**. Parnaíba-PI: Acadêmica Editorial, 2021. *E-book*.

SILVA, Francilene Brito da. Oralimagens para leitura de imagens em pesquisas. *In*: CARVALHO, Antônia Dalva França [et al.] (org.). **Educação, ensino e pesquisa em tempos de pandemia: educação, diversidades/diferença e inclusão**. Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2022. *E-book*.

SILVA, Nádia Maria Cardoso da. Universidade no Brasil: colonialismo, colonialidade e descolonização numa perspectiva negra. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 233-257, out. 2017 / jan. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/29814>. Acesso em: 24 set. 2023.

SIMAS, Luiz Antônio. O mergulho nas brasilidades. **IREE, Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa**, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://iree.org.br/o-mergulho-nas-brasilidades/>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social do negro brasileira**. 3. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

VIDICA, Letícia. Por que ainda precisamos falar sobre cotas? **Geledés**, 2023. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-ainda-precisamos-falar-sobre-cotas/>. Acesso em: 14 set. 2023.

VIVIANI, Maria Cristina Simões; NORONHA, Danielle Parfentieff de. Práticas decoloniais: a representação dos corpos pelo olhar de Naiara Jinkns. **Esferas**, Brasília, ano 11, v. 3, n. 22, set./dez. 2021. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/13353>. Acesso em: 20 nov. 2022.

VOSS, Gisele Cristina; PELOSO, Franciele Clara. De(s)colonial artístico como potencialidade de recriação de mundos: lugares de re-existir e re-pensar a si. **PerCursos**, Florianópolis, v. 22, n. 50, p. 43-64, 2021. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/19702>. Acesso em: 17 ago. 2023.

WALSH, Catherine; OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria. Colonialidade e pedagogia decolonial: para pensar uma educação outra. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativa**, Arizona, v. 26, n. 83, p. 83-83, jul. 2018. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/3874/2102>. Acesso em: 18 abr. 2022.

APÊNDICES**APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E VOZ****TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E VOZ**

Eu, _____, matrícula _____
curso _____, autorizo que a pesquisadora Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias, RG: 2.731.470, CPF: 032.368.313-40, doutoranda em Educação na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação da profa. Dra. Norma Silvia Trindade de Lima, obtenha fotografia, filmagem ou gravação de voz de minha pessoa para fins da pesquisa/tese de doutorado intitulada Ser(tão) em *Retirâncias*: entre imagens, migrações estudantis e (re)existências.

Concordo que o material e as informações obtidas relacionadas a minha pessoa possam ser gravados e utilizados, a título gratuito, para a produção de vídeo documentário que poderá ser utilizado em aulas, congressos, eventos científicos, periódicos científicos, palestras no campo educacional. Porém, minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade da pesquisadora e sua equipe.

Assinatura do/a Participante da Pesquisa:

Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias

Pesquisadora Responsável

Teresina-PI, ____ de _____ de _____.

APÊNDICE B – QUADRO DA REVISÃO DE LITERATURA

Ano	Autor/a	Título	Tipo	Área/Instituição	Acervo/Base de pesquisa	Conteúdo
2004	Mário Sérgio Teixeira de Oliveira	<i>A diáspora nordestina e a escola: entre a dispersão e o encontro</i>	Dissertação	Educação UERJ	IBCT	Este trabalho, que tem como objeto de estudo a educação de jovens e adultos (EJA), objetivou estudar a produção de sentidos da educação para as alunas e alunos da EJA e como estes ressignificam o conceito de cidadania associado à escolarização. Para atender a este objetivo, procedeu-se a uma investigação de feição etnográfica que realizou a observação sistemática de duas escolas noturnas de ensino fundamental da rede pública do Estado do Rio de Janeiro. Além da observação sistemática, registrada em um diário de campo, foram realizadas entrevistas com alunos e alunas (N=28) e professoras (N=9). Houve, também, a coleta de dados demográficos e escolares – dos sujeitos da pesquisa, assim como de documentos e materiais didáticos que circulavam nestes espaços da ação pedagógica. Na análise dos dados fez-se a articulação destes dados com o contexto sócio-histórico de produção das identidades estudantis, o que contou, também, com o apoio de alguns dados estatísticos. Assim, procurou-se estabelecer um diálogo para além dos discursos constituidores do modelo de escola, já naturalizados e refletidos na intencionalidade das leis, nas ementas e conteúdos programáticos, apresentados pelas instituições responsáveis pela EJA. Na análise e interpretação dos dados levantados, se pode constatar a realidade da migração nordestina, em sua maioria no contexto do espaço territorial brasileiro; as estratégias de sobrevivência encetadas por esses imigrantes; a rede de solidariedade que envolve as soluções em termos da busca do trabalho na metrópole e das relações afetivas; o valor atribuído por esses estudantes ao estar na escola e ao permanecer naquele espaço da ação educativa; e a construção de um sentido de pertença social e de cidadania que o ler e o escrever ia conferindo a esses alunos e alunas, em sua busca por formação e profissionalização.
2019	Antônia Valbenia Aurélio Rosa	<i>Migração do Nordeste para Rio das Pedras: um estudo de caso etnográfico</i>	Tese	Educação UERJ	IBCT	A presente tese tem como objeto a relação do aluno migrante com a construção social da escola. Pauta-se na abordagem teórico-metodológica etnográfica para nortear os caminhos da pesquisa. Foram utilizados a entrevista, observação participante, caderno de campo, notas complementares, fotografias e produção de texto como um recorte para o lugar de pertencimento do aluno. O loci da pesquisa foi a comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. Foi realizada entre os meses de abril e dezembro do ano de 2016.

					Os sujeitos primários foram: famílias em mobilidade, alunos e alunas da sala de aula do 4º ano; secundários: diretora, coordenadora, professores e funcionários membros da comunidade escolar. Os resultados do estudo surgiram da análise indutiva dos dados obtidos no relatório de campo, privilegiando as interlocuções teóricas das teses, dissertações e artigos científicos do mapeamento bibliográfico, de Mattos, Erickson, Bauman e Burgos. A tese questionou como se dá a construção social da escola, a partir da mobilidade dos sujeitos do Nordeste para o Rio das Pedras. Como objetivo geral, estudou e investigou a mobilidade dos sujeitos do Nordeste para a comunidade de Rio das Pedras e a construção social da escola. Dessa forma emergiram as categorias analíticas: família, deslocamento, condição socioeconômica e escola, que se entrelaçaram e compuseram os capítulos de resultados; i) mobilidade das famílias, entendendo-a como o processo de ir e vir, isto é, a mudança de um local para outro, neste estudo o ir significa o outro, aqui entendido como alteridade geográfica porque o outro é lugar, cidade, estado, isto é, uma relação de ausência e presença pautada na distância, de modo a situá-los na cultura local e as relações destes sujeitos com a escola; ii) a construção social da escola foi descrita através das atividades escolares e da aprendizagem, que revelaram como são entendidos os alunos da sala de aula pesquisada. Esses alunos, descendentes em sua maioria de nordestinos ou sendo eles os próprios imigrantes, residem na comunidade de Rio das Pedras, no Rio de Janeiro. Vozes presentes no conselho de classe indicaram a possibilidade de se pensar sobre as práticas escolares e de sala de aula, onde a aprendizagem do aluno foi associada ao comportamento. As descrições e interpretações dos dados do campo foram averiguadas, possibilitando fazer um mapeamento da realidade dos sujeitos em mobilidade e da realidade no tempo presente, revelando a escola como um espaço de construção social nem sempre reconhece as identidades e os pertencimentos dos estudantes que convivem em uma mesma comunidade. Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para com o entendimento da escola como um espaço de construção social, a partir dos próprios sujeitos
2004	Marilene Marzari Ribeiro	<i>Memória de migrantes: onde viver o fazer faz o saber</i>	Dissertação	Educação PUC GOIÁS	IBCT O propósito deste estudo é conhecer como os sertanejos e/ou seus descendentes ensinavam e aprendiam ao longo da história de formação da sociedade barra-garcense, que foi sendo constituída a partir de todo um processo de migração, principalmente de nortistas e nordestinos que se deslocavam para a Região Central do Brasil, no período que vai da década de 1920 a 1970, em busca de melhores condições de sobrevivência. No novo espaço,

						desconhecido para a maioria, era necessário organizar-se solidariamente para enfrentar os desafios que lhes eram colocados e que iam desde a exploração da natureza para a construção de pequenos ranchos, passando pelas atividades de formação de pastos e de roças, até a garantia da criação e educação dos filhos. Nas primeiras décadas a educação formal era privilégio dos moradores que tinham melhores condições financeiras, enquanto para a maioria das pessoas que tinham menores condições, o acesso aos saberes ocorria de maneira informal. Nesse caso, os saberes próprios dos sertanejos eram ressignificados pelas pessoas mais velhas e/ou experientes que tinham a responsabilidade de transmiti-los às novas gerações, que os transformavam, a fim de superar as adversidades encontradas no contexto. O acesso à educação formal era o sonho de muitos sertanejos que lutavam incansavelmente para construir uma vida melhor no sertão. No entanto isso só vai acontecer a partir do momento em que a região passou a ser desenvolvida, momento em que muitos pais passaram a não medir esforços para que seus filhos aprendessem, principalmente o processo de leitura, escrita e as operações matemáticas. Nesse sentido, conhecer como se dava o processo educativo de duas gerações, pais e filhos, que viveram em diferentes tempos e espaço, é importante para se compreender quais as expectativas dessas famílias em relação ao processo de educação formal, vendo-a como uma alternativa para melhoria das condições de vida.
2021	Carolina Maria Paixão Araújo	<i>Assistência estudantil na educação superior: a permanência de estudantes migrantes da UFMS</i>	Dissertação	Educação UFMS	CAPES	A dissertação busca analisar a efetivação da Assistência Estudantil no atendimento a estudantes migrantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), no Campus de Nova Andradina (CPNA), após a implantação do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), pelo Decreto nº 7.234 em 2010, até o ano de 2019. Analisou-se, por meio de pesquisa qualitativa, com base em documentos oficiais, produções científicas e dados quantitativos, como a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, especificamente o Campus de Nova Andradina, operacionaliza a Assistência Estudantil enquanto instrumento viabilizador da permanência dos estudantes migrantes nos cursos de graduação, considerando as especificidades desses sujeitos desprovidos de rede familiar para o apoio econômico, cultural e afetivo nas atuais cidades onde vivem. O referencial teórico constituiu-se da configuração do Estado na sociedade capitalista, do contexto de lutas e contradições em que se enquadram as políticas sociais e de Assistência Estudantil e das especificidades dos estudantes migrantes na educação superior. Como base de dados quantitativos

						<p>utilizou-se planilha com informações socioeconômicas dos estudantes matriculados no Campus de Nova Andradina, no ano de 2019, assim como, o número de inscritos e de beneficiários com os auxílios assistenciais, no mesmo ano, disponibilizados pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Para a construção teórica considerou-se o contexto de redução das políticas sociais enquanto gastos e não investimentos públicos, a conjuntura neoliberal de reforma do Estado e da educação, que visualiza a Assistência Estudantil como prejuízo para o Estado, mas que não deixa de representar uma resposta ao atendimento das demandas da classe trabalhadora; e o movimento das contradições, historicidade e totalidade que envolvem as relações de gestão e operacionalização da Assistência Estudantil nos diferentes governos e modelos de Estado. Com isso, a pesquisa apresenta o perfil dos estudantes migrantes e pretende contribuir com a discussão sobre o papel do poder público em propor políticas aos estudantes de baixa renda, uma vez que são atingidos pela questão social e que contam com a assistência estudantil como uma maneira de minimizar as situações de desigualdades sociais resultantes da sua condição de classe trabalhadora e das especificidades, enquanto jovens migrantes, para a permanência no ensino superior.</p>
2013	Veronica Pessoa da Silva	<i>No vai e vem da esperança: um balanço dos processos migratórios a partir dos saberes e dos aprendizados populares no Nordeste brasileiro</i>	Tese	Educação UFPB	CAPES	<p>Este estudo versa sobre as trajetórias de vida marcadas pela experiência da migração. Assumimos teórica e metodológica a abordagem qualitativa; bem como, recorreremos ao Paradigma Indiciário (Ginzburg, 1990), e à Observação Participante (Haguette, 1990); Brandão (1985) e a História Oral (Alberti, 2004); (Amado & Ferreira, 1998), como forma de balizar nossas buscas, na condição de pesquisadora engajada. A pesquisa nos possibilitou refletir, no universo da aquisição de saberes, os aprendizados gestados nos processos migratórios, especialmente, no Nordeste brasileiro, capturados a partir da escuta atenta aos migrantes que têm participação nos Programas e Projetos desenvolvidos pelo SPM NE. Para tanto, realizamos aproximações conceituais das categorias □migração□ e □saberes□, buscando, sobretudo, entender as relações de causa e efeito entre essas duas ocorrências. Realizamos, também, entrevistas semiestruturadas, a partir das quais evidenciamos a importância do confronto dos sujeitos migrantes com novas realidades e o impacto dessas vivências para a (re) construção de suas trajetórias e visões de mundo. As narrativas dos entrevistados, pautadas em suas memórias, situam-se na dinâmica das □Histórias de Experiências□, alternando-se nas dimensões do vivido, do concebido e do narrado. O estudo abordou</p>

						a dimensão educativa do saber-fazer, notadamente como valorização das práticas populares dos sujeitos investigados. Verificou-se, por força das expressões do objeto de estudo, a tensa relação entre a migração e a não escolarização, cujos indicativos confirmam a perspectiva da aprendizagem ao longo da vida como alternativa para a educação de pessoas jovens, adultas e idosas. Os resultados também reforçam a necessidade de entender a lógica de um modo de viver que se sustenta numa matriz relacional, com sua contribuição para o processo de elaboração e aquisição de saberes por parte dos sujeitos das classes populares. Entendendo que migrar é, ao mesmo tempo, um direito, uma saída difícil e uma forma de resistência, identificamos que, mesmo diante da migração forçada, as marcas deixadas nos sujeitos migrantes acabam por contribuir na (re) significação de seus olhares e modos de agir individual e coletivamente. Com isto, verificamos que os processos migratórios podem se constituir em significativas aprendizagens, apesar dos conflitos e das contradições que lhes são inerentes.
2013	Edilberto da Silva Mendes	<i>Dramaturgia da seca</i> : escrita teórico-prática sobre as imagens do retirante na literatura e no drama como operações estético-políticas	Tese	Artes Cênicas UFRN	IBCT	A pesquisa investiga a relação estética / política, processo dramático / imaginário a partir da reescrita ficcional do fato histórico da seca no Nordeste brasileiro. Com base na teoria do imaginário em Gilbert Durand (2012), Gaston Bachelard (2001; 2013) e Jacques Racière (2005), recupera a emergência, a partir do final do século XIX, na literatura e na dramaturgia teatral, de um mundo figurativo sobre o sofrimento da seca, centrado na figura do retirante, que agencia de diferentes maneiras a sensibilidade em torno dessa questão social com o intuito de apontar para uma consciência política das fronteiras entre o lugar da arte e sua dimensão social. Pela revisão crítica do processo de construção estética do retirante, busca compreender e problematizar a sensibilidade social para com a pobreza e a exclusão social e o lugar da escrita ficcional nessa dinâmica. Identifica e problematiza três grandes projetos estético-políticos na imaginação poética do retirante: o agenciamento da compaixão, a denúncia social e o ethos barroco. Realiza um experimento de criação dramática que retoma a figura do retirante, reposicionando-a conforme a problematização acerca da fronteira arte e sociedade.
2017	Carlos Alberto Lima Talayer	<i>Imigrantes e refugiados na perspectiva da política nacional de extensão universitária</i> : estudo de caso de um projeto de extensão em uma instituição federal de ensino superior	Dissertação	Educação UNISINOS	IBCT	Esta pesquisa aborda temas relativos às concepções da extensão universitária, às possibilidades de formulação e execução de políticas no nível local e à migração, tendo como foco central da investigação o Projeto de Extensão MIGRAIDH, vinculado ao curso de Direito da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), realizado junto a refugiados e imigrantes senegaleses. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de estudo de caso único, utilizando como

						<p>fonte principal para coleta de dados – entrevistas com gestores, alunos e refugiados e imigrantes, sendo que a análise de conteúdo foi empregada como metodologia para análise dos dados. A pesquisa busca encontrar respostas ao problema de quais são as estratégias de gestão utilizadas em uma IFES para a inclusão de imigrantes e refugiados senegaleses na perspectiva da Política Nacional de Extensão Universitária. O objetivo geral consiste em analisar as estratégias estabelecidas no Projeto de Extensão, executado pela UFSM, com imigrantes e refugiados senegaleses, com vistas a contribuir para a inclusão desse segmento populacional na perspectiva da Política Nacional de Extensão Universitária. Constituem os objetivos específicos: conhecer as vivências dos imigrantes senegaleses na sociedade brasileira, investigar as estratégias de gestão adotadas no Projeto de Extensão executado pela UFSM, por meio das manifestações dos sujeitos da pesquisa e participantes do Projeto de Extensão (imigrantes e refugiados senegaleses, gestores e alunos) e analisar os desafios do Projeto de Extensão da UFSM e a possibilidade de transferir a experiência a outras Instituições Federais de Ensino Superior. O estudo concluiu pela necessidade das IFES fomentarem e promoverem políticas extensionistas inclusivas, especialmente aos segmentos mais vulneráveis da sociedade como o constituído por imigrantes e refugiados.</p>
2018	Maria Angélica Piauilino da Cruz	<i>As representações sociais partilhadas por professores acerca da interação entre alunos migrantes e nativos do Colégio Agrícola de Bom Jesus – PI</i>	Dissertação	Educação UFPI	UFPI	<p>O trabalho teve como objetivo investigar as Representações Sociais partilhadas por professores acerca da interação entre alunos migrantes e nativos no Colégio Agrícola de Bom Jesus-PI. Para contextualizar o objeto de estudo, procedeu-se uma análise da história da imigração no Brasil e particularmente na cidade de Bom Jesus-PI, além do conhecimento sobre o Multiculturalismo que discute sobre as diferenças de valores, de costumes e de crenças existentes entre indivíduos diferentes entre si. O estudo utiliza como referência a teoria das Representações Sociais (MOSCOVICI, 1998), que fornecem elementos necessários para compreender o que representam os professores acerca do objeto de estudo. Parte do pressuposto de que essas representações orientam os sujeitos em suas práticas em sala de aula. Como instrumento de coleta de dados, utiliza a entrevista semiestruturada. Os dados foram submetidos a uma análise de conteúdo por meio da técnica de análise categorial, conforme Bardin (2011). Os resultados demonstram que os sujeitos elaboram e partilham representações a respeito dos alunos migrantes. Através dessas representações, é possível perceber que os professores revelam que os migrantes têm um poder aquisitivo e nível cultural elevados, possuem mais</p>

						facilidade de aprender e são mais motivados. Tais representações exercem um grande poder em relação às atitudes dos professores que procuram trabalhar de forma mais estruturada para poder acompanhar as necessidades desse novo grupo de alunos.
2021	Maria Aparecida Milanez Cavalcante	<i>Identidades juvenis rurais em trânsitos migratórios para o trabalho na construção civil em São Paulo: um estudo sobre a localidade São Mateus, Castelo do Piauí – PI</i>	Tese	Sociologia UFPI	UFPI	<p>Pesquisa realizada na Localidade Rural São Mateus, município de Castelo do Piauí, que tem como objetivo central compreender as identidades juvenis rurais na contemporaneidade a partir de processos sociais desencadeados pela migração ocorrida em contextos de relações locais/globais e pelas trocas rurais/urbanas. Como ancoragem teórica, tem-se a ideia de que as identidades são configuradas e reconfiguradas no tempo/espço, são relacionais e resultantes de trocas materiais e simbólicas no âmbito das interculturalidades e que as juventudes são realidades a serem analisadas em perspectivas múltiplas que englobam aspectos como classe, moratória vital e social, geração, gênero, raça/etnia. As migrações são tomadas enquanto processos sociais verificados na história social e cultural do nordeste brasileiro, em especial, junto aos segmentos rurais, como estratégia de reprodução material e simbólica, bem como de construção de um lugar identitário juvenil. Também efetivadas a partir das redes sociais construídas e alimentadas pelos sujeitos em pauta. Tem-se com subsídio epistemológico o método etnográfico, compreendendo-o como capaz de apreensão das complexidades que envolvem o campo pesquisado e seus diversos sujeitos, relações, tempos, espaços, trocas e negociações. Como recursos metodológicos, tem-se o diário de campo, a fotografia, o vídeo, as entrevistas grupais e individuais acionadas no tempo dos sujeitos e das realidades locais, os novos ambientes. As análises para a compreensão de que os jovens encontram a metrópole, com diferenças culturais que põem desafios diários para a codificação da nova realidade. É um novo espaço-tempo da casa, da rua, do trabalho, do lazer. O novo que os interpela e as alteridades encontradas lhes provocam uma antropofagia dos códigos ancestrais e, ao mesmo tempo, a busca de alinhamento aos códigos ora hegemônicos, até que façam o retorno ao local de origem novamente, onde estabelecem relações sociais a partir de identidades refeitas, combinadas, estratégicas. Esse movimento faz do corredor migratório um espaço de geração de identidades múltiplas, cambiantes, as quais costumam a trajetória dos sujeitos a espaços, tempos e contextos variados e cambiantes.</p>

APÊNDICE C – CARTAZ DA OFICINA DE EXTENSÃO

EVENTO DE EXTENSÃO OFICINA

EU-NÓS CARCARÁ: MIGRAÇÃO ESTUDANTIL NA/DA/PARA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ-UFPI

Ministrante: Leyllane Dharc Dias



27 E 28 DE SETEMBRO, DAS 14:00 ÀS 18:00

Local: PRAEC/UFPI

Emissão de Certificado

INSCRIÇÕES:

SIGAA

(Eventos de Extensão)



INFORMAÇÕES:

(86)99434-6586

leylli5@hotmail.com



APÊNDICE D – QUADRO-MOSAICO

ÁRVORE SOBREVIVÊNCIA	<p>Eu fiz a representação visual de uma árvore, certo. É, essa árvore ela tá fixa num local, né, mas o sentido pra resposta dessa pergunta é que, por mais que a gente passe por um processo de mudança, transformação, a gente sempre vai pertencer a algum local. Mesmo que aquilo não seja permanente, né, mas a gente veio de algum local. Então, eu achei válido, né, tá respondendo essa pergunta fazendo esse desenho da árvore, né, mostrando, né, as etapas de transformação, que tá nesse processo de mudança, de migração.</p>		<p>Era pra ser uma palmeira, né, mas tá mais pra uma palmeira atropelada [risos] E essa palmeirinha eu botei, porque lá em casa tinha um pé de coco, que eu era apaixonada nesse pé de coco. E meu pai também, apaixonado nesse pé de coco. E aí o pé de coco morreu. Meu pai chorou no dia que esse pé de coco morreu. Ele chorou porque o pé de coco morreu. Eu: 'pai, o que é que o senhor tá chorando com esse pé de coco? Ele: 'não, minha filha, porque lembrei da tua avó'. Que minha avó, quando ele era novo, minha avó era apaixonada por coco, e como eles eram bem pobres, né, quando viam um pé de coco, assim, armaria, era a salvação deles pra comer o baguin do coco, né. Aí ele chorou porque o pé de coco morreu. Aí eu fiquei lembrando nele. Na hora que falou lembrei</p>
SE FIXAR RAÍZ CARCARÁ SAIR DO MATO, MAS O MATO NÃO SAI	<p>Eu fiz a representação visual de uma árvore, certo. É, essa árvore ela tá fixa num local, né, mas o sentido pra resposta dessa pergunta é que, por mais que a gente passe por um processo de mudança, transformação, a gente sempre vai pertencer a algum local. Mesmo que aquilo não seja permanente, né, mas a gente veio de algum local. Então, eu achei válido, né, tá respondendo essa pergunta fazendo esse desenho da árvore, né, mostrando, né, as etapas de transformação, que tá nesse processo de mudança, de migração.</p>	<p>porque a gente sai do interior, mas o interior não sai da gente não rs. É isso.</p>	<p>Então, tem esse movimento que é muito forte, pra no final das contas a gente entender que aquele lugar também não vai sair da gente, né. É um exercício de Fé, que não nos é muito ensinado, entendeu. Então, muitas vezes a gente se arrisca muito. E aí tem esses pontinhos que vieram depois, por último, no desenho. Esses tracinhos de setas também parecem um pássaro. E eu fiquei pensando no próprio pássaro, no próprio Carcará, que é esse pássaro que não sai do seu lugar, segundo a música de João do Vale. Ele pega, mata e come. Não vai sair, não vai migrar, ele vai ficar ali, ele vai dar um jeito de fazer aquele lugar ser um lugar de sustento pra ele, né. Então, essas sementinhas são tipo como pequenas pistas, assim. Não é pistas, sementes mesmo que, de uma certa maneira, fazem você se vincular de novo ao seu lugar de origem, né.</p>
RETIRÂNCIA DA FAMÍLIA	<p>Eu, assim, não sou boa de desenho, quando ela falou a palavra retirante, eu lembrei automaticamente do meu pai, da história do meu pai. Aí, eu lembrei de algumas coisas que ele sempre compartilhava com a gente, né. Meu pai ele tem 74 anos, atualmente. Eu tenho outros irmãos por parte de pai, né. Só que eles são bem mais velhos, e a gente não chegou a conviver tanto tempo. E aí ele sempre contava pra gente, como a família dele era muito grande, eram 13 irmãos contando com ele, né, e eles eram muito pobres. Daí, meu avô não tinha condição de alimentar todo mundo. Então, meu pai começou a trabalhar desde muito novinho, tipo muito novinho mesmo, ele já trabalhava pra alimentar, pra ajudar a alimentar os outros irmãos. E aí ele sempre contava que ele passava muitos dias sem comer pra dar pros mais novos, né, pros outros irmãos, ou então, deixava de comer pra dar pra mãe dele, né, pra minha avó, porque meu avô era, como é que eu posso dizer, ruim rs, era ruim. Tipo, ele, naquela época, não sei se vocês já ouviram falar, que tinham muitas pessoas que trabalhavam, assim, é, buscavam gado numa região e indo deixar em outra. Ele trabalhava assim, meu avô. Ele pegava o gado de uma região,</p>	<p>Meu pai casou com 20 anos de idade, casou, minha mãe teve 17, super jovens. Meu pai, acho que passou dois dias depois de casado, já casou com a passagem comprada pra ir pra São Paulo, nem a lua de mel não teve rs. Casou e foi. Naquele tempo nem tinha meio de comunicação, nem nada. Casou, passou seis meses lá trabalhando, nem sabia nem se tinha mulher e menino no Piauí. Mas, isso é, quando eu falo assim de migração, é a primeira migração na minha cabeça, porque foi o que foi presente na minha família, foi o que tem presente hoje lá ainda. E sempre a família da gente foi muita migratória. Nunca tiveram muitas raízes na região. Porque sempre foi uma família muito sonhadora. É uma família de pessoas que, muito apaixonadas pelo lugar que nasceram, que foram criados, que tem as suas raízes, mas nunca se contentando com o que aquele lugar proporcionava.</p>	<p>Venho de um lugar... assim, eu sou de Arraial, mas eu não moro dentro da cidade, eu moro no interior do interior... é, na zona rural. E lá na zona rural é assim: acontece os dois casos que eles falaram. Para os rapazes quando completam 18 anos, ou eles vão para o corte de cana, hoje em dia não é mais muito comum, mas antigamente era muito comum. Se eles tivessem alguma namorada já deixavam noiva, e a menina ficava esperando, e o rapaz ia pra São Paulo para trabalhar no corte de cana, e quando voltassem eles se casavam. Já no segundo caso, construção civil. Eu vi muito isso. Inclusive, meus irmãos. Era muito triste ver eles partindo. Inclusive, eu chorava todas as vezes que eles iam, porque a minha mãe sempre tinha muito aquela insegurança, de medo dos filhos dela não voltar,</p> <p>meu primo mesmo, não é meu primo de sangue, é marido da minha prima, ele, atualmente, ele tá trabalhando longe. Ele tá trabalhando num local que ele não gosta. Ele tá numas condições que não são muito boas, porque, apesar deles terem local pra dormir, por exemplo, a empresa não dá comida pra eles e tal. Eles têm que cozinhar, e aí aparentemente nenhum deles não sabe cozinhar direito, ele é o que sabe mais. E ele não tá gostando muito. Mas ele sabe que ele tem que fazer isso, já faz muito tempo que ele tem esse movimento migratório de sair de Campo Maior pra ter que ir pra outros estados pra poder, justamente, buscar uma vida melhor. Geralmente, o que é que ele fala: é que geralmente Campo Maior não tem muita oportunidade de emprego pra ele. Ele não é o tipo de pessoa que se acomoda. Ele é o tipo de pessoa que quer tá ativo. Ele não nega trabalho, ele não foge do trabalho, ele sempre que ele pode, ele tá lá fazendo alguma coisa, pode ser uma coisa pequena, que não vai dar muito dinheiro pra ele, mas é uma coisa que dá uma satisfação pra ele, que ele pode ajudar uma pessoa e tal.</p>

	<p>ia deixar em outra. E aí, o dinheiro que ele pegava, em vez dele dar pra família, não, ele ia beber, ele ia gastar com amante. E aí a família ficava passando fome. Então, meu pai falou que ele, tipo, passou muita fome quando era pequeno. Tanto é que, hoje em dia, tem uma característica do meu pai que tem hora que eu fico estressada. Mas aí, quando eu vou parar para pensar, eu entendo: meu pai ele não come se não tiver carne, não come se não tiver carne. Ele disse que tem que ter. Pode ser uma linguiça, pode ser uma salsicha, ele não come se não tiver carne. E aí, é, a mistura, né. Aí um dia eu me estressei com isso. Porque, a comida pronta, né, minha mãe tinha feito a comida, só que minha mãe disse que não ia botar a carne pra descongelar, e ia fritar ovo, se ele quisesse comer ele comia ovo. E aí ele se estressou, 'pois eu vou descongelar essa carne'. E eu: 'pai, mas que coisa é essa, pai, que o senhor não pode comer um ovo. E aí ele: 'minha filha, eu já passei tanta fome na minha vida, tanta fome, que hoje, eu tendo na minha geladeira cheia de carne, tu acha que eu vou comer um ovo? Como não' rs. Tem hora que eu entendo. E meu pai, tem muito essa coisa de fartura, entendeu? Oh, se chegar uma pessoa lá em casa, e ele não vê a pessoa mastigando, é mesmo que tá matando ele. A pessoa tem que tá mastigando, tem que tá comendo [risos]. E aí, eu entendo.</p>	<p>Então, eles sempre foram atrás de algum modo de ganhar dinheiro, de sustentar. Meu vô quando voltou a trabalhar, mas voltou e com o dinheiro que ele ganhou lá, ao invés dele gastar com alguma coisa, ele investiu lá na região, num comerciazinho, por um tempo, pra manter a família</p>	<p>então, nós já ficava todo mundo meio apreensivo quando eles iam pra construção civil. Aí, eles iam, passavam um ano ou dois, e voltavam</p>	
--	--	--	--	--

[...]

ANEXOS**ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****Título da pesquisa:**

SER(TÃO) MIGRANTE: EXPERIÊNCIAS EM RETIRÂNCIA NA/DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI

Pesquisadora responsável: Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias

Orientadora/Equipe de Pesquisa: Norma Sílvia Trindade de Lima

Número do CAAE – CEP/CHS/UNICAMP: 47914821.2.0000.8142

Número do CAAE – CEP/UFPI: 47914821.2.3001.5214

Você está sendo convidado/a a participar como voluntário/a de uma pesquisa. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com a pesquisadora.

Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com a pesquisadora. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Justificativa e objetivos:

A pesquisa objetiva elaborar uma noção de *Retirância* (Retirante + Experiência) a partir das narrativas de estudantes universitários/as que experienciam o processo migratório para estudar na Universidade Federal do Piauí-UFPI. A proposta é pensar a *Retirância* de forma não fixa, não conceitual, mas em formato pluriversal de entendimento do fenômeno migratório enquanto experiência, que não seja sustentada apenas no viés traumático de dor/sofrimento, e sim nas potencialidades e possibilidades de aprendizagens.

Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do participante: _____

Procedimentos:

A metodologia utilizada é a pesquisa narrativa (auto)biográfica. O procedimento metodológico ocorrerá por meio *entrevistas conversas* em *oficinas diálogos*, sem questionário fixo, mas com o uso temas disparadores de narrativas: imagens de retirantes/migrantes, cordéis, literatura regional, músicas. A princípio serão três encontros com previsão de duração de duas horas. Os encontros ocorrerão em formato virtual, caso a pandemia da COVID-19 persista. Caso haja retorno das atividades presenciais da UFPI, as oficinas acontecerão na sala de reuniões da CACOM/PRAEC.

Participando da pesquisa você está sendo convidado/a a: gravação de entrevista na plataforma virtual *Google Meet* ou presencialmente, com áudio e vídeo, podendo interromper a gravação assim que achar necessário. Sua identidade não será revelada mesmo com a gravação da entrevista.

Os dados desta pesquisa serão armazenados em gravação com áudio e vídeo, e a transcrição das entrevistas pelo período de 5 (cinco) anos após o final da pesquisa, de acordo com a Resolução CNS 510/16. O armazenamento dos dados ocorrerá de forma segura, sendo acessados apenas pela pesquisadora responsável e sua equipe.

Desconfortos e riscos:

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos, ainda que mínimos. Dentre os possíveis riscos tem-se: cansaço ou aborrecimento ao participar da oficina; constrangimento ao contar sua história/experiência para grupo; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo pelo *Google Meet*; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; alterações de visões de mundo provocadas pelos temas/imagens/músicas disparadores. A qualquer sinal de risco/desconforto, a pesquisadora responsável e sua equipe acionarão os meios necessários para contorná-los: viabilizar outro momento/horário para a continuidade da oficina em caso de cansaço ou fadiga; reservar momento/espço reservado em caso de constrangimento de participação em grupo; assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo aos/às participantes da pesquisa; garantir o respeito entre as visões de mundo, opiniões, memórias e experiências apresentadas no momento da oficina e favorecer o diálogo horizontal entre os/as participantes da pesquisa. Você também terá a plena liberdade em optar pela desistência da pesquisa, sem prejuízos.

Benefícios:

Você não terá benefícios diretos com a pesquisa, mas indiretamente a pesquisa poderá contribuir com a possibilidade de questionamento dos estereótipos construídos e naturalizados acerca dos/das sujeitos/as migrantes.

Sigilo e privacidade:

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Assistência Integral:

Você tem a garantia de atendimento integral durante a participação na pesquisa.

Ressarcimento e Indenização:

Não há previsão de gastos de sua participação nessa pesquisa, mas se necessário o ressarcimento será assegurado. Você terá a garantia ao direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Acesso aos resultados da pesquisa:

Ao final da pesquisa, sempre que solicitado, os resultados obtidos serão disponibilizados a você (ou ao seu/sua representante legal), em linguagem apropriada para melhor compreensão/entendimento.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com as pesquisadoras Leyllane Dharc Carvalho dos Santos Dias, UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13083-970/Campinas – SP, Faculdade de Educação - FE, (86) 99434-6586, e-mail: l264787@dac.unicamp.br e Norma Silvia Trindade de Lima, Faculdade de Educação UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13083-970/Campinas – SP, Faculdade de Educação – FE (19) 3521-5553, (19)3521-5553, e-mail: normatl@unicamp.br

Em caso de denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00 às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br. Poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí-CEP/UFPI, das 8:00 às 12:00 e das 14:00 às 18:00, no endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella Bairro Ininga. CEP: 64.049-550 – Teresina-PI; telefone: (86) 3237-2332; e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do/a participante: _____

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter recebido esclarecimento sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, benefícios previstos e possíveis desconfortos e riscos que esta possa acarretar, aceito participar.

Nome do/a participante: _____ Data: ____/____/____.

Assinatura do/a participante ou nome e assinatura do/a seu/sua RESPONSÁVEL LEGAL)

Responsabilidade da Pesquisadora:

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado e pela CONEP, quando pertinente. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

_____ Data: ____/____/____.

(Assinatura da pesquisadora)



Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do/a participante: _____

ANEXO B – PROJETO DE AÇÃO DE EXTENSÃO NA UFPI – OFICINA

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

15/03/2023 11:32

 Extensão	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS EMITIDO EM 15/03/2023 11:30	
--	--	---

DADOS DA AÇÃO DE EXTENSÃO

DADOS GERAIS			
Código:	ECT08/2022-UFPI-203-NVPJ/PG		
Processo Nº:	4.3591/2022		
Título:	Eu-Nos Carcará: Migração Estudantil na/da/para Universidade Federal do Piauí		
Categoria:	EVENTO	Abrangência:	LOCAL
Ano:	2022	Período:	27/09/2022 a 28/09/2022
Área do CNPq:	Ciências Humanas	Área Principal:	EDUCAÇÃO
Nº Bolsas Solicitadas:	0	Nº Bolsas Concedidas:	0
Público Alvo Interno:	Estudantes Bolsistas da PRAEC: BAE, AR E REU		
Público Alvo Externo:	Professores/estudantes/pesquisadores		
Público Estimado Interno:	20 pessoas	Público Estimado Externo:	5 pessoas
Tipo do Evento:	OFICINA		
Carga Horária:	8 horas	Número de Vagas:	25
Turno de Realização:	<input type="checkbox"/> Manhã <input checked="" type="checkbox"/> Tarde <input type="checkbox"/> Noite		
Tipo de Ação:	ATIVIDADE DE DISCUSSÃO DE TEMAS E CONCEITOS		
Situação:	AÇÃO CONCLUÍDA		
VAGAS OFERTADAS PARA ATIVIDADE DE EXTENSÃO CURRICULAR OBRIGATORIA (ACE)			
Função Membro	Carga Horária	Quantidade de Vagas	Pré-Requisitos
Não há Oferta de Vagas para Atividade de Extensão Curricular Obrigatória (ACE).			
LOCAL DE REALIZAÇÃO			
Estado	Município	Bairro	Espaço Realização
Piauí	Teresina	Ininga	Laboratório de Acessibilidade e Inclusão - LACI, Biblioteca Central da UFPI
LOCAL DE INSCRIÇÃO			
Local	Site	Telefone	E-mail
SIGAA UFPI	https://sigaa.ufpi.br	86994346586	leylli5@hotmail.com
PARCERIAS COM OUTRAS INSTITUIÇÕES			
Instituição	Parcerias ainda não definidos.		
DETALHES DA AÇÃO			
Resumo:			
<p>A migração estudantil não é um fenômeno recente. No entanto, pesquisas apontam que as transformações verificadas na educação superior pública federal (desde 2003) com as políticas de acesso e permanência, e a implementação do Novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SISU) como mecanismos de seleção (combinados com a Lei de Cotas - 12.711/2011), têm viabilizado e intensificado a migração de estudantes, que passam a pleitear vagas em instituições diferentes/distantes de seus locais de origem/moradia. Neste sentido, esta Oficina foi elaborada com o objetivo de conhecer as narrativas de estudantes universitários/as que experienciam o processo migratório para estudar na Universidade Federal do Piauí-UFPI.</p>			
Objetivo Geral:			
<p>Conhecer e viabilizar a partilha de narrativas de/sobre experiências migratórias para acessar/estudar na Universidade Federal do Piauí-UFPI.</p>			
Justificativa:			
<p>Os estudos sobre a migração representam um campo vasto de explicações, terminologias e tipologias. As pessoas se deslocam tanto por razões espontâneas quanto forçosamente, em virtude de fatores climáticos, ambientais, econômicos, religiosos e políticos. Talvez, pela amplitude que representa e por provocar a ideia de que se realiza em massa, as experiências migratórias</p>			

enquanto subjetivas, pessoais, individuais ainda não tenham recebido a devida atenção e cuidado. Há diferentes compreensões sobre migração, mas o universo intrínseco do migrante, a experiência personalizada é fator de importante análise, e necessita ser considerada para superar o entendimento do fenômeno como situação traumática. Dentro do escopo de estudos sobre migrações, ainda carece de análise e compreensão a migração estudantil. No Brasil, é notório que a mobilidade de estudantes em todo território tem se intensificado, principalmente com a ampliação das políticas de acesso e permanência, e a implementação do Novo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SiSU) como mecanismos de seleção (combinados com a Lei de Cotas - 12.711/2011). Mas, quais as experiências são verificadas neste processo? Quais narrativas existem no trânsito/deslocamento? A proposta da Oficina é refletir e partilhar as experiências dos estudantes que realizam o processo de migração para estudar na Universidade Federal do Piauí-UFPI. A intenção é a promover a interação de narrativas de experiências com vistas a transbordar re-existências, abandonar velhos modos de narrar que criam estereótipos, apresentar novas perspectivas, evidenciar saberes e potencializá-los. A Oficina tem sua relevância ao analisar o fenômeno migratório estudantil para além de narrativas reducionistas e hegemônicas, haja vista que objetiva conhecer as experiências, os saberes e as potências dos/as estudantes migrantes.

Programação:

Dia 27/09/2022 - 14:00-18:00

1. Acolhimento/Acordos iniciais.
2. Apresentação da pesquisa de Doutorado
4. Questões/Socialização de experiências
5. Aprendizagem criativa 1
6. Dinâmica 1
7. Confluências com/a partir de imagens
9. Dinâmica 2
10. Acordos finais/Lanche

Dia 28/09/2022 - 14:00-18:00

1. Acolhimento/Acordos iniciais.
2. Socialização de Aprendizagens
4. Questões/Socialização de experiências
5. Aprendizagem criativa 1
6. Dinâmica 1
7. Confluências com/a partir de imagens
9. Dinâmica 2
10. Acordos finais/Lanche

Pré-Requisito para Inscrição:

A inscrição é destinada a estudantes beneficiários/as com os seguintes Programa da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários-PRAEC/UFPI:

-Auxílio Residência-AR;

-Residência Universitária-REU;

-Bolsa de Apoio Estudantil-BAE (preferivelmente, estudantes que residam em Altos, Campo Maior, José de Freitas, União, Demerval Lobão).

As inscrições também podem ser efetivadas por professores/as, estudantes e pesquisadores/as interessados/as na/pela temática.

CONTATO DO COORDENADOR

Coordenação: LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS **E-mail:** leyli5@hotmail.com **Celular:**

PROponente DA AÇÃO

Proponente: LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS **E-mail:** leyli5@hotmail.com **Celular:** 994346586

Proponente: PRO-REITORIA DE ASSUNTOS E COMUNITARIOS

MEMBROS DA EQUIPE

Nome	CPF	Categoria	Função	ACE	Unidade	Início	Fim	CH
IANA MOURA CRONEMBERGER	036.831.143-04	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	NÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	
JOCIARA DE FATIMA LIMA	021.600.353-94	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	NÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS	032.368.313-40	SERVIDOR	COORDENADOR(A)	NAO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS	032.368.313-40	SERVIDOR	PALESTRANTE	NAO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS	032.368.313-40	SERVIDOR	MINISTRANTE	NAO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	
LIVIA FERREIRANDA	882.083.973		COMISSÃO DE					

LEAL MACEDO	-34	SERVIDOR	ORGANIZADOR	NÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022
MONICA ARRIVABENE	239.355.533-15	DOCENTE	COMISSÃO DE ORGANIZADOR	NÃO	DCCV/CCA	27/09/2022	28/09/2022
RAFAELLA SANTIAGO SOUSA	040.122.873-89	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZADOR	NÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022
WILSON DE ANDRADE FREITAS OLIVEIRA	006.081.113-76	DISCENTE	MONITOR(A)	NÃO	CCE	27/09/2022	28/09/2022

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Atividade	Set/2022	
	27	28
ACOLHIMENTO; APRESENTAÇÃO DA PESQUISA DE DOUTORADO; SOCIALIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E APRENDIZAGENS; PARTILHA DE NARRATIVAS; CONFLUÊNCIAS COM/A PARTIR DE IMAGENS; DINÂMICAS. É IMPORTANTE DESTACAR/MENCIONAR QUE, POR ACONTECER EM FORMATO PRESENCIAL, O EVENTO DE EXTENSÃO IRÁ RESPEITAR O PROTOCOLO DE BIOSSEGURANÇA DA UFPI (RESOLUÇÃO CONSUN/ UFPI N.º 56, DE 20.01.2022). ESPECIALMENTE NO QUE TANGE AO USO OBRIGATÓRIO DE MÁSCARA DURANTE TODO O EVENTO, TANTO PELOS PARTICIPANTES QUANTO PELOS MEMBROS QUE COMPÕEM A EQUIPE DA AÇÃO, SERÁ DISPONIBILIZADO, NA ENTRADA DO LOCAL DO EVENTO, ÁLCOOL EM GEL A 70% PARA HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS.		

PARTICIPANTES DA AÇÃO DE EXTENSÃO

[Clique aqui para visualizar os participantes desta ação de extensão](#)

AÇÃO DA QUAL O EVENTO FAZ PARTE

[Esta ação não faz parte de outros projetos ou programas de extensão](#)

ARQUIVOS**UNIDADE RESPONSÁVEL PELA AUTORIZAÇÃO DA PROPOSTA****CENTRO RESPONSÁVEL****COORDENADORIA RESPONSÁVEL PELO CADASTRO DA PROPOSTA**

Coordenadoria	Parecer	Data/Hora	Justificativa
CPPEC	NÃO POSSUI PARECER	11/09/2022	SRA. COORDENADORA, DE ACORDO COM A RES. 022/2018, FALTA À SUA PROPOSTA DOCENTES E DISCENTES EM "MEMBROS DA EQUIPE". POR OPORTUNO, INFORME O PROTOCOLO DE BIOSSEGURANÇA CONTRA A COVID-19 A SER ADOPTADO NO ESPAÇO DE REALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PRESENCIAIS.
CPPEC	FAVORÁVEL À APROVAÇÃO	13/09/2022	AUTORIZAMOS O CADASTRAMENTO POR ESTAR DE ACORDO COM AS NORMAS DA PREXC/CPPEC.

PARECER CAMEX

ALTERAÇÕES REALIZADAS PELO COORDENADOR DA AÇÃO

Especificações	Data/Hora
PREZADOS/AS, SEGUE A PROPOSTA DE AÇÃO DE EXTENSÃO COM AS ALTERAÇÕES DEMANDADAS. 1) INSERÇÃO DE DISCENTE E DOCENTE COMO MEMBROS DA EQUIPE; 2) ESPECIFICAÇÃO DO PROTOCOLO DE BIOSSEGURANÇA A SER UTILIZADO NA AÇÃO. (DESCRITO NO ITEM REFERENTE ÀS ESPECIFICAÇÕES DA AÇÃO; TAMBÉM FOI INSERIDO A CÓPIA DA RESOLUÇÃO DA UFPI QUE CONSTA O PROTOCOLO DE BIOSSEGURANÇA ADOTADO PELA INSTITUIÇÃO.	12/09/2022

SOLICITAÇÕES DE RECONSIDERAÇÃO DO COORDENADOR DA AÇÃO

Justificativa	Data/Hora
----------------------	------------------



HISTÓRICO DO PROJETO

Data/Hora	Situação
25/08/2022 11:47:50	PREENCHIMENTO DA PROPOSTA
05/09/2022 17:07:58	AGUARDANDO APROVAÇÃO DA UNIDADE IMEDIATA
08/09/2022 17:09:13	AGUARDANDO APROVAÇÃO DA COORDENADORIA
11/09/2022 22:45:46	DEVOLVIDO PARA COORDENADOR FAZER AJUSTES
12/09/2022 14:53:20	AGUARDANDO APROVAÇÃO DA UNIDADE IMEDIATA
12/09/2022 15:01:17	AGUARDANDO APROVAÇÃO DA COORDENADORIA
13/09/2022 17:10:48	AÇÃO CADASTRADA
29/09/2022 16:16:38	RELATORIO ENVIADO
30/09/2022 09:52:11	AÇÃO CONCLUÍDA



ANEXO C – RELATÓRIO DE CURSOS E EVENTOS DE EXTENSÃO

Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas

15/03/2023 11:41

 Extensão	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES ACADÊMICAS EMITIDO EM 15/03/2023 11:40	
--	--	---

RELATÓRIO DE CURSOS E EVENTOS DE EXTENSÃO

Código: ECT08/2022-UFPI-203-NVP3/PG
Título: Eu-Nos Carcará: Migração Estudantil na/da/para Universidade Federal do Piauí
Carga horária: 8 horas
Tipo de ação: EVENTO
Proposta da Ação: 
Tipo de Relatório: RELATÓRIO FINAL
Unidade Proponente: PRO-REITORIA DE ASSUNTOS E COMUNITARIOS
Fontes Financiamento: SEM FINANCIAMENTO
Nº Discentes Envolvidos: 1 
Público Estimado: 25 pessoas
Público Real Atingido: 14 pessoas [Ver lista de participantes](#)
Situação do Relatório: Enviado em 29/09/2022 16:16:38
Esta ação foi realizada: SIM
Data da Realização: 27/09/2022 a 28/09/2022
Ação vinculada: NÃO

Membros da Equipe

Nome	Categoria	Função	Departamento	Início	Fim	CH Cumprida
IANA MOURA CRONEMBERGER	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
JOCIARA DE FATIMA LIMA	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS	SERVIDOR	COORDENADOR(A)	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS	SERVIDOR	PALESTRANTE	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
LEYLLANE DHARC CARVALHO DOS SANTOS DIAS	SERVIDOR	MINISTRANTE	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
LIVIA FERNANDA LEAL MACEDO	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
MONICA ARRIVABENE	DOCENTE	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	DCCV/CCA	27/09/2022	28/09/2022	8
RAFAELLA SANTIAGO SOUSA	SERVIDOR	COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO	CAC/PRAEC	27/09/2022	28/09/2022	8
WILSON DE ANDRADE FREITAS OLIVEIRA	DISCENTE	MONITOR(A)		27/09/2022	28/09/2022	8

Comitê Científico

Nome	Categoria	Função	Departamento	Início	Fim	CH Cumprida
Não foi definido um comitê científico						

Local de Realização

Estado	Município	Bairro	Espaço Realização
Piauí	Teresina	Ininga	Laboratório de Acessibilidade e Inclusão - LACI, Biblioteca Central da UFPI

Detalhamento das atividades desenvolvidas:

Programação

Dia 27/09/2022 - 14:00-18:00 1. Acolhimento/Acordos iniciais. 2. Apresentação da pesquisa de Doutorado 4. Questões/Socialização de experiências 5. Aprendizagem criativa 1 6. Dinâmica 1 7. Confluências com/a partir de imagens 9. Dinâmica 2 10. Acordos finais/Lanche
 Dia 28/09/2022 - 14:00-18:00 1. Acolhimento/Acordos iniciais. 2. Socialização de Aprendizagens 4. Questões/Socialização de experiências 5. Aprendizagem criativa 1 6. Dinâmica 1 7. Confluências com/a partir de imagens 9. Dinâmica 2 10. Acordos finais/Lanche

Lista de Arquivos

Não há arquivos adicionados ao relatório

Informação do Verso do Certificado

Validação da PREXC

Data Análise: 30/09/2022 09:52:10
Avaliador(a): FRANCISCO TAVARES DE MIRANDA FILHO
Parecer PREXC: HOMOLOGADO
Justificativa: POR ESTAR DE ACORDO COM AS NORMAS DA PREXC/CPPEC.
Histórico de Devolução

Não existem justificativa de devolução cadastrada.